This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

~~264889~~
~~275. e. 4~~

Vet. Port. III B. 20

[illegible] in 2 vols

£ 3.10

T. S. P.

HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

Cancioneiro e Romanceiro Geral Português

1

Historia da Poesia Popular Portuguesa

HISTORIA

DA

POESIA POPULAR

PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua de Bellomonte, n.° 74

1867

OXFORD
LIBRARY

PROLOGO

Ao começar estas paginas, reservadas para dar conta de algumas idêas novas que aventâmos no livro, soubemos da morte dos dois homens que mais profundaram a poesia popular da Peninsula, os senhores Don Agustin Duran em Madrid, e Fernando Wolf em Vienna; por tanto cessa toda a vontade de justificarmo-nos.

Para os que não tiverem desejo, nem coragem de ler um livro de excavações e reconstruções historicas, aqui apresentamos o substractum nas seguintes *leis de formação poetica:*

I — Os povos são como as familias; procuram remontar-se á mais alta antiguidade, e descenderem de uma origem divina; a fundação genealogica d'esta

OXFORD
LIBRARY

PROLOGO

Ao começar estas paginas, reservadas para dar conta de algumas idêas novas que aventâmos no livro, soubemos da morte dos dois homens que mais profundaram a poesia popular da Peninsula, os senhores Don Agustin Duran em Madrid, e Fernando Wolf em Vienna; por tanto cessa toda a vontade de justificarmo-nos.

Para os que não tiverem desejo, nem coragem de ler um livro de excavações e reconstruções historicas, aqui apresentamos o substractum nas seguintes *leis de formação poetica:*

I — Os povos são como as familias; procuram remontar-se á mais alta antiguidade, e descenderem de uma origem divina; a fundação genealogica d'esta

nobiliarchia é a primeira fonte das tradições poeticas. —Lei descoberta por Vico, que se acha confirmada entre nós pelo milagre d'Ourique.

II —A poesia para o povo não é um folguedo, como a inspiração individual; é o acto mais serio da vida, e tanto, que pela magia do *carmen* são primeiramente falados os dialectos rudes, perpetuados os dogmas, as leis, o passado, as suas agitações.

III —Encontram-se na poesia dos differentes povos tradições similhantes, que têm uma mesma origem, não da apropriação lenta, mas da fatalidade da raça. Isto se nota nas creações da grande raça indo-europêa.

IV —Todos os povos nas grandes aflições formam sempre um ideal messianico, que hade realisar as suas esperanças, e a fórma poetica d'este sentimento é a prophecia elegiaca.

V —A poesia popular conhece-se pelo uso natural e instinctivo de metaphoras, e do maravilhoso inspirado por uma crença firme, que é em que consiste a sua verdade.

VI —Toda a versificação popular nasce espontaneamente do genio rythmico da lingua.

VII —Das fórmas poeticas a mais primitiva é aquella em que mais se sente e menos se pensa; exemplo: os cantos dithyrambicos e litanicos, em que ha uma serie de imagens para uma mesma idêa. É justamente por onde o povo começa a collaboração nas creações individuaes.

VIII—A poesia popular tem sempre uma origem

individual *(Homerides ou Jograes)*; o povo apropria-se d'ella, abreviando-a pela reducção aos traços geraes e simples.

IX — O que determina a formação poetica jogralesca, é a grande curiosidade que o povo tem de ouvir falar d'aquelles successos que lhe feriram a imaginação.

X — Os processos de que o povo se serve para tornar sua a creação individual, são a *versão* e a *variante*; pela *versão* accomoda instinctivamente o verso á sua synthaxe e dicção particular; pela *variante* vae agrupando os episodios de predilecção em volta d'um mesmo facto, e é pela juxtaposição que vem a formar os poemas cyclicos.

XI — Assim os grandes poemas da humanidade, como as grandes invenções, são obra anonyma.

XII — A reducção da creação individual aos traços geraes pelo povo é o que constitue a sua poetica; os cantos que elle conserva são abreviações d'outros mais extensos: assim, encontram-se romances diversos confundidos em um só. O cyclo bretão confunde o cyclo de Arthur e Saint Graal, que chegaram tambem a absorver o cyclo carlingiano.

XIII — O povo adopta de preferencia os romances tradicionaes que não dizem respeito a facto algum particular, como: acções cavalheirescas e aventuras de amor inspiradas por um certo ideal. — São d'esta natureza todos os romances communs aos povos do Meio Dia da Europa.

XIV — Quando um povo acceita na sua poesia tra-

dições heroicas d'outro povo, vae lentamente substituindo os seus heroes aos extranhos.—Os personagens do cyclo carolino em Hespanha convertem-se em Bernardo del Carpio e no Cid, que os fazem esquecer totalmente.

XV —A tradição oral, com todas as circumstancias fortuitas, é que influe na *versão* ou meras differenças de verso; a *variante* ou a differença da acção é proveniente da absorpção de muitos romances n'um só, e da accomodação dos romances antigos aos factos presentes.—Isto se vê no romance de Carlos Magno prestes a ser enforcado; alteração dada com o que o povo viu succeder a Francisco I.

XVI—Os cantos populares, emquanto andam na tradição oral não envelhecem; vão insensivelmente acompanhando as evoluções da lingua e dos costumes, e muitas vezes tomando a fórma decameronica em prosa.

Estas leis são deduzidas da observação sincera; apesar da extrema convicção que temos n'ellas, apenas se apresentam como postulados, que irão sendo demonstrados ao aproximal-os dos factos que formam o que ha de verdade n'este livro.

HISTORIA

DA

POESIA POPULAR PORTUGUEZA

LIVRO PRIMEIRO

VESTIGIOS DA PRIMITIVA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

CAPITULO I

I — Formação popular das linguas neo-latinas — Typos syntaxicos deduzidos da natureza — Uso do portuguez na poesia popular da Peninsula.

II — Fórma liturgica da poesia do povo — Causas da sua prescripção — Tendencias aristocraticas do Concilio Tridentino — O cultismo provençal e o gosto normando.

III — Influencia externa sobre a poesia popular portugueza — Poesia provençal — Uso do hespanhol na côrte de D. Manoel — Caracter popular das obras de Gil Vicente — Romances perdidos a que allude nos seus Autos.

TODAS as grandes descobertas sem as quaes a vida se tornava impossivel, todas as instituições em que se funda a sociedade, todas as creações sublimes em que os sentimentos eternos da humanidade se traduzem, sáem d'uma elaboração lenta e obscura da inspiração anonyma. Quem, primeiro, ergueu a ponta do véo mysterioso? O homem, ignorando o poder da

collectividade, reduzindo tudo á imagem de si, inventou o semideos, Pan que descobre o pão, Triptolemo o arado, Baccho a vinha, Orpheo a sociedade, Prometheu a liberdade, Apollo a lyra e a lei. Assim, sem o saber, fazia a apotheose de si mesmo. Quem era pois o anonymo? Todos.

Na moderna infancia da humanidade, a edade media, encontrâmos tambem nas legendas das cathedraes os anjos obreiros, trazendo de noite as pedras, lavrando-as, rendilhando-as; ao outro dia o sol esplendido inunda de luz a cathedral que está voltada para o Oriente, em silencio, como esperando a vinda do esposo.

Foi pela architectura, a creação mais arrojada do espirito do homem, que se resolveu o enigma, personificando no anonymo—o povo. Surprehendido o segredo de formação d'esses immensos poemas de pedra, tem-se encontrado o fio do labyrintho, restituido o valor sagrado ás grandes epopeas seculares. Quem faz a flexa rendada, com lavores exquisitos de buril, para arrojal-a aos ares, para longe da admiração, como não deitará aos ventos as palavras mysteriosas de sua alma, as folhas da sybilla em que andam escriptos o *Mahlbharatha*, o *Ramayana*, a *Illiada*, a *Odysseа*, as *Sagas*, os *Niebelungen*, os *Fabliaux*, e os *Romanceiros?*

Eis o que é a poesia do povo: a natureza no momento mais expansivo da sua verdade, a inspiração no vôo mais livre e inconsciente. Quem não ha de estudal-a? estender a mão para sentir as pulsações latentes do coração da humanidade? escutar as harmonias

do mundo através d'esta harpa animada, em que ressoam todas as alegrias e tristezas do poema da vida?

I

O estudo da poesia popular tem occupado a attenção da maior parte dos eruditos, e de dia para dia cresce esta sympathia, á medida que se váe esclarecendo o problema da formação das linguas romanas. As linguas modernas, chamadas neo-latinas, são uma creação inteiramente popular, por assim dizer, uma *vulgarisação* do latim urbano. É da poesia dos differentes povos que se tem concluido para a unidade do sentimento e da consciencia humana, e deduzido as leis geraes da historia, que estavam escondidas nas suas legendas.

A importancia do problema das linguas romanas, faladas no Meio Dia da Europa, não tem o valor que os philologos lhe deram; quizeram descobrir o segredo da formação anonyma de uma lingua, para se remontarem á origem primitiva da linguagem; mas nem sempre se póde conhecer um germen pelas suas transformações. A difficuldade da resolução para os primeiros linguistas estava na falsidade do criterio; cada um queria elevar a sua lingua á mais alta antiguidade, e em vez de interrogarem os factos na nudeza da verdade, invertiam-nos ao grado de suas theorias. Leonardo Bruni, o *Aretino*, o cardeal Bembo e

Quadrio esforçaram-se para demonstrar a coevidade da lingua italiana com a latina; em Hespanha procuraram provar que a sua lingua fôra falada por Adão no paraiso. Não era só n'isto que batia a falsidade do criterio; outros, como o erudito Maffei, queriam a formação da lingua italiana, bem como de todas as neo-latinas, na exclusiva *rusticação* da linguagem urbana dos escriptores e da sociedade culta. Era absoluto o juizo e por isso menos verdadeiro. Na formação das linguas neo-latinas apparecem-nos elementos de quasi todas as linguas antigas; em cada povo se encontra a influencia do trato dos seus dominadores. Na Peninsula hispanica os Celtiberos, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Alanos, Suevos, Wisigodos, Byzantinos, Arabes e Scandinavos collaboram na formação das nossas linguas, cuja unidade assenta unicamente nas fórmas syntaxicas, que o latim imprimiu n'estes diversos elementos. D'esta fusão veio uma nova prosodia, typo linguistico originado por ella, a que o latim, apezar de se tornar lingua official, foi tambem reduzido.

As fórmas prosódicas, que depois de fixas na escripta deram a orthographia, consistiam no uso das vogaes finaes, que principalmente caracterisam a harmonia das linguas meridionaes, e as differençam da aspereza das do norte. A vogal é a modulação; ainda hoje encontramos no povo, principalmente em suas cantigas, a introducção de vogaes no fim das palavras, como *amare*, *querere*.

Os typos syntaxicos são bastante distinctos. O la-

tim culto suppunha, exigia intelligencia da parte de quem o falava ou escrevia; os hyperbatons não eram tirados da ordem genęological das ideas, mas de uma certa elegancia natural ou rhetorica. O povo fala como pensa, sem transposições; sem ter uma penetração prompta não sabe subentender, diz tudo. O uso dos *pronomes* nas linguas romanas corresponde á rudeza vulgar, que precisa lembrar continuamente o nome a que se refere. Em Cicero se lê «Fama de *illo*», [1] O *artigo* é a transformação do pronome; foi o seu uso immoderado, que deu o nome ás linguas modernas: lingua d'*oc*, lingua d'*oil*, lingua do *si*, lingua de *ya*. Os *verbos*, pela pouca actividade intellectual de quem fala, são empregados sempre nos mesmos *tempos*. É a uniformidade da vida do povo; só aspira ao futuro nas grandes calamidades, porque o passado é quasi sempre o seu ideal. Os verbos tornam-se uniformes; quando tem de abranger factos mais complexos, são *auxiliados:* «Bellum nescio quod *habet* susceptum.» (De lege agr.) Nas comedias de Plauto, aonde se encontra muitas vezes a linguagem popular de Roma, se vê o mesmo: «Ad carnificem dare, et Aerumna exeritam *habet*.» O uso das *proposições*, substituindo os *cazos*, como se vê em Terencio «Pars *de* bonis» mostra-nos o processo da rusticação do latim classico. [2] A formação das linguas romanas é o facto mais bri-

(1) Pro Milone. c. 3.

(2) «Ex latinae degenerantis corruptione conflatam.» Marineus Siculus, *De rebus hisp.* lib. v. Mariana, Hist. hisp. l. III, c. 1.

lhante do elemento anonymo da litteraturas do Meio Dia da Europa. [1]

As primeiras poesias authenticas, embora de formação individual, são no primitivo dialecto portuguez-galliziano, falado na Provincia d'Entre Douro e Minho, usado de preferencia na poesia pelos portuguezes, gallegos e castelhanos no tempo em que estes elementos começavam já a separar-se e a constituirem linguas. [2] A unidade da lingua provinha em parte da unidade de territorio. «A Galliza, segundo diz Ribeiro dos Santos, antes da divisão que fez Augusto das Provincias de Hespanha, pertencia á Lusitania. Possidonio, em Strabão, chama aos Artabros, ultimos povos da Lusitania, e mesmo Strabão, falando da região que corria do Douro para o Norte, diz que ella no antigo se chamara *Luzitania* e nos seus tempos *Callaica.*» [3]

Os Turdetanos, conforme traz Strabão, conservaram os monumentos de sua antiguidade e as leis em poemas de mais de seis mil annos. [4] Segundo Xenophonte o anno iberico era de quatro mezes, o que assim mesmo não destroe a alta antiguidade d'esses poemas. A indole sentimental, e a predilecção pela poesia nos arraiaes e no fragor das batalhas, como re-

(1) Max Müller, *Science de la Langage*. Du Méril, *Origens scandinavas das linguas romanas*, p. 168.

(2) Fragmentos de um Cancioneiro inedito, publicados por Lord Ch. Stuart. *Advert.* p. VI.

(3) Memorias da Academia, t. VIII, p. 236.

(4) Strabão, III, 201.

fere Silio Italico, a adoração do maravilhoso, provavam bastante as nossas origens celticas, se os dados ethnographicos o não mostrassem claramente. Celtas eram os Turdetanos da Luzitania, os Callaicos, e quasi toda a Peninsula. [1]

Muitas são as influencias que actuaram sobre a poesia popular; a poesia dos Godos, essencialmente religiosa, e em latim, vulgarisou os hymnos liturgicos; a grande acção da poesia dos Arabes trouxe o gosto da canção ligeira e lubrica, e tanto, que Alvaro Cordubense no *Indiculus luminosus* [2] se queixa do uso do arabe entre o vulgo com exclusão da lingua latina. A poesia arabe tambem floresceu em Portugal, em Evora no seculo V, em Silves e Santarem no seculo VI, em Mertola no seculo VII. Ainda no nosso povo se encontra a designação de *aravia* para exprimir a canção de amores em vulgar, e este mesmo termo se acha na *Canção do Figueiral*:

Lingua de *aravias*
Eu las falarey.

Um exemplo similhante ha no hespanhol com a palavra *Fransias*, para exprimir os contos decameronicos, que são de origem franceza: «Na velha lingua hespanhola, os contos eram chamados *fransias*, e esta expressão tinha certamente sido inspirada por um conhe-

(1) Ribeiro dos Santos; loc. cit. p. 236, not. c.
(2) Apud Flores, *España Sagrada*, t. XI.

cimento directo da litteratura franceza, que era rica d'elles em extremo.» [1] Da grande vulgarisação do arabe na Peninsula pretende Conde tirar a origem do verso octosyllabo popular. [2]

E' pelo seculo XII que na Peninsula se espalha a influencia da poesia provençal, poetando-se na lingua *lemosina;* os monumentos que temos pertencentes a esta epoca não apresentam um caracter popular. Do povo apenas conhecemos as tradições maravilhosas, creação instinctiva do genio celtico. Da unidade da lingua portugueza-galliziana se explica o uzo do portuguez na poesia popular da Peninsula; eis o testimunho de Iñigo Lopes de Mendoza, Marquez de Santilhana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal: «quatesquier decidores è trovadores d'estas partes, agora fuesen castellanos, Andaluces è de la Estremadura, todas sus obras componian en lengua Gallega ò Portugueza: e aun d'estes, es cierto rescebimos los nombres del Arte, assi como Maestria mayor è menor, encadenados, lexapren è mansobre.» [3] Segundo a opinião de Ochoa, as cantigas de Affonso o Sabio foram escriptas em dialecto galliziano, que se parece muito com o portuguez; d'esta circumstancia concluiu

(1) Edelestand du Méril. *Hist. de la Poesie Scandinave*, p. 317, not.

(2) *Hist. de la Dominacion de los Arabes*, prologo, p. XIII.

(3) Apud Sanchez, *Collection de poesias anteriores al sigl. XIV.*

o padre Sarmiento que elle as escrevera em portuguez, como succedeu dois seculos mais tarde.

II

Primitivamente o povo tomava parte nos cantos liturgicos da egreja, compondo hymnos, que entoava em côro nas grandes festas do christianismo. Muitos nomes de hymnographos nos restam ainda; o povo, n'este movimento de sentimentos novos que o agitavam, sentia-se inspirado e cantava. Uma passagem de Tertuliano attesta-nos a parte que elle tomava nos cantos da liturgía: «Quisque de Scripturis sanctis, vel do proprio ingenio, potest provocatur in medium Deo canere.» [1] Os mais bellos e brilhantes hymnos da egreja têm o sello da inspiração anonyma. É incontestavel a acção do povo na creação da poesia do christianismo, como se vê em Eusebio: «Hymnos canunt in Dei laudem, vel recens a se factos, vel pridem, ab aliquo priscorum vatum, qui carmina et cantica multa ipsis reliquerunt trimetri generis; prosodias item et hymnos varios. Deinde canunt in Dei metris et modulationibus multis compositos nunc sanctis vocibus simul ressonantes, nunc sibi invicem congrue respondentes.» [2] Isto que Eusebio refere dos

(1) Apologia, cap. XXXIV.
(2) Hist. Ecclesiasticæ, lib. II, cap. 16.

Therapeutas, amplia-se pela continuação da phrase *sicut apud nos moris est.* [1]

Duas grandes contrariedades soffreu a poesia popular; excluida primeiramente das festas ecclesiasticas, pela aristocratisação da egreja, [2] e banida dos castellos pelo cultismo provençal, eis o motivo porque ella se tornou anonyma, e tanto, que se não encontram monumentos primitivos entre nós, por se terem apagado na tradição, não recolhida pelo desprezo com que era considerada. Segundo Edelestand Du Méril, a organisação successiva e gradualmente aristocratica que foi tomando a Egreja, sob a apparencia de uma unidade systhematica, fez com que a musa popular fosse banida do templo, ao menos dos cantos liturgícos. A nobreza tambem chegou ao mesmo desprezo da poesia popular, quando adoptou a etiqueta para a galanteria dos saraus das côrtes, a convivencia com os eruditos e latinistas ecclesiasticos, e a galanice subtil da eschola provençal. [3] Na sua Carta o Marquez

(1) S. Jeronymo diz: «Ecclesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est.» Estas palavras encerram o pensamento da historia da poesia do christianismo.

(2) Gerbert, De musica et Cant. ecclesiast. t. I, pag. 72, traz um Canon de San Martinho de Braga, que exclue da liturgia *psalmos compositos et vulgares.* «O concilio de Auxerre, celebrado em 528, condemnou o abuso que se introduzira havia um seculo, de fazer cantar nas egrejas, por donzellas, canções e canticos misturados de latim e francez. Chilbert, em 554, prohibiu nos domingos e festas os jogos truanescos, as canções e as dansas.»

(3) D. Manuel Milà y Fontanales, *Observ. sobre la Poesia popular*, p. 56.

de Santilhana fala da poesia popular com um sentimento de desprezo: «*Infimos* son aquellos que sen ningunt orden, regla, ni cuento, facen estos romances è cantares, de que la gente baja è de servil condicion se alegra.» [1] A poesia popular, desconsiderada, banida pelos poetas provençaes e latinistas, nem merecia a honra de se comparar com os trabalhos artificiosos em que se imitava as litteraturas antigas. O verdadeiro poeta, o povo, creador em toda a sublimidade, não merecia no entender dos cultos da meia edade este nome de *poeta*, que se prodigalisava a qualquer metrificador de officio; para elle, alma dos poemas eternos e gigantescos, bastava-lhe a denominação de *decidor ò trovador*. Na carta do Marquez de Santilhana se lê, falando de um invocador das musas: «Al qual yo no llamaria decidor, ò trovador, mas poeta; como sea cierto que si alguno en estas partes del Ocaso merecio premio de aquesta triunphal è laurea guirlanda cuando a todos los otros, este fue;...»

Como era recebida a poesia popular nos castellos, antes de ser excluida pelo cultismo provençal, se vê n'estas disposições do velho direito: — *Péages de Provence*—«Histrions, baladins, mimes et menestrels, feront jeux, exercices et galantises, la dame du château presente.» Muitas tradições orientaes que andam na poesia popular, eram trazidas pelos peregrinos que as cantavam como preço da hospitalidade: «un pélerin dira sa romance sur en air nouveau, e cou-

(1) Collection de Sanchez, t. I, p. LIV.

chera sur la paille fraîche, s'il veut passer la nuit au manoir.» [1]

Usages est en Normandie
Que qui hebergiez est qu'il die
Fables ou chansons a son oste. [2]

Os jograes não pagavam os direitos das pontes: «et aussitôt li sont quite par un ver de chanson», como os exemptou S. Luiz. Nos casamentos os senhores feudaes, quando exigiam o *tamo* e o *mets* ou *regal de mariage*, forçavam o povo á alegria; o noivo vinha trazer o *prato nupcial* ou a fogaça, «les menestriers précédans»; e tambem «Avant de se retirer il doit sauter e danser.» E' por isso que a poesia popular antiga tem um caracter sarcastico. A extorção feudal convertia a alegria da festa n'uma ironia pungente; a canção devia de ser desesperada, grosseira, não merecia ser ouvida nos castellos, offendia o pudor das damas, lisongeadas pelas subtilezas do gosto provençal, ou pelas narrações brilhantes de feitos de armas.

Nas *Leyes de Partidas* de Affonso X, em 1250, se diz: «Et sin todo aun facien mas; que los juglares non dixiesen antellos outros cantares sinon de *gesta* è que fallassen de fechos de armas.» [3] Pro-

(1) Michelet *Origines de Droit*, p. 267.
(2) Jehans le Chapelains, *Li Segretaines de Clugny*.
(3) Part. II, tit. XXI. l. 20 e 21.

hibia assim a todo o bom cavalleiro que não desse ouvidos aos cantores de romances, a não serem canções de *gesta* ou feitos de armas. Esta mesma disposição chegou a ter alguma influencia sobre a poesia popular portugueza, pelo que Gil Vicente nos diz no *Auto da Luzitania:*

Se a cantiga não falar
Em guerra de cutiladas,
E de espadas desnudadas,
Lançadas e encontradas,
E coisas de pelejar,
Não n'as quero vêr cantar
Nem n'as posso ouvir cantadas? [1]

III

A poesia provençal exerceu uma acção brilhante na civilisação moderna. O trovador levado pela inspiração vertiginosa não vê a distancia que o separa da castellã altiva. A canção é a confidente dos seus amores; a dama entende-a, gosta de ouvil-a; protege o cantor, eleva-o até si. A poesia é para o servo um tasliman com que fascina e amollece o senhor. A subtileza e as allegorias vagas são trazidas pela necessi-

(1) Gil Vicente, Obras, t. III, p. 271, ediç. d'Hamburgo.

dade de confessar uma paixão, que elle receia que os outros adivinhem. E' profundamente verdadeira a idea de Edgar Quinet, nas *Revoluções de Italia*, de que pela poesia provençal se fundiram os elementos diversos da sociedade moderna.

A poesia jogralesca levava por toda a parte essas canções de amor; ia educando o sentimento, implantando as mesmas tradições, fazendo predominar um caracter de unidade que se reflecte nos povos do Meio Dia da Europa. O Marquez de Santilhana chama á poesia hespanhola *limosina;* Affonso II e Pedro III, reis de Aragão, poetavam em provençal. [1] Na Italia, segundo este verso de Folgore di San Geminiano, tambem se usava:

Cantar, danzar alla provenzallesca. [2]

Dante, depois de increpar o uso immoderado do provençal, no *Convito*, traz no *Purgatorio* dois tercetos (47-49, C. XXVI) na mesma lingua. D. Diniz toma lições de Aymeric d'Ebrard, sobre a arte de fazer versos em provençal, deixando o verso octosyllabico, popular, do genio rythmico da lingua, pelo endecasyllabo *de diez sillabas a la manera de los limosis*, como diz o citado Marquez de Santilhana.

Os nossos Cancioneiros pertencem a esta eschola; a poesia provençal aristocratisa-se, torna-se a lin-

(1) Poesie des Troubadours, t. I, p. 18.
(2) Poeti del primo seculo, t. II, p. 175.

guagem das côrtes e dos senhores. Na poesia do seculo XIV, os poetas são os mais illustres personagens: Thibault, conde de Champagne, que veio a ser rei de Navarra, o conde de Anjou, rei da Sicilia, pai de S. Luiz, um Duque de Bretanha, de Brabant, quasi toda a aristocracia. A rudeza popular tinha sido excluida pela affectação idyllica que só cantava primaveras, aves e flores; o povo levado pelas paixões, ignorava os Iris e o ideal de convenção. O que tornara a poesia provençal privativa das côrtes fôra o artificio e novidade de combinações da rima e a galanteria, que procuravam acima da verdade. «Os poetas provençaes eram, segundo Estienne Pasquier, chamados *trovadores* pelas invenções que elles achavam (trouvaient.) E consistia sua poesia em Sonnetos, pastorellas, Cansões, Sirventes e Tensões...» [1] A *tensão*, era uma questão de amor, proposta como enigma, e segundo os interlocutores se chamava *volta* (torneamens) e *jocx partitz;* a *sirvente* era a poesia satyrica um tanto politica. A harmonia da poesia provençal provinha da musica; a *cansão* é uma designação dada por Giraud de Bernueil (cansos). A *pastorella* (pastoreta) eram os dialogos de amor deslocados entre zagaes efeminados, como os do buccolismo do seculo XVI e XVII. O soneto não tinha ainda a fórma que lhe deu a poesia italiana: O *soulas*, o *descort*, a *balada*, a *redonda*, a *planh*, a *complainte*, a *alba*, a *serena*, a *res-*

(1) Recherches de la France, l. III, ch. IV.

truenge, e a *sextina*, mostram o artificio das fórmas da poesia provençal. [1]

A colleção vaticana, conhecida pelo nome de *Cancioneiro de Dom Diniz*, traz o nome de cento e vinte sete fidalgos portuguezes que foram trovadores; e o *Nobiliario* do Conde D. Pedro cita alguns outros tambem. João Martins, o *Trobador*, citado no Nobiliario e no Livro Velho das Linhagens, accompanhou Dom Diniz em côrtes em 1287; era Alvazil de Santarem em 1294. João Soares, rico-homem de Dom Diniz, filho de uma infanta de Galliza, João de Aboim, rico homem de Affonso III, Dom Diogo Lopes de Baiam e e seu irmão Dom Affonso, João Soares Coelho, Fernão Fernandes Cogominho, Payo Gomes Charrinho, João Lobeira, D. Pedro Gomes Barroso, Martim Peres de Alvim, João Vaz, Estevam da Guarda, D. Fernão Garcia o Esgaravinho, eram trovadores da mais alta nobreza de Portugal. [2]

Ao lado da poesia dos trovadores foi apparecendo uma outra eflorescencia poetica dos jograes; elles diffundiram no Meio Dia da Europa os romances de amor e de aventuras guerreiras, abreviados e reduzidos aos traços geraes, dos intrincados poemas bretões e carolinos. Os trovadores cantavam só de amor e galanteria; os povos da Europa tinham então uma

(1) Guinguené, Hist. litter. d'Italie: poetique des troubadours.—Mandet, Histoire de la langue romaine, p. 201, a 250.—Diez, Poesie dos Troubadours. p. 107 a 122.

(2) Cancioneiro de D. Diniz, edição de Lopes de Moura.

curiosidade vivissima de saber as tragedias terriveis que se passavam nas côrtes; que revoluções se davam entre as communas e os senhores; que boas novas traziam os peregrinos da Terra Santa. Quando o jogral apparecia no solar deserto, era como a andorinha que annunciava o verão; pagavam-lhe o canto com a hospitalidade, escutavam-no religiosamente. [1] Quando narrava as velhas e heroicas tradições do solar enchiam-no de presentes; outras vezes appresenta-se nas festas dos cazamentos dos principes, ou quando eram armados cavalleiros, para tornar mais esplendido o apparato. Concorriam de todos os paizes, e formavam certame com as suas melhores cantigas. O amor ideal e vaporoso dos trovadores, a mais das vezes fidalgos, tornava o seu canto desinteressado. Assim, receiam a cada strophe que os tomem por um *jogral*, como diz uma *sirvente* de Pierre de la Mula:

Van cridan duy e duy
Datz me que joglars suy. [2]

(1) A vida dos velhos solares encontra-se descripta maravilhosamente em Froissard, falando da côrte do Conde de Foix: «On véoit en la salle, en la chambre, en la cour, chevaliers et écuyers d'honneur aller et marcher, et les oyoit-on parler d'armes et d'amour; tout honneur étoit là-dedans trouvé; toute nouvelle, de quelque pays ou de quelque royaumme que ce fust, là dedans on y apprenoit; car de tout pays, pour la vaillance du seigneur, elles y venoient.» Froissard, Liv. III.

(2) Raynouard, V. 320.

A distincção entre os trovadores e jograes encontra-se a cada verso dos poetas apaixonados, que temem de ser confundidos com os mercenarios. Sordel, trovador italiano, celebrado por Dante, diz a Pierre Vidal: «Enganam-se em chamarem-me jogral; este nome convém melhor aos que vão no sequito d'outrem, do que a mim a quem os outros seguem. Elle acceita e nunca dá; eu dou e nada recebo; põe-se á disposição do primeiro que lhe paga; eu nada recebo por que possam accusar-me.» [1] O valor do canto está no motivo que o inspira:

Car ton chan val, s'as razon per que chans. [2]

O uso da poesia jogralesca em Portugal já se encontra no *Cancioneiro de Dom Diniz*, na trova em que se refere áquelles que vem cantar no principio da primavera:

Proençaes soen muy ben trobar,
E dizen elles, qu'é con amor;
Mays os que troban no tempo da frol,
E no en otro, sey eu ben que non
Am tam grã coyta no seu coraçon,
Qual m'eu por minha senhor vejo levar.

(1) Sirvente de Sordello, apud Millot, II, 79.
(2) Raynouard, v. 166.

Pero que troban e saben loar,
Sas senhores o mays eo melhor
Que eles poden, são sabedor,
Que os que troban quand'a frol sazon
A, e non ante, se deos mi perdon
Non am tal coyta qual eu ey sen par.

Ca os que troban, e que s'alegrar
Van, en o tempo que ten a calor
A frol consigue, tanto que se for
Aquel tempo, logo en trobar razon
Non an, nem vivẽ en qual perdiçõ
Oj'eu vivo que poys m'a de matar. [1]

Nos primitivos romances de Hespanha, tal como no d'*Apollonio*, o auctor confessa *ca non es ioglaria* o novo romance de *nova mestria*. A canção de Dom Diniz dá a entender que elles cantavam sem paixão, e por isso, que não soffriam; ao vir a quadra das flores vinham cantar, e com ella se iam com o producto do seu pouco honesto peditorio. No *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se apenas uma allusão ás cortes de amor; no *Cancioneiro de Dom Diniz* já se nota a decadencia da eschola provençal pela invasão jogralesca; circumstancia que mostra a antiguidade que separa os dois codices um do outro.

A poesia popular, cujos cultores se chamavam os *jograes*, ficou completamente despresada. Lorenzo de

(1) Cancion. de D. Diniz, pag. 70, ediç. de 1847.

Segura, encetando o seu poema de *Alexandro*, tem medo que o tomem por um jogral:

Mester trago fermoso, no es de *ioglaria*,
Mester és sem peccado ca es de clerecia,
Fablar curso rimado per la quaderna via
A sillabas cuntadas ca és grant maestria.

Tambem no *Livro de Apollonio* o mesmo auctor confessa que é litteraria a sua poesia, para que ninguem a confunda:

En el nombre de Dios e de Santa Maria
Si ellos me guiassen estudiar queria
Componer un romance de nova mestria. [1]

A poesia popular não tinha esta *mestria*, por isso a despresavam; os jograes a vulgarisavam, e a tornavam *cantabile*. Segundo a opinião de Circourt, não houve poesia popular que não passasse primeiro pela tradição dos jograes. [2]

Gil Vicente foi o unico escriptor portuguez, que no meio das imitações do gosto siciliano, e das formas classicas dos Quinhentistas, não perdeu a intuição do sentimento popular. As suas comedias são um monumento para a historia dos nossos costumes inti-

(1) Ochôa, na ediç. de Sanchez, p. 331.

(2) Nouvelle Revue encyclopédique, septembr. 1847, p. 40, d'après Du Puymaigre, p. 260, t. II.

mos. Vive-se ali dentro em plena edade media. O sarcasmo do *fabliau*, o ridiculo penetrante contra o clero boçal e desenfreado, e contra a nobreza prepotente, que provocava estes versos do *Roman de Rou:*

Nous sommes hommes comme ils sonts,
Tels membres avons comme ils ont,
Et tout aussi grands corps avons
Et tout autant souffrir pouvons, ...

esse grito de emancipação da sociedade secularisando-se, o primeiro sentimento da liberdade manifestado na irrisão comica, tal é o caracter profundo e admiravel das obras de Gil Vicente. Fórmas poeticas populares, privativas da edade media, não recolhidas por despresadas pelos cultistas, tudo elle apresenta com a mesma predilecção que um antiquario hoje empregaria indo recolhel-as pelas velhas cathedraes, nos palimpsestos mareados de bolor e humidade.

A lingua portugueza, como todas as linguas romanas, no seu primeiro momento de formação não se extrema de modo que se lhe conheça um genio e construção differente do castelhano ou provençal. Segundo o testimunho do Marquez de Santilhana, na sua carta ao Condestavel de Portugal, a lingua portugueza era usada de preferencia na corte de Castella e foi a primeira em que se versejou. Mais tarde a lingua castelhana tornou-se de uso palaciano e a expressão amorosa nos saraus da corte em Portugal; preferencia sem duvida proveniente do enlace das duas cortes. Dom

Manoel, como affirma Damião de Góes «trazia na sua corte chocarreiros castilhanos.» [1] Gil Vicente e todos os poetas de quinhentos rimavam na lingua hespanhola. Grande parte dos nossos romances populares são de origem castelhana. O povo, por si, conservou sempre certa aversão a Castella, aversão que andava adjunta aos brios nacionaes, como se vê na canção cantada na sepultura do Condestavel, nas prophecias, e mesmo em Gil Vicente. Este interprete fiel do nosso povo, reconhece a lingua castelhana propria para as ficções romanescas:

Porque quem quizer fingir,
Na castelhana linguagem
Achará quanto pedir. [2]

Jorge Ferreira de Vasconcellos, queixa-se na comedia da *Aulegraphia* d'esta preferencia que o castelhano tinha na corte: «Não ha entre nós quem perdoe a hũa troua portugueza, que muytas vezes he de vantagem das castelhanas, que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» [3]

(1) Chron. de D. Manoel, part. IV, cap. LXXXIV.

(2) Tomo III, pag. 449. Cousa notavel! das 42 peças que escreveu, só em 17 usou Gil Vicente exclusivamente do portuguez. Rapp, no *Manual de historia da litteratura*, p. 341, é da opinião, que empregara o castelhano como uma lingua rustica dos personagens.

(3) Aulegraphia, Act. II, scena 9, fol. 66, ediç. de 1619

Gil Vicente introduz em muitos dos seus Autos varias canções de origem popular; outras vezes allude a ellas, como a uma cousa conhecida. Na farça dos *Almocreves,* se lê:

E grozarei o romance
De *Yo me estaba em Coimbra.* [1]

Quando são de lavra sua, o poeta declara havel-as escripto, como no *Auto da Sybilla Cassandra:* «Acabada assí sua adoração, cantaram a seguinte cantiga feita e ensoada pelo auctor.» [2] No *Auto dos Quatro tempos,* as Estações vêm visitar o Menino Jesus e «Até chegarem ao prezepio vão cantando uma cantiga franceza, que diz:

Ay de la noble
Villa de Pariz,» etc. [3]

Tambem na *Barca da Gloria* o arrais do inferno chama o conde para partirem ainda de dia, dizendo:

Cantaremos á profia
Las hijas de Dona Sancha. [4]

(1) Obras, t. III, pag. 202.
(2) Tomo I, p. 61.
(3) Tomo I, p. 52.
(4) Tomo I, p. 227.—N'este mesmo Auto diz o diabo ao rei, quando o instiga para partir:

Y llorando cantareis
Nunca fue pena mayor.

No *Auto da Historia de Deos*, Gil Vicente declara-se mais uma vez, n'uma rubrica, autor d'outras coplas que os personagens cantam: «Entrando Sam João n'aquella prisão, com admiração de grande alegria, cantarão os prezos o romance seguinte, que fez o mesmo auctor ao mesmo proposito.» [1]

Principalmente na *Comedia de Rubena* vem uma longa enumeração das cantigas populares usadas no seculo XVI; a feiticeira que aí apparece, entre as orações de esconjuro, pergunta:

FEITICEIRA: E que cantigas cantaes?
AMA: A — *Criancinha despida* —
— *Eu me sam Dona Giralda* —
E tambem — *Val-me Lianor* —
E — *De pequena matais Amor* —
E — *Em Paris estava Donalda* —
— *Dime tú, señora, di* —
— *Vámonos, dijo mi tio* —
E — *Llevadme por el rio* —
E tambem — *Calbi ora bi* —
E — *Llevantéme un dia* —
— *Lunes de mañana* —
E — *Muliana, Muliana,* —
E — *Não venhais alegria* —
E outras muitas d'estas taes. [2]

(1) Tomo I, p. 333.

(2) Tomo II, scena II, p. 27. — Na tragicomedia de D. Duardos ha dois versos da *Calbi ora bi*.

FEITICEIRA: Deitae no berço a senhora;
Embalae e cantae ora,
Veremos como cantaes.
AMA (canta): *Llevantéme un dia*

Esta canção já foi acima accusada pela ama de Cismena, que por certo a havia de completar na representação; mas o auctor deixou-a apenas indicada como bem conhecida. Mais adiante diz a feiticeira:

Cantará o Demo um grito:
De las mas lindas que yo vi.

E as fadas que entram completam o canto que o auctor supprimiu. [1] Na terceira scena da *Rubena*, Gil Vicente allude a dois romances de cavalleria celeste, que uma beata quer lêr a Cismena:

E depois de isto passar
Ler-vos-hei — *Carcel de amor*,
E *Peregrino amador*. [2]

(1) Tomo II, p. 29.

(2) Tomo II, p. 40. — *Leriano y Laureola ou o Carcel de amor*, era conhecido em Portugal, como se vê em Gil Vicente; em Barbosa Machado encontra-se citada uma «Historia do *Peregrino de Hungria*, que perseguido da fortuna e desterrado da sua patria, discorreu por grande parte do mundo, procurando refugiar-se da da sua desgraça, que nunca lhe foi possivel evitar.»

Ainda na *Rubena* fala o poeta d'outras cantigas n'aquelles versos que põe na bocca de Dario:

Cantando a—*D'amores jaço,*
Quando as torço d'amores dormo. [1]

Entre as cantigas que Gil Vicente dispõe para irem cantando na partida da Infanta para Saboya, na Tragicomedia das *Cortes de Jupiter,* vem este fragmento:

Nunca fue pena mayor
Ni tormento tan estraño. [2]

Em uma rubrica das *Cortes de Jupiter* cita outra cantiga: «Cantárão todas estas figuras em chacota a cantiga de *Llevadme por el rio.*» Na farça de *Inez Pereira* canta o Escudeiro o romance de *Mal me quieren en Castilla.* [3]

Em Jorge Ferreira de Vasconcellos tambem se encontram vestigios da nossa poesia popular. Na *Aulegraphia,* em uma das scenas em que os criados parodiam comicamente os amos, como em todas as comedias d'esse tempo, cita o auctor um romance bem conhecido. Dinardo, um dos personagens, affina a guitarra:

(1) Tomo II, p. 52.
(2) Id., p. 410.—Já citada na *Barca da Gloria.*
(3) Tomo III, p. 143.

«DINARDO—Ora poys que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros.*

ROCHA—De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo vio lá.

CARDOSO—Veria muyto má ventura, que sempre anda apos estes....

DINARDO (canta):

Pregonadas son las guerras
De Francia contra Aragone...

ROCHA—O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO (continuando a cantar):

Como las haria triste
Viego, cano y pecador?...

(Quebra-se-lhe uma corda). Ah, pezar de Mafoma!

CARDOSO—Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO—Vedes este desar tem a musica, quando estais no melhor, leixa-vos em branco uma prima falsa....» [1]

No *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso, se encontram vestigios de um romance sobre o martyrio de Santa Antonina, o qual em Ceia «affirmam pessoas

(1) Aulegraphia, Acto III, scena I, fol. 84.

fidedignas que ouviram cantar muitas vezes a suas mãis e avós:

Antonina piquena
Dos olhos grandes,
Mataram-na idolatras
E feros gigantes.» [1]

Sobre este ponto é de grande proveito a lição da *Miscellanea* de Miguel Leitão. No *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manoel de Mello, allude-se ao romance da *Sylvana:*

Brites—Entoay por meu prazer
Qualquer cousa.
Gil — Sem guitarra?
Brites—Eylla; tomay.
Gil —«Passeavase Sylvana
«Por um corredor um dia...»
Brites—Ay senhor! *eu não queria*
Senão letra castelhana. [2]

No *Fidalgo Aprendiz* conserva D. Francisco Manoel de Mello esta seguidilha de uma cantiga que se obliterou na tradição:

Gavião, gavião branco,
Vae ferido, vae voando.

(1) Agiolog , t. 2, p. 12.

(2) Fidalgo Aprendiz, Jornada II, p. 247: o que fundamenta a queixa de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Nos *Romanceiros* hespanhoes encontram-se muitos romances tirados da historia portugueza que, a não serem de origem litteraria, se extinguiram na tradição oral do nosso povo. É natural que fossem communs ás duas nações, como tantos communs aos povos do Meio Dia da Europa.

Dos muitos romances citados por Gil Vicente, como cousa sabida e apenas alludida, ainda se lêem nos Romanceiros castelhanos — *En Paris está Dona Alda* (Duran, n.º 400), *Yo me estaba alla em Coimbra* (Duran, n.º 966); o sabio collector Duran suppõe a redacção d'este romance dos principios do seculo XVI, apesar de conhecer vestigios de outro tradicional mais antigo; lê-se tambem *En el mes era de Abril* (Ochôa, p. 3.) e *Vâmanos, dijo mi tio,* (Ochôa, p. 44.). *Muy graciosa és la doncella,* e o romance de *Dom Duardos,* compostos por Gil Vicente, apparecem entre as creações anonymas dos Romanceiros.

As obras de Gil Vicente pertenceram, antes de se acharem coordenadas em volume, á litteratura popular, denominada de *cordel,* como se vê pelas palavras d'este privilegio: «Eu el-rey faço saber aos que este alvará virem, que Paula Vicente, moça da camara da muito minha amada e prezada tia, me disse que ella queria fazer emprimir hum livro e cancioneiro de todas as obras de Gil Vicente, seu pai, *assi as que até ora andaram emprimidas pelo meudo,* como outras que ainda o não foram. Pedindo-me que ouvesse por bem, que por tempo de dez annos não podessem emprimir nem vender o dito cancioneiro, senam ella e as pes-

soas a que ella pera isso desse licença: e que as ditas obras meudas do dito seu pay, que até ora andaram emprimidas se nam podessem mais *emprimir nem vender pelo meudo*. Etc.» Estas obras meudas, aqui designadas, eram as folhas volantes, ou, como chamam os hespanhoes, *pliego suelto* da litteratura de cordel; muitas d'ellas se perderam, como se vê do prologo de Luiz Vicente a Dom Sebastião. Foi por certo da tragicomedia de *Dom Duardos*, que o povo tirou o romance e o assimilou, como se conhece pela lição do cavalheiro de Oliveira, e d'onde egualmente o recolheram os collecionadores hespanhoes.

Á medida que se estuda Gil Vicente, vai elle perdendo a qualidade de auctor, e tornando-se povo, com todos os caracteres de verdade e de profundidade.

CAPITULO II

I — Formação do verso octosyllabico popular — Origens arabicas, segundo a hypothese de Conde — A assonancia — Reducção dos Chronicons a verso — Denominação de «romance».
II — Caracter religioso da poesia popular — Os Nataes, Villancicos, Neumas e estribilhos — As Loas dos prezepios — Hypotheses sobre a sua origem bretan — Poesia jogralesca.
III — A poesia do povo creada sobre os actos da vida — As Endechas dos mortos — Cantigas do mar: Celeuma — As janeiras e maias — Danças populares.
IV — Algumas fórmas da poesia popular: Solao, Chacara, Chacota, Prosa, Dizeres.
V — Do colorido da poesia do povo.

Um dos factos que mais caracterisa a poesia do povo é a profundidade do sentimento; a forma com que o traduz na vida é impensada, livre, não sujeita a artificio, vaga e incompleta para deixar adivinhar a extensão do que se sente. Quando o povo narra, dramatisa; se canta, o metro das suas strophes está no genio da lingua que lhe dá o rythmo espontaneo; quando delinêa a acção apresenta só os traços geraes, que se tornam typo de todas as acções da mesma ordem; as imagens e epithetos com que pinta são tirados da vida, repetem-se, sempre os mesmos como ella. A *variante* é o processo instinctivo de formação das epopeas seculares; é como a gota d'agua que se infiltra contínua e successivamente e mostra uma sta-

lactite caprichosa e linda. Como são indistinctos os sentimentos da alma popular, assim são as fórmas poeticas que lhes correspondem; ellas não se distinguem pela variedade dos rythmos, nem pelo uso das descripções, nem pelo dialogo, caracterisam-se pelos actos da vida que celebram; porque a poesia, para o povo, não é uma curiosidade futil de uma personalidade que se impõe, é uma linguagem inconsciente, fatal, com que a generalidade se communica, na expansão dos sentimentos eternos que a elevam.

I

O verso mais usado pelo povo é o octosyllabico; as hypotheses sobre a sua origem, são provenientes de irem procurar mais longe a explicação do que aonde ella existe. Na poesia hymnica da egreja ha quasi sempre a fórma octosyllabica; os cantos do povo nas egrejas, prohibidos mais tarde pelos Concilios, foram-lhe imprimindo esta fórma harmoniosa do *rimance*, que se encontra nas linguas romanas. Os poetas primitivos da egreja usavam a rima e a assonancia; a medida octosyllabica é tambem do genio rythmico d'estas linguas. A. J. Conde na introducção á *Historia da dominação dos Arabes na Hespanha* quer derival-o do verso arabe, composto de dois hemistichios, o *sadrilbait* ou entrada do verso, e o *ogrilbait* ou fim do verso, vindo a parelha arabe a reduzir-se

á quadra peninsular. Assim conjunctamente mostrava a origem arabica da fórma do romance.

Os romances populares eram por vezes tirados das chronicas em prosa; a linguagem prosaica produz uma versificação natural, filha da prosodia da lingua, como succede com o verso octosyllabo. N'esta conversão da prosa das chronicas a verso, encontram-se linhas inteiras metrificadas sem alteração alguma. Sepulveda [1] metrifica em romance fragmentos de chronicas com pequenissimas alterações, o que leva a dizer a Sarmiento, que a prosa, a contar do seculo XII, sae involuntariamente *en un tecido de verso de romance.* [2] Para que se hade ir procurar uma influencia fóra da lingua, que tem este caracter rythmico, quando se apresenta uma natural e menos hypothetica? [3]

Tambem o mais antigo poema francez que se conhece, *Charlemagnes*, é tirado da *Histoire des Gestes, de Galien Restore.* [4] Muitos *fabliaux* não chegaram a ser reduzidos a verso, e com certeza esta é a origem do conto decameronico. Em muitos romances, o jogral confirma a sua narração alludindo a velhas chronicas, d'onde ficou ainda entre o nosso povo o estribilho

(1) Romances, Anvers, 1551, in-18 in-fol., fol. 11.

(2) Poesia española, Madrid, 1774, in-4.°, sec. 422-430. — Póde chamar-se á reducção da prosa da chronica a verso romanceado um *então historico.*

(3) Opinião de D. Agostin Duran, *Romancero general*, t. I, p. 40. —Du Puymaigre, *Vieux auteurs castillans*, t. II, p. 240.

(4) Du Méril, Hist. de la Poesie Scandinave, p. 474, not. 4.

final de todos os contos: *quem o disse está aqui, quem o quer saber vá lá.*—A reducção da prosa á linguagem metrica se confirma com o que se lê no principio do *Dict du Cuvier:*

Chascuns se veut mes entremettre
De biaus contes en rime mettre;
Mais je m'en suis si entremis,
Que j'en ai un en rime mis.

Tambem se dá o facto contrario, quando a historia se fundava principalmente sobre as tradições, cuja urdidura maravilhosa é o colorido dos chronicons da meia edade. Provou-o o recente achado da *Chronica rimada* do Cid, publicada por Francisque Michel. Da Chronica do pseudo-Turpin sae essa enorme efflorescencia de romances carolinos, cujas variantes simples denotam uma fonte commum.

Um facto que mostra como da linguagem prosaica das chronicas se passava para o verso octosyllabico, é este romance de Bernardo del Carpio: *En corte del casto Alfonso.* [1] Eis o fragmento poetisado da *Chronica general:*

Quando Bernaldo *lo supo*
Pesole à gran demasia,
Tanto *que dentro en el cuerpo*
La sangre se le volvia.

(1) Romancero de 1555.--Observação de Ticknor.

Yendo *para su posada*
Muy grande llanto hacia,
Vistiose paños de luto,
Y delante el rey se iba.

El rey cuando asi *lo vio*
Desta suerte le decia:
«*Bernaldo,* por aventura
Cobdicias la muerte mia?»

Ao passo que se lê na Chronica: «E el (Bernaldo) *quandol supo*, que su pàdre era preso, *pesol* mucho de coraçon, e *bolviòsele la sangre en el cuerpo*, e fuesse *para su posada*, faciendo el mayor duelo del mundo; e *vistiose paños de duelo* e fuesse para el Rey Don Alfonso; e *el Rey cuando lo vido*, dixol: *Bernaldo cobdicias la muerte mia?*» [1]

Em outro romance, que começa *Llegados son los Infantes*, [2] os seguintes versos:

Sobrinos esos agueros
Para nos grand bien serian,
Porque *nos dan à entender*
Que bien nos succederia.
Ganaremos grande victoria
Nada non se perderia,
Don Nuño lo hizo mal

(1) Chronica general, part. III, fol. 32, 33, ediç. de 1604.
(2) Romances, Anvers, 1551, fol. 11.

Que convusco non venia,
Mande Dios que se arripiente, etc.

encontram-se d'este modo na Chronica general:

«*Sobrinos estos agüeros* que oystes, *mucho son buenos*; *cá nos dan a entender que ganaremos muy gran* algo de lo ageno, é *de lo nostro non perderemos*; é *fizol muy mal Do Nuño* Salido *en non venir combusco,* é *mande Dios que se arrepienta*», etc. [1]

Á vista dos factos apontados não é destituido de fundamento o dito de Sarmiento; é o genio da lingua que determina estas transformações. As mesmas conclusões se applicam á redondilha popular portugueza.

A *assonancia* é uma rima imperfeita, a repetição de uma vogal predominante, que o canto vae modificando e só deixa sentir a harmonia; provém da espontaneidade corrente da improvisação. A assonancia é privativa da poesia popular; Alonzo de Fuentes a considerava como um signal de *rusticidade,* e Rengifo, como privativa dos romances; não apparece nas obras litterarias entre nós, como na Hespanha. Na lingua franceza, a cuja indole repugna, encontra-se empregada a assonancia na *Chanson de Roland,* no *Garin le Loherain* e no *Fabliau de Aucassin et Nicolete.*

Tres phases se determinam na formação da poesia popular: primeiramente o poeta, segundo a inspiração e gosto individual, ou tirando-o da chronica, com-

(1) Chronica general, (part. III, fol. 77, a.)

põe o romance, talhando á vontade a extensão da acção e das descripções; depois o jogral, mercenario, de condição inferior, vulgarisa-o, vae-o *rusticando* pela recitação fragmentada d'aquellas partes que lisongeam mais as localidades por onde passa. É n'este ponto que o povo absorve o romance na tradição oral, conservando apenas as partes e situações dramaticas, como as encontramos em todos os romances recolhidos. A exageração da poesia popular nasce d'esta tendencia para se apropriar dos traços geraes.

O verso octosyllabico, como se vê, da predilecção do povo, tão espontaneo, quasi falado, é o que traduz todas as suas paixões. A denominação de *cantar*, para designar a poesia popular, antecedeu a de *romance;* assim o comprovam os escriptores hespanhoes anteriores ao seculo XV. Lê-se na *Chronica de España:* «E agora sabed los que esta estoria oydes que maguer que los juglares cantan en sus *cantares* e dizen en sus fabras, que Carlos el Emperador, conquirio en España muchos castiellos e muchas cibdades, e que ovo y muchas batallas con Moros, desde Francia fasta Sanctiago; esto non podie ser, fueras ende que en Cantabria conquerio algo; etc.» [1] Pelo que Affonso o Sabio diz de seu pae San Fernando, a proposito dos jograes, que faziam estes cantares e eram instrumentistas: «Et outrosi pagandose de omes de Corte, que sabien bien de trobar, et cantar, et de *joglares* que sopiessen bien tocar estrumentos. Ca des-

(1) Chr de España, P. III, fol. 33, v. col. 1.

to se pagaba el mucho et entendia quien lo facia bien, et quien non.» [1] O canto ou melopêa era e ainda é o principal caracteristico da poesia popular, [2] e sobre tudo uma certa exageração, porque o povo reduz os factos mais simples sempre a uma generalidade: «el vulgo (diz Zurita, falando da formação da lenda do Cid) fue siempre añadiendo á sus hechos muy señaladas cosas, que fuesen de admiracion en sus cantares.» [3] Talvez que esta exageração da imaginação popular désse um caracter comico ao jogral, como mais tardé veiu a ter.

A palavra *romance* serviu primeiramente para significar a linguagem vulgar. Parece que a designação de *romance paladino* no sentido de vulgar tambem se encontra em portuguez na velha legislação, n'aquella phrase em que se prohibia aos tabelliães dos mouros e judeos «fazer escripturas em hebraico ou arabico, mas em *ludina* christengua.» [4] Uma disposição legal se encontra nos mesmos termos nas *Leys de Partidas,* em que se diz: «e las palabras dellas, que sean buenas e llanas e *paladinas,* de manera que todo hombre las pueda entender e retener.» [5] Na *Vida de Santo Domingo de Silos* se lêem no mesmo sentido:

(1) Setenario, *Paleograph.* pp. 80, 83, e p. 76.--Ticknor, p. 102.
(2) Giovani Galvani, *Poesia dei Trovatori,* p. 29.
(3) Zurita, *Anales de Aragon,* l. I, Cap. 22.
(4) J. Pedro Ribeiro, *Reflex. hist.* part. I, p. 80.
(5) Partida I, Tit. I, l. 8.—Ediç. de 1565.

Quero fer una prosa en *roman paladino*
En el qual suele el pueblo fablar à su vecino
Ca non sô tan letrado por ser outro latino. [1]

No *Romance de Alexandre*, nos *Lais* de Maria de França, no Romance dos *Sete Sabios*, no *Dolopathos* e em muitos outros poemas a palavra *romance* significa a linguagem vulgar, a narração em vernaculo. Camões empregava-a no mesmo sentido, no cant. x da *Luziadà* (Est. XCVI):

O *Rapt* Rio nota, que o *romance*
Da terra chama Obi, etc.

Romance, diz Faria e Sousa commentando este verso: «Entiende-se el lenguage natural de aquella terra: i en estas de España quedò esta manera de dezir, o llamar *Romance* a la lengua propria vulgar, desde que los Romanos en ellas introduxeron la suya Romana, que por la mayor parte era Latin: i por que el se hablava vulgarmente, afora a qualquier lengua vulgar llamamos *Romance*, i no al Latin de que tuvo origen esse nombre: i tambien se llama *Romance* a la prosa a differencia del verso, por ser ella mas vulgar que èl: —i aun al verso, ó composicion desse nombre notorio se llama assi, por parecer prosa los *Romances* assi en no tener consonantes, como en escrivirse en ellos solo lo que se escrivia en ella, que eran histo-

(1) Berceo, st. II.

rias; etc.» [1] Este desprezo com que Faria e Sousa fala da poesia popular, e do motivo por que lhe coube a designação de *romance,* encontra-se com a opinião do Marquez de Santilhana, que primeiro foi o que d'ella se serviu para exprimir uma composição poetica: «Infimos son aquellos que sin ningunt orden, regla, ni cuento, facen estos *romances* è *cantares* de que a gente baja è de servil condicion se alegra.» [2] Das palavras da carta ao Condestavel se nota que existia uma differença entre *romance* e *cantar;* iam-se substituindo uma á outra. Huber considera-as como duas designações differentes [3]; differença que M. Edelestand du Méril, longe de a procurar na narração ou no canto, vae determinar no uso definitivo do hespanhol substituindo-se ao latim. [4] Opinião com a qual está de accôrdo Ticknor, quando discute este nome de *romance,* como indicação de que era a unica poesia conhecida na lingua *romance* de Hespanha. [5]

O *romance* ou rimance, veiu pois a significar a narração epica sem canto, por isso que era mais extensa do que o *cantar;* é no sentido que se acha no referido *Libro de Apolonio:*

(1) Comment., t. IV, p. 499.

(2) Ediç. por Amador de los Rios; vid. a Carta ao Condestavel de Portugal.

(3) Huber, *Chronica del famoso cavallero Cid Ruydiez Campeador,* Intr. XXIII.

(4) Du Méril, *Poesies populaires latines du moyen âge,* p. 295.

(5) Ticknor, *Hist. da litteratura hespanhola,* p. 110, c. VI.

Tornóles a *rezar* un *romance* bien rimado
De la su razon misma por ho avia passado.

Era talvez esta a primeira differença subentendida na copulativa do Marquez de Santilhana; e até o *cantar*, como menor em extensão, poderia constituir as divisões do *romance*, como se vê do *Poema del Cid* (vers. 2287) empregado no sentido de divisão. [1] Demais, a palavra *cantar* não inclue idêa musical, porque sempre a lêmos acompanhada de outra para a significar: «que los juglares *canten* sus *cantares*, ò digan sus cuentos.» [2] O povo tambem teve uma poesia sem musica, *dita, resada*, as *Gestas* ou *cuentos en verso*, como o declaram as *Leys de Partidas* de Alfonso X: «E sin todo esto aun facian mas, que los juglares non *dixiesen* antellos otros cantares sinon de gesta, o que *fablassen* de fechos de armas.» [3] O bom do rei prohibia aos nobres ouvirem os cantos populares, quando se não referissem a feitos brilhantes. Os cantos de *Gestas* eram os *romances*, como se deduz da carta do Marquez de Santilhana: «Estas sciencias ayan primeramente venido en manos de los *romancistas* o vulgares.» [4]

Os cantos que celebravam os personagens histo-

(1) Interpretação de Du Méril, Obr. cit. p. 295.
(2) Chronica de España, P. III, fol. 30, 33, 45.
(3) Part. II, tit. XXI, l. 20.
(4) Obras do Marquez de Santillana (ediç. de Amador de los Rios.).

ricos, ou propriamente os cantos tirados das chronicas que relatam os feitos do horoe, receberam esse nome nos povos do Meio Dia da Europa; no *Roman de Brut*, se lê:

Artus, se l'*estore* ne ment,

e em uma variante:

Artus se la *geste* n'en ment.

Eram igualmente conhecidos em Hespanha, como se vê de Berceo, *Sacrificio de la Misa* (st. 245); e no *Poema de Alexandro* (st. 3):

Qui pirlo quisier à todo mio creer,
Aura de mi solás, en cabo grant placer
Prendrá bonas *gestas* que sepa retraeer.

A canção de *Gestas* existiu tambem na primitiva poesia portugueza, e podemos dar com segurança este nome ao fragmento do poema de *Cava*, do seculo XII, que *tratava è cõtinha a destruição de España*. [1] A canção do *Figueiral* [2] pertence tambem a este genero de feitos d'armas. Segundo Miguel Leitão, era *uma das muitas cantilenas* [3] com que foi celebrada a faça-

(1) Miscellanea de Miguel Leitão, p. 455 e 457.
(2) Monarchia Luzitana, Part. II, p. 296.
(3) Miscellanea, p. 27.

nha do Figueiral: «A qual me lembra a mim ouvil-a cantar, muito sentida, a uma velha de muita edade, natural do Algarve, sendo eu muito menino, etc.» Confirma estas muitas cantilenas o dito de Faria e Sousa [1]: «Omito unas canciones, que en Portugal se conservan, y que con antigua lenguje relatan esta aventura.»

O *romance* chegou tambem por sua vez a aristocratizar-se. Don Juan Manuel levanta-o das camadas populares; assim veiu a designar uma fórma litteraria na poesia. Quando o poeta teme que o confundam com as trovas vulgares, protesta pela mestria d'elle, como no *Libro de Apolonio:*

> En el nombre de Dios e de Santa Maria,
> Si ellos me guiasen, estudiar queria
> Componer un *romance de nueva mestria.* [2]

A poesia popular tinha sido banida dos castellos; a eschola provençal dominava nas côrtes e nos galanteios de amor. O romance nos fins do seculo XV, designava já exclusivamente uma fórma litteraria, pelo que o Arcipreste de Hita dizia nas suas poesias:

> Era de mill et trecientos, et ochenta et un años,
> fue *compuesto* el *romance.* [3]

(1) Europa Portugueza, t. I, p. 395, Part. IV, c. V.
(2) Ochoa, na ediç. de Sanchez, p. 531.
(3) Stroph, MDCVIII.

Os poetas então já não empregavam a palavra *cantar*, mas *fablar, dicir, contar, leer.* [1] Na *Chronica rimada*, aonde a palavra *romance* se encontra para significar uma composição poetica, lê-se: «segunt *dise* en el *romance*» (v. 547), ou «*segun dise el romance*» (v. 635). O uso exclusivo do castelhano na antiga poesia popular portugueza faz com que estas investigações nos digam respeito.

O valor historico da composição poetica do romance entre nós, encontra-se n'estas palavras, que apresenta como prologo ao seu *Cancioneiro Geral*, Garcia de Rezende: «E assy muitos emperadores, reys e pessoas de memoria pelos *rrymanças* e trouas sabemos suas estorias;» etc.

II

Depois de excluido o povo da participação da poesia da egreja, pela aristocracia e unidade systematica, que ella procurou estabelecer [2], ainda nos inter-

(1) Observação de M. Du Méril, *loc. cit.*: fundado nas seguintes auctoridades: *Fablar* (Berceo, *Del sacrificio de la misa*, str. II; Lorenzo de Astorga, *Poema de Alexandro*, str. II.)—*Decir* (Berceo, *Vida de S. Millan*, str. CCCXXI.)—*Contar* (Berceo, *Milagres de Nuestra Señora*, str. I, e CCCLXXVII.)—*Leer* (Berceo, *Vida de S. Millan*, str. I, II, etc.)

(2) Du Méril, *Poesies populaires latines du moyen âge*, p. 33.

vallos de alguns officios, se admittiam os cantos vulgares, de que são um vestigio os *Natacs*, que se usaram em quasi todas as egrejas da Europa. Estes cantos eram ordinariamente bilingues, servindo o latim para ser dito pelos clerigos, e o vulgar pelo povo, como em fórma de ladainha. Nos *Autos pastoris* de Gil Vicente vê-se tambem este mixto. Eram os cantos do Natal ao que na Peninsula se chamava *Villancico*. Diz Cervantes: «Como Crisostomo fue grande hombre de componer coplas, tanto que el hacia los *villancicos* para la noche del nacimiento del Señor.» [1] Em Gil Vicente o *villancico* é a canção com que remata sempre o auto pastoril. Apesar do enfado do buccolismo classico, aprenderam alí os poetas cultos muitos segredos de sentimento. Não faltam auctoridades que nos convençam da fórma popular do *villancico*. Falando do casamento de Philipe II, em 1570, diz Colmenares: «Nove meninos do côro, em trajo de pastores, saíram, bem ataviados, do sanctuario e cantaram um *villancico*, dançando.» [2] Assim o *villancico* é um canto pastoril, com que finalisavam as eglogas ou autos, representados pelos nataes, usados principalmente no seculo XVI; póde mesmo apresentar-se como uma das origens populares do theatro moderno.

O *estribilho* é um dos caracteristicos da poesia popular; muitas vezes transforma-se em retornello, especie de glosa com que fecha todas as strophes,

(1) Don Quijote, p. I, cap. 12.
(2) Colmenares, *Hist. de Segovia*, in-fol. p. 558, Segovia, 1627.

como as lyras da poesia academica; na maior parte das vezes são palavras intraduziveis, trazidas para encher os compassos musicaes, ou tiradas da *giria* commum, que augmentam a jovialidade á canção. Muitas das canções populares da França conhecem-se pelos *estribilhos;* cada provincia os tem privativamente seus, *la lirette, la liron, la faridondaine.* Depois que a poesia litanica foi a unica participação que a egreja deixou ao povo nos seus hymnos, apparecem nas liturgias varias antiphonas, com estribilhos incomprehensiveis, como *Euouae.* A estas vozes insignificativas é ao que se chama *Neumas.* [1]

As *Neumas* da poesia popular latina, tinham no canto ecclesiastico o mesmo uso que o estribilho modernamente. É o que se conclue de Du Cange: «Pneuma quod alias jubilum dicitur est cantus especies, quo, non voces, sed vocum toni longius cantando diducuntur et protrahuntur.» [2] Nos cantos da egreja, principalmente nos *Natues,* o estribilho do hymno era em vulgar, e pertencia ao povo que a elles se associava. [3] O estribilho ou hypopsalmo já se encontra tambem na antiguidade classica. [4]

No *Auto da Sybilla Cassandra,* de Gil Vicente, cantam quatro anjos este estribilho insignificativo:

(1) Durand, *Rationale divini officii,* l. IV, cap. XXII, n. 3.

(2) Glassarium, Vbo. *Pneuma.*

(3) Gerbert, *De Cantu et musica sacra.* t. I, p. 46, 57 e 170, 171.

(4) Du Méril cita todos os auctores que confirmam esta asserção.

Ro, ro, ro,
Nuestro Dios e Redentor
No lloreis, que dais dolor
A la Virgen, etc.

Ordinariamente o estribilho apresenta um sentido, expresso em um ou mais versos, como n'esta cantiga ao nascimento de Jesus:

Blanca estais colorada
Virgem sagrada.

Em Belem, villa de amor
Da rosa nasceu a flor;
Virgem Sagrada.

Em Belem, villa do amor
Nasceu a rosa do rosal;
Virgem sagrada.

Da rosa nasceu a flor
Para nosso Salvador;
Virgem sagrada.

Nasceu a rosa do rosal
Deus e homem natural;
Virgem sagrada. [1]

(1) Gil Vicente, Obras, t. I, p. 183, Ediç. de Hamburgo.

O *estribilho*, quando forma uma strophe completa é o côro. A *Neuma* da poesia ecclesiastica, chegou em algumas egrejas a exprimir um sentido perfeito: «Inde est quod in quibusdam ecclesiis, in quibus *neuma* non dicitur, vox non significativa in vocem significativam convertitur.» [1] É manifesta a influencia dos cantos liturgicos sobre a poesia popular; nas *Constituições dos Bispados* se lêem disposições, por onde o povo foi excluido d'este concerto: «Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e seculares, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas egrejas, nem bebam, com mesas nem sem mesas; *nem cantem*, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro d'ellas sobre cousas profanas;—nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em vigilia de santos ou d'alguma festa; *nem representações ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor J. C. ou da sua ressurreição, ou nascença*, de dia, nem de noite sem nossa especial licença; porque de taes *autos* se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem escandalo no coração d'aquelles, que não estão mui firmes na nossa santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que n'isto se fazem.» [2]

«E porque não é decente interromper o Santo Sacrificio da Missa, e deixar de cantar o que a Igreja

(1) Durand, *Racionale divini officii*, l. v, cap. II, n. 32.

(2) Constituições do Bispado de Evora, Const. 10, tit. 15. (Anno de 1534.)

n'elle tem ordenado se cante, por intrometter n'elle *chansonetas* e *villancicos*, e ainda que sejam pios e devotos; conformando-nos com a disposição do Concilio Provincial Bracharense, prohibimos, que nas Missas cantadas em logar do Tracto, Offertorio, Sanctus, Agnus Dei, Post Communio, e mais cousas ordenadas pela Igreja, se cantem *chançonetas* e *vilancicos*, *nem motetes*, *antiphonas e hymnos*, que não pertençam ao Sacrificio, que se celebra, nem, em quanto se disser alguma Missa, se consinta *cantar cantigas profanas, nem festas, dansas, autos, colloquios, posto que sejam sagrados, nem clamores, petitorios de esmolas,*» etc. [1]

Uma prescripção analoga se encontra no *Concilio de Toledo,* prohibindo os jogos scenicos que se celebravam por costume no dia dos Innocentes. [2]

O que determina as fórmas da poesia popular são os actos da vida para que era destinada. Os cantos

(1) *Constituições do Bispado do Porto*, L. II, Tit. I, Const. 7, pag. 175. «E outro si mandamos, sob as ditas penas, (excommunhão mayor) que nenhuma pessoa nas ditas Igrejas, Ermidas ou seus adros faça *comedias, representações, entremezes, ou colloquios profanos*, com que se offende gravemente a Divina Magestade, e os seus fieis se escandalizam, nem se façam *danças, bailes, folias, lutas*, ou cousas similhantes, nem *cantem cantigas deshonestas*», etc. L. 4, T. 9. Const. 6, p. 427. — Continúa no vers. 2 e 3, impondo censura aos *autos* em que os ecclesiasticos são ridicularisados, e prohibindo as vigilias dos santos, excepto a do Natal. (As cantigas populares já tinham sido prohibidas pelo Concilio Tridentino, ses. 22. De observand., e no Conc. Bracharense, Act. 5, c. 38.)

(2) Concilio Tolet., an. 1565, act. cap. XXI.

da vigilia ou noite do natal, das *Janeiras*, dos *Reis*, das *Maias* tem origens pagano-ecclesiasticas; a egreja ía invertendo o sentido dos velhos ritos gentilicos, como na festa de Sam João. «N'algumas villas conserva-se o *antigo costume* portuguez de entoar loas ao Divino, decantadas pelo silencio da noite, antes da missa do gallo, ás portas das pessoas de amisade, e que tem certo rythmo particular, proprio da vespera d'este dia, porque no primeiro dia do anno e na vigilia dos reis ha outras tonadilhas egualmente especiaes; este uso desconhecido em Lisboa, tem certa graça e jocosidade, quando a estação permitte vaguear de noite; e muitas vezes são cantos acompanhados pelo som accorde de instrumentos musicos.» [1] Por quasi todas as nossas provincias ha uma grande colheita a fazer d'estas cantigas domesticas e seguidilhas da noite do natal; umas cantam-se diante do presepe, e n'ellas predomina a fórma dramatica; outras são como a serenada, descantes improvisados ao capricho da divagação nocturna e das guitarras gementes.

N'esta poesia do presepe ha tambem a sanctificação dos animaes; sente-se ainda aquella crença e frescura da alma, com que nas festas primitivas da egreja se entoavam hymnos ao *burro*, que vinha tes-

(1) Panorama, vol. v, p. 412. (an. 1841). No liv. v das Ord. aonde mais prevalece o genio ecclesiastico, no tit. 81 se prohibem as serenadas, com pena de prisão, multa e perda de instrumentos.

timunhar o Verbo entre a Sybilla e Virgilio. [1] O boi, que bafeja o menino chorando de frio deitado sobre as palhas, tem a benção da sympathia popular; o burro, que ha de mais tarde levar a Senhora na sua fugida para o Egypto, é tambem celebrado, idealisado pela imaginação rude mas verdadeira; são estes animaes que compartilham com os pobres seus labores e fadigas; o trabalho os sanctifica. Muitas das cantigas do accalentar no berço, são como inspiradas pela poesia da infancia de Jesus:

Oh meu menino Jesus,
Que tendes, porque choraes?
—Bateu-me minha mãesinha,
Oxalá me dera mais.

As cantigas do berço, que embalam o somno dos anjos, o somno descuidado da infancia, apparecem como a creação mais pura e profunda do sentimento popular; foram ellas que formaram as nossas almas, que nos afugentaram os primeiros terrores. Como não haveria aquelle espirito sublime e quasi divino de Platão, de falar das cantigas de berço, quando organisava a familia? que as amas embalem as creanças com muitas cantigas: «Etiam nutricum, quae adhibetur infantibus allectationibus suum quod-

(1) Du Cange, Glossarium, vbo. *Festum*, onde se encontra o celebre hymno do ritual de Rouan.

dam carmen assignat.» Como o visionario Cardan exalta o gosto, um tanto inverosimil, que sentia quando se deixava adormecer ao som d'essas cantigas! As cantigas vulgares, que o povo cantava nas fadigas do trabalho, foram amaldiçoadas pela egreja, que as mandava substituir por psalmos monotonos. Que de lagrimas só n'esta palavra *Lollard.* [1] Na Grecia moderna as cantigas de berço chamam-se *Nannarisma,* na Italia *Nana;* entre nós para exprimir o mesmo acto de de meiguice temos o verbo *enanar.*

O christianismo sanctificou a familia com a criança; o berço é a poesia do lar domestico. O mysterio da Virgem-mãe realisa-se ali na criança que embala o irmãosinho e se adormece com elle, como n'um extasis de candura. Os cantos populares da noite do natal são o culto da infancia, das esperanças que alimentam o seio que a amamenta; o somno do presepe unge de amor todo divino a cantiga do accalentar do berço. A infancia! Nas lendas piedosas Christo apparece ás virgens na imagem risonha e meiga de uma criança. Veronica de Binasco, Angela de Foligno, Liduina, Dominica do Paraiso, todas o viram n'essa edade ingenua de amor, como um reflexo das suas almas. [2] A familia, o lar, é tambem o sentimento mais profundo da poesia popular do Norte; até no direito, no seu periodo sentimental ou symbolico, a penalida-

(1) Michelet, *Reforma,* p. 112 e 516.
(2) Görres, *Mystica,* t. I, p. 269, trad. franceza.

dade mais severa é a do *banido*, a *interdictio tecti;* o banido é comparado ao lobo nocturno *wargus*, não tem aonde se abrigue e a sua peregrinação errante está representada na lenda do *Caçador eterno* seguindo um caminho interminavel por florestas sombrias. [1] Como não poetisaria o genio popular do norte estas festas da familia em volta da *arvore do natal*, quando fóra a geada e os ventos se não sentem, esquecidos pelos risos das crianças. Ha n'aquella poesia o mesmo ideal, que na pobreza do Meio Dia: É um pobre menino divagando pela cidade solitaria em uma noite de Natal; vê luzes, olha por todas as janellas: dentro as crianças folgam recolhendo os brinquedos pendentes da arvore festiva. E chora, porque não tem quem o recolha, e ninguem o ouve para dar-lhe agasalho. Orphãosinho invoca, na sua tristeza, Jesus. Regelado pelo frio, sente o somno do entorpecimento, e emquanto dorme, uma arvore constellada de estrellas, que são os fructos, alongando pela immensidade seus ramos entrançados sem conto, ostenta-lhe os anjos debruçados das alturas a chamarem-no. E a criança que não tinha o abrigo de um lar que o recolhesse, acordou na bemaventurança ineffavel. [2]

Na poesia do Meio Dia, o povo, mais catholico, segue passo a passo a lenda evangelica; cada familia tem um presepe aonde está deitado o menino, e dian-

(1) J. Grimm, *Tradic. allemãs*, t. I, p. 470, trad.

(2) Balladas e Cantos populares da Allemanha, trad. por Madame de Alboin.

te d'elle se fazem representações de pastores, que são despertados pelos anjos para virem adorar o redemptor. Os cantos do presepe são inspirados pela pobreza, mas sem aquelle vago do norte. O povo dramatisa sempre os factos, por isso que os torna presentes. A pobreza! a pobreza! como não vive ella em santa intimidade com o povo! Invoca-a sempre para abrir-lhe o thesouro das suas alegrias, revelar-lhe a simplicidade da sua moral. O primeiro poeta popular da Italia, S. Francisco de Assis, quando esqueceu a linguagem da galanteria usada pelos trovadores, pediu á pobreza inspiração para ser melhor comprehendido. A pobreza, como a retrata o poeta da Ombria, é o ideal do genio meridional: «Senhor, apiedae-vos de mim e da dama pobreza. Vêde-a, como está assentada em seu lar, ella que é rainha de todas as virtudes; queixa-se de que os seus amigos a abandonaram e se tornaram seus inimigos... Lembrae-vos, Senhor, que baixastes da mansão divina para tomal-a por esposa, afim de ter um grande numero de filhos que fossem perfeitos... Foi ella quem vos recebeu no presepe entre palhas, e que, acompanhando-vos durante a vida, teve o cuidado de que não tivesses aonde repousar a cabeça. Quando déste inicio á guerra da nossa redempção, veiu alliar-se-vos a pobreza, como um escudeiro fiel; permaneceu a vosso lado durante o combate e não se retirou quando os discipulos fugiram. Emquanto vossa mãe, que vos seguiu até ao fim, e tomou parte em todas as vossas dores, emquanto uma mãe assim, por causa da altura da cruz,

vos não podia tocar, n'esse momento a pobreza vos abraçou de mais perto do que nunca. Não quiz que a vossa cruz fosse falquejada com esmero, nem que os cravos fossem em numero sufficiente, aguçados e pulidos; não preparou mais do que tres, e os fez duros e grosseiros para melhor servir á intenção do vosso supplicio. E emquanto morrieis de sêde, teve o cuidado de vos recusar uma gota de agua, de sorte que foi nos apertados braços d'esta esposa, que se vos exhalou a alma. Oh! quem não amará a pobreza sobre todas as cousas!»

Eis a alma do povo comprehendida por aquelle que mais a soube persuadir, o Christo da Renascença, um dos que primeiro cantou na lingua rustica, d'onde sairam as linguas neo-latinas.

Nas fórmas da poesia popular, ha algumas que, pelo decurso do tempo, vieram a abranger sentimentos novos, e como, pela falta de monumentos que nos mostrem o seu caracter primitivo, se não sabe qual a extensão dos factos que abraçavam, limitamo-nos a descrevel-as com o sentido que ainda hoje teem. Isto faremos na interpretação da *lôa*. Garrett diz [1]: «A *lôa* virá do latim *laus?* Póde ser: é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A *lôa* deita-se ainda hoje nos cyrios das provincias do sul, recita-se nos presepes do natal, nas provincias do norte do reino. É um cantar d'anjos, de genios, de espiritos; mas dra-

(1) Romanceiro, t. III, p. 124; citamos sempre a ediç. de 1853.

matico, dialogado: é um côro hieratico, que se entoa, que se *deita* do céo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deoses.» A auctoridade em que Almeida Garrett se funda é o acharse no Cancioneiro do Collegio dos Nobres *loado* por *louvado* (fol. 58, v.). A ethymologia n'estas questões, segundo a opinião de Du Méril, é a historia. O *lai* era uma das fórmas poeticas mais populares da Europa moderna; encontra-se esta designação entre quasi todos os povos que a habitam. Na Historia da Poesia scandinava, o citado auctor não julga impossivel que á *lôa* dos portuguezes e hespanhoes se prenda ao mesmo radical do islandez *liod*, do *leod* anglo-saxão, do allemão *lied*, do dialecto suisso *liedli*, do latim barbaro *leudus*, e do irlandez *laoi*. Esta hypothese, foi affirmada positivamente por Eduard Fournier, nos seus estudos sobre a *Rosalinda*. Varios poemas sacros, usados pela poesia liturgica na edade média, tinham o nome de *ludus;* Bernardo Pez traz no *Thesaurus Anecdotorum* o *ludus paschalis* com fórma dramatica; as *lôas* do presepe teem ainda hoje entre o nosso povo um caracter religioso e scenico; seriam os *ludus nativitatis*, passados á linguagem rustica, banidos das cathedraes para o lar domestico?[1]

(1) Creio que esta designação se deriva do instrumento musico a que era cantada, como se vê do Arcipreste de Hita:

«El arpudo *Laud*, que tiene punto á la trisca.»

Tambem nas *Ordenanzas de Sevilla*, de 1502 se enumera *é un Laud*. Paleografia Espoñola. p. 83.

Seja qual foi a interpretação do que era esta fórma poetica, pertence ella indubitavelmente á composição mais vulgar e frequente dos idiomas da Europa, o *lai*. O *lai* comprehendia cantos de alegria, como o *Lais de Plaisance* de Alain Chartier, canções d'amor, cantigas sagradas, e fabulas como o *Lais de Oiselet*, a elegia, que era o seu principal caracter, [1] e as aventuras cavalheirescas, como o *Lais de chevallerie*. Attribue-se-lhe vulgarmente uma origem bretã, por isso que Maria de França dá como fonte dos seus, os *lais* bretãos; mas quasi um seculo antes, haviam sido já ensaiados por Robert Wace, e até no *Lais du Bisclaveret* diz ella:

Quant de *lais* faire m'entremet
Ne voil ublier Bisclaveret;
Bisclaveret ad nun en Bretan
Garwall l'appelent li *Norman*.

A grande importancia do canto na poesia popular, fez com que muitas coplas ou fórmas fossem conhecidas por certas arias; a musica retem-se mais facilmente do que a palavra; a dança que media o rythmo, deu muitas vezes o nome ao verso. O *lais* não era uma determinada fórma; era a harmonia com que havia de ser cantada. São bastantes as auctorida-

(1) Lévêque de la Raveillière; Poesies du roi de Navarre, t. I, p. 205.

des, além das que indicámos, que sustentam esta idéa; contentamo-nos com uns versos do *Lais de Chevrefeil:*

> Por les paroles remembrer,
> Tristam ki bien saveit *harper*
> En aveit feit un nuvel *lai.* [1]

O *lai* está aqui no sentido de aria, bem como no *lai* inglez de Emare; a letra da toada era o cantar, que pela sua extensão e jocosidade se tornou o *fabliau*, e, mais tarde, pela ausencia da musica, o *conto decameronico*. Edelestand du Méril combate a origem bretã do *lai*, pela falta do radical celtico. [2] Poucas são as creações populares independentes de influencias externas; é por por isso que estas fórmas, que apparecem ao mesmo tempo entre povos differentes, se vão modificando a ponto de se lhes ignorar a origem. Hoje a *lôa* que se *deita*, é usada nos Açores como um pregão ás povoações circumvisinhas da aldeia onde se representa algum auto de santo ou entremez, sendo acompanhada de musica. No verso de Venancio Fortunato, *barbaros leudos* exprime a musica sentimental, o que está cada vez mais d'accordo com a opinião expendida. Á influencia normanda, que

(1) Marie de France, Œuvr. t. I, p. 398.

(2) Sobre esta questão ver a *Hist. da Poesia Scandinava*, Prolegomenos, p. 291, 301.

se determina na nossa poesia pelo tempo de D. Fernando e D. João I, se deve a implantação d'esta fórma poetica.

Outras fórmas privativas da edade media, populares, e por isso despresadas pelos poetas cultos, não recolhidas, apresenta-as Gil Vicente como o que melhor comprehendeu o genio da Renascença; taes são os *hymnos farsis*, que se entoavam nas egrejas, nos seculos XI e XII; especimens que merecem attenção para se ver até que ponto o espirito da meia edade penetrou o nosso povo. Gil Vicente procurava principalmente dar aos seus autos uma fórma popular; imita-lhe os *dizeres*, de tal modo, que muitas fórmas perdidas se encontram ali reproduzidas com toda a verdade de um artista dramatico e em quem se deve acreditar. A *farça* vem de *fari*, e teve na sua origem o valor de interpretação, explicação; eis como se lê na *Desputoison de la Synagogue et de la sainte Yglise* [1]:

«Tais-toi, dist saint Yglise, que ta langue soit arse!
trop as le cuer *farsi* et plain de fausse *farse*.»

A *farça*, ou interpretação do hymno, foi tomando

(1) Mystères inédits du XV siècle, t. II, p. 406, publicados por M. Jubinal. — Du Cange, Glossarium mediæ et infinitæ latinitatis, t. III, p. 961, col. 1 e 2. — Martene, Thesaurus Anecdotorum, t. I, col. 1804. — Ordonances des rois de France, t. V, p. 548. — M. Du Méril, Poesies populaires latines du moyen age, onde se acha um eruditissimo peculio sobre esta fórma litteraria, p. 58, not. 1.

um grande desenvolvimento, a ponto de se tornar uma creação burlesca da edade media. Du Méril traz na colleção das Poesias populares latinas um *Pater Noster farsi*, composto em lingua latina por Pedro Cabreil, arcebispo de Sens. Todas as orações da missa tinham sido tambem reduzidas a esta interpretação *farcie*. Em Gil Vicente encontramos a *farcie* popular no *Velho da Horta* [1], que entra resando:

«*Pater Noster* creador
Qui est in cœlis poderoso
Sanctificetur Senhor,
Nomen tuum vencedor
Nos ceos e terra piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in cœlo et in terra.
Panem nostrum, que comemos,
Quotidianum teu é;
Escusal-o não podemos;
Inda que o não merecemos,
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos por teu amor,

(1) Obras, t III, pag. 64. (Ediç. de Hamburgo.) Farça condemnada pelo Index Expurgatorio, de 1624.

Demittimus qualquer error
Aos nossos devedores.
Et ne nos Deos te pedimos
Inducas per nenhum modo
In tentationem caimos,
Porque fracos nos sentimos,
Tornados de triste lodo.
Sed libera nossa fraquesa,
Nos a malo n'esta vida.
Amen por tua graça
E nos livre tua altesa
Da tristesa sem medida.»

Em Gil Vicente encontramos a oração da *Ave-Maria* tambem *farcie,* meio em portuguez, meio em latim. «La *farciture,* diz M. Magnin, emporte nécessairement avec soi l'idée de melange.» [1] Aqui a *farciture* não é toda em latim, como o *Pater noster* da missa dos *Tollos,* nem toda em vulgar, como veiu a succeder no desenvolvimento das linguas romanas:

Ave Maria *ab initio creata,*
Gratia plena *concepta* e nacida,
Dominus tecum; por el escogida,
Benedicta tu *rosa perseverata,*
In mulieribus *omnium beata,*
Benedictus fructus del verbo divino,

(1) Journal des Savants (1844), p. 22, not. 3.

Ventris tui, *Domina*, de tanto bien dino;
Jesus, Maria, y sed tu nuestra avocata.[1]

Um outro *Pater Noster farci*, ensinado por Jesus, em que é admiravel o sentimento popular, se encontra em Gil Vicente.[2] Muitos hymnos da egreja apparecem nas suas *Obras de Devação*, reduzidos a esta fórma poetica popular da edade media. Quando o povo não cria uma fórma em que torne os seus sentimentos communicativos, acceita a que uma individualidade robusta lhe imprime. Eis as duas origens da poesia popular: — creação e assimilação. — Do primeiro processo são quasi todos os cantos dos *Romanceiros;* do segundo temos factos em que a natureza é quasi surprehendida no seu labor de assimilação, como nas *variantes* da Jerusalem Libertada, cantadas pelos gondoleiros. Gil Vicente querido do povo, conhecendo-lhe os thesouros da sua poesia, a que pede emprestado muitas das joias que o tornam rico de verdade, mereceu esta honra de confundir-se no anonymo. A *variante* é um dos modos, o mais usual na creação poetica popular; é a assimilação reduzindo o traço individual á generalidade do typo.

No fim do drama cavalheiresco *Dom Duardos*, apresenta Gil Vicente um romance de lavra sua, a que chama *novo*, acceito na variante portugueza conserva-

(1) Obras de Gil Vicente, t. III, p. 385.
(2) Idem, t. I. *Auto da Cananea*, p. 365.

da pelo cavalheiro de Oliveira, e que os romanceiros hespanhoes recolheram como seu. É por isso que vamos procurar em Gil Vicente fórmas perdidas da poesia popular, de que elle muitas vezes traz algumas strophes, outras, simplesmente um estribilho ou seguidilha, que deixa incompleta, porque anda na memoria de todos, ou, como na comedia de *Rubena*, apenas o nome das cantigas a que allude, como a coisa muito sabida.

A poesia jogralesca é que foi dando fórma ás tradições e sentimentos vagos do povo. Um povo inteiro não collabora ao mesmo tempo n'uma canção ou rimance; o sentimento ou o facto impressionam-o de tal modo, que tem curiosidade de querer ouvir, de querer saber, e é n'este momento que começa a formar-se a acção na sua generalidade. Os jograes, como especuladores vêm narrar-lhe o facto; o descante grava-se na memoria, mas a improvisação pessoal não corresponde ao ideal e profundidade dos traços, com que a mente collectiva o representára primeiro. É então que começa o processo da *variante*, de modo que, passado tempo, já o canto nada tem de pessoal, e está inteiramente assimilado.

Eis o processo das formações poeticas entre o povo, como ainda hoje se observa: o povo é sempre o mesmo, tem a mesma verdade em todos os tempos. N'este ponto concordamos plenamente com a opinião de M. Circourt: «As poesias dos jograes são um risco de união entre as poesias populares (entendendo a propria composição do povo), e as poesias dos

scholares e trovadores; participam de umas e de outras, emquanto á essencia e fórma. A nosso ver, nada ha na poesia popular, que não tenha passado primeiro pelos jograes.» [1] A acção da poesia jogralesca é evidente, quando se vêem romanceados fragmentos de chronicas, que o povo não conhecia; a grande aspiração á verdade, que se sente na poesia popular da edade media, fazia com que se citassem livros e authoridades, que muitas vezes não existiam. O povo acredita tudo que sente; não precisava de auctorisar-se a si mesmo com os documentos que os jograes affirmavam estar no sitio em que o facto se tinha dado.

O desprezo com que falam o marquez de Santillhana e Lourenço de Segura no *Poema de Alexandre*, que não quer de modo nenhum que o julguem um jogral, está de accordo com a villeza com que a nossa Ordenação Affonsina cobriu esta profissão:

«Todo o clerigno *jogral*, que tem por officio tanger, e per elle soporta a mayor parte da sua vida, ou publicamente tanger por preço que lhe dem em algumas festas, que não são principalmente ecclesiasticas e serviço de Deos; e o *tregeitador* (truão, segundo Viterbo), e qualquer outro, que por dinheiro por sy faz ajuntamento do povo; e o *goliardo*, que ha em costume almoçar, jantar, merendar ou beber na taverna; e bem assy o *bufam*, que por as praças da villa, ou logar traz almáreo, ou arqueta ao collo, com

(1) Nouvelle Revue Encyclopedique, sept. de 1847, p. 40.

tenda de marçaria pera vender; taes como estes, e cada huũ delles, usando os ditos officios ou costumes, dos ordenados, como dito he, per huũ anno acabado, ou sendo amoestado por seus prelados, vigarios, e reitores de suas freguezias por trez amoestaçõens, e não leixando os ditos officios e mais costumes, passado o termo das trez amoestaçõens, ainda que seja mais pequeno tempo que o dito anno, por esse mesmo effeito perdem de todo o privilegio clerical, assi nas pessoas, como nas cousas, e são feitos em todo o caso da jurisdição secular.» [1]

A vida dissoluta dos clerigos e scholares, na edade media, deu origem a uma ordem de canções obscenas, em latim, em que as virtudes sociaes, e todos os sentimentos, ainda os mais puros, eram verberados. Esta confraternidade comica, em que o espirito da meia edade apparece caracterisado no grotesco, foi personificada no mytho de *Golias*, d'onde lhe veiu o nome de *goliardos*. Pelo seculo XII se vulgarisaram mais estas chocarrices, fustigadas pelo concilio de Normandia (1231), e pelos estatutos synodaes de Quercy. Assim o genio ecclesiastico influenciava de um modo profano sobre a poesia do povo, dando-lhe esse caracter licencioso e muitas vezes cynico de varias cantigas.

(1) Orden. Alf. l. III, tit. 15, § 18.

III

A verdade da poesia popular está em brotar da inspiração, que provém directamente dos actos da vida; o povo tem as suas dores, os seus fastos, a sua crença e esperanças. A inspiração vem-lhe de dentro e não do alto. A unidade dos povos do Meio Dia da Europa revela-se á medida que estudamos a sua poesia anonyma; um mesmo genio imprime fatalmente um identico caracter em todas as creações.

Na poesia popular italiana os *Stornelli,* correspondem á nossa *desgarrada* ou desafio. As *Endexas* peninsulares equivalem aos *voceri* da Corsega, aonde permanece o uso das carpideiras, reminiscencia da Italia antiga, das *proeficae,* conhecidas ainda na Sardenha com o nome de *prefiche*.

A *endexa* é uma das fórmas perdidas da nossa poesia popular, como se vê no canto da gente de Lisboa e Belem, que segundo Jorge Cardoso, se entoava nas danças em volta da sepultura do Condestavel, pela paschoa florida. A *endeixa* é a *nenia* do povo; a *nenia* ou canto funebre de louvor, é de origem grega e romana e popularisada pelo uso das carpideiras na Italia e na Hespanha. Em Festus se encontra: «*Naenia* est carmen quod in funere laudandi gratia cantatur ad

tibian.» [1] A egreja, banindo com os seus concilios a poesia do povo, stygmatisou as *nenias* como uma vaidade terrena. Entre todos os povos se encontram vestigios d'estes cantos mortuarios, a que os gregos chamavam *threnos*, na Scandinavia *drapa*, e *coronach* na Irlanda. [2]

Pela postura da camara municipal de Lisboa em 1385, se prohibe que se *brade sobre algum finado;* era esta uma das fórmas da antiga poesia popular, as nenias lugubres, usadas muito na Peninsula. O marquez de Santilhana diz: «En otros tiempos, a las cenizas e defunciones de los muertos, metros elegiacos se cantaban; é aun agora en algunas partes dura, los cuales son llamados *endexas.*» Segundo Covarruvias, no *Tesoro de la lengua castellana*, eram estas endeixas: «canciones tristes y lamentables, que se lloran sobre los muertos, cuerpo presente, o en su sepultura, o cenetaphio»; encontra-se mais: «Este modo de llorar los muertos se usaba en tota España; porque ivan las mugeres detras del cuerpo del marido descabelladas, y las hijas tras el cuerpo de sus padres, mesando-se y dando tantas vozes, que en la iglesia no dexavan hacer el oficio a los cleriros.»

(1) Festus, p. 10.

(2) A festa dos mortos, adoptada pelo christianismo, é de origem cabirica. Ha grandes analogias entre os usos populares da Peninsula com os da Irlanda, aonde se recitam tambem versos pelas portas no dia de finados. A. Pictet, *Du Culte des Cabires*, p. 84, not. 1.

Vestigios d'esta poesia popular encontramos na devoção do povo de Lisboa pela sepultura do Condestavel, dançando em volta, cantando-lhe as façanhas e os milagres: «Em cujo dia (12 de maio, da morte do Condestavel), costumava o povo de Lisboa e seu termo vir á sepultura, com grandes festas e demonstrações de alegria, agradecer-lhe a liberdade da patria, com a celeberrima batalha de Aljubarrota, e outras de que estão cheias as chronicas, entoando com graça esta letra:

El gran condestable
Nuno Alves Perera
Defendió Portugale
Con su bandera
E con su pendone
No me lo digades, none,
Que santo es el conde.

Estas seguidilhas eram muitas, de que só achamos o seguinte pé, com que todas rematavam:

No me lo digades, none,
Que santo és el conde.» [1]

Tambem na *Chronica dos Carmelitas,* [2] se diz:

(1) *Agiolog. Lusit.* de Jorge Cardoso, tomo III, p. 217.
(2) Frei José Pereira de Santa Anna, cit. Chr. t. I. P. I, p. 466.

«Á imitação dos cyrios, com que de presente os povos costumam ir de romaria satisfazer seus votos a algumas imagens milagrosas, vinham tambem a esta igreja (do Carmo, onde está a sepultura do condestavel) differentes ajuntamentos de devotos, repartindo entre si os dias mais accommodados do anno, para n'elles executarem os effeitos de sua muita obrigação, que confessavam dever ao santo Condestavel. A gente da cidade o festejava na fórma que refere o allegado frei Jeronymo da Encarnação, o qual diz assim: —Quando o veneravel corpo do conde jazia soterrado no chão... as mulheres dos cidadãos da cidade de Lisboa, com algumas d'ellas se juntavam na capella-maior do mosteiro do Carmo (que o conde fez), um dia depois da Paschoa florida, que era a primeira oitava, com seus pandeiros e adufes, e outras tangendo as palmas: e com muito prazer e folgança, cantavam e dançavam á roda, d'onde o soterrado estava, começando uma das mulheres, que melhor voz tinha, e as outras respondiam ó que ella cantava; e diziam d'esta guiza:

Nó me lo digades, none
Que santo é o conde. [1]

«Este estribilho repetiam infinitas vezes, bailando com notavel contentamento ao redor da sepultura,

(1) Vid. Cancioneiro popular, p. 9, 10, 11, 12, 13 e 14.

sobre a qual punham muitas capellas de flores, e as offertas, que lhe deixavam em signal de gratidão pelas victorias que conseguira, e pela liberdade d'este reino, da qual fôra instrumento.»

Na segunda oitava do Espirito Santo, vinham de romaria, para celebrar igual festa, os moradores de Restello (Belem) e os do termo de Lisboa; e no dia de S. João, anniversario do Condestavel, corriam os habitantes das villas circumvisinhas de Lisboa, de que elle fôra senhor. Os primeiros cantavam-lhe as suas victorias, e os segundos exaltavam-lhe os milagres n'outras seguidilhas.

O povo suavisa o trabalho com as suas cantigas; elle mesmo reconhece que com ellas espanta os males, e espalha a dor que o atormenta. A *Celeuma* é a cantiga de levantar ferro, o canto que regula o esforço dos que trabalham a um tempo. Camões, tão possuido dos sentimentos da vida do mar, diz:

> A *celeuma* medonha se alevanta
> No rudo marinheiro que trabalha.

Faria e Sousa define-a: «O *Celeuma* es la vozeria de los marineros juntos, respondiendo, o repetiendo voces a uno que primero las entona solo; cujo fin es seña de que todos a una mano pongan el ombro, o el pecho al trabajo, que en estilo nautico se llama faena, e el portuguez Fayna.» [1]

(1) Comment. t. I, p. 407. — Cant. II, Est. XXV.

No canto dos marinheiros portuguezes ha tambem vozes expiradas, insignificativas, as *neumas*, determinadas pelo esforço da respiração, ao levantar ferro; muitas vezes a *neuma* é trazida pela necessidade da rima. Falando sobre este ponto, n'um estudo sobre as canções populares das provincias da França, Champfleury reconhece esta mesma causa: «Ah, como os irmãos Grimm tinham rasão para dizer que nunca acharam uma unica mentira na poesia popular! Que poeta teria a sinceridade de declarar que a palavra insignificativa veiu fechar o verso por causa de uma harmoniosa assonancia?» [1] As cantigas de molinete tem um accento compassado pela amarra, que sobe; são plangentes, como o mar que as embala. Na antiga navegação o compasso dos remos determinava o canto, que regulava o esforço dos remeiros; era ao que os romanos chamavam *celeusma:*

«Lentos figitis ad *celeusma* remos.» [2]

A estas canções dos marinheiros do archipelago chamavam os gregos *eretica* ou *eiresiae*. O caracter maritimo da poesia do christianismo encontra-se em muitos hymnos da egreja; a *celeusma*, o canto dos marinheiros, vem citada em um psalmo de Sidonio Apollinario:

(1) Chansons populaires des provinces de France, Preface, p. 16.

(2) Martial, Epigram. l. III. 67.

Curvorum hic chorus helciariorum,
Responsantibus alleluia ripis,
Ad Christum levat amicum *celeusma*. [1]

Em um canto da primitiva egreja christã, publicado por Follen, se vê a Virgem, a intercessora diante de Jesus, invocada pelos navegantes:

Maris stella est Maria
quae te certa ducet via:
stellam maris invoca!
Inter tribulationum
fluctus et tentationum
hoc *celeusma* insona
Ó Maria
semper dulcis, semper pia. [2]

A *celeusma* era o grito de regosijo, a animação no trabalho das manobras entre os mareantes; Camões refere-se muitas vezes a ella; o sentimento religioso encontra-se em todas as relações de naufragios. A existencia d'esta poesia popular acha-se em um verso de Gil Vicente:

Y luego todos digamos
La *Salve* antes del dormir. [3]

(1) Sidon. Apol. Epistolae, l. II, let. 10.
(2) Apud Du Méril, Op. cit. p. 96, not. 1.
(3) Obras de Gil Vicente, t. III, p. 321.

e o poeta remata a *Nau d'amores* com esta rubrica: «Começaram a cantar a *prosa* que *commumente* cantam nas naus á Salve, que diz:

Bom Jesus Nosso Senhor
Tem por bem de nos salvar, etc.»

A *prosa* é uma designação usual da poesia do povo; na Italia e na Hespanha assim chamaram ás composições rythmicas, cantadas na linguagem vulgar proveniente do latim urbano vernaculisado. Esta palavra não tem o sentido que hoje exprime; significa uma narração poetica, como se deprehende do verso da *Vida de S. Domingos de Silos:*

Quiero fer una *prosa* en *roman paladino* [1]

Tambem Baggioli, falando d'este verso da *Divina Comedia:*

Versi d'amore, e *prose* di romanzi, [2]

disse: «*Prosa*, no italiano e provençal do seculo XIII, significa precisamente historia ou narração em verso.» Nos latinistas ecclesiasticos se encontra como designação hymnologica, d'onde proveiu para a poesia

(1) Cap. I e II.
(2) Purgatorio, c. XXVI, v. 118.

hespanhola, segundo a opinião de F. Wolf. Os anotadoros de Ticknor, Gayangos e Vedia acham-n'a introduzida pelo provençal.[1] Quer pela influencia da poesia ecclesiastica, provençal, ou hespanhola, que exerceram uma acção profunda na nossa poesia popular, a *prosa*, segundo a allusão de Gil Vicente, tem um sentido mais amplo, chegando até a comprehender todo e qualquer canto lyrico.

Os *maggi* ou cantos de maio, com que o povo italiano vae saudar os seus amigos e protectores, com ramilhetes, são em tudo similhantes ás nossas *Maias*. A significação das maias ou giestas postas a cada porta, é, segundo a explicação popular, uma lembrança dos signaes que se puzeram pelo caminho para que a Senhora se não perdesse na fugida para o Egypto. É a explicação que o evangelho popular dá das antigas festas do Naturalismo, que a egreja não podendo extinguir no povo, adoptou como suas. As *Janeiras* eram as estreias pagans. No *Accordam da Camara de Lisboa*, do tempo de Dom João I, que traz José Soares da Silva nas *Memorias* d'aquelle monarcha, se lê: «Outrosim estabellecem que d'aqui em diante, n'esta cidade e em seu termo não se cantem *janeiras*, nem *maias*, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance cal ás portas, sob titulo de janeiro, etc.»[2] O erudito João Pedro Ribeiro, diz que ainda no anno de

(1) Hist. de la Litter. hesp. p. 450.
(2) Memorias de D. João I, t. IV, p. 359, n. 37.

1835 viu festejar na cidade do Porto as *janeiras*, e no primeiro de Maio enramar as janellas com giesta amarella, e que nas aldeias não se falta ao costume immemorial de as pôr nas córtes e nos linhaes. [1]

A poesia popular é quasi sempre cantada, consistindo a accentuação musical no uso frequentissimo de vogaes finaes; e é isto o que mais caracterisa as linguas modernas. As vogaes e os *hiatos* são a harmonia da palavra. O canto popular é inteiramente melodico, de uma monotonia triste, ás vezes um tanto recitativo. O canto nasce da metrificação natural do genio rythmico da lingua. A acção que o metro exerce sobre o canto, é por seu turno exercida pelo canto na adjudicação das *neumas* ou vozes insignificativas. A musica popular tem sido recolhida em todos os paizes; dá-se porém o caso admiravel de nunca se poder reproduzir pela notação o gosto peculiar e a rudeza ingenua do povo. A naturalidade torna essa melodia incoercivel, do mesmo modo que as vozes da natureza, o gemer da floresta, o cicio da aragem não podem ser reproduzidas pelos compassos musicaes.

Na poesia popular, a dança influe muito sobre o rythmo, pela sua cadencia; muitas danças chegaram

(1) Reflex. hist. Part. I, p. 26, n.º 11, not. *a*. — Este costume é de origem cabirica; os antigos Irlandezes faziam fogueiras no primeiro de Maio a *Beal*. No nome de *Endovelico*, divindade lusitana, encontra-se o radical *Bel*.

a dar o nome a varias canções. Gil Vicente era o que compunha a musica, *ensoava* as canções para os seus autos; o marquez de Santilhana diz de More Jorde de Sant Jorde: «El qual compuso asaz fermosas cosas, las quales el mismo asonaba: ca fue musico excellente.» Do mesmo modo a dança determinava o estyllo da canção; em Gil Vicente se encontra a *Chacota* significando a cantiga acompanhada em corêa:

Em tanto por vida minha
Será bem que ordenemos
A nossa *chacotasinha,*
E com ella nos iremos
Ver el-rei e a rainha.

«*Ordenaram-se todos estes pastores em chacota, como lá se costuma, porém a cantiga d'ella foi cantada de canto de orgão,* etc.» [1] — Outras designações populares, como a *Ballistea*, *Saltiuncolae*, *Dansa*, *Tauzliet*, *Tauz*, *Reic*, *Rill*, *Bolero*, *Ballada*, *Mazurek*, ... provieram igualmente da dança.

Sobre as nossas danças populares antigas, encontramos algumas elucidações em João Baptista Venturino, um dos da comitiva do cardeal Alexandrino, le-

(1) Obras de Gil Vicente, t. II, p. 445, da tragicomedia da Serra da Estrella.

gado de Pio V, aos reis de França, Hespanha e Portugal (em 1571), quando descreve as festas em Elvas pela recepção do cardeal: «Ao entrar a dita porta (de Elvas) appareceram muitos homens, e mulheres, vestidos do modo em que já tinhamos visto em Castella, estando com o cardeal Spinosa. Formavam estes tres corpos de dançarinos. A primeira dança, chamada *follia*, compunha-se de oito homens vestidos á portugueza, com gaitas e pandeiros accordes, e com guizos nos artelhos, pulavam á roda de um tambor, cantando na sua lingua cantigas de folgar, de que obtive cópia, mas que não ponho aqui por me não parecerem adaptadas á gravidade do assumpto. Bem merecia a tal dança o nome de *follia*, porque volteavam com lenços, fazendo ademanes uns para os outros, como quem se congratulava da vinda do legado, para o qual constantemente se voltavam. A segunda dança, chamada *Captiva*, era de oito mouros agrilhoados, que dançando á moda mourisca, se declaravam escravos do legado. A terceira, chamada a *Gitana*, era composta de ciganos, vestidos e bailando, como os que já descrevi, do cardeal Spinosa. Vinham entre elles duas mouras, trazendo cada uma em pé sobre os hombros uma rapariga, vestida de pannos cozidos em oiro, e talhados de galantes e variadas modas. Com aquelle peso bailavam levemente, ao som de um tambor, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas, que faziam esvoaçar um lenço por varios modos, ora com a mão direita, ora com a esquerda, ora segurando-o debaixo do braço, ora nas

costas, momos estes que depois repetiam com facas por diversas maneiras.» [1]

O *Arremedilho* era uma especie de farça mimica, que Viterbo cita no *Elucidario*, e que prova a existencia entre nós dos jograes: «No anno de 1193, el-rei D. Sancho I, com sua mulher e filhos, fizeram doação do casal dos Quatro, que a corôa tinha em Canellas de Poyares do Douro, ao farsante ou bobo, chamado Bonamis, e a seu irmão *Acompaniado*, para elles e seus descendentes. E por confirmação ou *rebora*, se diz: *Nos mimi supranominati debemus Domino nostri Regi pro roboratione unun arremedillum.*» Talvez que do *serviço* feudal grotesco se lançassem assim entre nós os primeiros fundamentos do theatro portuguez, os autos que depois tiraram o seu desenvolvimento das ecclogas pastoris usadas no culto.

IV

Apesar de todos os caracteres que se apontam, não se póde fazer uma distincção natural nas diversas fórmas da poesia popular; o povo não conhece regras

(1) Publicada pela primeira vez por A. H. no volume 5.º do *Panorama*, p. 309 (1841), extraido de uma cópia tirada do codice 1607 da Bibliotheca Vaticana. Na Miscellanea de Garcia de Rezende vêm enumeradas muitas danças populares.

academicas, nem influencias eruditas. Todas estas fórmas se confundem mais ou menos; comtudo as divisões que existem na poesia popular não são um mero artificio, são tiradas das denominações que se encontram e a que os nossos antigos alludiam.

O *solao* era um canto de amor, de origem puramente provençal, e tanto que só o achamos citado por Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, poetas cultistas e palacianos, em quem é mais sensivel a influencia dos trovadores. Era pois o *solao* canto de amor, pelo que vêmos dos versos de Bonifacio Calvo, cantando Affonso X pela protecção que dispensava á *Gaia sciencia:*

En quer cab sai chanz e *solatz*
Pos los mante lo reis N. Aufos;
Ma si per lui tot sol no fos
Ja'ls agron del tot oblidatz
E pois qu'el los volt mantener
Non met amor a non caler
Car *sans amor,* chanz e *solatz no val...* [1]

«Ainda aqui canções e *solaos,* pois os mantêm o rei Dom Affonso; mas se elle só o não fizesse já elles seriam de todo esquecidos, e pois que os quer manter, elle não põe de parte o amor, *porque sem amor,* canções e *solaos não valem.*»

(1) Raynouard, *Nouveau choix de Poesies originales des troubadours,* t. I, du Lexique roman, p. 478.

Do *solao* nos fala Bernardim Ribeiro: «mas recolhidas que ellas foram áquella camara da fresta, onde dormiam e póndosse a ama a pensar a menina, sua criada como sohia, como pessoa agastada de algua noua dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina, que estava pensando, cantarlhe um cantar á maneira de *solao,* que era o que nas cousas tristes se acostumava n'estas partes....» [1]

D'aqui procuraram deduzir o caracter plangente e lyrico do *solao;* affirmava-o Garrett sem conhecer a sua origem provençal. Bluteau e Moraes derivavam-no do latim *solatium,* consolação, allivio de uma pessoa só. Meras hypotheses. Na lingua d'*oc, solau* quer dizer o sol, e assim como a *alvorada* e a *serenada* eram canções que tiravam a sua denominação da hora a que eram cantadas, o *solao* era um canto de amor, sem outra differença mais do que ser cantado de dia.

É talvez a redondilha que dá ao *solao* um tanto do caracter narrativo do *romance,* que se nota do que d'elle affirma Sá de Miranda:

> Que se os velhos *solaos falam* verdade
> Bem sabe ella por prova, como *Amor*
> Magôa; e haverá de mim piedade. [2]

Sublinhámos estas palavras, para observarmos que

(1) Saudades, cap, XXI.
(2) Obras, Ecloga 4.

nem sempre era o *solao* para canto, ainda que Sá de Miranda, em outro logar, diga:

Cantando dos seus *solaos*
Que me façam merecer,
. . . . . .
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de colher. [1]

A opinião de Garrett, a quem um senso esthetico profundo, uma intuição viva de todos os sentimentos, fazia tocar a verdade mesmo nas questões mais controversas, é n'este ponto infundada:

«O *solao* será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro. Narrativo é elle tambem, pelo que tão claro nos diz Sá de Miranda. Mas uma cousa não exclue a outra. Eu inclino-me a crer que o *solao* é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas acompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles, do que para os contar ponto por ponto.» [2] Em outro logar acrescenta: «O *solao* é mais plangente e lyrico, lamenta mais do que reconta o facto; tem menos dialogo e mais carpir; ás vezes, como no *solao* da *Ama* em Bernardim Ribeiro,

(1) Ecloga I, num. 67.
(2) Romanceiro, t. II, pag. 127.

não ha senão o lamento de uma só pessoa, que vae alludindo a certos successos, mas que os não conta.» [1]

A *xacara*, diz tambem Garrett ser uma qualificação inteiramente portugueza; o que os hespanhoes chamam *jacara*, exprime o *gosto picaresco*, uma aproximação da nossa *chacota*. [2] A *xacara* é um cantar em que predomina a fórma dramatica, segundo nos auctorisa o polygrapho D. Francisco Manuel de Mello: «e começaram logo um *dialogo* em verso á maneira de *xacara*.» [3] Garrett, continua: «A *xacara* é toda *dramatica;* o poeta fala pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores, que apenas indica, e nem sempre claramente.» [4] Tudo o que fica dito sobre a *xacara* é de mera phantasia; não se póde tocar a verdade sem conhecer o que realmente esta fórma poetica era. Encontram-se bastantes em Quevedo. Em arabe, *xaçara* significa burla; e é propria das aventuras dos *xaques*, ou giriantas, que n'ella empregavam as palavras de *argot* ou *germania*, com que se fazem entender nas suas emprezas. Da classe social que usava este genero, os *xaques* ou gitanos, veiu pois a denominação de *xacara* ou *xacarandina*. O commentador de Quevedo diz que esta fórma poetica cahira em desuso pela sua origem desprezivel; foi Quevedo que lhe deu

(1) Romanceiro, t. I.
(2) Romanceiro, t. II. not. *e*.
(3) Citado em vista do *Panorama*.
(4) Romanceiro, t, II, p. 122.

uma cultura litteraria, e a fez novamente vulgar no seculo XVII. A *xacara* de Escarraman foi uma das mais conhecidas e imitadas; em Portugal foi ella conhecida, e no *Index Expurgatorio* de 1624, prohibe-se a leitura da *xacara* de Escarraman parodiada ao divino. A *maneira de xacara*, a que se refere D. Francisco Manuel de Mello, não dá a entender que fosse esta fórma realmente dramatica. Em Quevedo encontram-se as *xacaras* sempre no modo epistolar; d'aqui veiu o erro de a julgarem dramatica, e principalmente mourisca, pela origem etymologica. A *xacara* popular chega a confundir-se com o *rimance;* é narrativa, mas sem caracter cavalheiresco.

No fragmento do romance de Ayres Telles de Menezes, apparecem indicadas outras fórmas poeticas, quando descreve as festas pelo casamento do principe D. Affonso:

Depois ledos tangedores,
Aa vinda da princeza,
Fizeram fortes rumores,
Espanto da natureza;
Barcas e *loas* fizeram
E outras representações.
Que a todos grão prazer deram,
Conforme suas tenções.

As *barcas* ou *barcarollas* seriam talvez, como suppõe Garrett, pelo gosto das *barcarollas* venezianas, a nossa cantiga maritima? Na tragicomedia de Gil Vi-

cente intitulada *Nau de Amores*, representada diante de D. João III, em 1527 na vinda da rainha D. Catherina, ha alguns vestigios da canção maritima. Em uma rubrica em que Gil Vicente nos revela o estado do do desenvolvimento scenico do nosso theatro, diz: «Foi posta no serão onde esta obra se representou, uma nau da grandura de um batel, apparelhada de todo o necessario para navegar, e os fidalgos do principe tiraram suas capas e gibões e ficaram em calções e gibões de brocado, como carafates; os quaes começaram a carafetar a nau com escropos e maçanetas douradas, que para isso levavam, ao som d'esta cantiga:

«Muy serena está la mar,
Á los remos, remadores,
Esta es la nave de amores.
Al compas que las sirenas
Cantarán nuevos cantares,
Remareis com tristes penas
Vuesos remos de pesares;
Terneis suspiros a pares,
Y a paros los dolores
Esta és la nave de amores.
Y remando atormentados
Hallareis otras tormentas,
Y desastradas afrentas;
Terneis la vida contentas
Con las dolores mayores,
Esta es la nave de amores.»

De remar y trabajar
Llevareis el cuerpo muerto,
Y al cabo del navegar
Se empieza á perder el puerto,
Aunque el mal sea cierto,
Á los remos, remadores,
Esta es la nave de amores.» [1]

A *lôa* tornou-se o prologo da comedia antiga na sua fórma mais rudimentar, com que o actor vem collocar a acção, prender as attenções impacientes, louvar o publico para que seja benigno. O termo popular é *deitar a lôa*, especie de bando da festa, que se proclamava do alto do tablado em que se iam fazer as figurações scenicas. As *lôas* em volta do presepe ao *Deos menino*, eram dialogos travados entre supostos pastores ou anjos, nas noites de Natal e Reis.

A *barca* e a *lôa*, pelo que citámos do romance de Ayres Telles de Menezes, eram ambas representaveis. O mesmo confirma o extracto da tragicomedia de Gil Vicente, com respeito á *barcarolla*.

O *dizer* é uma fórma poetica popular, um tanto sarcastica e jovial, o epigramma rude, que vae pelo bom senso descobrindo o ridiculo das coisas; do sentido que entre nós se liga ao *dizidor*, e como o encontramos bem caracterisado na pessoa de Antonio Ri-

(1) Obras, t. II, p 303. Outras *barcarollas* se encontram nas Côrtes de Jupiter, Dom Duardos, Barca do Inferno, etc.

beiro Chiado, concluimos o que avançámos. O marquez de Santilhana, na sua carta ao Condestavel, fala das «Cantigas serranas, e *dicires* portuguezes.» De Gonzales de Castro diz na citada carta, que era «Gran *decidor*.» Estes versos de Denys Pyram:

> Li rey, li prince e li courtur,
> Court, baruni e vavasur,
> Ayment cuntes, chanceurs e fables,
> E *los diz*, que son delitables, [1]

mostram a graça d'esta fórma popular. As designações que se encontram são *Dictie, Dict, Dit, Dities*, e M. Du Méril as deriva da palavra allemã *Dichten*, posto que raramente appareça nos monumentos anteriores ao seculo XIV. Na *Ordonnance* de police du 14 septembre, 1395, se lê: «Nous defendons à tous *dicteurs*, faiseur de *dits* e de chançons, et a tous autres menestries de bouche et recordeurs de *ditz*, etc.» em que estas distincções parecem provir das differentes especies de jograes. Os jograes eram como os Homerides; acompanhavam o trovador, repetindo-lhe e cantando as poesias, dando-lhe acção pela mimica. Dividiam-se os jograes em *violars* ou tocadores de

(1) Ap. Turner, History, t. IV, p. 263.—Poesie Scandinave, p. 290, not.

viola, os *juglares* ou tocadores de flauta, os *mimars* e *comics*, que representavam. [1]

O trovador canta desinteressadamente, pelo seu amor; é elle que o exalta. O jogral repete somente o que ouve, para receber dinheiro. Assim havia uma differença profunda entre os trovadores e os jograes, porque o canto, como diz Giraud, tambem trovador, vale com os motivos que o inspiram. A *Ordonnance de Police* fala dos jograes *recordeurs de ditz*, que lhes accommodam o canto. O *Ditz*, como o encontramos na poesia provençal, era uma subtileza de amor, um requinte quasi incomprehensivel, como se diz de Giraud de Borneil: «Per que fo apellatz maestre dels trovadors, e es ancar per totz aquels que ben entendon *subtils ditz*...» [2] Esta graça finissima, *subtil*, repetida nas praças pelos jograes, fóra da occasião que a provocara, tornava-se grosseira, mordente, e assim chegou a implantar-se no povo.

O proverbio ou rifão popular tem sempre uma fórma poetica, com certa assonancia; as regras praticas da vida, os conselhos da agricultnra, descobertos e confirmados pela experiencia, gravam-se na memoria, como uma sciencia hereditaria, pela harmonia do rythmo; succede o mesmo com as regras de direito, pela musica da aliteração e tautologia. A *pare-*

(1) Hist. Litteraire de la France, t. IX, seculo XII.
(2) Rayn. v. 166.—Van Bemel, Poesie Provençal, p. 245.

lha, o *tercetto,* a *quintilha,* sem metro determinado, são as fórmas da poesia aphoristica:

Vento e ventura,
Tem pouca dura.

Faze da noite noite,
E do dia dia,
Viverás com alegria.

Nem erva no trigo,
Nem suspeita no amigo.

Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma canção.

É o que na poesia popular se chama *dictado,* invocado tantas vezes e a proposito de tudo, com a auctoridade que o tempo lhe conferiu. Encontra-se esta designação na poesia provençal, de Giraut Riquier:

Yen trobera plazer
E delieg en *dictar,*
En volgra esforçar

De far bels dictamens...
Troban los bels *dictats*. [1]

A *trova* é uma denominação complexa; encontra-se usualmente designando esta grande e riquissima mina de poesia popular, as prophecias nacionaes, que se formaram como um ideal messianico e se espalharam no tempo em que era preciso uma esperança energica para resistir a uma crise desoladora. Os prophetas entre o nosso povo são muitos; Bandarra é o typo commum; os seus sonhos são intitulados *trovas*, e é um nome philosophicamente verdadeiro, porque *trouver*, *trovare* significa achar.

O *Fado*, como a xacara moderna, em que a acção senão tira da vida heroica, é uma narração detalhada e plangente dos successos vulgares, que entretecem o existir das classes mais baixas da sociedade. Ha o *fado do marujo*, da *Severa*, do *Soldado*, e o do *Degradado* que se despede das *moças da vida*. Tem o *fado* a continuidade do *descante*, seguindo fielmente uma longa narrativa, entremeada de conceitos grosseiros e preceitos de moralidade com uma fórma dolorosa, observação profunda na descripção dos feitos, graça despretenciosa, com uma monotonia de metro e de canto, que infunde pesar, principalmente na mudez ou no ruido da noite, quando os sons sáem confusos do fundo das espeluncas, ou misturados com

(1) Apud Diez, *der Poesie Trobadours*, p. 40.

os risos dos lupanares. O rythmo do canto é notado com o bater do pé e com desenvoltos requebros; a dança e a poesia auxiliam-se no que se chama *bater o fado*. Dos caracteres que temos apontado, principalmente do narrativo, é que vem o nome a esta fórma, de *Fado* ou *facto*; a canção de *gesta* da edade media, acompanhando as transformações sociaes tornou-se o *Fado* moderno. Da côr sensivel de fatalidade, que ha na poesia do povo, pareceria talvez provir o nome á fórma que mais se inspira d'esse sentimento. É uma analogia falsa. Chama-se *fadista* ao vagabundo nocturno que anda modulando essas cantigas; nome que vem do velho francez *Fatiste*, poeta, que Edelestand du Méril pretende que tivesse vindo do islandez *fata*, vestir, em vez do grego *phatisein*, que suppõe tradição erudita de mais para se tornar popular. [1]

V

A poesia popular apresenta differentes caracteres de provincia para provincia. No Algarve as encantadas e os contos mouriscos, inspiram-se de um certo maravilhoso, que no Minho vae colorir principal-

(1) Du Méril, Histoire de la Poesie Scandinave, pag. 290, nota 1.

mente os cantos religiosos de hospitalidade, os milagres e as lendas dos santos.

Em quasi todas as povoações da fronteira vogam romances de origem hespanhola. Mas a differença principal que temos observado está no modo de contar; os romances que recolhemos da tradição oral, e que já andam na lição de Garrett, são menos dramaticos, mais concisos, limitados ao essencial da acção, e nada descriptivos nas versões recentes.

Segundo Caselli, nos *Cantos populares da Italia*, «a Toscana tem mais delicadeza e doçura nos seus cantos; em Roma mais brilho e magestade na fórma; em Napoles mais desenfado; na Sicilia uma graça mais antiga; em Veneza mais abandono e branda voluptuosidade, comtudo têm o mesmo objecto (rime d'amore, dolci et leggiadre) e as mesmas qualidades de simplicidade verdadeira e de harmoniosos acenctos.» [1]

Nada mais difficil de caracterisar. Circumstancias quasi imperceptiveis influem, como um corpusculo no campo do microscopio. Uma velha, santa alma, que me abriu os seus thesouros da tradição, um tanto esquecida já, contava os romances com uma fórma breve; as cantigas soltas recolhidas da bocca das mulheres têm um colorido muito distincto, que varía segundo as profissões de quem as recita. O unico modo de caracterisar a poesia popular é pela musica

(1) Chants popalaires de l'Italie, p. 7.

com que é cantada; n'isto parece fundarem-se as asserções de Caselli.

Na poesia popular as composições mais extensas, ou rimances, são apenas resadas; quasi sempre entre o povo a poesia e a musica não se separam, o repentista improvisa cantando. A redondilha octosyllabica é de todos os metros o mais frequente, porque nunca sae fóra do compasso pela adjuncção das *neumas;* a musa popular não conhece metrificação mais natural. O verso *trissyllabo* e *endecasyllabo* são defeituosos despidos do canto; o seu uso denota quasi sempre origem litteraria na canção. Os romances em endecasyllabos ou em *endexas* inteiramente populares são raros; encontramos apenas o de *Ṣanta Iria,* o *Cego* e a *Linda Pastora.*

O *epitheto,* a palavra que pinta, é o processo artistico que dá energia ao estyllo; o grande segredo e a sublimidade da poesia popular está na ignorancia do que canta se elevar pela verdade do sentimento ao mesmo vigor, movimento e colorido sem se servir d'estas amplificações rhetoricas, que desnaturam quasi sempre a dicção. Nas mil cantigas soltas que temos recolhido, cada qual mais sublime pela imagem inesperada ou pela graça ingenua e nativa, apenas temos encontrado como *epithetos* as palavras *lindo, bello, fino* e *triste,* como côres geraes e typicas que apparecem continuamente. E' este um dos caracteristicos da poesia popular em todos os tempos; na poesia dos homerides, Juno é sempre a deusa *de olhos de boi,* Minerva *a de olhos verdes,* e se-

gundo a opinião profunda de Du Méril, a presistencia de Virgilio em chamar incessantemente no seu poema *pius Eneas* e *divus Anchises*, denota a existencia de tradições populares sobre as origens troyanas. [1]

O que mais se admira na poesia do povo, á medida que se penetra n'este mysterio de creação espontanea, é, sobre tudo, a grande verdade. Sempre o principio eterno de Vico: *Homo non intelligendo fit omnia*. As metaphoras, com que elle dá a sua alma ás coisas inanimadas, com que as assimilla a si para exprimir tudo o que sente, mesmo o mais espiritual traduzido pelas imagens mais concretas, são uma fatalidade das faculdades poeticas que se envolvem na ignorancia creadora. [2] O povo tira as *imagens* dos phenomenos que mais lhe ferem os sentidos; como na primitiva poesia da India, o sol e as estrellas têm uma animação igual á sua, amam do mesmo modo, por isso se comprehendem:

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando sol promette á lua,
Que fará quem tem amores!

(1) Poesies populaires latines anterieures au XII siècle, pag. 8, nota 6.

(2) Desenvolvido no meu livro da *Poesia do Direito*, onde se trata das cathegorias symbolicas, cap. v, pag. 49.—Vico, Scienza Nuova, lib. II, Coroll. sobre os tropos e transformações etc.

Ha aqui a fatalidade do genio oriental, aquella imaginação e pantheismo que caracterisa a grande raça indo-europêa a que pertencemos:

Á tua porta menina
Dei um ai que nunca déra;
Recolheram-se as estrellas,
Saiu o sol á janella.

As estrellas pequeninas
Fazem o céo bem composto,
Assim são os signaes pretos
Menina n'esse teu rosto.

As flores, os rios, os fructos dos campos, tomam parte n'esta effusão de amor; com elles povôa o mundo de sentimentos que se expandem na sua alma. As flores são a eloquencia muda, já que a linguagem não exprime as cambiantes mais intimas das emoções; é o lyrismo védico servindo-se do *Salem*.

As *imagens* são frequentissimas na poesia do povo, não como luxo, nem com a novidade procurada dos poetas eruditos; a simplicidade d'ellas, tiradas dos proprios factos da vida, é que lhes dá a graça inesperada, a sublimidade, o colorido; o povo usa-as sempre como symbolos, e é por isso que algumas tem o arrojo de quem se não sacrifica á eurythmia da arte, porque a não conhece. Cada vez, me convenço que a poesia popular só póde ser comprehendida por uma grande aspiração á verdade.

O *descante* é a cantiga continuada sobre o mesmo sentimento; serve-se quasi sempre de um *estribilho* e imagem unica nas emoções differentes. É mais do improviso, propria das romarias, dos desafios ou desgarrada e das serenadas. A *cantiga* é essencialmente destacada, a nada se prende; tem ordinariamente um ar frivolo, tirando as imagens dos objectos que cercam o improvisador; muitas vezes não tem sentido, nem conceito; as rimas ou *toantes* são como uma musica da palavra para acompanhar o scismar descuidado, ou suavisar a fadiga do trabalho. As melhores cantigas, que perderam já o caracter de individualidade e pertencem a todos os que as repetem, exprimem sempre um sentimento vivo, luminoso, realisado em uma fórma feliz. A *quadra* é ao que modernamente se chama *distico*, allusiva e picante, mas sobretudo melancholica. -A *canção* differe da cantiga em ser mais individual; o povo só a faz sua collaborando n'ella por meio da *variante*, com que a vae transformando até exprimir a generalidade do que sente; nem sempre é em redondilha menor, ou no octosyllabo espontaneo, esse verso por assim dizer falado, accentuado pelo rythmo da respiração; muitas vezes tem um metro procurado, não indicado pelo canto, mas só por certo conhecimento da prosodia da lingua, e tanto que as strophes fogem da simplicidade da quadra.

Resta-nos falar dos improvisadores. É principalmente entre o povo que apparecem naturezas privilegiadas em quem a *idéa* e a *expressão* se harmonisam

de tal fórma, se coadjuvam, se completam, que suspendem de pasmo quem os escuta. As circumstancias do clima e de raça influem sobre este facto do espirito. Quem se não sentirá poeta contemplando o bello céo de Italia, o luar melancholico e saudoso da Peninsula? É no Meio Dia que pullulam mais improvisadores; n'esses cantares, metrificados pela cadencia musical, inspirados pelas contrariedades dos amores, pela fatalidade da miseria afogada no enthusiasmo bacchico, se encontra um elemento humoristico, o dito aceradó de ironia, instantaneo, lucido, sacrificando quasi sempre a um gracejo o sentimento mais puro da alma. Em todos os improvisadores predomina o caracter agressivo; os melhores lampejos do genio de Bocage são os seus repentes, as quadras mordazes; a musa popular o inspirava n'esses instantes. O Lobo da Madragoa sacrificava a gratidão, o interesse proprio, o amigo mais devotado, a um chasco feliz de conceito. O repentista tem a ignorancia creadora, a não consciencia dos sentimentos que o transportam. A quadra é tambem a fórma mais facil e prompta. A improvisação é o momento da genese intellectual em que os sentidos prestam menos elementos á idéa; é um estado de passividade, como nos phenomenos psychicos do extasis. A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida.

CAPITULO III

I — Do maravilhoso e crenças populares da edade media portugueza — O Diabo principal creação da edade media — A feiticeria — Caracter popular dos Autos de Gil Vicente — Orações de esconjuro — Origens germanicas de algumas superstições portuguezas — Os lobishomens.

II — Formação do maravilhoso popular — Culto da infancia na poesia do povo — Os cegos cantores — Elemento celtico.

III — Lenda popular da hospitalidade — O genio celtico e o ideal da pobreza nos povos do Meio Dia.

IV — Do maravilhoso na poesia dos mares — Fragmentos da Historia Tragico-maritima — O Santelmo — Os romances mouriscos do seculo XVII — Influencia do «Cancioneiro de Romances de Anvers» na poesia popular portugueza.

TODA a importancia da poesia popular está mais na verdade do sentimento, do que na fórma que o exprime; quasi sempre rude, incompleta, sem reflexão, é de tal modo espontanea, que o sentimento se deixa ver na plenitude do esplendor, sem que a fórma amaneirada lhe acanhe a naturalidade. O homem que mais profundamente estudou a poesia popular, Jacob Grimm, ao cabo de annos consummidos na investigação d'esses thesouros escondidos, diz com a segurança de uma erudição inabalavel: «Podemos affirmar que nas tradições e cantos do povo

ainda não encontrámos uma unica mentira; o povo respeita-os bastante para os conservar como elles são, e taes como os sabe.» Esta *verdade* sublime temol-a encontrado na essencia da poesia popular. O maravilhoso, resultado de uma ignorancia creadora, que levou Vico a proclamar—*homo non intelligendo fit omnia*, é só verdadeiro na poesia do povo; elle dá a sua vida a todo o universo, sente com a natureza, ama-a, fala-lhe, não conhece impossivel, tudo se faz pela intervenção de uma phantasia viva. O maravilhoso é a maior verdade da poesia popular. Nos poemas eruditos, nas poeticas aristotelicas, que estabelecem as regras para intervenção do maravilhoso, o *Deus ex machina* é uma falsidade inepta e ridicula, ficções sem alma, ôcas de sentido, personificações allegoricas das virtudes moraes, que só têm o valor de agentes suporiferos. Na poesia popular portugueza, encontrâmos o maravilhoso na vida intima, nos costumes, nas tradições, na vida aventureira dos mares, nas prophecias nacionaes em que se canta o nosso ideal messianico, e sobre tudo, a par da immensa verdade d'estas creações, o maravilhoso é a revelação do genio celtico do nosso povo. Interroguemos os factos.

I

Uma postura da camara municipal de Lisboa, de 1385, expõe circumstanciadamente muitos casos do

maravilhoso popular: «Os sobredictos estabelecem e ordenam, que d'aqui em diante, nesta cidade, nem em seu termo nenhuma pessoa não use, nem obre feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem de descantações, nem de obra de viadeira, nem obre de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem de encantamentos, nem lance roda, nem lance sortes, nem obre de adivinhamentos... nem outrosim ponha nem meça cinta, nem escante olhado em ninguem, nem lance agua por joeira....

«Outrosim estabelecem que daqui em diante nesta cidade e em seu termo não se *cantem janeiras*, nem *maias*, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance cal ás portas sob titulo de janeiro, nem se furtem aguas, nem se lancem sortes....»

«Porque o carpir e depenar sobre os finados é costume que descende dos gentios, e é uma especie de idolatria, e é contra os mandamentos de Deus, ordenam e estabelecem os sobredictos, que daqui em diante nesta cidade, nenhum homem ou mulher, não se carpa, nem depene, nem brade sobre algum finado, nem por elle, ainda que seja pae, mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, marido ou mulher, nem por outra nenhuma pena, nem nojo, não tolhendo a qualquer, que não traga seu dó, e chore, se quizer...» [1]

(1) Sobre as superstições populares portuguezas, ver as — *Reflexões historicas* de J. P. Ribeiro, t. I, N.º 11; a *Ordenação*, l. V, tit. 3, 4 e 5; *Accordam da Camara de Lisboa* nas Memorias de

No tempo de D. João I, em 1403, se estabeleceu uma lei contra os feiticeiros: «Não seja nenhum tão ousado, que por buscar oiro ou prata ou outro haver, lance varas, nem faça circo, nem veja em espelho ou em outras partes.» Os thesouros enterrados, cantados na poesia do norte, deslumbraram tambem a imaginação do nosso povo. Na constituição I, titulo 25, das *Constituições do bispado de Evora,* se encontra uma exposição curiosissima d'estas praticas supersticiosas, que formam o maravilhoso popular:

«Deffendemos que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja, tome de logar sagrado, ou não sagrado, pedra d'ara, ou corporaes, ou parte de cada uma d'ellas, ou qualquer outra cousa sagrada; nem invoque diabolicos espiritos, em circulo ou fóra d'elle, ou em encruzilhadas; nem dê a alguma pessoa a comer ou beber qualquer cousa, para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle; nem lance sortes para adivinhar, nem varas para achar haver; nem veja em agua, ou crystal, ou espelho, ou em espada, ou em outra qualquer cousa luzente, nem em espadua de carneiro; nem faça, para adivinhar, figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra cousa; nem trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto, ou de qualquer outra alimaria; nem traga comsigo dente, nem baraço de enfor-

D. João I, por J. Soares da Silva, t. IV, pag. 359, n.º 37; e o sr. A. Herculano, *Panorama*, vol. IV, pag. 138.

cado, nem façam com as dictas cousas, ou cada uma d'ellas, nem com outra alguma similhante, posto que aqui não seja nomeada, especie alguma de feiticeria, ou para adivinhar, ou para fazer damno ou proveito a alguma pessoa; nem façam cousa para que uma pessoa queira bem ou mal a outrem; nem para ligar homem ou mulher, etc.

«Outrosim deffendemos que nenhuma pessoa passe doente por silva ou machieiro, ou por baixo do trovisco, ou por lameiro virgem; nem benzam com espada que matasse homem ou que passasse o Douro e o Minho tres vezes; nem cortem solas em figueira baforeira; nem cortem sobro em limiar da porta; nem tenham cabeças de saudadores encastoadas em oiro ou em prata, ou em outras cousas; nem apregôem os demoninhados; nem levem as imagens de alguns sanctos a cerca de agua, fingindo que as querem lançar em ella, e tomando fiadores, que se até certo tempo lhes não der agua, ou outra cousa que pedem, que lançarão a dicta imagem na agua; nem revolvam penedos e os lancem na agua para haver chuva; nem lancem joeira; nem dêem a comer bolo para saberem parte de algum furto; nem tenham mendraculas em sua casa, com tenção de haverem graças ou ganharem com ellas; nem passem agua por cabeça de cão, para conseguir algum proveito; nem digam cousa alguma do que é por vir, mostrando que lhe foi revelado por Deos, ou algum sancto, ou visão, ou em sonho, ou por qualquer outra maneira; nem benzam com palavras ignotas, e não entendidas, nem appro-

vadas pela egreja; ou com cutellos de tachas pretas, ou d'outra qualquer cor, nem por cintos e ourellos, ou por qualquer outro modo não honesto; nem façam camisas fiadas e tecidas em um dia, nem as vistam, nem usem de alguma arte de feiticeria.» [1]

Gil Vicente, o mais popular dos nossos poetas, que por si, e pelos monumentos que nos conservou, vale bem por todos os Cancioneiros que possuimos, apresenta com aquella grande intuição da vida, que tem sempre o poeta dramatico, o *crer* e o *sentir* da sociedade portugueza. A vida do povo e os seus sentimentos eram desprezados, nunca estudados, do mesmo modo que eram excluidos da chronica official, adscripta unicamente ás ephemerides da corte, como a escrevia Garcia de Rezende.

No *Auto das Fadas* introduz Gil Vicente em um dos serões da corte uma feiticeira, que com o imimmenso e curioso ritual diabolico faz esquecer as coplas eroticas e amorosas dos galanteadores do paço, que andam hoje no *Cancioneiro Geral*. Creio que os ensalmos e orações de esconjuro eram recolhidos por Gil Vicente nas suas relações com as camadas inferiores da sociedade. Eis uma amostra; é a oração, que diz a feiticeira, quando entra no paço e traz comsigo um alguidar e um sacco preto com os feitiços, os quaes começa a fazer, dizendo:

(1) *Constituições do bispado de Evora*, impressas em Lisboa em 1534: Dos feiticeiros, benzedores e agoureiros.

«Alguidar, alguidar,
Que feito foste ao luar,
Debaixo das sette estrellas
Com cuspinhos de donzellas
Te mandei eu amassar;
Ó cuspinhos preciosos,
De beiços tão preciosos
Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas fadas
Nas encruzilhadas.
Este caminho vae para lá,
Est'outro atravessa cá;
Vós no meio, alguidar,
Que aqui cruz não hade estar.
Embora esteis, encruzilhada,
Perequi entrou, perelí sahiu,
Bem venhades dona honrada
Vae a estrada pola estrada.
Benta é a gata que pariu
Gato negro, negro é o gato.
Bode negro anda no mato,
Negro he o corvo e negro he o pez,
Negro he o rei do enxadrez,
Negra he a vira do sapato,
Negro he o sacco que eu desato.
Isto he forçura de sapo,
Que está neste guardanapo.
Eis aqui mama de porca,
Babas de bode furtado,

Fel de morto excommungado,
Seixinhas do pé da forca;
Bolo de trigo alqueivado
Com dois ratos no meu lar,
Por minha mão semeado,
Colhido, moído, amassado
Nas costas do alguidar.
Achegade-vos a mim:
Que papades me ch'rubim?
Escumas de demoninhado.
Quem vol-as deu?
Deivol-as eu.
Fel de morto meu conforto,
Bolo cornudo vós sabedes tudo,
Bico de pêgo, aza de morcego,
Bafo de drago, tudo vos trago.
Eu não juro nem esconjuro,
Mas gallo negro suro
Cantou no meu monturo.
E ditas as santas palavras,
Eil-o Demo vae, eil-o Demo vem
Co'as bragas dependuradas.»

Depois apparece á evocação tremenda um diabo falando em lingua picarda. Esta oração de esconjuro parece recolhida por Gil Vicente da credulidade popular, e revestida de uma fórma um tanto artistica; pelo menos, a hypothese não é sem fundamento; basta vêr as prescrições citadas das Constituições do bispado de Evora, como vêm n'um longo kyrie na parlenda

da bruxa visinha de João Tara. Entre os autos e comedias, principalmente na *Rubena,* apparece outra feiticeira, com esconjurações novas; o Diabo, este grande typo da creação popular, tão temido, tão escarnenido, apresentado á luz, capripede e grotesco, morto ás risadas da boa tolerancia do nosso tempo, é um personagem forçado das suas peças, como era na meia edade. *Ubique daemon!* Os autos de Gil Vicente são um thesouro inexgotavel da poesia primitiva; cumpre porém notar que a nossa edade-media se estendeu além do seculo XVI. [1]

(1) Os *Ensalmos* pertencem tambem á poesia popular de Hespanha. Eis o que a este proposito se lê nas notas de M. Germond de la Vigne, sobre o *Don Pablo de Segovia*, p. 384:

«A sciencia dos *Ensalmos*, ou orações, era uma sciencia importante na qual se graduavam todos os esfarrapados e mendigos, e em que os cegos eram os mais celebres adeptos. Havia orações para todos os males, para todas as affecções, cujo successo era infallivel com tanto que fossem recitadas com compunção, e com uma voz grave e pausada. A oração a Santa Apolonia, era entre todas, de uma poderosa efficacidade, e dissipava n'um instante as dores de dentes mais obstinadas. O entendido bacharel Sanson Carasco aconselhou-a á governante de Don Quichote, e *Celestina* levando uma mensagem de amor, introduziu-se em casa de uma donzella, a pretexto de lhe pedir uma copia. O cego que educou o Lazarillo de Tormes, era uma collecção viva de *Ensalmos*, e sabia cento e tantos. Finalmente Pedro de Urdelamas, heroe de uma comedia de Cervantes, dizia, passando em revista os mais celebres:

As Constitulções citadas do bispado de Evora defendem o *fazer camizas fiadas e tecidas em um dia e o vestil-as;* parece o mesmo que aquella superstição germanica da *camisa de soccorro,* que tem o nome de *Nothhende:* «Indumentum quoddam lineum; factum in

Sé la del anima sola;
Sé la de san Pancracio;
La de san Quirce y Acacio;
Sé la de los sabaſiones (frieiras)
La de curar tiricia
Y resolver lamparones. (alporcas)

Eis a celebrada *oração de Santa Apolonia,* publicada na traducção da comedia de *Celestina,* p. 88, nota:

A la porta del Cielo
Polonia estaba:
Y la Virgen Maria
Alli pasaba.
—Diz, Polonia, que haces?
Duermes, o velas?
«Señora mia, ni duermo, ni velo,
Que de un dolor de muelas
Me estoy muriendo.
—Por la estrella de Venus
Y el sol poniente
Por el santissimo sacramento
Que tuvo en mi vientre
Que no te duela mas ni muela ni diente.

Vid. sobre este ponto a Histoire de la litterature de colportage de Charles Nizard, t. II, cap. IX.

indusii formam, quod germanice vocant Nothhemdi, i. e. *indusiam necessitatis*. Eo quicumque amictus esset, invulnerabilis reddebatur, neque illi obesse poterat vel ferrum, vel gladius aliudve telum, vel glans plumbea tormentis emissa. Neque solum prodesse militibus credebatur, sed parturientium utero applicatum dolores sedebat, et partum facilem procurabat. Id nebatur et consuebatur a virginibus impollutis nocte natalis Christi hoc modo: etc.» Lessing não quiz com repugnancia apresentar o processo, quando recolheu este fragmento de Boissard *De Divinatione*. [1]

Não só pela oração de esconjuro que traz Gil Vicente se deprehende, que os *ensalmos* formavam uma grande parte da poesia popular portugueza; no *Index expurgatorio*, publicado em Portugal em 1624, se prohibem tambem a *Oração de S. Christovam*, e a de *S. Cypriano*. A *Oração do Conde*, que o Index condemna, é por certo alguma das cantigas com que o povo pedia milagres ao Condestavel Nun'alves, dançando em volta da sua sepultura, no convento do Carmo. O Index prohibe mais a *Oração da Emparedada, da Emperatriz, de Sam Leão Papa, de Santa Martinha*, e a *Oração do Testamento de Jesu Christo*, [2] que se perderam totalmente na tradição oral. O que estas

(1) Lessing, Kollectaneum zur Litteratur.

(2) Index Auctorum damnatae memoriae, por D. Fernando Martins de Mascaranhas, Inquisidor geral. — Lisboa, por Pedro Craesbek, p. 165.

orações eram nol-o diz o mesmo Index: «Tratados ou Orações, ou para melhor dizer, Superstições, que promettem a quem as fizer, ou mandar fazer, que alcançarão o que pedirem, como privança, grande vingança de inimigos, vencimento de demandas, etc. Ou que escaparão de todo o perigo ou cousa similhante.» [1] Os *ensalmos* são communs aos povos do Meio-Dia da Europa.

Em o nosso direito consuetudinario, como no maravilhoso, são muitas as origens germanicas, para se julgarem casuaes as analogias que tem o povo nas suas tradições. Estas coincidencias são filhas quasi sempre de uma intuição profunda da vida, que fez com que Vico, no arrojo da sua synthese, julgasse a humanidade infallivel. É assim que os povos têm presentido as fórmas com que a humanidade ha realisado, desde a primeira hora de sua genese, todos os grandes sentimentos. É em que consiste a verdadeira infallibilidade. Na canção da *Engeitada,* do Algarve, ella canta:

Não conheço pae, nem mãe,
Nem n'esta terra parentes;
Sou *filha das* pobres *hervas,*
Neta das *aguas correntes.*

A poesia do direito do norte veiu como as bafa-

(1) Index, pag. 184.

gens, que fazem vibrar a harpa eólia distante; a pobre *filha das hervas* tem a mesma condição que o *filho da floresta,* e o *champi* no direito francez. [1] Adoptaram-n'a as *aguas correntes,* como as crianças abandonadas ás margens dos rios, que depois foram Moysés e Romulo. O genio oriental apparece frequentemente na nossa poesia popular; adoptava-se uma crença fazendo uma *libação d'agua* áquelle que não tinha filhos. [2] O nome da mãe de Romulo, Ilia ou Rhea, significa conjunctamente *per sylvam fluit, per valles sinuantur;* commentando Horacio, Porphirion fala do casamento de Ilia com o rio Tibre, onde fôra precipitada. [3] Ilia, a mãe do abandonado Romulo, significa em grego a *floresta.* Estas coincidencias profundas, causadas pela fatalidade de nossas faculdades poeticas, explicam uma grande parte do maravilhoso popular.

No maravilhoso da imaginação popular encontram-se as *almas penadas* e os *lobishomens e encantadas.* As encantadas vivem escondidas nas fontes, nas grutas, e guardam thesouros perdidos; são quasi sempre mouras, e os thesouros enterrados ligam-se-lhe como um resultado das invasões sarracenas, que sa-

(1) Vid. as Origens poeticas do direito portuguez, na *Poesia do Direito,* pag. 165.

(2) Manu, pag. 342, § 168, tradução de Loiseleur Deslongchamps, 1833.

(3) Edelestand du Méril, Poésies populaires latines antérieures au XII siècle, pag. 6, not. 2 e 3.

queavam as cidades. As *almas penadas* provêm da superstição de que, não se cumprindo uma ultima vontade, ellas andam afflictas á espera que lh'a satisfaçam. Segundo a tradição, contam os nossos chronistas que Dom Pedro I, o crú, se alevantou do feretro, para vir confessar um peccado que lhe esquecera. Os *lobishomens* cumprem o fadario em certos dias, de andarem divagando transformados n'uma alimaria; logo que lhe fazem sangue tornam á sua fórma humana, de que estavam privados. Esta superstição é de origem scandinavo-teutonica; deu-lhe talvez nascimento a antiga pénalidade heroica do banido, comparado ao lobo nocturno, *wargus*. Na Lei Ripuaria se lê: «Wargus sit, hoc est expulsus.» [1] Dos *lobishomens*, a que os francezes tambem chamam *loup-garou*, se encontra uma discripção nos *Otia Imperialia*[2]: «Vídimus frequenter in Anglia per lunationes homines in lupos mutari, quod hominum genus *Gerulfos* Galli vocant; Angli vero *Wer-wlf* dicunt: *wer* enim anglice virum sonat, *wlf* lupum.» Temos alguns signaes do vampirismo na superstição das bruxas que sugam as crianças no berço. O *pezadello* é julgado produzido por crianças que morreram sem baptismo; entre todos os povos se encontra personificada no maravilho esta afflição do que dorme; os *pilori* entre os hebreos,

(1) Lex. Rip. tit. 87.

(2) De occulis apertis post peccatum. Ap. Leibnitz, Rerum Bronswicarum Scriptores.

os *paniscos*, os *satyros* e os *ephialtes* na Grecia, os *faunos* e os *sylvanos* dos latinos, correspondem aos demonios *incubus* e *succubus* e aos sylphos da edade media. [1] O *canto do gallo* tem uma influencia, no nosso povo, sobre todas as vacações nocturnas; as feiticeiras que vão até á India em uma casquinha d'ôvo, submergem-se no meio do oceano. Os congressos nocturnos do *sabbado*, a que tambem as feiticeiras concorrem, são uma reminiscencia da antiga adoração de Holda, a lua. O absurdo das superstições não está na prática em si, mas no facto de se encontrarem entre povos que não ligam ideia alguma, ou esqueceram o valor symbolico ou mystico que a tradicção lhe trouxe. Nos romances populares portuguezes se encontram as *fadas*, que faziam o horoscopo das crianças recem-nascidas. O que ellas eram define-o um auctor anonymo do seculo XIV, que Leroux de Lincy, na introducção ao livro das *Legendas* cita: «Mon enfant, les fées ce estoient deables qui disoit que les gens estoient destinez et faes les uns à bien, les autres à mal, selon le cours du ciel ou de la nature. Comme se un enfant naissoit à tel heure ou en tel cours, il li estoit destiné qu'il seroit pendu ou qu'il seroit noié, ou qu'il epouseroit tel dame ou telez destinées, pour ce les appeloit l'eu fées, quar fée, selon le latin, vant autant comme destinée, *fatatrices vocabantur*.» [2] Esta crença

(1) Maury, *Les Fées*, pag. 90, not.
(2) Ap. Maury, Fées, p. 24.

tem um caracter mais triste, de *fatalidade*, na imaginação do povo; é a inspiração de todas as suas cantigas; esta phrase desoladora *tinha de ser* é ao mesmo tempo a sua consolação, a consolação de quem se resigna e cumpre.

II

Não ha poesia popular sem maravilhoso.

Uma das suas multiplices formações é a concretisação da metaphora em uma realidade. Vejamos um exemplo: Era frequente a comparação da virgindade da alma com a candura de uma pomba; mais tarde um agiographo materialisou a imagem, e contou como na morte de Santa Eulalia, viu-se-lhe a alma voar ao céo na apparencia d'uma pomba.

É o que diz Prudencio (hymn. IX, v. 161):

«Emicat inde columba repens;
Martyris os, nive candidior,
Visa relinquere et astra sequi:
Spiritus hic erat Eulaliæ,
Lacteolus, celer, innocuus.» [1]

(1) Ver este processo em toda a sua extenção, na terceira parte do livro de Alfred Maury, *Légendes pieuses*, pag 95.

As imagens emblematicas e symbolicas, esquecida pelo povo a significação d'ellas, dão tambem origem ás lendas. É tão usual nos nossos velhos romances este sentimento do maravilhoso, que chega até a animar a gravidade official das Chronicas. Na *Chronica de D. João I,* cita Fernão Lopes, entre os prodigios da acclamação do Mestre, o de uma criança de leite, que proclamou:

«Real, Real!
Pelo Mestre de Aviz, rei de Portugal.»

No romance do *Conde Yano,* recolhido nas provincias, a esposa do conde, que vae ser morta pelo amor que a infanta declarou a seu marido, quando dá o ultimo leite ao filhinho que tem nos braços, escuta os mysteriosos vagidos:

«Tocam os sinos na sé...
Ai Jesus, quem morreria?
Responde o filhinho ao peito,
Respondeu, que maravilha:
—Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados,
Cousa que Deos não queria.»

A adoração da innocencia, o maravilhoso das crianças é caracteristico na poesia popular.

Um facto similhante se encontra na Suissa. [1]

No seculo XVII, Loyer, no livro intitulado: *Discursos e historias dos espectros, visões e apparições de espiritos, anjos, demonios e almas*, fala da intuição prophetica dos brinquedos das crianças: «Certamente estes folguedos pueris não são destituidos de importancia; porque umas vezes vêmos os rapazes fazerem uma longa ladainha pelas ruas, como se conduzissem algum saimento: d'aqui se tira immediatamente um presagio de morte. D'outras vezes, os vereis trazerem insignias e bandeirolas, marchando em linha, divididos em pelotões e travando batalhas entre si: e muitas vezes predisseram assim as guerras. Dá-se algumas vezes o caso, que os rapazes sustentando em seus combates, uns o partido dos amigos, outros o dos inimigos quasi sempre faziam cair a sorte da perda futura da batalha sobre os do partido que tinha ficado vencido.» [2]

As sortes são ainda hoje tiradas pelas crianças.

O povo muitas vezes não sabe porque canta; narra as velhas tradições, sem saber a origem d'ellas, nem a que se referem. Os que as vão repetindo transformam-nas insensivelmente; assim a antiguidade grega chamava *cegos* aos rhapsodos.

(1) Traditions de la Suisse, par Xavier Marmier (Rev. de Paris de 1841, t. IX.)

(2) Oper. cit. pag. 418; ap. Du Puymaigre, Vieux anteurs castillans, t. II, pag. 420.

Tem-se formado uma relação mysteriosa, em quasi todos os povos, entre os *cegos* e as *tradições*, como se vê no Titurel:

So singent uns die *blinden*. [1]

e no proverbio inglez: «As *blind* as a harper,» que se encontra em Ben-Jonhson e Shakespeare. A palavra *cego* tornou-se quasi um synonimo de *poeta*. Privado de vêr o mundo exterior, o cego tinha de o formar na sua mente; assim tornava-se verdadeiramente *creador*. Il *Cieco* de Ferrara, *Cieco* d'Arezo, na Italia, Lambert *l'Aveugle* em França, têm o nome de poetas no epitheto que lhes deram. Entre nós, o poeta mais popular é Balthazar Dias, poeta cego do tempo de Dom Sebastião, auctor do *Auto de Santo Aleixo*, do *Auto de Santa Barbara*, da *Malicia das mulheres*, delicia dos sapateiros de escada e das seroadas da aldeia. Foi talvez a cegueira que lhe fez comprehender o sentimento popular. O povo canta esta cantiga:

Os cegos que nascem cegos
Passam a vida a cantar;
Eu cego que tive vista
A vida levo a chorar.

É sensivel a verdade d'esta quadra perdida da

(1) Apud Du Méril, Hist. de la Poesie Scandinave, p. 311.

bocca do vulgo. Em uma chronica monastica se lê: «Ao sahir pela porta travessa do refeitorio, tem tres pedras pequenas demarcado no chão o logar d'aquelle pobre *cego*, que se chamava Montalto, *cuja vêa nos repentes de glosar um mote difficultoso parecia admiravel.*» [1] Cada vez realça com mais verdade esta relação mysteriosa do cego com a cantiga, que o povo não ignora. A poesia popular deveu grande parte dos seus mais celebres romances ao *pliego suelto* ou *folha volante*, que andava desde o seculo XVI no pregão do cego andante; assim se vulgarisaram o romance do *Conde Alarcos*, do *Marquez de Mantua*, de *Gayferos*, do *Conde Claros de Montalvan* [2], e outros muitos que assim emigraram de Hespanha para a tradição portugueza.

Do uso do maravilhoso na poesia popular portugueza, concluiu Garrett: «Composição em que elle appareça, quasi sem exitar se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais seguramente á dos bardos e scaldos, que por essas vias se derivasse até nós.» [3] A lenda da *Nau Catherineta*, o rudimento da nossa epopéa cyclica dos mares, com o seu desfecho maravilhoso é a que no Algarve corre; ali o diabo alevanta a tempestade; na poesia da egreja temos

(1) Fr. Manuel da Esperança, Chron. Seraphica, t. I, p. 245.

(2) Duran, Romancero general, t. I, no catalogo dos *Pliegos Sueltos*.

(3) Romanceiro, t, III, p. 88.

visto como os ventos eram suscitados pelos demonios. Tambem na poesia celtica, que predomina profundamente no caracter do nosso povo, o mal tem a fórma de monstros errantes sobre os mares. [1] A versão de Lisboa não se afasta do natural como a do Algarve; os mareantes, cansados da tormenta, encontram-se á vista da terra quando se dissipa o nevoeiro. O gageiro não quer, como o diabo na versão do Algarve, a alma do commandante por premio, deseja apenas a *Nau Catherineta:*

«Que queres tu meu gageiro
Que alviçaras te hei de dar?»
—«Eu quero a *Nau Cathrineta,*
Para n'ella navegar.»
—«A *Nau Cathrineta,* amigo,
É d'El-Rei de Portugal;
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou El-Rei t'a ha de dar.»

O nó da acção constituido pelo maravilhoso, na na lição de Lisboa está substituido pelo elemento cavalheiresco do *ponto de honra.* El-Rei não ha de querer que um cavalleiro falte á sua palavra. Cumprirá a promessa? Concederá o galeão?

No romance de *Nossa Senhora dos Martyres,* o maravilhoso é como uma tradição dos claustros bre-

(1) E. Renan, Poésie des races celtiques.

tões; ha n'este romance uma certa reminiscencia do mar, que denuncía bem o genio do nosso povo: os captiveiros, a redempção pelos trinitarios, os roubos dos piratas da costa. É a lenda de um pescador a quem os piratas arrebataram. O caracter de brandura e passividade, o genio celtico do nosso povo, faz com que as lendas se encontrem muitas vezes na mesma origem. S. Patricio, o apostolo da Irlanda, foi tambem vendido pelos piratas a um régulosinho de Ulster, chamado Milha.

A lenda celtica narra todos os soffrimentos do captiveiro; fazem-n'o guardar porcos, e forçam-n'o a outros trabalhos, que vão embrutecendo o joven gallo-romano, que tinha mostrado uma precocidade admiravel. A nudez e a fome fazem-lhe chamar á sua existencia *uma vida na morte*. Um dia consegue, avisado por um sonho, evadir-se dos ferros que o algemam, e depois de se retemperar na graça divina, volta a Ulster, para trazer á luz evangelica aquelle que o escravisára. É com pouca differença o mesmo que a lenda portugueza de *Nossa Senhora dos Martyres*, cujas origens se encontram na Chronica de S. Domingos, por Frei Luiz de Sousa.

O maravilhoso na poesia popular portugueza, pelos factos que temos observado, denota sempre uma origem celtica. A lenda de Dom Sebastião, guardado na ilha Encoberta para vir fazer de Portugal o quinto imperio do mundo, tem analogias mais de casuaes com a lenda de Arthur, guardado na ilha de Avalon para vir realisar as esperanças das raças celticas.

Entre as nossas prophecias nacionaes apparece uma de Merlin ácerca de Dom Sebastião; e que é esta intervenção do bardo da Armorica, senão um vestigio da influencia celtica, o fio de Ariadne que nos póde levar a determinar no genio do povo esta genese da sua poesia?

III

Todos os sentimentos, ainda os mais profundos, que o genio do artista consegue determinar nas suas creações, acham-se latentes no coração do povo; são elles que descobrem á mente collectiva certas verdades que a philosophia custosamente entrevê em suas syntheses. São esses sentimentos que inspiram as grandes epopeas legendares, que tem por heroes Prometheu, Fausto, Ashavèrus, Hamlet e D. Juan, trabalho de seculos, de uma formação lenta, em que a humanidade vae perpetuando as evoluções continuas. O povo tem uma fórma poetica propria: é a *legenda*. A religião e a historia idealisa-as a seu modo; escreve-as nas pyramides, nos muros cyclopicos, no poema rude e na canção ligeira, com a profundidade mysteriosa e sublime da inspiração do anonymo. A linguagem é o rythmo espontaneo e o symbolismo. Ao seu crêr e sentir apropria o dogma abstracto e severo, torna-o morphico; ao Deos que se entranha nas alturas, fal-o baixar, soffrer comsigo, commuta as mesmas dores, offerece-se-lhe tambem como vi-

ctima no altar, incerto entre a piedade e o sarcasmo, como os filhos de Ugolino.

O dogma christão, exaggerado, terrivel na ascese, foi modificado pelo genio popular nos principios mais fundamentaes. Se a Egreja manda que a alma se despoje dos sentimentos de sua individualidade, que o corpo, considerado como o carcere d'ella, seja macerado na lucta constante da carne com o espirito, toda esta desharmonia é esquecida por um bem ineffavel. Assim o amor de Jesus faz abençoar o peccado de Eva, porque d'elle nos proveio um tal redemptor. Oh feliz dia o da culpa:

O certe necessarium Adae peccatum,
Quod Christi morte deletum est!
O *felix culpa*, quae talem ac tantum
Meruit habere redemptorem.

Como a bondade popular triumphava com a verdade do sentimento da austeridade dogmatica! No dualismo christão por vezes se exprimiu a supremacia do mal. «Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos.» Porém o sentimento mystico ideou a syndherese, a aspiração incessante do bem. Dil-o Prudencio em um dos seus hymnos, *Ante somnum:*

Idem tamen benignus
Ultor retundit iram,
Paucosque non piorum
Patitur perire in aevum.

A revolução que o apparecimento do christianismo produziu no mundo, a egualdade do homem, a dignidade do trabalho, a apotheose da mulher pelo ideal da Virgem, o amor universal, a aspiração continua para o alto, toda esta actividade do espirito, perpetuou-a o povo no poema gigante e não escripto de Ashaverus. E' a revelação do sentido recondito do — caminhar, caminhar! A humanidade retratou-se no Judeu errante. E desde que Ashaverus encetou a jornada interminavel, para de logo as instituições sociaes se multiplicaram, as relações se foram estabelecendo, travou-se a lucta das escholas philosophicas, os cruzados alevantaram-se inspirados pela fé, a cavalleria andante floreou com galhardia. Encontram-se as grandes individualidades heroicas. A importancia dos Santos, tomando no culto uma parte mais extensa do que a Trindade, prova a individualidade suprema dos periodos heroicos. Este polytheismo christão devia produzir os mesmos resultados que o polytheismo grego, a modificação da escravatura; de facto a liberdade manifestou-se nos povos modernos pelo espirito comico e nas realisações grotescas. O amor cavalheiresco, no seu platonismo, foi como uma irradiação do amor divino.

Que poesia não achará o peregrino, cansado de affrontar perigos, nos desertos a féra sedenta, nos mares as tempestades e os piratas, quando ao cabo de annos chega a avistar do alto da montanha o seu casal, ao pôr do sol, á hora maviosa das trindades! Cada badalada é como uma nota desprendida das

harpas celestes. [1] O guerreiro, lasso dos combates, como não saberia animar, colorir as recordações de Solyma, sentado no limiar do tecto que o agasalhava! Era o canto da theorba plangitiva que lhe dava entrada nos castellos. A hospitalidade, que primitivamente fóra um culto, [2] torna-se lei mais tarde [3]; mas a poesia divinisou-a sempre. Na antiguidade homerica e na antiguidade biblica aconselha-se o agasalho ao peregrino, porque póde ser um Deos occulto em fórma humana, ou algum anjo enviado do céo; o mesmo apparece ainda hoje no sentimento popular.

Procuremos a lei da formação da legenda. A metaphora é uma das manifestações, a mais audaciosa e frequente, das faculdades poeticas do espirito; é por ella que se comprehende o inanimado pelo animado, e se torna sensivel o abstracto, principalmente no periodo creador de infancia. A moral antiga aconselhava, sem o véo da allegoria, que o agasalho a um peregrino era uma acção boa, recompensada pelos deoses; mas, para isto ser entendido melhor pelas intelligencias rudes, o facto absorveu a ideia: assim Jupiter visita Philemon e Baucis, Ceres a casa de Celeu, os anjos são recebidos por Abrahão, a quem annunciam uma progenie, immensa como as areias do mar e as estrellas do céo.

(1) Dante, Purgat. C. VIII.
(2) Vid. a minha *Generalisação da Historia da poesia.*
(3) Capitulares, ann. 803.

Descoberta a lei da legenda, isto é, a materialisação da ideia no facto, forçosamente se hade encontrar analogia com todas as legendas dos outros povos.

Eil-a como a encontramos nos sectarios de Tao na China: «Tchéou-Hoei-Hoa, desvelava-se esmolando os pobres, nada afrouxava o seu zelo. O deos Tchi-Kouan-Tchin-Sin mudou-se em peregrino, para o experimentar. Tchéou apressou-se com alegria a dar-lhe a esmola, e immediatamente o deos o arrebatou á mansão celeste, onde elle tem o nome de Si-Hoa-Tchin-Sin.» [1]

O mesmo no christianismo. Os mendigos apparecem ás vezes aos que os receberam, na pessoa de Jesus. É a representação material da ideia expressa n'estes versiculos do Novo Testamento:—*Qui recipit vos, me recipit, et qui me recipit, recipit eum qui me misit.*[2] Eis o preceito moral traduzido pela metaphora em um facto:

S. Judicael encontra um leproso, de quem a multidão foge; tracta-o, e o miseravel era Jesus. [3] A poesia celtica, assimilando esta legenda de todos os povos, repassou-a da sua bondade femina. S. Julião Hospitaleiro inspirou a Christovão Allori um quadro egual.

(1) Livro das Recompensas e das penas, trad. de Stanislas Julian, p. 407.

(2) Math. X, 40. Cf. Luc. X, 16, Joan. XIII, 20.

(3) Lobineau, Vie des S. S. de Bretagne, liv. 2, p. 180.

Tendo morto pae e mãe por engano, parte com sua mulher e vae habitar a margem de um rio, aonde dá passagem aos que ahi chegam: «Uma vez estando a repousar, ouviu uma voz que chorava consternada, chamando-o, para passar o rio. Mal que a ouviu, o santo se alevantou commovido e encontrou um homem que morria de frio; levou-o para sua casa, sentou-o de juncto ao lar, esforçando-se por acalental-o; e como nada conseguisse, temendo que o desgraçado se finasse, levou-o para o seu leito e o agasalhou sollicito. Eis que, pouco depois, aquelle que lhe apparecera assim doente e leproso se mostra resplandecente, e elevando-se para os céos disse ao seu hospede: Julião, o senhor me enviou a ti, e te faz saber que acceitou a tua penitencia, e vós ambos repousareis em Nosso Senhor em breve.» [1]

Tambem S. Martinho dá metade da sua capa a um mendigo, sem saber que estava agasalhando Jesus. É o que se lê nos versos de uma tapeçaria da egreja de Montpezat:

Quant d'Amiens Martin se partist
Pour cheminer soubz loy panenne,
Au povre son manteau partist
Faisant oeuvre de foy chrétienne.

(7) Jacques de Voragine, *Legenda Aurea*, ediç. franc. de 1854, p. 126. Serie 1.ª

Lui reposant comme endormy,
Dieu se apparut environné
De angelz auquelz disoit ainsi:
Martin le manteau m'a donné. [1]

O mesmo conta Voragine na *Legenda Aurea*, quando fala de S. João Esmoler; o sancto patriarcha de Alexandria aconselhava tambem a esmola pela parabola. Personifica um certo Pedro, especie de causidico: «E como este homem rico fosse uma vez pelas ruas com vestes esplendidas, um homem quasi nu lhe pediu alguma roupa para se cobrir. E Pedro se despojou immediatamente dos preciosos vestidos, e os deu a este mendigo, que logo os foi vender. Tanto que viu o miseravel vender e dispender o que recebera, ficou tão desgostado, que nem quiz comer nem beber, e dizia:—Assim succedeu, porque eu não era digno de que este homem guardasse cousa minha.—E quando adormeceu viu um homem que era mais resplandecente que o sol, e que trazia uma cruz sobre a cabeça, e estava agasalhado com a vestimenta que dera ao pobre; e este homem lhe disse: Porque choras, Pedro?—E sabida a causa, redarguiu: conheces tu isto? E o rico lhe disse: Senhor, sim!—Dis-

(1) D'après Alfred Maury, *Légendes pieuses du moyen âge*, p. 72, a quem devemos a indicação dos factos, que mais facilmente encontrámos: Sulpicio Severo, c. 2. Fortunat. Carm. Var. lib. 10. —Cita tambem factos analogos na vida de Sancto Yvo, e S. Gregorio Magno. Id. p. 72. not. 5.

se-lhe então o Senhor: Eu estou bem vestido com o que tu me dás, e eu te dou graças pela boa intenção, porque tinha frio e me cobriste.» [1]

Voragine continua a narração com a paciencia unctuosa de um monge. Estes factos vistos pela face poetica, como os estudamos, são bellos, porque revelam o sentimento na rudeza da sua verdade; porem retardar o desenvolvimento do espirito, a ponto de não ver a ideia, prendel-o á letra morta do symbolo, como tem feito a Egreja, é inverter o encanto da poesia no desespero da incredulidade.

«Oh! quem não amará a pobreza sobre todas as cousas!» exclama S. Francisco, o poeta delirante do amor divino, idealisando-a até fazer d'ella a dama de seus pensamentos. Francisco confunde no côro das harmonias celestes os amores da renascença, cantados na lyra dos trovadores. Quando o tedio das alegrias do mundo fez pela primeira vez absorver sua alma n'uma tristeza indizivel, perguntaram-lhe os amigos, que donzella possuira todos os seus pensamentos? «Penso em unir-me a uma Dama, a mais nobre, a mais rica, a mais bella como nunca houve.» Era a Pobreza, que o visitava a occultas n'aquelle abandono de gosos terrestres. A pobreza é a musa e a alma do povo; ella converte em canticos as suas dores, os desalentos em esperanças.

Na poesia dos claustros da Irlanda, a lenda de

(1) Voragine, Oper, cit. p. 109 1.ª Serie.

Sam Patricio reproduz com uma suavidade e candura infantil o mesmo milagre da hospitalidade; o santo apostolo, ao passar pelas ilhas do mar Tyrrheno, conversa com uma familia de solitarios, em quem a mocidade e a velhice se entremeavam de modo que causava admiração. Inquirindo a razão do prodigio, os adolescentes lhe responderam: «Desde a infancia que Deos nos concedeu a graça de praticarmos constantemente obras de misericordia; esteve sempre aberta nossa casa para os viajantes que pedem em nome de Jesus a esmola ou a hospitalidade. Uma noite um estrangeiro, firmado a um bastão, veiu á nossa porta. Acolhemol-o com disvelo, e o tratámos com sollicitude. Ora, ao vir do dia, nos agradeceu e nos disse:—Eu sou o Senhor Jesus Christo; foi a mim, em pessoa, que esta noite abrigastes.—Então entregou o seu baculo ao nosso padre espiritual, recommendando o guardal-o, até que alguem, que devia nascer em tempos ainda remotos, viesse da parte de Deos buscal-o. Dizendo isto, Christo subiu aos céos, e nos permanecêmos jovens e cheios de vigor como éramos.» [1]

Na poesia popular portugueza encontrámos uma lenda egual, com pequenas variantes na situação, tão repassada de sentimento, ungida de uma crença ingenua, quasi patriarchal. É mais um facto deduzido da

(1) H. de la Villemarqué, *Légende celtique*, p. 33: Colgan, *Trias*, p. 70; O'Curry, *Lectures*, p. 600.

analogia das creações poeticas, que prova o genio celtico do povo portuguez. A frescura infantil da lenda de *Jesus mendigo* parece que fôra communicada pelo baculo do santo apostolo de Irlanda, que dava áquelle que o possuia uma mocidade e belleza perpetua. A forma é quasi hymnica, para fazer sentir o jubilo do reconhecimento; ali a alma não pensa; eleva-se, porque sente. Filha da inspiração mystica, não exprime a exaltação do amor divino nas imagens do ardor peninsular, mas na serenidade da consolação espiritual. Foi o povo que a cantou a si mesmo, e que, para comprehender as palavras do Evangelho, abstractas, para a sua mente rude, materialisou a ideia no facto; é o lavrador que vae para a sua arada e encontra no pó da estrada um pobresinho. Sempre a pobreza o ideal dos povos do Meio Dia!

IV

Nas relações dos naufragios, feitas muitas vezes pelos nossos mareantes, n'aquella rudeza sublime do sentimento e da verdade, que se encontra na *Historia tragico-maritima,* sente-se a grande poesia dos mares inspirada tambem pelo maravilhoso. «O galeão batido dos ventos, e das correntes, seguia em arvore sêcca, e senão quando um marinheiro, de dois que estavam na gávea recolhendo os apparelhos, começou de se benzer e chamar pelo nome de Jesus, muito

alto; e perguntando-lhe algumas pessoas que era aquillo, lhes mostrou pela banda de estibordo uma onda, que de muito longe vinha levantando por cima das outras todas em demasiada altura, dizendo que adiante d'ella via vir uma grande folia de vultos negros, que não podiam ser senão diabos. Emquanto com o alvoroço d'isto a gente começou a recrescer aos brados para vêr cousa tão espantosa, chegou este mar, que, por a náo estar morta, sem lhe podermos fugir, nos alcançou pela quadra de estibordo, e foi o impeto e peso d'elle tamanho, que quasi nos soçobrou d'aquelle primeiro golpe, etc.» [1]

As incertezas e perigos do mar davam um certo fervor religioso; era esta hallucinação que fazia tambem ver aos monges bretões as maravilhas que cancantavam das ilhas que haviam percorrido; não é só na lenda popular com forma poetica que os diabos agitam as tempestades; a narração authentica não resiste sem lhe pedir o colorido. Na relação do naufragio da náo *S. Bento,* que se perdeu no Cabo da Boa Esperança em 1554, se diz: «Posto que o conselho do sabio seja, que as cousas de admiração e espanto, ainda que verdadeiras, sejam antes de passar caladas, que de contar, com risco de serem mal cridas; atrevo-me a dizer uma, pelas muitas testimunhas que posso allegar; e é, que assim esta noite, depois que

(1) Hist. tragico-maritima, t. I, p. 49.

fomos recolhidos, como a outra atrás passada, e as mais que n'este logar estivemos quando era já bem cerrada a noite, ouvimos claramente brados altos no logar onde se a náo quebrara, que por muitas vezes gritavam dizendo: A bombordo, a estibordo, a riba, e outras muitas palavras confusas, que não entendiamos, assim e da maneira que nós faziamos, quando já alagados vinhamos na força da tormenta que nos ali fez encalhar. O que isto fosse nunca se pôde saber de certo, sómente suspeitámos, que ou a nós se representava aquillo nos ouvidos pelos trazermos atroados dos brados, que continuamente n'aquelle tempo ouvimos: ou eram alguns espiritos malignos que festejavam o que alguns ali poderiam alcançar (cousa que Nosso Senhor por sua piedade não permitta.). Mas qualquer d'estas que fosse, o certo é que foi, ou ao menos, a todos pareceu sel-o; porque posto que a principio cada um cuidasse que a elle só se representava aquelle espantoso som, e pela difficuldade que n'isso havia, não crêsse ser verdade, a continuação do tempo fez perguntar uns aos outros, se ouviam o mesmo? e affirmando todos que sim, assentámos, segundo as horas, escuro, e tempestade das noites ser alguma coisa das que dito tenho.» [1]

Que analogia das nossas tradições maritimas com o maravilhoso da poesia hellenica! Parece que her-

(1) Hist. Tragico-maritima, t. I, p. 66.

dando o mesmo fadario das aventuras, eramos levados por eguaes sentimentos, ainda os mais intimos, como os religiosos. Andavam errantes aquelles que não tinham obtido a sepultura: «Encontram-se no alto mar umas avesinhas que de noite dão sentidissimos e largos pios, ás quaes os marinheiros puzeram o nome de *almas de mestre*, crendo supersticiosamente que são as almas dos mestres ou capitães de navios que se perderam, e que andam n'aquelle fadario de pios, emquanto seu corpo não chega a terra, e não obtem sepultura christã.» [1] O christianismo implantou-se revestindo de novas côres sentimentaes as velhas tradições; o patrono dos mares, Neptuno, transformou-se em S. Nicolau; cada morador do Olympo foi substituido por novos inquilinos.

A sepultura maritima tinha um symbolismo sombrio e aterrador. Lavavam o cadaver e envolviam-no n'um retalho de vela; depois com uma bala ou pedra atada aos pés e um tição acceso, arrojavam-no ao mar. [2] Michelet diz que nós, os portuguezes, não usavamos d'esta precaução; seria ainda o genio da aventura, que fazia com que os deixassem fluctuando á mercê das correntes? Porém, não era isto assim; a morte e sepultura do mar, é, na nossa poesia, um dos quadros mais profundos de sentimento: quasi sempre encanecidos mareantes que expiravam cansados

(1) Garrett, Camões, c. v, not. *a*.
(2) Jal, Scénes maritimes, II, 190; Michelet, Orig. 425.

da velhice! Em sua morte, Nuno da Cunha exclama: «Já que Deos é servido que eu morra no mar, o mar seja a minha sepultura, pois a terra não me quiz, nem eu lhe quero entregar os meus ossos.» Era o ultimo gemido do capitão no infortunio; a marinhagem atou-lhe aos pés um grande peso, e baldeou o corpo ao mar. É a côr nocturna da canção popular dos nossos navios:

Se está doente p'ra tolda
Ao tempo se vae curar;
Se morre, com mil diabos,
Vae para o fundo do mar!

O santelmo é citado frequentes vezes nas relações de naufragio: «Têm todos os homens do mar tamanha devoção e veneração ao bemaventurado S. Fr. Pedro Gonçalves, e o têm por seu advogado nas tormentas do mar, que crêem de todo seu coração que aquellas exhalações que nos tempos fortuitos e tormentosos apparecem sobre os mastros ou em outras partes das náos, são o santo, que os vem visitar e consolar. E tanto que acertam de ver aquella exhalação, acodem todos ao convés a o salvar com grandes gritos e alaridos, dizendo: Salva, salva, oh Corpo Santo. E affirmam, que quando apparece nas partes altas e são duas, tres ou mais aquellas exhalações, que é signal que lhes dá de bonança; mas se apparece um só, e

pelas partes baixas, que denuncia naufragio. E tão crentes e firmes estão n'isto, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastaréos, sobem os marinheiros acima, e affirmam que acham pingos de cêra verde: mas elles não os trazem nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora, passando por muitas vezes esta carreira. E se os religiosos que vêm nas mesmas náos, lhes querem ir á mão, dando-lhes razões, para lhes mostrar que aquillo são exhalações, e declarando as causas naturaes por que se geram e por que apparecem, não falta mais que tomarem as armas, e levantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé, que por tal a têm.

«A festa d'este sancto se faz e celebra nas oitavas da Paschoa, e aquelle dia é o maior triumpho de todos os pescadores, que todos os outros, e em que elles fazem maiores gastos e despezas que em todos mais. Esta pequena luz, que estes mareantes portuguezes veneram em nome de S. Fr. Pedro Gonçalves, e os estrangeiros no de Sancto Anselmo, é de tão antiga veneração, que já em tempo dos gregos se celebrava. Porque, segundo muitos auctores seus contam, quando aquelles seus famosos argonautas iam na demanda do vellocino de ouro, em uma grande tormenta, que tiveram no mar, appareceu aquella luz sobre a cabeça de Castor e Pollux, e logo lhes cessou a tormenta: o que moveu aos homens a terem estes dois irmãos em tanta veneração, que os contaram no numero dos deoses. E assim Plinio, no livro segundo da sua natural historia, falando n'esta luz, affirma que se

via muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exercitos, e que a mesma apparecia nas náos, e lhe chámaram *Stella Castoris.*» [1]

Uma grande parte do maravilhoso na poesia popular portugueza, compõe-se dos milagres e lendas de santos. As prophecias nacionaes, em que se cantam as esperanças de um futuro brilhante para Portugal, são a creação mais completa do nosso povo, a forma mais original da sua poesia. É pelo estudo do maravilhoso, que melhor se conhece o genio celtico que nos distingue entre os povos do Meio Dia.

Grande parte das tradições que vogaram na Europa durante a edade media, foram implantadas pelos arabes da Hespanha; é como se explica o apparecimento das fabulas indianas no *Gesta Romanorum*, na *Disciplina Clericalis* e no *Conde de Lucanor*. Porém, os romances mouriscos nada tem de commum com esses *exemplos* de origem oriental; são filhos de um estado social, em que a indole e os costumes se fundiam, e d'onde sairam os *Mosarabes*. Fernando Wolf é de opinião que o caracter fundamental d'estes romances não participa do genio arabe, posto que n'elles o tom lyrico, e um colorido mais vivo e brilhante encubra certa ausencia de sentimento. Mas quem du-

(1) *Relação do naufragio da nau Santa Maria da Barca*, a qual se perdeu, vindo da India para Portugal, em 1559, pag. 313 e 314 da Hist. Trag. t. I.

vidará d'essa influencia mourisca lendo o romance do seculo XIV:

Yo me era mora Moraima,
Morilla de un bel catar;
Cristiano vino á mi puerta,
Cuitada, por me engañar:
Hablome en algarabia
Como quien la sabe hablar: etc.

Ha uma classe de romances mouriscos, com fórma litteraria, pertencentes ao seculo XVI e XVII, em que o colorido da poesia oriental é muito mais sensivel; têm o artificio em vez da espontaneidade anonyma. Foram esses os que mais se vulgarisaram, e os mais imitados. As tradições de Hespanha eram substituidas por aventuras mouriscas; Cid e Bernardo del Carpio cediam o logar a Zaide, a Abindarraes e a Abenamar. D'este capricho da tradição se queixava um velho romance:

Renegaron a su ley
Los romancistas de España,
Y ofrecieron a Mahoma
Las primicias de sus gracias. [1]

Os *romances mouriscos,* genuinos da tradição po-

(1) Romancero General de 1614: *Tanta Zaida,* etc.

pular converteram-se insensivelmente nos *contos de cativos*. Os romances chamados mouriscos que os escriptores do seculo XVI e XVII, com todos os arrebiques do tempo tanto cultivaram em Hespanha, acharam ecco em Portugal; imitou-os Dom Francisco Manoel de Mello na segunda parte das suas *Tres Musas*, baseando-se sobre os mais afamados do genero; Francisco Rodrigues Lobo, além dos cincoenta e seis romances que fez para a recepção de Don Fillippe III, traz nas suas obras muitos outros, no gosto mourisco, imitações do *Mira Zaide*. Tanto um como o outro escriptor os compuzeram em castelhano, então preferido para a poesia popular. No Ms. n.º 393 da Bibliotheca da Universidade, se encontram alguns romances mouriscos dos mais populares, como o da *Moriana*, de *Zaide*, etc. [1] O gosto mourisco foi parodiado ridiculamente; na fórma poetica da parodia se descobre que romances eram então os mais populares, como por exemplo, o *Mira Zaide que te aviso*, e outros, dos quaes diz o sr. Duran: «Los romances moriscos seran siempre una prueba de las mas immediatas de aquella parte da civilizacion arabe, que inoculada com la nuestra constituyó la poesia española, y del caracter especial que en el siglo XVI empezó á tomar, y seguió despues.» [2]

Os romances populares portuguezes não se pren-

(1) Duran, *Rom. Gener.* t. I, n.os 224 a 247.
(2) Idem, ibid. p. 129.

dem a facto algum determinado da historia; são aventuras galantes, reminiscencias de costumes feudaes, privativos da raça neo-latina. O povo adopta sempre as tradições mais vagas; quando ellas têm alguma realidade historica, vae naturalisando os heroes, localisando novamente as acções até formar uma outra legenda. Assim succedeu com os romances carolinos em Hespanha.

Podemos affirmar que a maior e a melhor parte dos romances que andam na tradição oral do nosso povo, vieram directamente da Hespanha. Os escriptores o confessam; Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, diz: «com huma voz mui alta e suave, ao som de huma viola d'arco, cantava o seguinte *romance*, que ho Cronista aqui quiz poer pera que se sayba que n'este, e per este modo usaram os passados celebrar seus heroycos feitos, porque a gloriosa memoria d'elles assi viesse a nossos tempos e se conservasse, do que tambem em Espanha se usou muyto, e usarse agora pera estimulo de imitação não fora máo.» [1] Estas palavras de Jorge Ferreira, referem-se ao tempo em que o romance popular ia perdendo o caracter dramatico e narrativo, e tomando uma fórma culta, litteraria, tornando-se por consequencia descriptivo, com um lyrismo subjectivo que o povo não comprehende. É pois um documento que prova como o romance

(1) Pag. 10 da edição moderna.

portuguez recebeu de Gil Vicente, Francisco Rodrigues Lobo, Dom Francisco Manoel de Mello, e do proprio Jorge Ferreira uma transformação erudita, como na Hespanha, nos fins do seculo XVI, lhe deram Timoneda, Juan de la Cueba, Garci Sanches, Sepulveda e outros.

Em um livro intitulado *Cancionero de Romances en que estan recopilados la mayor parte de romances castellanos, que hasta agora se han compuesto,* reimpresso em Lisboa por Manoel de Lyra em 1581, se encontram quasi todos os romances que ainda modernamente andam na tradição oral portugueza. Consta este volume de cento e oitenta e dois romances; é uma reproducção da celeberrima edição do *Cancionero* de Anvers, de 1550. Foi o primeiro livro em que appareceram romances directamente recolhidos da genuina tradição popular, até ali desprezados pelos poetas cultos. N'esta riquissima colleção se acha a maior parte dos romances a que Gil Vicente allude nos seus Autos; d'onde se conclue que já na primeira metade do seculo XVI eram communs á tradição dos dois povos. *Em Paris está Donu Alda,* e *Los hijos de Dona Sancha,* romance sobre os Infantes de Lara e do bastardo de Mudarra, e o romance de *Mal me quieren en Castilla* encontram-se citados por Gil Vicente antes de serem colligidos no Cancioneiro de Romances. [1] Tambem o romance da *Bella mal maridada,* da

(1) Segundo Duran (n.º 665) o texto citado por Gil Vicente de

mesma colleção, vem anteriormente alludido n'aquelle verso da Comedia de *Rubena:*

> Cantará o Demo um grito:
> *De las mas lindas que yo vi.*

bem como o romance *Llevantéme un dia,* que Gil Vicente cita, foi mais tarde imitado no romance *Yo me levantara,* por isso que n'elle se encontra a fórma d'aquella canção que principia—*Digasme tu el marinero,* etc. Na colleção de Anvers, reimpressa em Lisboa, se collegiu o romance de *Don Duardos,* e o romance de *Don Bernaldinos,* que segundo Duran versa sobre a tradição dos amores de Bernardim Ribeiro.

Sem risco de grande hypothese podemos assegurar que do *Cancionero de Romances* de 1581 se derivaram para a tradição portugueza estes seguintes romances: *A Infantina* — *Romeirinha* (Rico Franco) *Bernal Francez* (El adultero castigado) *Conde da Allemanha* — *Don Carlos de Montealbar* — *Conde Alberto* (Conde Alarcos) *Gayfeiros* — *Melisendra* — *O Passo de Roncesval* (Don Beltran) — *O Cativo* — *Gerinaldo* — e um romance perdido, citado pelo Index Expurgatorio de 1624, que começa: *Con rabia esta el rey David,* etc., os quaes pertencem ao ultimo quartel do

Mal me quieren en Castilla, é o mais popular dos romances dos Sete Infantes de Lara.

seculo XVI, se é que não eram tambem communs á tradição dos dois povos.

Os *Pliegos sueltos*, como chamam os hespanhoes ás *folhas volantes* ou de *cordel*, vendidos pelo mercenario pregão do cego andante, é que mais vulgarisaram alguns dos romances que nos não vieram pelo *Cancionero* de Anvers. D'elles abreviou o nosso povo a historia de *Dom Carlos de Montalvão*, do *Conde Alarcos*, composta por Pedro de Riano, e traduzida por Balthazar Dias como se vê do Index Expurgatorio, o romance do *Marquez de Mantua*, de Jeronymo Treviño, tambem traduzida por Balthazar Dias, *La Esposa Fiel*, de Ribera (Dona Infanta) e outros que andam na versão portugueza, mais abreviados, melhor dramatisados, e bastante claros, para que se tomem por primitivos; têm a perfeição de uma segunda demão. O povo adoptou dos romances jograleseos castelhanos aquellas partes fundamentaes da acção, despresando as descripções e narrativas longas, perpetuando sómente os grandes lances dramaticos que se imprimem na memoria. [1]

(1) Vid. mais particularmente as notas ao *Romanceiro geral portuguez*, aonde, diante dos factos, discutimos as origens. Entre os persagios funestos da expedição de Africa, correu este:

«Outro, cuja significação não se engeitou, foi, que hindo pelo mar Domingos Madeira, musico d'el-rei, cantando-lhe e tangendo em huma viola, começou de cantar hum romance: *Ayer fuiste rey de España: hoy no tienes un castillo:* tanto foi isto tomado em mau agouro, que logo Manoel Coresma lhe disse deixasse aquella can-

Podemos determinar pela historia as seguintes epochas na poesia popular portugueza:

tiga triste e cantasse outra mais alegre.» (*Chronica de D. Sebastião*, por Fr. Bernardo da Cruz, p. 308.)

Este romance era um dos muitos desastrosos presagios com que intentavam acobardar o animo do monarcha, e que não pouco concorreram para a perda em Africa, desanimando os que o acompanhavam. O *romance* que o musico de el-rei cantava referia-se a D. Rodrigo, vencido na batalha de Guadelete, e nas colleções hespanholas termina d'este modo:

Ayer era rey de España,
Hoy no lo soy de una villa;
Ayer villas e castillos,
Hoy ninguno poseia;
Ayer tenia criados
Y gente que me servia,
Hoy non tengo una almena
Que pueda decir que es mia,
Desdichada fué la hora
Desdichado fué aquel dia
En que naci y heredé
La tan grande señoria,
Pues lo habia de perder
Todo junto y en un dia.
O muerte! porqué no vienes?
Y llevas esta alma mia
De aqueste cuerpo mezquino
Pues te se agradeceria?

(*Tesoro de los Romanceros*, de Ochoa, p. 86.)

É o XI romance de Dom Rodrigo; este mesmo final se encon-

1.ª—Com a vinda dos Cruzados pelo Mediterraneo á terra santa, e seu auxilio na conquista de Lisboa, se espalham entre nós todas as grandes tradições do cyclo carlingiano que então fluctuavam na Europa; a poesia popular vive nas narrações dos peregrinos que pagavam a hospitalidade com seus cantares; os feitos audaciosos dos heroes carolinos, condizem com a rudeza dos nossos primeiros guerreiros; a *Canção do Figueiral* é o principal monumento da elaboração poetica dos nossos feitos. Pela vinda do Conde de Bolonha, torna-se mais sensivel a influencia franceza, de que ainda apparecem vestigios nos nossos romances.

2.ª—A rudeza da poesia popular torna-se mais sensivel diante do cultismo provençal, no tempo de Dom Diniz. A poesia provençal exclue dos castellos a poesia do povo; Dom Diniz deixa a redondilha para rimar á provençalesca. A poesia do povo, que participava da hymnologia da egreja, é tambem excluida

tra no XIV, e póde dizer-se que todos os romances d'este assumpto versam sobre esta antithese.

Depois do reinado de Dom Manoel os romances hespanhoes tinham invadido o nosso povo; da presente citação podemos concluir, que os romances de el-rei Rodrigo eram vulgares em Portugal. D. Sebastião queria ressuscitar o espirito cavalheiresco, que então começava a decahir no reinado do senso commum e da burguezia; fazia-se acompanhar por poetas, como os reis scandinavos e normandos se rodeavam de scaldos e menestreis nos seus festins e arraiaes.

da liturgia, pelos Concilios. Os *Cancioneiros* palacianos, substituem-na completamente.

3.ª—No reinado de D. João I, pelo seu casamento com Dona Philippa, filha do Duque de Lencastre, e pelas relações da côrte ingleza, predomina entre nós a poesia do cyclo da Tavola Redonda, que então começava a substituir na Europa o cyclo carlingiano. Fernão Lopes cita na Chronica de Dom João I, as allusões frequentes que no arraial se faziam aos Pares de Arthur. As tradições dos *Doze de Inglaterra*, as aventuras da *Ala dos Namorados* e da *Madre-Silva*, estão de accordo com o espirito d'este cyclo.

4.ª—Pelas relações das côrtes de Hespanha e Portugal no reinado de Dom Manoel, torna-se exclusiva a influencia dos Romanceiros hespanhoes na poesia do nosso povo. O castelhano é a linguagem da côrte; os chocarreiros de Castella, como diz Damião de Góes, eram protegidos pelo monarcha. Já se não acceitavam senão romances em hespanhol, como se queixa Jorge Ferreira na *Aulegraphia*. Grande parte dos romances a que Gil Vicente allude nos seus Autos, e que se perderam na tradição oral, apparecem agora nas colleções hespanholas.—Todos os romances que se conservam ainda entre nós, principalmente os cavalheirescos, sem referencia a factos particulares da historia, vieram-nos de Hespanha. Restam-nos d'este tempo o romance de *Bernaldinos*, e romances sobre assumptos da historia portugueza, que se obliteraram em Portugal, e se conservam nos Romanceiros visinhos.

5.ª—As imitações dos romances mouriscos, ou granadinos, dos escriptores do seculo XVII em Hespanha, tendo como typo o *Mira Zaide*, reproduzem-se entre nós por Francisco Rodrigues Lobo, que os fez na maior parte em lingua castelhana, por Dom Francisco Manoel de Mello, e passaram para a versão popular n'esta fórma de *contos de cativos*.

6.ª—A poesia popular, no fim da edade heroica de Portugal, pela perda de Alcacer-Kibir, exerce-se sobre as prophecias da nossa futura grandeza; apresenta n'esta epocha um caracter religioso, que Balthazar Dias espalha por todos os seus Autos, com que o povo ainda hoje se delicia, taes como o de *Santo Aleixo* e *Santa Genoveva*. Começam a vulgarisar-se os contos decameronicos, historias de frades, com uns longes dos *fabliaux* francezes, mas na maior parte em prosa. O povo distrae-se com as lendas de santos, e as cantigas soltas, que o alliviam nos trabalhos da vida. Os hymnos de guerra das nossas commoções politicas substituiram os romances cavalheirescos.

LIVRO SEGUNDO

UNIDADE DOS ROMANCES POPULARES NO MEIO-DIA DA EUROPA

CAPITULO I

I —O Cyclo de Carlos Magno — O Feudalismo e a Egreja — As linguas faladas foram primeiramente cantadas.
II — A independencia do Cyclo carolino — Os bastardos — Homerides e Jograes.
III — Transformação do Cyclo carolino na Italia e em Hespanha — O sarcasmo popular mata o heroe.

Dois grandes sentimentos, como a corrente galvanica que faz mover o cadaver, agitaram a velha Europa, tirando-a do torpor da ruina, dando-lhe a ebulição que presagía uma era nova.

O *Feudalismo* reconcentrara em si a auctoridade e a força na fórma da prepotencia absoluta, para imprimir unidade nos elementos dispersos da sociedade derrocada; a *Egreja*, pelos terrores da excommunhão, e pelo que ha de mais terrivel no genio do homem— o instincto supersticioso,—sonhava a unidade huma-

na, comparando-se em Gregorio VII ao sol, de quem os reis, como corpos opacos, recebiam a luz. Assim, n'este periodo de elaboração inconsciente, em que a sociedade tentava reconstruir-se, manter-se como um corpo de equilibrio estavel, estes dois sentimentos revelaram-se por uma nova poesia, filha d'aquellas revoluções, e d'aquellas mesmas paixões; uma poesia alheia ás tradições antigas da Grecia e de Roma, a poesia do amor e da cavalleria, que alimentava a imaginação de todos os povos da Europa.

I

A sociedade nascente fôra retemperar-se no dedeserto; Orpheo e Moyses embrenharam-se tambem pelos páramos, um para fundamentar a lei na harmonia da natureza d'onde ella se deriva; o outro para dar á lei esse caracter de força e immutabilidade divina. A sociedade moderna formou-se no deserto. Dizia Sam Bernardo: «Crêde na minha experiencia: encontrareis mais na solidão dos bosques, do que nos livros. As florestas e os rochedos vos dirão mais cousas do que os mestres vos podem ensinar.» Nos primeiros seculos da edade media ha o mutismo da genése mysteriosa; as linguas ainda não sabem proferir os novos dialectos; ha de ser o canto que ha de vir soltal-as.

A humanidade é então como Cedmon, o vate anglo-saxão, que escutou em sonhos uma voz a dizer-lhe: «Cedmon, canta alguma cousa! — O que poderei eu cantar? — Canta-me a origem das criaturas.» Desde esse instante sentiu-se possuido da inspiração do céo. Essa harmonia celeste vibrara nas palavras vulgares com que Sam Francisco de Assis falava ao povo. Fôra o *canto* que viera soltar as linguas da mudez da grande transformação.

No seculo X espalha-se um silencio profundo na Europa; é o periodo mais obscuro da historia moderna. Era a elaboração de uma nova sociedade. A diversidade dos dialectos rudes e vacillantes, formados dos despojos de todas as linguas nos moldes da syntaxe latina, ainda não servia para exprimir as paixões; confundia-se como n'outra Babel; era preciso que o *canto* viesse soltar as linguas. Esta grande verdade descobriu-a Vico no seu aphorismo: «As grandes paixões aliviam-se pelo *canto*, como se observa no excesso da dor e da alegria. — As paixões violentas arrancaram os primeiros homens do *mutismo; elles formaram as suas primeiras linguas cantando.* — Os primeiros auctores orientaes, os gregos e latinos, e os primeiros escriptores da edade media, foram poetas.» [1] Os primitivos poetas da Allemanha *(sagen*

(1) Sciencia Nova, L. I, cap. II, ax. 56, 57, 58, 59. trad. de Michelet.

und singen) *dizem e cantam* [1], ou *cantam e dizem* [2], e tambem *dizem ou cantam* [3]; expressões que se encontram nos poemas germanicos, não como differença de genero, mas como synonimia da palavra, que tanto significa *falar* como *cantar*. No islandez a palavra *qveda* contém este duplo sentido. Tal foi a acção dos jograes percorrendo a Europa, *cantando* pelos castellos soturnos as tradições heroicas dos solares que lhe davam agasalho, exaltando as imaginações pela narração de brilhantes aventuras, deixando germinar a lembrança do que diziam na imaginação do povo, que ia repetindo de novo, soltando a gaguez dos dialectos rudes pela accentuação prosodica do *canto*. Nas linguas modernas forma-se espontaneamente o verso octosyllabico, e o romance destaca-se completo da chronica. Assim a formação prosodica das linguas modernas veiu do canto do povo.

As palavras de Frei Hilario, quando recebeu o deposito do poema de Dante, exprimem a admiração que lhe causava o vêr «pensamentos tão profundos reproduzidos com palavras tão vulgares, e uma sciencia tão alta revestida do habito grosseiro do povo.» Começaram então os grandes cantos que formaram

(1) *Roulandes Liet*, v. 135; *Kutrun*, v. 666.

(2) *Sammlung von Minnesingern*, t. I, p. 51.

(3) Wolfram von Eschenbach, *Parzival*, v. 7187, 12429: *Sagen oder singen*. Estas auctoridades foram achadas por Du Méril; porém, sômos o primeiro que d'ellas se serve para esta demonstração.

as modernas epopeas seculares, os *Fabliaux* e os *Romanceiros*. O *Feudalismo* representava a independencia altiva nos feitos dos heroes do *Cyclo carolino;* a *Egreja,* na sua lucta incessante e obscura ia-os pouco a pouco substituindo pelo maravilhoso dos milagres e pelo sentimento feminino do *Cyclo de Sam Graal*. Tal é a primeira razão da unidade.

II

Na epopea anonyma de Carlos Magno, os grandes vassallos, os quatro filhos de Aymon, Oliveiros, Guilherme, Reinaldos de Montalvão, Aubry o Borguinhão, têm a rispidez franka, dominam o solo com a altivez da maxima feudal — nenhuma terra sem senhor! — Carlos Magno é o centro para onde confluem todas as creações da legenda. A inspiração vem do estrepito do combate; o jogral monótono na narração dos amores, exalta-se ao descrever os duellos, a ponto de não sentir a difficuldade de se exprimir n'um dialecto ainda informe. O jogral canta no solar dos barões, e para lisongeal-os pela revolta constante contra o dominio real, exalta o espirito de independencia, que principalmente caracterisa o cyclo francez. Cada provincia tem o seu heroe; Carlos Magno é tratado na legenda do mesmo modo que o deprimem

os povos a quem vencera, como se vê nas tradições poeticas d'este cyclo na Italia e na Hespanha. Comtudo, o povo na sua grande bondade natural, deixa a lisonja dos jograes, e dá-lhe uma simplicidade paciente e benigna, com deu a Attila no Niebelungen, e a Porsenna nas tradições romanas. Nos poemas populares os *bastardos* substituem os *parthenios* das lendas eruditas; é o predominio de *Verna* sobre o heroe; nos poemas homericos chegam tambem a succeder no throno. «Observação importonte, como diz Viço (Sc. Nov. L. III, c. III.), que basta para provar que Homero appareceu em uma epoca em que o direito heroico caía em desuso para dar azo á liberdade popular.» Os sentimentos do *valor* e da *honra,* são a inspiração epica do cyclo carolino na França; na Allemanha é principalmente a *fidelidade* por onde o genio d'estes poemas de bravura começa a transformar-se em aventuras de amores e de galanteria. Na edade media o *jogral* é como o *homeride* da Grecia primitiva; é elle que vae, como as andorinhas que annunciam o verão, povoar os castellos de tradições brilhantes de feitos d'armas; os peregrinos pagavam tambem a hospitalidade com seus cantos, cantos escolhidos das emprezas de Solyma, em que celebravam algum évo do solar. O jogral muitas vezes conta a mesma aventura mudando o nome do heroe; a lingua em que se exprime, ainda incerta nas fórmas syntaxicas, accomoda-se com pequenas alterações de desinencias á terra em que elle canta. É por isso que os romances communs a Portugal e Hespanha andavam

em um só dialecto, tendo para além do Ebro desinencias ainda mais curtas. Os jograes andavam assim, sem o saberem, formando esta unidade de tradições dos povos do Meio Dia da Europa, como as abelhas que levam o pollen em si e vão fecundando de valle em valle as flores dispersas. Formavam uma especie de *mestria*, podendo assignar-se a Provença como o ponto d'onde diffluiram todos estes romances communs ás raças latinas.

III

Orgulhosas da sua liberdade, as republicas italianas, no seculo XIII, queriam imitar a pompa das côrtes dos imperadores; Padua, Trevisa, Genova, Veneza e Florença no meio de alegrias festivaes escutavam os jograes e improvisadores, que andavam pela Europa cantando as grandes tradições romanescas do cyclo de Carlos Magno e de el-rei Arthur. Na porta da cathedral de Verona, Roland e Oliveiros estão esculpturados, e dão-se a conhecer pelas suas espadas; nos theatros, em 1320, os histriões representam-lhe as façanhas heroicas. [1] Os historiadores italianos fundamentam as chronicas nos *Reali di Fran-*

(1) Facto comprovado por Albertino Mussato, d'après Ozanan, Obras, t. v, p. 34.

cia, manancial de Pulci e de Boiardo, de Tasso e Ariosto.

E' certo que as tradições historicas de um povo são as que menos se vulgarisam entre outros povos sem que as transformem primeiro, como succedeu com o personagens do cyclo carolino em Hespanha. Os romances carlingianos tambem são raros na poesia popular de Italia; apenas existem o *Buovo d'Antona, La Regina Ancroja,* e *Il Libro chiamato Dama Rovenza.*

O typo de Carlos Magno, nos romancistas italiano e hespanhoes, desce d'aquella exageração primitiva; ferem-no no que elle tem de mais sagrado. Antonio de Esclava, nos *Amores de Milon e Aglante,* retrata-o como tyranno de suas irmãs e suas filhas. Bertha, irmã do imperador acha-se gravida, e segundo a lei deve de ser queimada viva; o amante é quem vem libertal-a e foge com ella. Temos um vestigio d'este romance no *Dom Carlos de Alem-mar,* com uma côr incerta, quasi a extinguir-se na tradição. E' assim que o espirito feudal começa a dar aos heroes uma independencia altiva, que tanto caracterisa o cyclo carolino. Depois de representarem o rei muitas vezes prizioneiro, prestes a renegar da fé que sustentava pelas armas, vão feril-o tambem na sua descendencia dando um nome ridiculo ao seu filho. *Carloto* é baixo e covarde, chegando quasi a ser o assassino de seu pai; tem inveja de Ogier, e mata em uma questão ao jogo a Baldovinos. O motivo d'este accinte maélvolo do romancistas hespanhoes e italianos

contra Carlos Magno, é um odio tradicional ao conquistador de Hespanha e de Italia. No romance de *Guerin de Monglave*, Carlos Magno perde ao xadrez o seu reino. O espirito sarcastico da burguezia ridiculariza o ideal cavalheiresco, reduzindo as exagerações do valor e dos feitos audaciosos ás proporções da verdade, pelo riso franco e desenfadado, que vae insensivelmente modificando a tradição.

A *Chronica do Pseudo Turpin*, fonte de todos os romances carolinos, foi, segundo as conclusões da moderna critica, escripta durante o concilio de Clermont em 1095, depois da revolução da primeira cruzada: o que melhor se determina pela intenção do legendario, que d'esse modo pertendia exacerbar os espiritos e animar a guerra contra os infieis, pelo exemplo de Carlos Magno. D'aqui, por certo, veiu ao cyclo carolino este elemento devoto, com o qual o christianismo constituiu o cyclo bretão.

O romance do *Marquez de Mantua*, publicado por Balthazar Dias, é o unico do cyclo de Carlos Magno que temos; o povo não adopta os personagens historicos senão para moldar sobre elles o typo d'outros. De facto todos os romances populares de origem hespanhola que andam na lição portugueza, são meramente imaginosos, pertencendo a esta serie commum aos povos do Meio Dia da Europa; celebram feitos brilhantes de aventuras, sentimentos vagos e indeterminados, com situações impossiveis, que se distinguem pela sua mesma extrema vulgarisação. Quando nos *Luziadas* Camões allude aos Pares e ás façanhas

do *vão Roqeiro*, entendia exclusivamente o romance vulgar do cyclo cavalheiresco; refere-se a elle como a uma cousa sabida. Entre nós ainda hoje são conhecidos os Pares, familiarisados com o nosso povo pelo romance em prosa de Luis Laboureur.

CAPITULO II

I — O cyclo de Tavola Redonda é uma transformação do cyclo Carlingiano pelo genio ecclesiastico — Caracter erudito dos romances da Tavola Redonda.

II — Introducção dos romances de Arthur em Portugal — Personagens d'este cyclo citados por Fernão Lopes — O Condestavel imita a typo cavalheiresco de «Galaaz.» — Romances da Livraria de Dom Duarte — Tristão e Yseult, e o romance de Branca-flor citado por Dom Diniz.

III — O sentimento do maravilhoso do cyclo de Tavola Redonda encontra-se nos romances populares portuguezes, que ainda andam na tradição oral.

IV — A Renascença da Europa é quasi toda de acção popular.

É sensivel o processo de transmutação do cyclo Carlingiano, que se foi se foi impregnando do espirito ecclesiastico do cyclo de Arthur. Carlos Magno é canonisado; Ferrabraz, gigante sarraceno, converte-se ao christianismo; Guilherme de Orange, Reinaldos de Montalvão, Ogeiro o Dão, vestem o burel dos monges negros, depois de atirarem ao pó a cota reluzente do embate dos golpes. Assim se ia abrindo este vacuo immenso e sombrio do claustro em que a sociedade, como Carlos V, assistia continuamente ás suas exequias.

I

A vulgarisação do cyclo poetico de Arthur, está n'aquella lei de formação poetica — que um povo quando adopta as tradições historicas de outro, vae substituindo os seus heroes aos estranhos. Assim é fundada a opinião do conde de Caylus, que suppõe o cyclo de Arthur uma imitação do cyclo de Carlos Magno e dos Doze Pares. A vinda de José de Arimathia á Inglaterra com o *vassiel* ou *graal* em que recolhera o sangue de Christo na cruz, é uma imitação da lenda piedosa da vinda de Lazaro de Betania a Marselha, depois de ressuscitado por Christo. Os rarissimos e insignificantes dados historicos sobre o rei Arthur, faziam com que o espirito legendar podesse crear mais livremente os floripondios com que bordaram esse typo destinado a contrapor-se a Carlos Magno. Sigamos n'estas similhanças o conde de Caylus: o mesmo numero e qualidade de guerras e um grande numero de expedições; combatem ambos os saxões e os barbaros do paganismo; distribuem com egual generosidade os despojos aos capitães e soldados; são dotados das mesmas virtudes de frugalidade e economia, têm a mesma magnificencia nas festas; finalmente a lei dos Capitulares está posta em acção por el-rei Arthur.

Gauvain occupa um logar similhante ao de Roland no cyclo de Carlos Magno. Arthur lança a sua espada Escalibor em um lago, do mesmo modo que Roland nos paroxismos quebra contra um rochedo a sua Durandal, para que não cáia nas mãos dos infieis. O nome de Pares desperta a ideia de egualdade, symbolisada na Tavola Redonda.

O cyclo carolino appresenta os seus romances com um caracter *anonymo;* nos romances de Tavola Redonda, o auctor quer dar-se a conhecer, descobre-se, faz-se eloquente. A grande analogia dos romances de Arthur com as fabulas hellenicas denunciam a intenção erudita. O troveiro compara-o com Theseu e Alexandre. Tristão combate o Minautauro; um e outro trazem o mesmo signal, a vela negra no navio. Tambem Lancelot resolve o enigma do gigante, como a sphinge propuzera a Œdipo. O rei Arthur é trahido pela rainha Ginebra, como Hercules, que lhe serviu de typo, fôra trahido por Djanira. [1] Este caracter provém da origem; a egreja era então o receptaculo de toda a sabedoria; sem a paixão para dar alma á creação com que pretendia substituir a poesia do feudalismo, ia tirando do esquecimento os velhos mythos que melhor se prestavam para as representaçõe allegoricas.

O romance carlingiano estava mais de accordo

(1) Vid. o meu estudo — *Poesia da Historia nos Cyclos cavalheirescos.*

com o caracter hespanhol, todo de acção e brios cavalheirescos, que incitavam os mais altos impulsos. O sentimento do maravilhoso do cyclo bretão, é o que mais predomina na poesia portugueza; desenvolveu-se a ponto de se reproduzir em toda a sua exageração de impossiveis no typo de *Amadis*. Não se póde dizer que a predilecção pelo modelo fosse a causa d'esta exaltação; estava no caracter do nosso povo, e redobrou de intensidade quando causas externas vieram despertar a imaginação com as tradicções da Tavola Redonda, pelas relações de Dom João I com a côrte ingleza. O romance carolino saído da chronica de Turpin trazia impresso o caracter monachal; a importancia de San Thiago da Galliza fez suppor a Ampère que a legenda tivesse mesmo a sua origem em Hespanha. [1] Os heroes carlovingios deram origem a outros heroes imitados, que á medida que se foram completando, se contrapozeram aos Pares, até lhe disputarem a primazia, e o remate d'esta elaboração está na lenda de Roncesvalles. [2]

(1) Ampere, Hist. de la Litt. du moyen age, p. XXXIV.
(2) Du Puymaigre, t. II, p. 301.

II

A poesia popular está sujeita ás mais caprichosas influencias; a tradição é como o pollen levado pelos ventos, fecunda as imaginações rudes sem ellas saberem muitas vezes que aura as veiu inflammar. Os casamentos dos principes de differentes estados concorreram bastante para a vulgarisação das grandes legendas da edade media. No seculo XI, uma multidão de provençaes veiu á côrte de França, pelo casamento de Constança, filha de Guilherme I, conde de Provença, com Roberto; o mesmo succedeu com o casamento de Eleonor de Aquitania com Luiz VII [1] O casamento de Dom João I, Mestre de Aviz, com Dona Fillippa, filha do duque de Lencastre, e as relações da côrte ingleza, implantaram entre nós as tradições do cyclo de Arthur ou da *Tavola Redonda*. Na Chronica de Fernão Lopes [2] se conta como no combate da cidade de Coria el-rei desgostado de alguns cavalheiros por não chegarem a tocar a barbacam, lhes chasqueou a valentia, alludindo aos heroes da *Tavola Redonda:* «Elrey na tenda, segundo parece, nom foy bem contente d'alguns, que se nom chegarom como elle qui-

(1) Du Méril, Hist. de la Poesie Scandinave, p. 307.
(2) Chron. de Dom João I, P. II, cap. 76, p. 190.

zera: deshi falâdo nas cousas, que se no combate aquecerõ veio a dizer como em sabor: — *Gram mingoa nos fizerom hoje este dia aqui os bõs caualleiros da tauola redonda: cá certamente elles foram nos tomaramos este logar.* Estas palauras não pode ouvir cõ paciencia Mem Rodrigues de Vasconcellos, que hi era com outros fidalgos, que logo nom respondeo, e disse *Senhor: nom fizerom aqui mingoa os caualleiros da tauola redonda, que aqui está Martim Vasquez da Cunha, que he tam bom como Dom Galaz, e Gonçalo Vasquez Coutinho, que he tam bom como Dom Tristam: e exaqui Johão Fernandez Pacheco, que he tam bom como Lançarote,* e assi doutros que vio estar acerca; *e exme eu aqui, que valho tanto como Dom Quea; assi que nom fizerom aqui mingoa estes caualleiros, que vos dizeis: mas fezenos a nós aqui gran mingoa o bom Rey Artur flor de lis, senhor delles, que conhecia os bons servedores: fazendolhes muitas mercês por que auiam desejo de o bem servir.* El Rey vendo que o auiam por injuria, respondeo entonce e disse: *Nem eu eu esse non tirava a fora, cá assi era companheiro da tauola redonda, como cada um dos outros.* Entom lançando o feito a riso, daquesto, e doutras cousas, leixaram tal razoado, e falarom nas destemperadas calmas, que naquelle logar faziam.» Em outros logada mesma Chronica se comparam varias façanhas aos feitos de Lançarote. [1] Os cavalleiros da *Ala dos Nu-*

(1) Idem, p. 40,—245.

morados e da *Madre Silva* animavam-se com o espirito dos heroes do cyclo bretão, o *amor*. A *honra* predomina exclusivamente no cyclo carlingiano, que faz pela bravura, o que no cyclo de Arthur se opera pela intervenção do *maravilhoso*.

Sobre a predilecção que o Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira tinha pelos livros de cavalleria do cyclo de Tavola Redonda, se lê na sua Chronica: «E com esto havia gram sabor, e usava muito de ouvir e ler livros de hestorias, especialmente usava mais ler a *hestoria de Galaaz em que se continha a soma da Tavola Redonda*. E porque elle achava que per virtude de virgindade que elle houve, e em que perseverou Galaaz, acabara muitos grandes e notaveis feitos, que outros não poderam acabar. E elle desejava muito de o parecer em alguma guisa: e muitas vezes em si cuidava de ser virgem: etc.» [1]

Entre os *livros de uso* de el-rei Dom Duarte, cuja lista foi encontrada na Cartucha de Evora, vem citado o romance ou *Livro de Galaaz, Merlim,* e o *Tristão*. [2] No *Cancioneiro de Dom Diniz* tambem se encontra uma allusão ao romance de *Brancaflor* e ao romance de *Yseult*. [3]

(1) Chronica do Condestabre, p. 12, edição do Porto de 1848.

(2) Leal Conselheiro, pp. XX—XXII.

(3) Cancioneiro de Dom Diniz, pp. 52, 53. Na Chronica de Ruy de Pina, (Ineditos da Academia, p. 569: Chronica de Dom Affonso V, cap. 194) se lê: «E ao outro dia foy aa Vylla, que na Es-

III

Em alguns romances que ainda vogam na tradição do nosso povo apparecem vestigios da influencia bretã. As origens do romance de *Dona Ausenda* [1], são bretãs inquestionavelmente, posto que por musarabes as dê Garrett, fundado apenas na sua quasi sempre admiravel intuição. O *mararilhoso* que o entretece encontra-se inteiramente no romance de *Tristam:*

Á porta de Dona Ausenda
Está uma *herva fadada,*
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.

Quando Yseult vem vêr Tristam ferido pelo ciume do marido, as lagrimas que derrama convertem-

toria antiga dizem se chamava Ageosa Guarda, onde está agora uma grande e devota Abadia de Sam Bento,—cujo Abade mostrou a El-Rey hum muy rico e antygo livro da *Estoria de Lançarote e Tristam*, por ventura mais verdadeira do que cá se magina.»

(1) Garrett, Romanceiro, t. II, p. 172.—*Ausenda* é uma corrupção de *Ausea*, nome derivado de *Iséa* ou *Iseult*.

se em um lirio: «Cada mulher que o come, *Luego se siente preñada*» como diz o—Romance de Don Tristan nuevamente glosado por Alonso de Salaya.—Du Puymaigre achou tambem um romance das Asturias com este começo:

Hay una yerba en el campo
Que se llama la borraja,
Toda mujer que la pisa
Luego se siente preñada. [1]

Tambem no romance popular do *Conde Nillo* [2] ressalta o maravilhoso, caracteristico do cyclo bretão:

—Morto é o Conde Nillo
A infanta já a expirar.

(1) Duran, *Romancero general*, t. II, p. 666, 2.ª edição.

É notavel a grande similhança que se encontra entre a poesia popular portugueza e a das Asturias. A *Silvana* é similhante á *Delgadina* (Amador de los Rios no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, t. III, p. 284.). O romance de *Dona Ausenda* lembra o romance asturiano da *Princeza Alexandra* (*Rom. general*, t. II, supracitado) O romance da *Nay Catherineta*, tem um final como *El Marinero*, cançoneta asturiana. Amador de los Rios considera-os como introduzidos nas Asturias pela grande centralisação em que as provincias de Hespanha se tornaram castelhanas no reinado de Fernando III e Alfonso X.

(2) Romanceiro de Garrett, p. 11, t. 3. Este romance foi novamente recolhido na tradição oral de Traz-os-Montes com o nome de *Conde Ninho*, ou niño.

Abertas estão as covas
Agora os vão enterrar:
Elle no adro da egreja,
A infanta ao pé do altar.
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar,
El-rei, apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.

Esta mesma deliciosa imagem encontra-se na seguinte passagem do *Tristão:* «Et de la tombe do monseigneur Tristão, yssoit une ronce belle et verte et bien feuillue qui alloit par dessus la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tombe de la royne Yseult et entroit dedans. Le virent les gens du pays et le compterent au roy Marc. Le Roy la fist coupper par troys foys, et, quant il l'avoit le jour fait coupper le lendemain estoit aussi belle comme elle avait aultreffois este, etc.» [1]

Não é simplesmente uma curiosidade erudita a determinação d'estas origens e acções; por ellas se

(1) *Tristan, Chevalier de la Table ronde,* fol. CXXIV, ap. Du Méril, op. cit. p. 331. nota 6.—Este mesmo maravilhoso se encontra no *Lord Thomaz and fair Annet* (Percy, Reliques of ancient english poetry, t. III, p. 296); no *Prince Robert,* e no *The Douglas Tragedy* (Walter Scott, Minestrelsy of the Scottish Border, t. III, p. 59; t. II, p. 224.)

prova que a maior parte das poesias populares, é uma assimilação de cantos individuaes quasi sempre mais extensos, mas que o povo torna seus, reduzindo-os aos traços geraes, e consequentemente a uma abreviação e a esse laconismo caracteristico que é a belleza profunda, como a descobriram Shakespeare e Goethe.

IV

O cyclo d'Arthur é fundado sobre o cyclo de Carlos Magno; ha ali o espirito das lendas ecclesiasticas; falta-lhe a realidade heroica da *independencia,* mas têm a obediencia quasi monastica da *fidelidade!* Os cavalleiros procuram pelo mundo um ideal phantastico e impossivel, a urna, o Saint Graal, que recebeu as lagrimas de Jesus, e perdem-se n'uma viagem mysteriosa e infinita pelo mundo; a sua peregrinação tem um tanto da maldição de Ashaverus, é como uma penitencia em vez de uma aventura. Os romances não tem a altivez masculina dos vassallos de Carlos Magno, cantam unicamente o amor. Era o genio da passividade celtica. Arthur é amado na ilha de Avalon, como Carlos Magno já no fim da vida, quanto o espirito ecclesiastico se ia apossando da lenda guerreira. Lancelot ama a rainha Ginebra, Tristão a Yseult, Ivain a Dama da Fonte, Eric a Enida, Merlin a Fada Viviana. O amor mystico

humanisa-se pouco a pouco, a ponto de saír das representações allegoricas da virtude para a realidade das Beatrizes da edade media. Todas estas falsificações do sentimento, que formaram as sublimes loucuras do *amor*, do *valor*, e da *honra* [1], voltaram ao natural, tornaram-se possiveis, sociaes pelo genio da Renascença. Deixando o reapparecimento dos livros classicos da antiguidade, a grande revolução operada na alma humana e nas instituições sociaes na Renascença, é obra popular.

---

(1) A *honra* não era um mero sentimento cavalheiresco, cujos pontos levava ás mais extremadas emprezas; a *honra* era o titulo do direito; o homem d'*honra* era impigerrimo; quando faltava a ella, era banido, conduzido para fóra dos limites do territorio aonde tinha a garantia civil — a sua honra.

CAPITULO III

I — Do cyclo Greco-romano na poesia popular portugueza.

II — Principaes divisões dos cyclos legendares — O «Livro de Anibal», e a «Hestoria de Troya», citados entre os livros de el-rei Dom Duarte.

III — O romance de Virgilio em Portugal e Hespanha.

IV — Vulgarisação das ficções eruditas entre o povo pelo uso dos «Exemplos» na edade média.

Entre a multiplicidade das creações poeticas que caracterisam esta genese assombrosa da edade media, e que formam os cyclos carlingiano e de Arthur ou da Tavola Redonda, em que successivamente se encontra a influencia do genio de um povo sobre os outros, a penetrarem-se mutuamente dos mesmos sentimentos pela poesia, formando assim a unidade da Europa moderna; a antiguidade começára a seduzir a imaginação como um presentimento da Renascença, originando uma nova serie de romances e narrações interminaveis dos heroes gregos e romanos, a que pertencem os romances da *Guerra de Troya*, *Romance de Alexandre*, o romance de *Virgilio*, e historia de *Apollonio*.

I

Esta influencia da litteratura byzantina na edade média, é modernamente conhecida entre as classificações dos poemas e romances cavalheirescos pelo nome de — *cyclo greco-romano*. Estudámol-o no quadro da poesia popular portugueza, seguindo a tradição primitiva de Ulysses, que veiu, na fatalidade de seus errores, fundar áquem das columnas de Hercules a cidade de Lisboa ou Ulyssea. O romance de Ulysses, o unico facto talvez da poesia popular moderna, ainda anda em elaboração na mente do povo; tem o typo do aventureiro solerte e divertido; em Cascaes se encontram muitas cantigas celebrando o capitão grego, e das que conhecemos concluimos que a fórma predominante d'essas narrações é o *amphiguri*, ou um capricho em que o cantor vae rimando ao acaso todas as coisas que lhe cáem casualmentente debaixo da vista, referindo-as a um estribilho unico, aonde a imaginação descança.

Os poetas da edade media encontraram uma grande mina nos historiadores byzantinos, que confundiram as raias da ficção e da historia; Syncello, Cedrenus e Malalas repetem as fabulas que envolveram Ale-

xandre desde Aristobulo até ás versões do Pseudo-Callisthenes. [1] As maravilhas operadas por Apollonio de Thyane, contadas segundo Philistrato, tornaram a sua lenda popular, porque o povo ama sempre o extraordinario; o theurgo do paganismo foi sympatico aos christãos dos primeiros seculos.

Mas nem todo o cyclo dos romances greco-romanos é de influencia byzantina; a vinda dos gregos á Peninsula e os seus estabelecimentos sobre a costa occidental, embora exercessem uma acção inapreciavel, é comtudo reconhecida na colonia grega do Meio-Dia da França, de que era capital Marselha, e no espirito que impellia para o oeste os aventureiros de Rhodes. [2] As lendas da edade media, quer da *Legenda Aurea*, ou dos *Mysterios*, encontram-se em muitas circumstancias com os mythos gregos. [3] Tristan, combatendo Morhuet de Irlanda, voltando com a vela negra que convencionára trazer em seu navio, reproduz o mytho de Theseu. O gigante que propõe os enigmas ao joven Lancelot é a sphynge que interroga Œdipo. Os doze trabalhos de Hercules são reproduzidos em Arthus, filho natural de Uther, que Merlin auxilia, que

(1) Chassang, *Hist. du Roman*, p. 434.

(2) *Hist. Litter. de la France*, 1733, in-4.°, t. I, p. 71.

(3) Chassang, *Hist. du Roman*, p. 439, onde cita: P. Paris, *Moyen Age et la Renaissance*, t. II, art. Roman. — Leclerc, *Hist. Litter. de la France*, t. XIX, p. 761, etc., e Moland, *sur l'Hist. de Polipheme et d'Ulysse*.

Ginebra atraiçôa, que vence monstros e bandidos, que os confins de Cadiz detêm. [1] As tradições gregas tornavam-se o typo da acção para os heroes da edade média. Mesmo na nossa poesia popular, a *Sylvana* é como uma reproducção da historia sombria de *Myrra*.

Os romances do cyclo troyano são de origem erudita; no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconsellos, encontram-se bastantes. Copiamos um ao acaso como typo do genero:

Diante os muros de Troya
Mui ufano passeava
Achilles o mui soberbo
Que em seu peito a abrasava.
A fermosa Policena
Antre as ameyas estava;
E tal era a fermosura
Com que d'ellas se estremava,
Que romper per antre as nuvens
A Aurora semelhava:
O cruel immigo os olhos
A tal luz alevantava.
De seus raios traspassado

(1) Chassang, id.

Dentro do peito se achava,
Com a dor que na alma sente
A falar-lhe se chegava;
Mas a troyana princeza
Que em extremo o desamava,
Recolheu-se com gemidos
Que a deoses apresentava,
Pedindo-lhes a vingança
Que ella a tomar não bastava.
O cavalleiro indomavel
Tam preso e triste ficava,
Que com suspiros ao ceo
Sua dor manifestava;
Já d'antes a tinha visto
Quando ella Hector pranteava,
Des então do seu amor
Sua alma presa enxergava,
De como pudesse havel-a
Muitas contas só lançava.
Como agora amor repouso
Nem soffrimento lhe dava,
Soccorreu-se á esperança
Que a vida lhe sustentava;
A Hecuba sua madre
Tal mensagem ali mandava,
Que se quer ver Troya livre
Policena assegurava
Que elle a fará descercar
Se por Senhora lhe dava.
Hecuba, que mais que a vida

Vingar Hector desejava,
Com Páris logo da morte
De Achilles cruel tratava.
Respondeu-lhe que se vissem
No templo em que Apollo estava.
Recebera Policena;
Se a fé ante elle lhe dava;
E de imigo será filho,
Se lhe Troya descercava.
O triste Amador que a via
Nem cem vidas estimava;
A respeito do desejo
Que Policena causava.
Sem temor e sem receio,
Sem cuidar que aventurava,
Entregando-se á ventura
E Amor que o guiava,
Sem cautella e em seu conselho
No templo de Apollo entrava.
De giolhos posto ante elle
Muitas graças a amor dava.
Páris que com o arco armado
Escondido o esperava,
Fazendo votos a Apollo
Se lhe a seta endereçava.
Em o vendo de giolhos
Muy prestes n'elle encarava;
Pola pranta do seu pé
A vida lhe atravessava,
Cae o triste namorado

De quem tanto o desamava;
N'esta vingança de Hector
Toda a Troya se alegrava. [1]

Em Garcia de Rezende se lê no prologo ao *Cancioneiro Geral:* «muytos e grandes feytos de guerra, paz e virtudes, de çiençia, manhas e gentilezas sam esquecidos, que, se os escriptores se quizessem acupar a verdadeiramente escreuer, nos *feytos de Roma, Troya,* e todas outras antiguas cronicas e *estorias,* nam achariam mores façanhas, nem mays notaveys feytos que os dos nossos naturaes se podiam escrever, assy dos tempos passados como d'agora.» A palavra *estoria* é empregada sempre pelos nossos velhos escriptores no sentido de *tradição;* assim o entende tambem o sr. Herculano na biographia de Fernão Lopes, o qual foi encarregado de pôr em *caronica* as *estorias* dos primeiros reis. A distinção entre *cronica* e *estoria,* usada por Garcia de Rezende, tem referencia aos feitos *(gestas)* do cyclo greco-romano. «E assy muytos emperadores, reys e pessoas de memoria *polos rrymanços e trovas sabemos suas estorias.*» As tradições do cyclo greco-romano apparecem tambem no *Cancioneiro Geral,* na «Epistola de Penelope a Olyxes, treladada de Latym em lyngoagem per Joam Rroiz de

(1) Obra cit. p. 218. — Muitos romances d'este genero formarão um volnme intitulado *Floresta de romances com forma litteraria dos seculos XVI e XVII.*

Saa,» na Epistola de Laodamia, e na Epistola de Dido a Eneas [1]; na «Carta de Ulises a Penelope, por Joam Rroiz de Luçena» e na de Oenone a Pares [2]

Um outro elemento de formação legendar do cyclo greco-romano eram os commentarios rhetoricos das escholas, na interpretação de certos auctores; assim se fórmou a lenda de Virgilio; a edade media adoptou-o como o seu poeta querido; retratou-o com as suas côres; fez d'elle um padre da egreja, um nigromante, um cavalleiro andante, e todas estas phases da lenda de Virgilio tiveram origem da interpretação das suas eclogas. A lenda de Aristoteles, montado e enfreiado por Laís, como contam os velhos *fabliaux*, provém talvez da repugnancia que causou aos espiritos credulos da edade media a ideia do Stagyrita ácerca da intelligencia dos brutos.

II

Eram tres os cyclos epico-legendares da edade media, como se vê no principio da *Chanson des Sa-*

(1) Ediç. de Stuttgart, t. II, p. 375—399.
(2) Id. p. 548—557.

xons, de Jean Bodel — o cyclo de Carlos Magno, de Arthur e o greco-romano:

Ne sont que trois matière à nul homme entendant,
De France, de Bretagne, et de Rome la grant. [1]

Em uma endeixa (complainte) sobre a morte de Dugueselin, comparando os heroes do seculo XIV com os da antiguidade, vem a ennumeração dos personagens d'este cyclo:

Pour les grans faits soit escript sur la table
Machabeus et des preux de renom,
De *Josue, David* le raisonable
D'*Alexandre*, de *Hector*, de *Césaron*,
Arthus, Charles, Godefroy de Bouillon. [2]

Era este cyclo extenso que Jean Bedel chamava de *Rome la grant*. Que Gil Vicente, a alma do nosso povo, o conhecia, ahi está trigicomedia de *Dom Duardos*, onde se reproduzem os sentimentos cavalheirescos. [3] Tambem a lenda de Trajano e de Constantino parecem conhecidas de Gil Vicente. [4] Na tragicomedia

(1) Cit. d'après Chassang, idem, p. 400.
(2) Collect. des Mémoires sur l'histoire de France de Michaud, etc., I, 435.
(3) Obras, t. II, p. 239.—Idem, ibid. p. 241
(4) Idem, ibid. p. 361.

da *Exortação da Guerra,* representada na partida de Dom Jaime para Azamor, nos paços de Dom Manoel, em 1513, apparecem Pantasilea, Achiles, Annibal, Heitor e Scipião.

O *Livro de Hanibal,* que vem citado entre os *Livros de uso* de el-rei Dom Duarte era, segundo a hypothese do senhor Herculano [1], um romance do cyclo greco-romano, bem como a *Hestoria de Troya por araguez,* e o *Livro da Romaquya.* Basta-nos este facto para provar que nos não foi extranho este cyclo erudito.

Alguns dos nossos romances apresentam acções caracteristicas do cyclo greco romano. O romance da *Filha do imperador de Roma,* parece uma tradição da sociedade byzantina; tambem o milagre de Ourique é uma reproducção da lenda byzantina de Contantino.

III

A tradição popular deslumbra-se não só com os Heroes, mas tambem com os Sabios; ao lado do romance de *Alexandre,* de *Carlos Magno* e do *Cid,* en-

(1) Panorama, t. IV, p. 8, anno de 1840.

contra-se a figura de *Aristoteles* com o grotesco do Fabliau, e *Virgilio* personificado segundo as differentes evoluções de uma mesma legenda; argumentam os *Sete Sabios, Apollonio* transforma-se no Christo do paganismo, e *Salomão* sentenciando nos seus dialogos com Marculpho, como grande adivinhador de enigmas, serve-se dos anexins da edade media para exprimir uma moral severa e conjuntamente cynica. Factos analogos se deparam na vida dos poetas gregos: Homero, Eschyllo e Sophocles foram por seu turno romanceados pelos eruditos alexandrinos.

Virgilio foi o personagem dilecto d'estas creações byzantinas; retrataram-n'o com as côres moraes do tempo; ora é um feiticeiro que vive folgadamente em uma opulenta ociosidade que a sua vara magica inventa. Ideal de uma sociedade a esphacelar-se, o Baixo Imperio. Ora segue aventuras d'amores, que o expõem aos sarcasmos e ludibrios de que elle sabe vingar-se admiravelmente. Agora fazem-no um padre da egreja entre os padres da egreja, e vem testimunhar o Verbo; logo os jurisconsultos consultam a integridade da justiça que o sentimento do bello lhe deixou entrever. Elle está á altura de cada espirito, ou revelando o futuro nas palavras soltas dos seus carmes, ou inspirando no reino das sombras o genio da Renascença. Quem não ha de amal-o! A legenda da descida aos infernos tinha-se desenvolvido successivamente desde o Purgatorio de S. Patricio e a visão de Oenus e Tundal, até á visão do monge Alberich. Foi Dante quem descobriu na *selva* o *ramus aureus*

de Virgilio, que dava entrada no mundo das sombras; justamente na mesma nuvem da rainha Dido lhe apparece a creação pura e sublime da Francesca de Rimini. Virgilio dirige o espirito da Renascença; veiu retemperar de novo a alma humana na contemplação da natureza, odiada pelos mysticos; é como *a dolce color d'oriental zaffiro,* de que falla o gabellino, illuminando o abrir dos tempos modernos. Em cada logar retrataram-no com traços caracteristicos; os grammaticos byzantinos fundam nas eclogas um romance licencioso da sua vida; os mysticos da edade média tiram do nome de Virgilio o horoscopo da virgindade de sua alma. Como o haviam de representar n'este clima apaixonado da Hespanha? Como cavalleiro andante, vive das aventuras de amor; o galanteio vae mais longe. O rei manda prendel-o por ter seduzido uma dama, talvez sua filha? Condemna-o á morte; a offendida o salva, servindo-se do sublime direito cavalheiresco da mulher. Eis como elle anda nos Romanceiros de Hespanha:

Manda el-rei prender Virgilios
E a bom recado o metter,
Pela traição commettida
Dentro dos passos d'el-rei.
Uma donzella forçára,
Chamada Dona Isabel!
Sete annos o teve preso
Sem que se lembrasse d'elle;

E estando um domingo á missa
Começou de pensar n'elle:
—Meus cavalleiros, Virgilios
O que será feito d'elle?
Logo fala um cavalleiro,
Amigo de Virgilio era:
«Preso o tem a vossa alteza,
Preso mettido entre ferros.
—A comer, meus cavalleiros,
Cavalleiros, a comer,
Depois de termos comido
A Virgilio iremos ver.
Ali falára a rainha:
—«Eu não comerei sem elle.»
Para os carceres caminham
Aonde Virgilio pena.
—Que fazes aqui, Virgilios,
Virgilios, o que fazeis?
=Penteio, senhor, as barbas
E tambem os meus cabellos;
Aqui me foram crescidos
Aqui hão de embranquecer,
Que hoje se acabam sete annos
Que me mandaste prender.
—Cala-te lá, oh Virgilios,
Já tres faltam para dez.
=Senhor, vossa alteza o manda,
Aqui ficarei de vez.
—Virgilios, por tal paciencia
Commigo hoje vás comer.

=Rotos tenho meus vestidos
E não posso apparecer.
—Eu te darei uns, Virgilios,
Elles aqui virão ter.

Bom grado dos cavalleiros,
E mais tambem das donzellas,
E mais agradou á dama
Chamada Dona Isabel.
Logo ali um arcebispo
A desposava com elle,
Que pela mão a levava
A retirado vergel.

Este romance appareceu pelo seculo XVI nas primeiras collecções hespanholas. Não ousâmos affirmar positivamente que seja o poeta Virgilio o personagem; a grande popularidade do mantuano, e a paridade de lendas similhantes, levam-nos a crer que seja uma reminiscencia d'aquelle que tanto satisfez o espirito da Renascença. Entre nós são raros os romances do cyclo greco-romano, comtudo o romance de Virgilio parece ter existido, porque no romance de *Reginaldo,* em que se encontra a fusão de duas acções differentes, o pagem d'el-rei está mettido n'uma torre, d'onde é tirado depois para casar com a filha do rei; na acção pouca differença faz do romance de Virgilios. Eis o alludido fragmento que se encontra sómente nas lições do Ribatejo e Beira Alta:

Já o mettem n'uma torre,
Já o vão encarcerar,
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veiu a mãe de Reginaldo
O seu filho visitar:
«Filho quando te pari
Com tanta dôr e pezar,
Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas dos olhos,
Filho te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar.
E teu pae já na agonia,
Que me estava a encommendar:
Em quanto fosses pequeno
De bom ensino te dar,
E depois que fosses grande
A bom senhor te entregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar!
A el-rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vaes dormir com a infanta
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que el-rei t'a manda cortar!
Ai, meu filho, antes que morras
Quero ouvir o teu cantar. -

—Como hei de eu cantar, mi madre,
Se me sito já finar?
«Canta, filhinho, canta
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.
Canta-me o que elle cantava
Na noute de Sam João:
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.
—Um dia antes do dia
Que é dia de Sam João,
Me encerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Mettido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.

De suas varandas altas
El-rei estava a escutar;
Já se vae onde a princeza,
Pela mão a foi buscar.
«—Anda ouvir, oh, minha filha,
Este tão triste cantar,
Que ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar.
=Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura

A quem mandaes degollar.
«—Pois já revogo a sentença
E já o mando soltar;
Prende-o tu, infanta, agora
Pois comtigo ha-de casar.

São fundamentaes as analogias d'estes dous romances para considerar a versão do Ribatejo e Beira Alta como uma peça destacada. Em ambos elles um cavalleiro ou pagem que fez uma traição no palacio de el-rei, é mettido em uma torre aonde o re se esquece d'elle. A sua lembrança acode casualmente á memoria do rei, e a rainha, ou a filha da rainha, o protege, rematando o desenlace com a dama ou a infanta offendida que aceita em casamento o prisioneiro. No direito symbolico da edade média a mulher salvava o condemnado á morte, casando com elle. Isto se encontra tambem entre os arabes.

O romance de *Virgilio* é um d'aquelles que foram recolhidos no *Cancionero de Romances* de Anvers, reimpresso em Lisboa em 1581; d'ali sahiu talvez para a versão jogralesca que o tornou popular.

A lenda de Virgilio era conhecida em Hespanha e Portugal na edade média; foi sobre que se fundou o romance; nada mais natural. Na antiga comedia da *Celestina* o apaixonado quer justificar porque não resiste ao amor Melibea e exclama: «Dize-me porque é que Adão, *Solomão, David, Aristoteles* e *Virgilio*, todos aquelles de costumam falar, se sujeitaram ás mui-

lheres?» [1] Cita justamente os personagens que formám o cyclo erudito, *de quem costumam falar*. A lenda grotesca de Aristoteles sellado e montado pelas ruas de Athenas, e a de Virgilio logrado pela astucia da Lanuce, conhecidissimas na edade média, andam nas allusões de quasi todos os poemas. Em Portugal, no regimento das Coudelarias, reformado nos annos de 1566 e 1579, Virgilio vem citado como auctoridade legal a proposito do tempo em que os poldros devem ser apartados das mães. [2]

De facto as Eclogas e Georgicas eram as mais populares de todas as obras de Virgilio; e foi d'ellas que dimanaram todas as fórmas da sua legenda. [3]

IV

Parecerá talvez inexplicavel esta assimilação que o genio popular faz das lendas eruditas do cyclo greco-romano. Não é. Os prégadores da edade média

(1) Germond de Lavigne, *Celestine*, pag. 22.

(2) J. Pedro Ribeiro, Dissert. Chron. t. IV, part. II.

(3) Vid. os meus estudos sobre a *Formação das lendas de Virgilio*, 1865; e *Virgilio e a Renascença*, 1867.

moralisavam do pulpito contando contos, muitas vezes licenciosos e facetos, e fabulas de Esopo, a que chamavam *Exemplos*. De S. Domingos diz Herolt no *Promptuarium Exemplorum,* que *abundabat exemplis.* [1] E como prova de ser esta a origem das lendas populares do cyclo greco-romano, eis uns versos de *Heveloc le Danois,* por onde se confirma o nosso modo de vêr:

Volonters deveroit home ouir
et reconter et retenir
Les nobles fez es anciens,
et les prouesces, et les biens
Essamples prendre e remembrer,
Pur les francs homes amender.

Quanto á fórma poetica do *Exemplo,* d'onde saíram os contos em prosa da edade media, se vê que existiu na litteratura portugueza por esta passagem do *Leal Conselheiro:* «E na conversaçam dos amygos, o que se faz em mudança das condiçoões mostrasse per aquel *enxempro,* vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te faras.» [2]

E em Gil Vicente se encontra:

(1) Apud Du Méril, Poésies popul. latines, pag. 315, not. 1.
(2) Leal Conselheiro, pag. 223.

Por que diz o *exemplo antigo:*
Quando te dão o porquinho
Vae logo c'o baracinho. [1]

E Sá de Miranda allude:

Quanto á de Pedro e Rodrigo?
Que bem diz o *exemplo antigo*
Que não são iguaes os dedos. [2]

No Pranto de *Maria Parda,* diz Gil Vicente:

Amiga, dicen por villa
Um *ejemplo* de Pelayo,
Que una cosa piensa el bayo
Y otra quien lo ensilha. [3]

E tambem:

E diz o *exemplo* dioso,
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem. [4]

E mais:

Pois diz outro *exemplo antigo,*
Quem quizer comer commigo
Traga em que se assentar. [5]

(1) Tom. II, p. 466.
(2) Fol. 114, vers.
(3) Tom. III, p. 369.
(4) Tom. III, p. 370.
(5) Tom. III, p. 371.

CAPITULO IV

I — Da litteratura de cordel — Historia da Imperatriz Porcina — Balthazar Dias — Gomes de Santo Estevam.
II — Formação do livro popular — O conto decameronico de «Griselidis» na tradição portugueza.
III — Bibliographia de Romanceiros e Folhas volantes da poesia popular jogralesca em Portugal, a contar do seculo XVI.

Amam-se as creações do genio popular, estudam-se na efflorescencia da sua rudeza, não para admirar os lavores artisticos e vêr até que ponto o homem sabe determinar e fazer communicativos os sentimentos que o animam, mas para surprehender a natureza como ella é, em toda a ingenuidade de sua expressão, n'esta falta de consciencia em que a verdade é tanto mais profunda, quanto ha a evidencia de que não póde apparecer com factos ou côres que a falsifiquem.

I

Os phenomenos por onde se admira a poesia do povo abrangem as creações individuaes, quando a obra d'arte foi a tal ponto assimilada pela multidão, que reflecte os setimentos d'ella nas *variantes* que a reduzem á generalidade anonyma, e tambem na sympathia com que o caracter se vae manifestando. O livro popular é d'esta cathegoria e como tal digno de importancia e de estudo. Charles Nisard chegou ultimamente a dedicar dois grossos volumes a esta extensa litteratura das camadas inferiores da sociedade na França, a que chamou *Histoire de la litterature de colportage;* é o que entre nós tem o nome verdadeiramente portuguez de *litteratura de cordel,* annunciada pelo pregão mercenario do cego, leva os magros folhetos de papel pardo dependurados em um barbante.

Todos nós conhecemos uma boa meia duzia d'estes livros, usuaes entre sapateiros e quejandos, em que se conta o naufragio de *João de Calais*, o caso da *Formosa Magalona,* da *Donzella Theodora,* cujos auctores se tornaram anonymos pela absorpção do genio popular. Apesar da quantidade dos pequenos contos em prosa e rimados, a nossa litteratura de cordel

é extensissima em peças de theatro, devidas á fecundidade de Balthasar Dias, e principalmente de Nicolau Luiz.

O romance da *Imperatriz Porcina* foi composto por Balthazar Dias, poeta cego do tempo de Dom Sebastião, e o mais popular depois de Gil Vicente. Coube-lhe a sorte dos Demodocos; a cegeira deu-lhe o primeiro caracter do sentimento popular. As origens historicas d'este romance encontram-se nas *Lendas Allemãs* de Jacob. Grimm, (t. II, p. 120.) sob o titulo de *Hildegarda:* «O imperador Carlos partira para a guerra, deixando em casa a bella Hildegarda sua mulher. Durante este tempo, Taland, cunhado de Carlos, esperou que ella accedesse a seus desejos. Mas a virtuosa princeza antes queria morrer, do que ser infiel ao esposo; dissimulou comtudo, e prometteu ao infame de consentir, logo que construisse de proposito uma linda camera nupcial. Immediatamente Taland mandou construir a todo o custo um magnifico quarto de mulher, fechado por tres portas, depois pediu á rainha que o acompanhasse até ali. Hildegarda fingiu que o seguia, e obrigou-o a entrar primeiro. Quando transpoz os umbraes da terceira porta, ella a fechou de subito e correu um pezado ferrolho. Taland permaneceu fechado na prisão até á volta de Carlos, depois da victoria sobre os Saxões. Então, commiserando-se d'elle, e cedendo a hypocritas supplicas, o poz em liberdade pensando que fôra assaz punido. Mas logo que Carlos o viu perguntou porque estava assim tão magro e pallido.

«Culpa de vossa esposa impia e impudica, respondeu Taland; quando ella descobriu a sollicitude com que eu a vigiava, e se viu impossibilitada de commetter faltas, mandou construir uma nova torre, e ali me teve preso.» O rei ficou vivamente commovido com aquella nova, e n'um momento de cólera ordenou á sua gente de afogarem Hildegarda. Ella fugiu, e foi occultar-se em segredo em casa de uma de suas amigas; mas logo que o rei descobriu o refugio, deu novamente ordem para a conduzirem a uma floresta, de lhe vazarem os olhos, e de a banirem em seguida do territorio. O que succedeu? Quando a gente do rei a levava, encontraram no caminho um cavalleiro da casa de Freudemberg, que a condessa Adelgemd, sua irmã enviara encarregado de uma mensagem para Hildegarda. Logo que viu que perigo corria a rainha, arrancou-a das mãos dos algozes, e lhes deu o cão que o havia seguido. Tiraram os olhos ao cão e os levaram ao rei como prova de haverem cumprido as suas ordens. Salva d'este modo Hildegarda pelo soccorro de Deos, veiu a Roma em companhia de uma nobre dama, chamada Rosina, e exerceu ali com tanta felicidade e successo a medicina, que aprendera e praticara durante a vida,que em breve alcançou uma grande nomeada. No entretanto Deos puniu a impiedade de Taland tornando-o leproso e cego. Ninguem o podia curar; alfim ouviu dizer que em Roma uma mulher celebre pelos seus conhecimentos medicos, curava muito bem aquella doença. Quando Carlos veiu a Ro-

ma, Taland o acompanhou, indagou a morada da tal mulher, disse-lhe o nome, e pediu para a sua doença os soccorros da arte, sem saber que estava falando á rainha. Hildegarda ordenou que confessasse os seus peccados a um padre, fizese penitencia, e que depois experimentaria n'elle a virtude da sua arte. Taland seguiu o conselho, confessou-se, veiu procural-a, e ella lhe restituiu a saude. O papa e o rei ficaram tam maravilhados da cura, que desejaram vêr a mulher que a praticára e a mandaram chamar. Ella obedeceu, mas com a condição de no dia seguinte entrar para o convento de Sam Pedro. Foi ao passo e contou ao rei seu senhor como fôra trahida. Carlos reconheceu-a com alegria, e a tornou a tomar como mulher; mas condemnou á morte seu cunhado. Comtudo a rainha, a poder de rogos, obteve que lhe poupassem a vida, e assim ficou sómente abandonado á miseria.» [1]

D'onde viria esta tradição ao conhecimento de Balthazar Dias? Seria talvez dos *exemplos* que se usavam então nos sermões? É certo, que como esta chegaram até nós muitas lendas da edade média, como o conto de *Griselidis* que traz o Trancoso, vindas talvez por Hespanha. O romance da *Imperatriz Por-*

(1) *Annalis Campidenenses.*—Nic. Frischlini, *Comedia: Hildegardis magna.*—Cf. Vinc. Bellovac. *Sp. Hist.* vii, c. 90—02, e o velho poema allemão *Crescentia.*

cina ainda hoje anda no pregão dos cegos e faz as delicias do nosso povo. Dá-se com elle o facto notavel de ser na tradição oral mais breve e por isso mais lido.

A *Historia da imperatriz Porcina,* tão querida, reimpressa, procurada e apregoada, foi introduzida em Portugal por este infeliz cego, natural da Madeira, o Gil Vicente do tempo de Dom Sebastião, povo no seu estylo, e cego como elle no mundo; foi por isso que o povo o comprehendeu como irmão, e se consolava com as phantasias que ia creando na solidão em que se achava. Ainda hoje os artifices das villas e arrabaldes das cidades encontram uma distracção predilecta no *Auto de Santo Aleixo* e no *Auto de Santa Catharina* de Balthazar Dias. [1] Pertence-lhe tambem o *Auto da malicia das mulheres* [2], e essa perola perdida e modernamente desencantada pela vara magica de Garrett, que a salvou no terceiro tomo do seu *Romanceiro,* digo o *Marquez de Mantua,* apeiado do classico barbante em que tantos annos cavalgou, despindo-o do papel pardo em que o traziam os vendilhões de feira e os cegos andantes; salvou este venerando romance do cyclo de Carlos Magno, mau grado

(1) Lê-se no volume 1 do *Panorama*: «publicou um grande numero de *Autos* e outras obras, humildes pelo estylo, mas com toques tão nacionaes e tão gostosos para o povo, que ainda hoje são lidos por este com avidez.»—Pag. 14.

(2) *Dicc. Bibl.* vol. 1, Balthazar Dias.

do desdem supercilioso de empoados academicos. [1] O romance é de origem franceza; inclino-me a crêr que viesse de Hespanha, deixando o caracter epico que lá tinha depois de dramatisado ao gosto popular por Balthazar Dias.

O nosso *Marquez de Mantua,* que anda na litteratura de cordel, tinha sido recolhido na colleção do Cavalleiro de Oliveira, com uma variante no principio; Balthazar Dias, o traduziu dos *pliegos sueltos* hespanhoes. Nas notas de *Dom Quixote,* Pellecier attribue-o a Geronimo Treviño, mas Ochoa (Tesoro, p. 12, not. 3.) apenas o julga como editor, que lhe deu correção e modificou o original antigo, fundado no encontro das consoantes forçadas, não usadas pelos poetas do seculo XIV e XV. Nos Romanceiros hespanhoes anda dividido em tres partes; na primeira encontra o Marquez seu sobrinho Baldovinos ferido mortalmente, que lhe conta a traição de Carlóto, e a vingança que jura; o segundo romance conta a embaixada a Carlos Magno para lhe pedir justiça contra seu filho, e a execução da sentença contra Carloto; o terceiro é o funeral de Baldovinos. Balthazar Dias, transformou os tres romances em um só, reduzindo egualmente as descripções epicas a rubricas dramaticas, servindo-se das falas para o dialogo. Por aqui se vê quasi o processo artistico como

(1) Garrett, *Romanceiro,* t. III, pag. 193. O snr. Innocencio dá-o como original de Balthazar Dias.

o nosso poeta foi naturalisando e melhorando os romances hespanhoes. Quando Garrett sacou do lixo da Feira da Ladra esta perola, ainda não sabia quem era o auctor.

A *Formosa Magalona*, que pertence á influencia do romance cavalheiresco francez sobre a peninsula, [1] depois de havel-a vertido por seu turno a Hespanha, chegou até nós. A *Formosa Magalona*, que andou entre nós tanto tempo montada no cordel do cego andante, e agora passou para a canastra do vendedor de phosphoros, foi, segundo Victor Le Clerc, escripta primitivamente em provençal ou em latim, no seculo XIV, pelo conego Bernard de Triviez. E' um dos mais correctos de todos os contos populares, e dizem que aos quatorze annos Petrarcha lhe retocara o texto. [2] O traductor portuguez alterou-lhe o titulo antigo—*Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelone*. As traducções á letra não eram conhecidas na edade media.

As *Sete partidas do Infante Dom Pedro* são tambem uma imitação estrangeira; este livro popularissimo é attribuido a Gomes de Santo Estevão. [3]

(1) Ticknor, *Histoire de la Litterature Espagn.*, pag. 223.

(2) V. Le Clerc, *Discours sur l'état des lettres en France au quatorzième siècle*, pag. 563.

(3) José Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. I, pag. 318.—Brunet, Manual do Livreiro.—Faria e Souza, *Comm. de Camões*, c. VIII. est. 37.—*Dicc. Bibl.* vb.° cit.

Commentando a estancia 37 do Canto VIII dos Luziadas, Faria e Souza, sobre o verso:

Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;

diz: «Aquel, es Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escreviessen cosas que parecẽ fabulas, a quien ha visto poco: principalmente un quaderno que vulgarmente se llama, *Auto do Infante Dom Pedro*. Algunos piensan que el nombre és improprio, por que piensan, que Auto no passa a significar mas de une suerte de Comedia. Pero quien escrivio aquel pedaço de historia, se devia acordar del titulo de los Apostoles de Christo, que es *Actus Apostolorum*, etc. Assi que *Auto del Infante* quier decir *Acciones suyas*: de manera, el titulo está ajustado a lo escripto.» (Pag. 434, t. III.) Faria e Souza reconhece tambem esta exageração que caracterisa as cousas populares.

Entre os contos populares cita-se tambem o livro de Gonçalo Fernandes Trancoso, intitulado—*Contos e historias de proveito e exemplo*; não se pode acceitar o que diz Manoel de Faria e Souza (Europa Portugueza, t. III, parte IV, cap. 8, n.º 87) ser este o primeiro livro de novellas que saiu á luz em Hespanha, porque muitos contos são tirados das colleções

primitivas, e alguns até das mais conhecidas, como do *Decameron* de Boccacio. A lenda mais popular da edade média, aquella em que a familia feudal se acha mais profundamente revelada, é a da constancia de *Griselidis*. Boccacio deu-lhe uma fórma admiravel, d'onde a tirou Trancoso para a prosa acanhada de uma imaginação assombreada pelas macerações catholicas. Encontra-se o typo sublime de *Griselidis*, a dedicação no seu extremo, em quasi todos os povos da Europa moderna. Noguier, Philipo Foresti, e Bouchet fixam as origens historicas no seculo XI; segundo Leduchat *Griselidis* foi tirada de um manuscripto intitulado *Parement des Dames;* antes de a apresentar Boccacio, já Petrarcha a tinha ouvido contar. Trataram este assumpto dos contos em prosa do seculo XIV, em Italia Dolce e Alamani; em Inglaterra Chaucer; Perrault o traduziu em versos francezes. *Griselidis* foi tambem conhecida na Hespanha, na Hollanda e na Allemanha, nos dramas populares, nos contos, e em todas as fórmas litterarias; é um assumpto de todos os paizes. O seu nome teve diversas transformações: Griselidis, Grisalda, Gissel, Griselda, Griselia; entre nós foi conhecida pelo *Decameron* de Boccacio. [1]

(1) Sobre as origens d'este conto vêr o trabalho de Du Méril, Des Sources du Decameron et de ses imitations. — No citado *Index Expurgatorio* de 1624, pag. 149, se lê: «João Boccacio de Certaldo. As suas *Novellas* (que tambem se prohibem no Catalogo Romano) não sendo conforme ás emendadas e impressas do anno de 1572 a esta parte. Item, a sua *Fiametta* em italiano, ou em qualquer

O Marquez de Saluce nos *Contos* de Trancoso tem o nome de Marquez de Valtero; *Griselia* é a sublime camponeza. Trancoso viu na pobre Griselia apenas um exemplo para demonstrar a submissão catholica da mulher a seu marido, sem descobrir que debaixo d'aquella submissão estavam latentes todas as dores das extorsões feudaes. Pode lêr-se no Conto v da Parte III, p. 266 que traz por titulo o pensamento moral que o resume: «*Que ainda que nos vejamos em grande estado não nos embaracemos, antes tenhamos os olhos donde nascemos para merecermos depois a vir a ser grandes senhores: como acconteceo a esta Marqueza, de que he o conto seguinte.*»

As paginas de Trancoso não são directamente traduzidas, mas accommodadas aos nossos costumes e linguagem; as traducções á letra são de uso muito moderno.

A *Historia dos tres corcovados de Setubal* é uma imitação do conto popular francez *Histoire des trois bossus de Bésançon*, já variante da que vem nos *Contos Tartaros* de Gueullette, e derivada da *Notte piaccevoli* de Streparole.[1] A introducção das fabu-

lingua.» Entre os monumentos da imprensa portugueza o Bispo Cenaculo, nas *Memorias do Ministerio do Pulpito*, cita uma traducção da *Fiametta*.

Tambem o *Conde de Lucanor*, a principal collecção de contos da Hespanha, era conhecida em Portugal como se vê pelo *Catalogo dos livros de uso* de el-rei Dom Duarte

(1) *Notte V, fab. III.*

las orientaes na Europa, de que ha vestigios sensiveis no *Gesta Romanorum*, na *Disciplina Clericalis* e no *Conde de Lucanor*, caracterisa-se n'este conto dos Tres Corcovados, pelo episodio dos *affogados*, frequente nas creações imaginativas do Oriente. [1] Talvez que a sua primeira fórma seja a dos *Trois Bossus* de Durand, trovista do seculo XIII, recolhida na collecção dos *Fabliaux* de Barbazan. [2]

É possivel que o conto andasse no Decameron popular não escripto dos nossos serões, introduzido pelo uso dos *Exemplos* da edade media; a sua vulgarisação entre nós é proveniente da especulação, e póde dizer-se que as variantes são devidas á ignorancia dos traductores, e á originalidade que procuram dar-lhe accommodando-o aos nossos logares.

Quem não conhece esse aventuroso *João de Calais*, que faz as delicias dos sapateiros remendões, e que tem um favor publico por todas as aldeias, que ninguem lhe disputa, e á sombra do qual se vae arreiando de anno para anno com edições successivas? É um romance modernissimo, do seculo XVIII, escripto por madame Gomez (née Madeleine-Angélique Poisson), ultima representante da litteratura abun-

(1) Por exemplo: as *Parabolas de Sandabar*. Vid. *Ensaio sobre as fabulas indianas*, de Loiseleur des Longchamps; — *Histoire Litteraire de la France*, t. XXIII, pag. 165.

(2) *Fabliaux*, t. III. — Vid. Charles Nizard, *Hist. des livres populaires*, t. I, pag. 237.

dante e insipida dos Calprenede e Scudéry.[1] O nosso povo devia sympathisar com o heroe, já pela magia do nome, Juan, um nome que tem certa fascinação nas tradições da Peninsula; já pelo quadro do naufragio, costumados como estavamos a ouvir as antigas narrações da perda dos galeões da carreira da India, e sobretudo, porque parte da acção se passa em Portugal.

II

A lenda popular nem sempre deixa ver o processo da sua formação, porque raramente se descobre a realidade historica em que se funda.

Os criticos de ordinario perdem-se em hypotheses. A lenda muitas vezes só têm a realidade de um nome; tudo o mais é uma invenção, tanto mais difficil de seguil-a na sua elaboração, quanto ella é anonyma.

É assim a lenda do *Roberto do Diabo*. A litteratura de cordel tambem a atirou ao mercenario pregão do cégo andante; é uma traducção do francez *Vie du*

(1) Ch. Nizard. *Histoire de la litter. de colportage*, t. II, pag. 408, cap. XIV.

terrible Robert le Diable, le quel après fut nommé l'Homme-Dieu. Não temos a sua continuação, que se intitula *Histoire de Richard sans peur,* do mesmo auctor anonymo.

M. Le Hericher julga o *Roberto do Diabo* uma personificação do espirito normando,[1] imitação do typo de Viking, ou Rollon das lendas terriveis do norte. O nosso povo acceitou-o e delicia-se com os pactos diabolicos e com a conversão piedosa.

Os livros populares não têm origem commum, como as grandes obras anonymas. A litteratura de cordel, profundamente portugueza, extinguiu-se; compunha-se das peças destacadas de Gil Vicente (obras meudas), e principalmente das relações dos naufrágios dos galeões das Indias, que perderam a sua popularidade quando foram encorporadas em volume.

(1) Nizard, Op. cit. cap. XIV, pag. 438.

III

Bibliographia de Romanceiros e Folhas volantes da poesia popular-jogralesca em Portugal, a contar do seculo XVI:

Antonio Ribeiro Chiado.—Viveu por 1591; era franciscano, e annulou os votos fazendo-se bazochiano:

Philomena de Louvores dos Santos, com outros cantos de devoção. Lisboa, 1585, in-12.

Letreiros sentenciosos, os quaes se acharam em certas sepulturas de Espanha.—Lisboa, por Antonio Alvares, 1602. 8.°—Farinha reimprimiu outra edição mais antiga com o titulo: *Letreyros sentenciosos, os quaes se acharam em certas sepulturas de Espanha. feitos por Antonio Chiado em trovas, as quaes sepulturas elle viu. E uma regra spiritual que elle fez ao Geral de S. Francisco, e assi hua petição que o mesmo Chiado fez ao Commissario, e a resposta do Geral, feita por Affonso Alvares*—(Reproduzida em 1783. Lisboa, Off. de Simão Thadeu Ferreira.)

Dr. Antonio Ferreira.—Poeta classico, e imitador da litteratura italiana:

A Formosura do Campo. A Flor perigrina dos montes. Historia de Santa Comba dos Valles. Pag. 16. Fol. volante, sem data, nem logar de impressão, nem paginação. (Supponho ediç. do seculo XVIII.)

BALTHAZAR DIAS.—Poeta popular, e auctor de varios Autos e romances que imitou das collecções hespanholas :

Conselho para bem casar. Lisboa, por Antonio Alvares. 1633. 4.° (Em quintilhas octosyllabicas).

Malicia das mulheres. Lisboa, por Antonio Alvares, 1640. 4.° Tambem em quintilhas.

Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o dito Imperador mandou matar esta senhora, etc. Lisboa, 1660. 4.°

Tragedia do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno. Lisboa, por Domingos Carneiro, 1665. 4.° (E' um longo romance abreviado de outros mais extensos do Romanceiro hespanhol.)

Grosa ao romance: «Retrahida está la Infanta.» Prohibido pelo Catalogo Expurgatorio de D. Jorge de Mascarenhas, de 1624. Index, p. 98. (E' uma traducção do celeberrimo romance do *Conde Alarcos*, dos Romanceiros castelhanos.)

FRANCISCO LOPES, Livreiro. — Quasi todas as suas obras tem um caracter popular e são escriptas em verso octosyllabo :

Santo Antonio de Lisboa: Primeira e segunda parte, do seu nascimento, creação, vida, morte e milagres.—Lisboa, 1610, por Pedro Craesbeeck, in-4.° (Consta de cinco cantos, em quintilhas octosyllabas em numero de mil seiscentas e trinta e outo. Vi um exemplar truncado em Coimbra.)

Segunda parte da vida do Santo Antonio, e verdadeira historia dos Cinco Martyres de Marrocos.—Lisboa, por Francisco Villela, in-8.° 1671. (Consta de treze cantos, e tem mil sete centas e oitenta e quatro quintilhas.)

São Gonçalo de Amarante, nascimento, creação, vida, morte e milagres. Lisboa, por Geraldo da Vinha, in-4.° 1627. (Tem seis cantos em redondilhas.)

Redondilhas á canonisação de Santa Isabel, Rainha de Portugal. Lisboa, por Geraldo da Vinha, fol. 1624.

Silva oriental na acclamação d'el-rei Dom João IV. Primeira parte. Lisboa, por Domingos Lopes da Rosa. 1642. 4.°—

Segunda parte, Lisb. por Manoel da Silva. 1642. 4.º (Vi estes curiosos exemplares em uma miscellanea de folhas soltas do tempo da acclamação de D. João IV.)

Milagroso successo do Conde de Castello Melhor. Lisboa, por Manoel da Silva. 4.º—1643. Em redondilhas.

Favores do céo, do braço de Christo que se despregou da cruz e de outras maravilhas dignas de se notar. Lisboa, por Antonio Alvares, 1642. 4.º

Auto e Colloquio do nascimento de Christo. Lisboa, Off. de Francisco Borges de Souza. 1785. 4.º

FRANCISCO RODRIGUES LOBO. Morreu afogado no Tejo; dedicava-se á poesia pastoril:

Romances. Primeira e segunda parte. Coimbra, por Antonio Barreira. 1596—in-16.º São escriptos em hespanhol, á excepção de dois em portuguez. Reimpressos em Lisboa em 1654. Encontram-se na edição de 1774. 8.º gr. que contém todas as obras d'este poeta.

Canto elegiaco ao lamentavel successo do Santissimo Sacramento que faltou na Sé do Porto.— Lisboa, por Antonio Alvares, 1614. 8.º

DON FRANCISCO MANUEL. *Las tres Musas del Melodino*, halladas por... Lisboa, por Henrique Valente de Olivera. 1649. (Na segunda parte, *Musa de Erato*, traz 6 romances heroicos; 6 romances historiales, em que 5 são mouriscos ou granadinos; 9 romances varios; 3 romances morales; 4 romances sacros; 9 romances entretenidos; 19 romances amorosos. Fol. 39 a 68.)

GONÇALO ANNES BANDARRA.—Sapateiro de Trancoso, e por isso já predestinado para a popularidade:

Paraphrase e Concordancia de algumas prophecias de Bandarra... Pavia, 1603. In-8.º segundo Brunet.

Trovas do Bandarra, apuradas e impressas por ordem de um grande Senhor de Portugal. Nantes, 1644. 8.º Compre-

hende as seguintes partes: *Carta dedicatoria a D. João de Portugal.—Sente Bandarra as maldades do mundo e principalmente as de Portugal. — Sonho primeiro que finge ao pastoril. —Prognostica o auctor os males de Portugal, canta as suas glorias, etc. — Introduz poeticamente dous judeos que vem buscar o Pastor-mór. — Respostas a algumas perguntas que se lhe fizeram, etc.*

João Vaz.—Sabe-se que era d'Evora, e que ahi estudou humanidades:

Breve recopilação e tratado agora novamente tirado das antiguidades de Hespanha, que trata como El-rei Almansor morreu em Portugal junto á cidade do Porto, onde agora chamam Gaia ás mãos d'el-rei Ramiro e sua gente; d'onde tambem cobrou e matou sua mulher chamada Gaia, que estava com este mouro, da qual ficou este logar chamado do seu nome. Por Antonio Alvares. *1601.* Fol. solta. (E' um poema-romance em verso endecasyllabo, constando de cento e vinte outavas. Vid. *Instituto de Coimbra.* t. I, p. 190 onde vem um fragmento. No *Nobiliario* vem esta lenda em prosa.

Jorge de Monte-mayor. — *Cancioneiro.* Alcala, 1569. in-8.ª *Segundo Cancioneiro espiritual.* Anvers, 1558. In-8.°

Cantigas devotas em obsequio do Nascimento do Glorioso Precursor Sam João Baptista.—Lisboa, na Off. de Pedro Ferreira, Impressor da Augusta Rainha Nossa Senhora. (Folha volante, 8 fol.)

Muza devota—Cantigas para a noute do Glorioso S. João Baptista, ou para qualquer outro tempo do anno. (Folha volante de 8 fol. sem data).

Novas cantigas ao glorioso São João e ao Apostolo São Pedro, por J. A. da S. P. — Lisboa, Offic. de Pedro Ferreira, impressor da Augustissima Rainha. (6 fol. sem data, nem paginação). 4.°

Gloria de Monte-Mór, ventura de Granada, em S. João de Deos.— De Luiz da Rocha, senhor. de Thomar. Lisboa, Off. de Pedro Ferreira, 1754. 4.° (fol. 4).

Relação em que Custodio Nogueira Braga, refere a S. Magestade... o successo verdadeiro da Nau Gloria. Anno de 1752. (Consta de 8 pag. em 4.° E' uma d'aquellas relações de naufragio que faziam os marinheiros em uma prosa aliterada, d'onde sahia o verso octosyllabo popular. Curioso documento para se descobrir o processo da formação das epopeas da navegação.

Signaes do Dia do Juizo e sequencia dos Defuntos. Na Officina de José Felipe. (E' uma folha volante de 8 pag. contendo a celebre sequencia do *Dies Irae farci.* Não tem data de impressão).

Villancicos para se cantarem na noute do Natal, na capella de D. Affonso VI, Dom Pedro II, Dom João V. — E' uma enorme collecção de cantigas de presepe, do seculo XVI e XVII, feita em folha volante, por Antonio Craesbeck e Alvares, Miguel Manescal e Henrique Valente. Encontram-se na Livraria da Universidade.

Cancionero de Romances, en que estan recopilados la mayor parte de romances castellanos, que hasta agora se han compuesto. Lisboa, por Manuel de Lyra, 1581, em 12.°. Consta de 182 romances.

E' uma reproducção da celeberrima edição de Anvers de

1550. Foi o primeiro livro aonde se recolheram os cantos populares directamente da tradição oral, que andavam desprezados pelos poetas cultos.

Póde dividir-se em tres partes, se é que os seus collectores não tiveram tal intenção: Romances cavalheirescos do cyclo carlingiano; romances pertencentes á historia de Hespanha, de Portugal e outros paizes, com alguns da Tavola Redonda; a terceira parte é formada de uma miscellanea dos citados romances com romances mouriscos e da fronteira, amatorios, doutrinaes e satyricos. Não tem ainda aquelle lyrismo e vago metaphysico que o romance recebeu dos poetas cultos no principio do seculo XVII.

Primavera y flor de los mejores romances que han salido ahora nuevamente en esta corte, recogidos de varios poetas, por el Alferes Francisco de Segura. Lisboa, por Juan de la Costa, 1626, em 12.º

E' formado na maior parte de romances artisticos, popularizados por Lope de Vega, Gongora e seus imitadores.

Romancero historiado: trata de los hazanosos fechos de los christianissimos reyes de Portugal.—Lisboa, 1610, em 8.º It. 1614, em 12.º

Romances populares prohibidos pelo Index Expurgatorio de 1624:

Romance de um desafio, que se teve em Paris entre Montesinos e Oliveros.—Index Expurg. p. 174.

Romance del Moro Calaynos y de la Infanta Sybilla. Id.

Romance que começa: *Con ravia estai el Rey David*. (*) E todos os mais romances ou contos tirados do Testamento Velho, ou Novo, ao pé da letra.

Romances sacados da letra del Evangelio.

El primero *La Ressurreiçon de Lazaro.*

El segundo *El juizio de Salomon.* p. 175.

Escarramão. Trovas assi intituladas do nome do seu autor. (E' uma xacara celebre de Quebedo, modello de quasi todas as xacaras do seculo XVII.)—Pag. 116.

Romance de Escarramão, convertido ao divino. Id. p. 117.

Coplas da burra. Id. p. 109.

Oração de Sam Christovam—de Sam Cypriano, do Conde—da Emperadada — Da Imperatriz — de Sam Leão, papa — de Sam Martinho—do Testamento de Jesus Christo.—(Index, pag. 165.) O facto de ali se encontrarem mostra a grande popularidade que estes escriptos de cordel gozavam no seculo XVII.

Auctores que colligiram varias poesias:

FREI BERNARDO DE BRITO. — Chronica de Cister, Liv. VI, cap. I, p. 713, traz a *Canção de Gonçalo Hermingues*. Na Monarchia Luzitana, Part. II, pag. 296, reproduz a *Canção de Goesto Ansur*.

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA. — Na Miscellanea, Dial. XVI, p. 458 traz as *Cartas de Egas Moniz;* a pag. 456, Dial. XVI o fragmento do *Poema da Perda de Hespanha;* a pag. 27 a *Canção de Goesto Ansur*.

(*) Encontra-se no «Cancioneiro de Romances» da edição de Lisboa, e portanto é crivel que andasse na tradição portugueza.

MANOEL DE FARIA E SOUSA.—Na Europa Portugueza, t. III, Part. IV, cap. IX, p. 379, traz as *Cartas de Egas Moniz Coelho*. Na introducção ás outavas de Camões traz a primeira outava do poema da *Perda de Hespanha* e as tres restantes na Europa Portugueza, t. III, Part. IV, cap. XI, pag. 378.

Todos estes monumentos dos seculos XII e XIII, foram colleccionados em um manuscripto que se perdeu, intitulado:

CANCIONEIRO MANUSCRIPTO do Doutor Gualter. —Sabe-se d'esta obra apenas o que deixou dito Antonio Ribeiro dos Santos no seu livro inedito *Da Origem e progressos da Poesia de Portugal*, cap. III: «Vimos em tempos passados um codigo MS. que parece letra do seculo XV, em que se tratavam louvores da lingua portugueza, em que vinha esta canção de Hermingues, o fragmento do Poema da perda da Hespanha, e as duas Cartas de Egas Moniz com as cantigas de Goesto Ansur, e com variantes em alguns termos, que iremos notando em seus logares competentes: este codigo era da escolhida livraria do doutor Gualter Antunes, erudito cidadão da cidade do Porto, que nol-o mostrou; e d'elle copiamos as ditas obras.» Em uma nota diz: «Por morte do Doutor Gualter Antunes não sabemos aonde foi parar com os mais MSS. livros e preciosidades do seu formoso gabinete.»

O CAVALLEIRO DE OLIVEIRA. — A crêrmos Garrett, foi este um grande collector de poesia popular. Falando dos manuscriptos do celebre cavalleiro, que logrou vêr, diz: «Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barbosa, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas estas, assim como as amplas margens do folio impresso, de letra muito miuda, mas mui clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorreto abbade.—Via-se por muitas partes que o longo trabalho fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, por que a miudo se referia a

ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera. — Nos artigos *D. Diniz*, *Gil Vicente*, *Bernardim Ribeiro*, *Frei Bernardo de Brito*, *Rodrigues Lobo*, *Dom Francisco Manoel*, e em outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas, e até prophecias, como as do Bandarra, fielmente copiadas, asseverava elle de Mss. antigos que tivera em seu poder na Irlanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tam louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.—Foi-me logo confiada a inextimavel descoberta; percorri com avidez aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xacaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cincoenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras, se encontram, — taes como Bernardino Ribeiro, Gil Vicente e Rodrigues Lobo, mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas ali achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva época, as quaes só andavam impressas em castelhano. Com este auxilio corrigi de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperara de poder vir nunca a restaurar.» (Romanceiro t. I, p. XI.) Os romances restaurados pela lição do Cavalleiro de Oliveira, são *Dom Aleixo*, *D. Gaifeiros*, *Dom Duardos* originariamente em castelhano mas recolhido da tradição em portuguez, e o principio do *Marquez de Mantua* de Balthazar Dias; são estes os especialmente notados por Garrett, que pouco se fiava nas versões do infeliz Cavalleiro, e que nós, talvez, sem grande erro, poderiamos tomal-as como uma ficção com que Garrett encobriu o aperfeiçoamento que deu aos romances populares.

Frei José Ferreira de Santa Anna. — Na Chronica dos Carmelitas, t. I, p. 438, traz uma tonadilha que os pobres cantavam na portaria do Convento do Carmo ao Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira; bem como as varias seguidilhas das mulheres de Lisboa, Restello e Sacavem. Id. t. I, P. 3, pag. 466.

Garrett.—Foi o primeiro entre nós que teve a intuição do bello da poesia popular; despertaram-lhe este senso artistico os trabalhos de Grimm, Bopp, Depping, Percy e Walter Scott, de que teve noticia durante a emigração. O seu *Romanceiro* (citamos a edição de 1851) é formado sem classificação, por isso que ia publicando os romances á medida que os obtinha da tradição oral. O primeiro volume nada tem de popular; consta de composições de sua lavra, imitando o gosto do povo, e devera ser expungido da collecção. Os outros dois volumes contém trinta e dois romances populares, mais ou menos aperfeiçoados, ora pela lição de Oliveira, ora pelos romances hespanhoes, ora pela reunião das differentes versões de cada provincia. Os outros cinco romances têm fórma litteraria, e são tirados de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Balthazar Dias. E' uma excellente collecção em que o primor artistico empana a verdade; d'ella extraimos aquelles romances que nos pareceram puros e mais genuinos.

Quasi todos os nossos poetas modernos contrafizeram a poesia popular imitando-lhe a sua rudeza; chegaram a fazer collecções que têm o mero valor de um *pastiche, superfetação* ou como lhe quizerem chamar, mas que nada revelam do instincto que é necessario para comprehender o genio do povo.

FIM.

INDEX

HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

LIVRO PRIMEIRO

VESTIGIOS DA PRIMITIVA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

CAPITULO I

I — Formação popular das linguas romanas — Typos syntaxicos deduzidos da natureza — Uso do portuguez na poesia popular da Peninsula.

II — Fórma liturgica da poesia do povo — Causas da sua proscripção — Tendencias aristocraticas do Concilio Tridentino — O cultismo provençal e o gosto normando.

III — Influencia externa sobre a poesia popular portugueza — Poesia provençal — Uso do hespanhol na côrte de Dom Manuel — Caracter popular das obras de Gil Vicente — Romances perdidos a que allude nos seus Autos. Pag. 1—30.

CAPITULO II

I — Formação do verso octosyllabico popular — Origens arabicas, segundo a hypothese de Conde — A assonancia — Reducção dos Chronicons a verso—Denominação de *romance*.
II — Caracter religioso da poesia popular.—Os Nataes, Villancicos, Neumas e estribilhos — As Loas dos prezepes — Hypotheses sobre a sua origem bretan—Poesia jogralesca.
III — A poesia do povo creada sobre os actos da vida — As Endexas dos mortos — Cantigas do mar: Celeuma — As janeiras e maias—Danças populares.
IV — Algumas fórmas da poesia popular: Solão, Xacara, Chacota, Prosa, Dizeres.
V — Do colorido da poesia do povo. Pag. 1—30.

CAPITULO III

I — Do maravilhoso e crenças populares da edade média portugueza — O Diabo principal creação da edade média — A feiticeria — Caracter popular dos Autos de Gil Vicente — Orações de esconjuro — Origens germanicas de algumas superstições portuguezas.—Os lobishomens.
II — Formação do maravilhoso popular — Culto da infancia na poesia do povo—Os cegos cantores—Elemento celtico.
III — Lenda popular da hospitalidade — O genio celtico e o ideal da probreza nos povos do Meio Dia.
IV — Do maravilhoso na poesia dos mares — Fragmentos da Historia Tragico-maritima—O Santelmo — Os romances mouriscos do seculo XVII — Influencia do *Cancioneiro de Romances de Anvers* na poesia popular portugueza. Pag. 96—144.

LIVRO SEGUNDO

UNIDADE DOS ROMANCES POPULARES NO MEIO DIA DA EUROPA

CAPITULO I

I —O cyclo de Carlos Magno—O Feudalismo e a Egreja—As linguas faladas foram primeiramente cantadas.
II —A independencia do Cyclo carolino—Os bastardos—Homerides e Jograes.
III —Transformação do Cyclo carolino na Italia e na Hespanha—O sarcasmo popular mata o heroe. Pag. 145—154.

CAPITULO II

I —Cyclo de Tavola Redonda é uma transformação do cyclo Carligiano pelo genio ecclesiastico—Caracter erudito dos romances de Tavola Redonda.
II —Introducção dos romances de Arthur em Portugal—Personagens d'este cyclo citados por Fernão Lopes—O Condestavel imita o typo cavalheiresco de *Galaaz*—Romances da Livraria de Dom Duarte—*Tristão e Yseult*, e o romance de *Branca-Flor* citados por Dom Diniz.
III —O sentimento do maravilhoso do cyclo de Tavola Redonda encontra-se nos romances populares portuguezes, que ainda andam na tradição oral.
IV —A Renascença da Europa é quasi toda de acção popular. Pag. 155—166.

CAPITULO III

I — Do cyclo Greco-romano na poesia popular portugueza.
II — Principaes divisões dos cyclos legendares—O *Livro de Anibal*, e a *Hestoria de Troya*, citados entre os livros de el-rei Dom Duarte.
III — O romance de Virgilio em Portugal e Hespanha.
IV —Vulgarisação das ficções eruditas entre o povo pelo uso dos *Exemplos* na edade média. Pag. 167—186.

CAPITULO IV

I — Da litteratura de cordel— Historia da Imperatriz Porcina— Balthazar Dias—Gomes de Santo Estevam.
II — Formação do livro popular—O conto decameronico de *Griselidis* na tradição portugueza.
III — Bibliographia de Romanceiros e Folhas volantes da poesia popular jogralesca em Portugal, a contar do seculo XVI.— Pag. 187—210.

INDICE ANALYTICO

Pag.

A

Alvaro Cordubense, queixa-se do uso do arabe . 7
Anonymo, sua acção nas grandes obras . . 1
Antonio Ferreira, romance popular de Santa Comba 201
Arabes, sua poesia na Peninsula 7
Assonancia 36
Aulegraphia, passagem sobre o uso do hespanhol na côrte portugueza . 22
— Romances a que allude. 27
Aymeric d'Ebrard, mestre de D. Diniz . . . 14
Ayres Telles de Menezes . 83

B

Baixo-Imperio, suas lendas. 177
Balthazar Dias, poeta cego. . . 115, 133, 192
— Suas obras. 202
Bandarra, propheta popular. 203
Barcas e barcarollas . . 83
Bastardos, sua parte nos poemas cavalheirescos. 150
— de Mudarra, romance conhecido em Portugal . 138
Bernardim Ribeiro, sua authoridade sobre o Solão 80
Bernardo de Brito (Fr.) collige varios poesias . . 207
Bernardo da Cruz (Fr.) romance a que allude . 141
Boccacio, o seu Decameron foi conhecido em Portugal. 196

C

Canção do Figueiral . 7, 42

	Pag.
Canções de Gestas. .	41, 42
Canto na poesia popular .	75
Cantos liturgicos . .	9, 44
Cancionero d'Anvers, que romances vulgarisou em Portugal. .	138, 205
Cancionero do Doutor Gualter	208
Cancionero de Dom Diniz .	161
Cancioneiro Geral. . .	173
Castellos feudaes, como era ali recebida a poesia popular	11
— Serviços feudaes . .	12
— Vida intima, segundo Froissart. . . .	17
Cavalleiro de Oliveira . .	208
Chronica de Turpin, centro dos romances carolinos	153
Concilios, que condemnam a poesia do povo . .	10
Constituições dos Bispados prohibindo os cantos e danças populares . .	48
— Do Porto, Braga e Toledo	49
Contos em prosa . . .	194
— Formosa Magalona. .	id.
— Sete Partidas do Infante Dom Pedro . . .	195
— Opinião de Faria e Sousa sobre as novellas de Trancoso. . . .	id.
— Historia dos Tres Corcovados de Setubal. .	197
— Sua origem oriental .	198
— João de Calais, quem é o seu auctor . . .	198
— Origem do Roberto do Diabo	200
Cegos cantores . 114, 116,	140
» » . 153, 192,	202
Comedia da Celestina. 105,	183

	Pag.
Corte ingleza, sua influencia sobre a poesia popular em Portugal . . .	159
Covarruvias, sua auctoridade sobre as Endexas .	67
Cyclo de Arthur ou da Tavola Redonda . . .	156
— Seu caracter erudito .	157
— Auctoridade de Fernão Lopes sobre este cyclo.	159
— Predilecção do Condestavel pelos romances d'este cyclo . . .	161
— Sentimento de amor e fidelidade. . . .	165
Cyclo Carolino, seu caracter	149
— Em Italia	152
— Em Hespanha . . .	id.
— Em Portugal . . .	153
— Transforma-se no cyclo da Tavola-Redonda .	155
— Opinião do Conde de Caylus	156
— Caracter anonymo d'este cyclo	157
Cyclo greco-romano em Portugal	167
— Seu caracter . . .	168
— Romance de Policena .	170
— Auctoridade de Garcia de Resende	173
— Chanson des Saxons, como define o Cyclo. .	174
— Personagens e heroes .	175
— Livro de Anibal . .	176
— Hestoria de Troya . .	id.
— Livro da Romaquia. .	id.
— Romance de Virgilio, 177,	179
— como o comprehendeu a Renascença . . .	178
— Romance de Virgilio na tradição portugueza .	181
— Ecclogas de Virgilio, que	

Pag.

parte tiveram na formação das suas lendas. 184

D

Dante, condemna o uso do provençal. . . . 14
Danças populares . . . 77
Disciplina Clericalis . . 134
Dialecto portuguez-gallezia-no 6
Dolopathos 39
Duran, sua opinião sobre os romances mouriscos . 135

E

Egreja, sua parte na organisação social . . 145
Estienne Pasquier, sua idéa sobre a origem do nome Trovador . . . 15
Estribilhos 45
— Neumas 46
— Hypopsalmo . . . id.
Ensalmos 105
Esthetica popular . . . 92
— Imagens 94
— Lei de Vico . . . 93
— Culto da natureza . . id.
— Improvisadores . . 96
— Verdade do sentimento . 97
— Maravilhoso . . . 98
— Uso das metaphoras 112, 113
— As legendas 119
— lei da sua formação . 122
— Maravilhoso nas relações de naufragio . . . 129
— Creações populares. . 187
Epocas historicas da poesia popular 149
Eusebio, sua auctoridade sobre a poesia popular 10

Pag.

Endexas dos Mortos . 67, 99
Exemplos. . . . 134, 185
Estoria, o que significava . 173

F

Feudalismo, sua acção no mundo moderno . . 145
Fernão Lopes, allude ao Cyclo da Tavola Redonda 159
Formação popular das linguas romanas. . . 5
Fórmas da poetica provençal 15
Fidalgo Aprendriz, romance a que allude . . . 28
Finados, culto cabirico . 67
Fados, fórma poetica . . 89
Farciture, o que era . . 61
Fransias, ou contos populares 7
Fabliau 21, 33
Fórmas da poesia popular .
— Chacota 76
— Solão 79
— Xácara 82
— Barcarolla 83
— Dizer, Ditz . . 85, 86
— Rifão popular . . . 88
— Fados 89
— sua origem franceza . 90
— Exemplo . . 134, 185
— Villancicos. . . . 205
Francisco Lopes, seus versos populares. . . 202
— Rodrigues Lobo, seu Romanceiro . . . 203
Folhas volantes . . . 207
Fiametta, monumento da imprensa portugueza . 197
Francisco de Assis (S.) alma da Renascença . 54, 126

	Pag.
G	
Galaaz, conhecido na tradição portugueza	161
Gesta Romanorum	134
Garcia de Resende, sua auctoridade sobre o cyclo greco-romano	173
Gil Vicente:	
— Romances a que allude nos seus Autos	23
— Comedia de Rubena	24
— Folhas volantes que andaram na tradição popular	29
— Caracter do poeta	30
— Seus Autos pastoris	45
— Estribilhos	47
— Hymnos farcis	59
— O Velho da Horta	60
— Romance de D. Duardos	62
— Cantos á Salve	72
— O que era a Chacota	76
— Barcarola da Nau de Amores	84
— Oração de esconjuros e Ensalmos	103
— Sua influencia nos romances com fórma litteraria	138
— Conhecia o Cyclo greco-romano	175
— Allude á fórma litteraria do Exemplo	186
Goliardos o que eram	64
Gomes de Santo Estevam	194
Gonsalo Annes Bandarra	203
Gonsalo Fernandes Trancoso, seus Contos	195
Grimm, seu culto pela poesia popular	97
— As Tradições allemãs	189
Griselidis, conto conhecido em Portugal	191
Griselidis, sua origem	196
— Versão de Trancoso	197
H	
Historia Tragico-Maritima	128
Honra, o que significava no direito germanico	166
Hypothese de Conde sobre o verso octosyllabico	32
I	
Imperatriz Porcina, sua origem allemã	189, 192
Index Expurgatorio, que romances prohibe	139, 206
Improvisadores do povo	96
J	
João Vaz, auctor do poema de Gaia	204
Jograes, o que eram	63
— Existiram em Portugal	18
— Joglaria	19
— Opinião de Circourt	20
— Jograes instrumentistas	37
— Segundo a Ordenação Affonsina	64
João de Calais, quem é o seu auctor	198
Jorge de Monte-Mayor, os seus Cancioneiros	204
Jorge Ferreira, sua auctoridade sobre os romances	137
— Sua influencia sobre a fórma litteraria dos romances	id.
K	
Kutrun, poema allemão	148

Pag.

L

Leal Conselheiro, como define o Exemplo . . 185
Leys de Partidas, disposições sobre a Poesia popular 12
Linguas romanas . . . 3
— Lingua d'Oc. . . . 4, 8
— São primeiramente cantadas 147
— Lingua rustica de Dante 148
Lôa, o que era . . . 55
Livro de Anibal . . . 176
Lenda da Nau Catherineta . 116
— da Senhora dos Martyres 117
— de Jesus Mendigo . . 123
— sua origem celtica . 127
— de Sam Martinho . . 124
— de Sam João Esmoler . 125
— da Descida ao Inferno . 177
— de Hildegarda . . . 189
— de Griselidis . . . 196
Lollards 57

M

Marquez de Mantua. 140, 153
» » . 192, 193
Marquez de Santilhana. . 8
— Seu testimunho sobre o uso do provençal . . id.
— Seu desprêzo pela poesia popular . . . 11
— Decidor ó Trovador, quem merece estes nomes . . . . . id.
Maravilhoso popular . 98, 129
Mestria, o que era. . . 20
Miguel Leitão, cita varios cantos populares . . 28

N

Namorados (Ala dos) . . 160
Nova mestria 43
Novella do Carcel de Amor. 25
Neumas 46

O

Orações de esconjuro . . 103
Origens celticas de varias lendas religiosas . . 117
Opinião de Caylus sobre o Cyclo de Arthur . . 156
— de Circourt, sobre a poesia jogralesca. . . 63

P

Peregrinos, trouxeram as tradições orientaes . 11
Pliego suelto, sua influencia na poesia popular . 30
Pobreza, ideal do povo . 54
Poesia provençal, exclue a poesia do povo . . 10
— Sua acção na civillisação. 13
— Reis que poetaram em provençal . . 14
— Sua tendencia aristocratica 15
— Fórmas da sua poetica . 15
— Trovadores portuguezes. 16
— Distincção entre trovadores e jograes . . . 18
Poesia popular, sua formação 36
— Sua exageração. . . 38
— Loa, o que era. 55, 56, 58
— Lais de Maria de França 57
— Celeuma 70
— Prosa, origem d'esta designação 70
Provincias, caracter de cada uma 91

Pag.

Q

Quevedo, vulgarisa as Xacaras. 83
— A sua xacara de Escarraman . . . . . id.
Quinet, idéa sobre a poesia provençal . . . 14

R

Rapp, sua opinião ácerca do uso do hespanhol nas comedias de Gil Vicente 22
Reali di Francia, fundamento das Chronicas italianas 151
Renascença, resultado da acção popular . . 166
Republicas italianas, como recebiam os jograes . 151
Romances portuguezes que se encontram nas collecções hespanholas . . 29
— Tirados das Chronicas em prosa . . 34, 35, 36
— Emprego d'esta designação 37
— Seu primeiro sentido 38, 49
— Differença entre romance e cantar . . . 40
— As Leys de Partidas . 41
— Influencia de D. João Manoel 43
— Romances Mouriscos . 135
— Romances de D. Rodrigo 141
— do Marquez de Mantua . 140
— de Bernaldinos. . . 143
— de Santo Aleixo . . 144
— de Dom Carlos d'Alemmar 152
— de Galaaz, Merlin, Tristão, e Lançarote . . 161

Pag.

— de Dona Ausenda . . 162
— Asturianos. 163
— da Filha do Imperador de Roma. . . . 176
— da Imperatriz Porcina . 189
» » . 192
Roman de Rou . . . 21
— de Apolonio . . . 20
— de Alexandro . . . id.
— de Brut 42

S

Sentimento de Fidelidade . 165
Solidão, sua influencia. . 146
Soláo. 79
Sebastião (D.) romance que pressagia a sua derrota 140
Symbolismo juridico do povo 108

T

Tavola Redonda . . . 156
Toledo, Constituição em que prohibe os cantos populares 49
Turdetanos, seus poemas . 6
Tradições orientaes, como vieram para a Europa. 11
Trovadores portuguezes . 16
Treviño, supposto auctor do Marquez de Mantua . 193

U

Usos e superstições populares:
— Janeiras 56
— Os presepes . . . 51
— Culto da Infancia . . 52
— Arvore do Natal . . 53
— Cantos á desgarrada . 66
— Endexas dos mortos 67, 99
— Finados, sua origem cabirica 67

Pag.

— Festa na sepultura do Condestavel . . . 68
— As Maias . . . 74, 99
— Danças 77
— Arremedilho . . . 78
— Superstições . . . 100
— Esconjuros . . . 102
— Ensalmos 105
— Camisa de soccorro. . 106
— Orações condemnadas pelo Index de 1624 . 107
— Intuição popular . . 108
— Almas penadas. . . 109
— Lobishomens . . . 110
— Pezadello 110
— Fadas. 111
— Almas de Mestre . . 131
— O Diabo 129
— Sepultura maritima . 131
— Santelmo 133

V

Valor, sentimento cavalheiresco. 15
Venancio Fortunato, sua authoridade sobre os Lais 58
Vico, sua theoria sobre a formação das linguas . 147
— Lei philosophica sobre as metaphoras . . . 93
— Sua idéa sobre os bastardos 150
Villancicos, o que eram . 45
Victor Leclerc, sua opinião sobre a origem da Formosa Magalona . . 190
Virgilio, o seu romance . 181

X

Xaçara, o que era. . . 82

Y

Yseult 161, 164

W

Walter Scott 164
Wargus, Lobishomem, ou banido 110
Wolf, sua idéa ácerca dos romances mouriscos . 134
Wolfram von Eschenbach, seu testimunho sobre o canto das linguas. . 148

Z

Zaide, romance mourisco . 135
Zurita mostra a exageração da poesia popular. . 38

ERRATAS

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
1	9	prescripção	proscripção
23	19	*Las hijas*	*Los hijos*
138	not. (1)	texto	trecho
140	» »	*gera*	*geral*
179	30	ho	hoje
180	28	de costumam	de que costumam
188	15	leva	que leva
192	4	lido	lindo

CANCIONEIRO POPULAR

Cancioneiro

Portuguez:

2:

Cancioneiro Espinar

2

CANCIONEIRO POPULAR

COLLIGIDO DA TRADIÇÃO

POR

THEOPHILO BRAGA

Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma canção.

ANEXIM DO POVO.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1867

OXFORD

DO COLLECTOR

O grande desenvolvimento d'este seculo tem-nos tirado a individualidade, elevando acima do *eu* audacioso as leis eternas que o absorvem na contemplação de sua harmonia. Eis porque o lyrismo e a poesia pessoal vão decaindo em todas as litteraturas. A comprehensão do sentimento do bello leva-nos hoje para a poesia da historia, e sobre tudo para a poesia popular. Por toda a parte se observa um tal movimento. A poesia popular do Meio Dia da Europa é estudada com veneração: na Italia Tommaseo e Tigri recolhem os cantos da Toscana, Visconti os dos campos de Roma; Cottreau a poesia popular de Napoles; Vigo a da Sicilia; Dal Medico a de Veneza; Marcoaldi a da Ombria, do Lacium, do Picenum, da Liguria; Nigra compára os cantos do Piemonte; Tommaseo e Fée recolhem os da Corsega, Boullier os da ilha da Sardenha; Fauriel e o Conde de Marcellus são os collectores da Grecia moderna, que se prende ás tradições da edade media da Europa pela passagem dos Cruzados. Na França encontra-se o mesmo culto pela poesia do povo; Villemarqué, Paulin Paris, Philibert le Duc, Beaurepaire, Francisque Michel, Charles Nizard e Champfleury vão herborisando cuidadosamente estas flores desconhecidas

das provincias de França. Em Hespanha é monumental e unico o trabalho de D. Agustin Duran, e o Cancioneiro ultimamente recolhido por D. Emilio Lafuente y Alcantara, que nos serviu de modelo.

É um trabalho santo o respigar estas strophes soltas que o povo espalha na sua passagem. O povo canta como harpa eólia, que não sabe d'onde sópra a viração que a vem desferir. É o rhapsodo de todas as alegrias e tristezas do poema da vida, cego e pobre Homero, abençoando a hospitalidade, animando o passado com as maravilhas que lhe povoam a mente no seu abandono. A poesia para elle é o rythmo do esforço no trabalho, o esquecimento da miseria, a expressão dos desejos, o thesouro da da sua moral e das tradições antigas, a linguagem do amor, o gemido, emfim, a verdade simples da sua alma.

Platão, Luthero, Montaigne, Lope de Vega, Rousseau, Goethe e Grimm, os maiores espiritos, como philosophos, como poetas, como eruditos sentiram o que ha de graça, de ingenuidade, de frescura, de consolação e de profunda verdade na poesia do povo. O povo é o anonymo de todas as grandes obras da humanidade: das pyramides do deserto ás epopeas seculares, das renovações da sociedade ao prodigio da cathedral, é elle sempre que argamassa a pedra com o sangue de suas veias, que lança aos ventos a folha da sybilla, que se immola na hecatomba das revoluções, que faz desabrochar com o fogo da crença a flor mystica de gothico puro.

E a poesia é como a sua alma, sempre nova, rejuvenescendo-se na geração que pullula; n'ella principalmente transparece o *ar de familia* da grande raça indo-europea, e a unidade dos povos neolatinos. Mas o povo, que na ignorancia creadora fundou as instituições da vida, as religiões, a lin-

guagem, o direito, a propriedade e a familia, vae conhecendo mais limitado já o circulo da acção audaciosa. É que se aproxima aquella edade de reflexão que Pascal entrevira na humanidade; é tambem este o motivo por que se vae extinguindo a poesia popular em toda a Europa, como se apagam as estrellas aos primeiros alvores da aurora.

Em Portugal é outra a causa; pobre nacionalidade morta, é a tunica sobre que pairam os dados. Triste presentimento, tristissimo, tanto mais, quanto se apossa de uma alma ainda crente no meio da corrupção d'este pequeno Baixo Imperio. Colligir a poesia popular portugueza agora, no momento do transe, é como a *garrafa ao mar* que se atirava nos naufragios: é para que se saiba que existiu este povo que tambem soffreu e cantou.

CANCIONEIRO POPULAR

I — RELIQUIAS DA POESIA PORTUGUEZA DOS SECULOS XII A XVI.

1

Fragmentos do poema de Cava

O rouço de Caua imprio de tal sanha
A Juliani e Horpas a saa grej daminhos
Q em sẽbra co os netos de Agar fornezinhos
Hua atimaram prasmada facanha.
Ca muça e Zariph com basta companha
Di iusu da sina do Miramolino
Co falso infançon e proestes malino
De Cepta adduxerõ ao solar de Espanha.

E porque era força Adarue e foçado
Da Betica Almina e o seu Casteual
O Conde por encha e pró comunal
Em terra os encreos poyarão a saa grado
E Gibraltar maguèr que adaruado
E co compridouro pera saa deffensão
Pello suso dito sem algo de afão
Presto foi álles entrado e filhado.

E os ende filhados leais a verdade
Os hostes sedentos do sangue de oniudos
Meteraõ a cutelo a pres de rendudos
Sem esguardarem a seixo nem idade
E tendo atimada a tal crueldade
O templo e orada de Deos profanarão
Voltando em mesquita hu logo adorarão
Saa besta mafoma a medes maldade.

O gazu e assalto que os da aleiuosia
Tramaram. (pos voltos de algo sayões)
Co os dous Almirantes da hoste mandões
Quedaram com farta soberba e folia
E Algezira que'o medes temia
Por ter a maleza cruenta sabudo
Mandou mandadeiro como era teuda
Ao roucon do Rey que em Toledo sia.

2

Canção do Figueiral por Goesto Ansures

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
seis niñas encontrara
seis niñas encontrey,
para ellas andara
para ellas andey
lhorando as achara
lhorando as achei,
logo lhes pescudara
logo lhes pescudey
quem las mal tratara
y a tão mal a ley.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
Uma repricara
« infançon non sey,
mal ouvesse la terra
que tene o mal Rey,
seu las armas usara
y a mim fee non sey,
Se hombre a mim levara
de tão mala ley,
A Deos vos vayades
Garçom ca nom sey
se onde me falades
mais vos falarei.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
Eu lhe repricara
— a mim fee nom irey,
Ca olhos dessa cara
caros los comprarey,
a las longas terras
entras vos me irey,
las compridas vias
en las andarey,
lingoa de aravias
eu las falarey.
Mouros se me visse
eu los matarey. »

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
Mouro que las goarda
cerca lo achey,
mal la ameaçara
eu mal me anogey,

troncom desgalhara
troncom desgalhey,
todolos machucara
todolos machuquey,
las niñas furtara
las niñas furtey,
la que a mim falara
nalma la chantey.
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.

3

Canção de Gonçalo Hermingues o Traga-Mouros

Tinherabos, nom tinherabos
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme non tinheradesme
De la vinherades de ca filharades
Ca amabia tudo em soma.

Per mil goiuos trebelhando
Oy, oy, bos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmei eu: perque do terrenho
Nom ahi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem por certo
Que inha bida do biber
Se aluidrou per teu aluidro perque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas nõo ha per que se ver.

4

Canção de Egas Moniz Coelho a D. Violante

Fincarades bos embora
Taom coitada
Que hei boime per hi fora
De longada.

Baise o bulto do mei corpo
Mas ei nom
Que os çocos bos finca morto
O coraçom.

Se pensades que ei vom
Non no pensedes
Que chantando em bos estom
E nom me bedes.

Mei jazido, e mei amar
Embos accarrra
Grenhas tendes despelhar
E luzia cara.

Nom farom estes meis olhos
Tal abesso
Que esgravizem a meis dolos
Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom
Carulhos me fagaom cego
Como ei som.

Se das penas do amorio
Que eu retouço
Me fizerem tornar frio
Como ei ouço.

Asmademe se queredes
Como lusco
Senaom torvo macharedes
A mui fusco.

Se me bos a mi leixardes
Deis me garde
Não asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Hora nom deixedes nom
Que sois garrida
A senom cristelejom
Por minha bida.

5

Canção de Egas Moniz Coelho á sua Dama

Bem satisfeita ficades
Corpo doiro,
Alegrade a quem amades
Que ei já moiro.

Ei bos rogo bos lembredes,
Que bos quige,
A que dolos nom abedes,
Que bos fige.

Cambaste a Pertigal
Por Castilha
Abasmades o mei mal
Que dor me filha.

Granhaisme por Castijanos,
E pestineque,
Achantaisme binte ẽganos
Que me seque.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe ba o cestro agoiro,
Por diante.

Bos bibede hũ centanairo,
Mui garrioso,
Quei me boy pera o trintairo
Lagrimoso.

Hah se à bossa remembrança
Ei bier,
Dizei Egas com folgança
Hu xiquer.

Ah se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.

Quando o ouvires papear
O castejom,
Lembredebos lhe fige dar,
Ja de cotom.

Ah que bas quige, e requige,
Como ber,
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.

Nom bos podo mais falar,
Que nom falejo,
Que bem podedes asmar
Qual ey sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom.
Mas ei bos bejo, e oiço
No coraçom.

Bedes me boi descaindo
Nesta hora,
Bos Amor fincade rindo
Muyto embora.

6

Cantiga satyrica do tempo de Dom João I, na revolta de Lisboa

Esta es Lisboa prezada,
Miralda, y leixalda,
Si quizieredes carnero,
Qual dieran al Andero,
Si quizieredes cabrito,
Qual dieran al Arçobispo.

7

Tonadilha dos pobres á porta do convento onde estava o Condestavel

O Gram Condestabre
Em o seu Mosteiro
Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua rôpa,
Mail-o seu dinheiro.

A benção de Deos
Cahiu na Caldeira
De Nunalves Pereira,

Que abondo cresceu
E todolo deo.

Se comer queredes,
Nom bades alem:
Don menga non tem,
Ahi lo comeredes,
Como lo bedes.

8

Seguidilha que as mulheres de Lisboa cantavam pela Paschoa Florida na sepultura do Condestavel

GUIA *só e depois todos:* Nó me lo digades, none,
Que Santo he o Conde.

GUIA *só:* O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeo Portugale
Com sua bandeira,
E com seu pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal e cota
Os Castelhãos mata,
E toma o pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Com sua chegança
Filhou Badalhouce,
Sem usar davença
Entrou sua torre,
E poz se pendone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

GUIA *só:* Dentro no Valverde
Venceu os Castelhãos,
Matou bons, e maos
Só co'ha sua hoste
E seu esquadrone.

TODOS: Nó me lo digades, none, etc.

9

Cantigas que os moradores do Restello (Belem) cantavam na segunda outava do Espirito Santo, na sepultura do Condestavel

UMA VOZ: Santo Condestabre
Bone portugués.
Conde darrayolos,
De Barcellos, dorém.

TODOS: Santo Condestabre
Bone portugués.

UMA VOZ: Na campanha somdes
Alem duma bez,
E mais otra bez
E mais otra bez.

TODOS: Santo Condestabre
Bone portugués.

UMA VOZ: Por faison da Patria
Todo esto lo fez,
Mata os Castelhãos
Salva a nossa grey.

TODOS: E mais otra bez
E mais otra bez.

UMA VOZ: No me lo digades
Quabondo lo sey
Librou as obelhinhas
Do Leo de Castél.

TODOS: E mais otra bez.
E mais otra bez.

10

Cantigas dos moradores de Sacavem no anniversario do Condestavel, achadas em um manuscripto de Azurara

UMA VOZ: Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Cpndestabre
Que le prouge, e que le praze
Ho fagernos tanto bem.

TODOS: E bem, e bem.

O rapaz das coberturas
Que morre, e cahe pera traz,
Já nom vai a sepultura,
Que otra bez vive o rapaz:
E ho Conde le fizo o bem.

E bem, e bem.

Á filha de Joanne Estés
Que finou por non mamar,
Ao do Moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem,

E bem, e bem.

O mal daquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Non les chega aos coraçõns,
Que o Conde Santo los guarda:
Y tudo por fager bem.

E bem, e bem.

E bem Condestabre Santo,
Cobrinos cõ vosso manto,
E cõ vosso manto de gales,
Defendimento de males,
E fáganos munto bem.

E bem, e bem.

11

Oração do Justo Juiz de El-Rei Dom Duarte

Justo Juyz Ihesu Xpisto,
Rey dos rex e boo Senhor,
Que com Padre reynas sempre,
Hu he dambos huũ amor,
Prazate de me ouvyr,
Pois me sento pecador.

Tu que do ceeo descendiste,
En no ventre virginal,
Hu tomando logo carne,
Liuraste o segre de mal,
Por teu sangue precioso,
De perdiçom eternal.

Logreu aquella, meu Deos,
Ta gloriosa paixom,
Que sem cessar me defenda
De perigo e cajom,
Per que possa bem vyver,
Ty servyndo e outrem nom.

Tua muy sancta virtude,
Desy gram defendimento,
Sempre me seja presente,
Por me guardar de tormento,
A que me traz o imiigo
Per arteir enduzymento.

Per a tua forte deestra,
Que os infernos quebraste,
Destruy todos meus imiigos,
Pois sas artes desprezaste,
Per as quaes me sempre torvam
Do bem que fazer mandaste.

Ouve Xpõ mym braadando
Mesquynho por meu pecado,
Que demando piedade,
Pois passey o teu mandado,
Ca me temo do imiigo
De mym ser apoderado.

Com destruyçom se calle
Quem me cuyda condanar;
Seja a elle feicta queeda
O laço que me quer armar.
Ihũ boo e piedoso,
Nom me queiras desprezar.

Meu escudo com emparo
Sey tu meu defendedor.
Porque eu per tua graça
Vença o meu perseguidor,
E per seu derribamento
Mallegre com teu amor.

Manda o teu messegeiro,
Do ceeo alto Spiritu Sancto,
Quesclaréça e alumee
Mym que nom mereço tanto,
E dos imiigos me livre
Por nom receber quebranto.

Sancta Cruz, o teu synal
Me defenda os sentidos,
Ta bandeira vencedor
Faça seer sempre abatidos
Meus imiigos e contrairos
Per ta graça destruydos.

Amerceate de mym,
Xpisto Deus huũ soo nacido,
Pero eu mais bem te peço,
Que nom tenho merecido,
Sey de mym sempre lembrado
Por em fym nom seer perdido.

Oo Deos Padre e Deos Filho,
Tambem Deos Sanctesprito,
Que huũ Deos sempre es chamado,
Per pallaura e per scripto,
Comprimento de virtudes
Te confesso por meu dicto.

12

Invocação a Nossa Senhora, sobre o hymno *Ave Maris Stella!*

I

A Ti, Virgem, que és chamada
De todos que sam nacidos,
Peço com fee estremada
Queiras ser minha avoguada,
E alumees meus sentidos.
Pera que com elles faça
Cousas sempre em teu louvor,
Da-me tu, Senhora, graça,
E com ella me traspassa,
Pois es serva do Senhor.

II

Daa, Senhora, alguũ poder
A esta minha torpe mão,
E a mim alguũ saber,
Pera com ella escrever
Ho que tenho na tenção.
A ti chamo eu, Senhora,
Que me queiras ajudar,
Sejas minha ajudadora,
E tambem intercessora
Pera isso acabar.

III

E pois taõ craro estaa
Que tu és nossa bandeira,
Sirvamos-te sempre quaa,
Poys que roguas per nós laa,
E és nossa medianeira;
E pois isto assy hé
Como vejo e entendo,
Diguo com mui pura fee
Que a Jesu de Nazaree
E a ti me encommendo.

I

Ave Maris Stella,
Dei mater alma.

Salve-te, estrella do mar,
Deos, que te criou mui Santa,
Estrella pera adorar,
Estrella digna de louvar,
Que a todo mal espanta.
Estrella resprandecente,
Estrella de toda luz,
Estrella de toda gente,
Estrella d'amor fervente
A que lastimou a Cruz.

2

Atque semper Virgo
Foelix Caeli porta.

Virgem foste escolhida
E ab inicio creada,
Virgem depois de parida,
Non ficando corrompida,
Antes mui glorificada;
Ditosa porta do Ceo,
Porta mui resprandecente,
Ditosa que mereceo
Ditosa pois te escolheo
Pera salvação da gente.

3

Sumens illud ave,
Gabrielis ore.

Aquelle ave aceptando
Da bôca de Guabriel,
Loguo nos foste criando
Quem pello mundo andando
Nos livrou de Lucifel.
Ó Santa Saudaçam,
Ó Santo concebimento,
Ó humilde condiçaõ,
Que concebeste baraõ
De tanto merecimento.

..

4

Funda non in pace,
Mutans Evae nomẽn.

O nome d'Eva mudando,
Dá-nos tu, Senhora, paz,
Filii Evae sospirando
Estaa tu por nós roguando,
E faze-nos mercês assaz.
Non te queiras esqueecer
De por nos sempre roguar,
Lembra-te que quiz nacer
Jesu Christo, homem ser
Pera todos nos salvar.

5

Solve vincla reis,
Profer lumen caecis.

Desata as ataduras
Dos que estam sempre atados,
Livra-os das tenebruras
Mui fortes, feas, escuras,
Que merecem seus pecados:
Daa-lhe nos seus olhos vista,
Porque estam sempre çarrados.
Ó Sam Johaõ Baptista,
Livra-os desta conquista,
Pois que foram baptisados.

6

Mala nostra pelle,
Bona cuncta posce.

Aparta-nos de todo mal,
Pide-nos sempre algũ bem;
Nessa corte angelical,
Onde estaas tam divinal,
Vivamos sempre, amem.
Pois de graça és comprida,
Emenda nosso viver,
Que quando for nossa partida
Daquesta presente vida,
Que saibamos bem morrer.

7

Monstra te esse Matrem,
Sumat per te preces.

Mostra-te Mãi piadosa
A nós que per ti chamamos,
Pois que és tão gloriosa,
Com graça sê amorosa
Pera nós, pois que pecamos;
Nosso roguo recebido
Per ti seja apresentado,
Da nossa parte offrecido
A Jesu de ti nacido,
De ti Verbo Incarnado.

8

Qui pro nobis natus,
Tulit esse tuus.

O qual quis per nós nacer
E tomar carne humanal,
Sendo do Divino ser,
Quis por nós vir padecer
O Gram Rei celestrial;
E porque tu foste aquella,
Que vieste a nos salvar,
Sê tu mesma a medeela,
E tambem crara estrella,
Que nos queiras bem guiar.

9

Virgo singularis
Inter omnes mitis.

Virgem digna e singular
Sempre mui humilde e manssa,
Antre todas és sem par,
Ati soo podem chamar,
Pois descansas a quem canssa.
Tu és nossa salvaçaõ,
E tu és a nossa guia,
Tu és nossa redempçaõ,
Tu és summa perfeiçaõ,
Senhora Santa Maria.

10

Nos culpis solutos
Mites fac et castos.

Pois já somos perdoados,
Faze-nos manssos e castos,
Aos pobres necessitados
Faze-nos bem inclinados,
Ajudar-lhe aos seus guastos;
Por amor do Redemptor
Lhe somos muito obrigados,
Ajudal-os com fervor,
Com esmóla, que he flor
Dos bens cá communicados.

11

Vitam praesta puram,
Iter para tutum.

Dá-nos tu vida mui pura
Pera todos bem viver,
E de nós sempre tem cura,
Porque com vida segura
Te possamos conhecer.
Caminho aparelhado
Nos dá nesta gram jornada,
E o que quá viver errado,
Por ti seja emendado,
Pois que és nossa avoguada.

12

Ut videntes Jesum
Semper collaetemur.

Porque vendo a potencia
Daquelle gram Deus eterno,
Que hade fazer audiencia,
Nam nos mande sem clemencia
Ir caminho do Inferno;
Antes com grande fervor
Todos bem nos ocupemos
Em servirmos sem error,
Porque vendo ao Senhor
Todos juntos nos guozemos.

13

Sit laus Deo Patri,
Summo Christo decus.

Seja dada sempre gloria
A Deos Padre poderoso,
E aja sempre memoria
Que nos deu tanta victoria
Contra már tam perigoso.
Muitas graças sejam dadas
A Christo Omnipotente,
Por mercêes tam assinadas,
Como elles nos tem dadas
A toda humana gente.

12

Spiritui Sancto
Trinus honor unus. Amen.

Seja-lhe a todos tres dada
A honrra e veneraçaõ
Pera ser bem igualada,
E dos tres participada
Sem nenhuma divisaõ;
E assi ao Spirito Sancto
Demos nós graças tambem,
Pois que teve poder tanto,
A elle seja em tanto
Trinus honor unus. Amen.

13

Preparação de um peccador para o sacramento da Penitencia segundo as horas canonicas, pelo Doutor Frei João Claro:

MATINAS

Em aquesta confissom,
Que começo de fazer,
He direyto conhecer
Que meos erros tantos som
Os mais grandes, que lembrança
Eu aver nom poderey;

Peró penso e pensey
Esqueci-os per usança.
Dos outros a meu cuidar,
Pero posso bem lembrado,
Em tempo mui prolongado
Non me posso confessar.
E porque, Senhor, conheço
Meu grande falecimento,
Em aver esquecimento,
Dos lembrados offereço
A ti confissom nom digna,
E de toda muy mjnguada;
Senhor, seja soportada
Por tua graça muy benigna.
Pero seia pecador,
A ti dou sempre louvores,
Per Trindade non Senhores,
Mas huum Deus e huum Senhor.

Chora e faze pranto, meu coraçom,
Chagate com dooridos pensamentos,
Porque contra o meu Criador
Gravemente errey,
E muytas vezes anogey.
Ó meu Remidor.
Cubre-te de tristura,
E em pensar teus defectos
Despende tua vida.
Porque contra o meu Criador
Gravemente errey,
E muitas vezes anogey
Ó meu Remidor.
Tu, consolador Spiritu Sancto,
Me benze, e livra do infernal quebranto.

LAUDES

Deos poderoso en eternidade,
E muy glorioso en sua magestade,
Quis seer humildoso en humanidade
Por nos dar exemplo.

Muy pobre naceo em pobre lugar,
Muy pobre viveo por se humildar,
En Cruz morreo en monte Calvar
Antre dous ladroens.

O seu poderio forte abaixou,
Seu gram Senhorio muyto sujugou,
En que amorio muy grande mostrou
A nós pecadores.

Pois Noso Senhor foe tam humildoso,
He grande error seer levantado,
O vil pecador da corrupçam nado
Por sua gram soberva.

Eu esto bem vejo, Senhor, e entendo,
E o vaaõ desejo faz, que non emendo
Do mal que entejo, mas a ti encomendo
Meu fraco poder.

A vós geerador,
Padre Eternal,
Com o Remijdor,
Filho Divinal,
E dambos amor,
Flama Spiritual,
Seja louvor
Por sempre. *Amen.*

PRIMA

Já he nada a luzente
Strella resplandecente,
A qual deu ao presente
Mundo sancta sperança.
Já per elle somos cértos
Que os ceeos nos som abertos,
Porém andemos espertos
Por regnarmos onde el regna.
Preguiça de nós tiremos,
Pois de certo já sabemos,
Que servindo cobraremos
Por el o que desejamos.
Senhor, de aquesto fazer
Sem ti non teemos poder,
Porem seja teu querer
A nós fracos ajudar.
Aa Trindade acabada
Muyta gloria seja dada,
Que de nós seja lembrada
Em todos nossos mesteres.

TERÇA

Senhor Deos, tu que veestes,
Por mostrar tua caridade,
Ao mundo, e a trouveste,
De mym ave piedade.
A enveja de mim tira,
Que d'amor he contraira,
E me faz merecer íra,
E da graça me desvaira.

Padre e Filho eternaes,
E d'ambos huũ soo amor,
Que en todo sooes yguaaes,
A vós dem todos louvor.

SEXTA

Da prudencia perfeita,
Senhor, regra muy direita
En teus feitos nos leixaste
Na soffrença, que mostraste.
D'esta regra alongado
Me traz, Senhor, o pecado
Da ira, que non consente,
Que eu seja paciente.
Mas tu, Deos meu Criador,
Que és forte lidador,
Ven-me, Senhor, accorrer,
Non me leixes perecer.

NOA

Ó Snor boo, e pastor graado,
Que ti meesmo por teu gaado,
Por comprir justiça, déste,
Ouve cedo o meu braado.
Ca, Snõr, se mais tardares,
Se depois a mim buscares,
D'avareza congelado
Me verás, se me achares.
Porem justo julgador
Piedoso Salvador,
Vem livrar-me sem tardança,
Como forte lidador.

VESPERAS

Deus, de santa virgindade
Exemplo, e guiador,
E da pura castidade
Muy perfeito amador,
A tua humanidade
Desto foe ensinador.
Tu, Virgem, de Virgem nado,
Por exemplo nos puseste
O teu regno comparado
A virgens, tu quiseste
De virgens seer acompanhado
Em a morte, que ouveste.
Sen mui grande fortaleza
Non se poderá cobrar
Tal virtude e pureza,
Este pode ben provar
O que contra natureza
Por ella quis lidar.
Senhor, forte, poderoso,
A mim fraco tu ajuda,
Jesu Christo piedoso,
Minha vida en ben muda,
Que de maao luxurioso
Casto, limpo eu recuda.
Non per meu merecimento
Esto deves de fazer,
Per que penas e tormento
Eu mereço de aver,
Mas por teu padecimento
Tu me deves acorrer.
Ó Deus, Filho, Padre eternal,
Ó Deus homem nado,
Ó Spiritu Divijnal,

De mim teende tal cuidado,
Que do fogo infernal
Seja livre e guardado.

COMPLETORIUM

Ó meu Senhor,
Ensinador
De jejuũ e temperança,
Ó maao ardor
Degastador
De vil gula de mim lança.
En morrendo
Padecendo
Fel e azedo ceaste,
En vivendo
E soffrendo
Fame jejuũ consacraste.
Per tua paixom
Me dá perdom,
Jesu Christo piedoso,
E galardam
De salvaçam
No teu regno glorioso.

14

Paraphrase do Padre Nosso

Padre nosso, que estás
Nos ceeos exalçado,
Teu nome santificado
Seja para sempre ja mais,
Por a gram gloria, que ás,
E por quantos beneficios
Sen meritos e serviços
Aas criaturas dás.

Venha o teu regno Santo
A nós com paz, e com graça,
Que nos consolle e spaça,
E nos livre de todo spanto,
Qua nosso vigor nom he tanto,
Que possamos a el ir,
Sem tua graça intreviir
A nós com doce canto.

Ffaçasse tua vontade
Em a terra bem obrando,
Creendo e sperando,
Amando com caridade,
Asi que a humanidade
Faça como o ceeo faz,
Que sempre serve e compraz
Aa tua santa Magestade.

Nosso pam cotidiano
Nos dá oje por tua clemencia,
Qua sem tua providencia,
Que val o trabalho humano?
Tu, Senhor, abres a mano,
E enches todo animal
De tua bençom, a qual
Provee ao homem mundano.

E como nós perdoamos
A quem nos fere e baldôa,
Asi tu, Senhor, perdôa
A nós outros quando erramos.
Ó como nos comdampnamos
Como esta supplicaçam,
Quando nossa ofensam
Cruelmente a vingamos!

Non tragas en temptaçom,
Senhor, a nossa fraqueza,
Pois conheces a crueza
Daquel rugente leon,
Que nosa condampnaçom
Busca com rayva infernal,
Mas livra-nos tu do mal,
Jesu nosa redempçom.

15

Paraphrase da Ave Maria

Ave preciosa Maria,
Que se deve interpretar
Transmontana do mar,
Que os mareantes guya.
Ave tu, Senhora minha,
Exempta daquel pecado,
Que o mundo ha contaminado,
Ave resplendor do dia.

Ave tu plena gracia,
Ave precioso sacrario,
Ave santo relicario
Cheo daquel pam, que farta
Todo mundo, e o espaça
Em esta angustiosa vida,
E nos chama e convida
A seus gozos sem falacia.

Ave, que o Santo Senhor
Dos ceeos he contigo,
Non contigo soo digo
Mas em ti preciosa flor,
Templo do Divino amor,
Ave, pois tua ternidade
Catando tua humildade
Magnificou teu valor.

Ave Reynha gloriosa,
Bemdita antre as molheres,
Deste nome só eres
Digna tu, Virgem preciosa.
Porque a madre golosa
Da fruita devedada,
Toda mulher obfuscada,
Leixou com pena dampnosa.

Ave, que o fruito bendito,
Senhora do ventre teu
Non abasta ao louvor seu
Lingua, nem pena, nem scripto,
Ave, porque o mundo afflicto
Por o pecado primeiro,
Triumphando no madeiro,
El o salvou, livrou e quitou.

Por esta Santa Saudaçom,
Mui Sanctissima Senhora,
Ora ao Rrey, a quem o mundo adora
Por a Christaã naçom,
Qua a tua obsecraçom
Nunca desdem recebeo,
Nen sem efecto quedou
Tua Santa suplicaçom.

16

Te-Deum Laudamos

A ti louvamos Deos,
A ti Senhor confessamos,
A ti Padre Eternal nós,
E toda a terra honrramos.

Quando bem consideramos
Tua gloria e magnificencia,
Tua justiça, e tua clemencia,
Sempre te glorificamos.

A natureza angelical,
O ceeo e as potestades,
De concordes vontades
Te louvam Deus eternal.

Oo Padre celestial,
A louvar tua excelencia,
Tua gloria e gram potencia
Non abasta lingua humanal.

A ti louvam cherubijs,
E com gram ardor te chamam,
E os Sanctos Serafijs
Nunca cessando proclamam:

Sancto, Sancto, Sancto, ch[illegible]
Deus das hostes Senhor,
De cuja gloria e valor
Ceeos e terra se inflamam.

A ti coro glorioso
De Apostolos notavel,
E o numero veneravel
De Prophetas mui gracioso;

E o Exercito mui gozoso
Tua viinda annunciando,
E o coro triumphando,
Te vio vitorioso.

A ti clara milicia,
De martires dá louvor,
Porque contra a malicia
Do cruel perseguidor

Déste constancia e vigor
A sofrer grande crueza,
Qua a humana fraqueza
Que val sem teu favor?

A ti a Egreja Sancta
Confessa em toda terra,
Que medida nom cerra
Padre, tua magestade tanta;

Honrra, prega e canta
Teu Filho com doce canto,
Com ho Spiritu Santo
Inflamada se levanta.

Tu Christo, Rei de gloria
Tu Filho do Padre Eterno,
A ti seja en sempiterno
Onrra, virtude, e victoria.

Senhor, tua doce memoria
Infunde nos corações,
Dos fiees barooẽs
Cesse toda outra storia.

Tu, Senhor, tanto quiseste
Livrar-nos de dampno e mal,
Que o ventre Virginal,
E sancto non avorreceste.

Por nos salvar descendeste
Do teu trono glorioso,
Quem poderá, Jhesu precioso,
Regraciar quanto fezeste?

Tu a morte venceste,
E aos que en ti creerom,
E aa tua ley obedecerom,
O rreyno do ceeo abriste.

Senhor, tu nos remijste
Sem nosso merecimento,
Tua paixom, Cruz e tormento
Foi gozo do poboo triste.

Tu aa destra asentado
Do eterno Padre estás,
E creesse, que vijrás
A julgar do passado.

Condampnando o culpado,
E ao justo dando gloria,
Apartando a escoria
Do ouro puro e cendrado.

Pois, Senhor, doce, gracioso,
Teus servos, por quem spargeste
Teu Sangue sancto precioso,
Acorre como acorreste.

Acorda-te, que diseste:
Chamade, e abrir-vos-ey,
Demandade, eu vos darey;
Compre o que prometeste.

E sejam remunerados
Em a eterna alegria
Com a Santa companhia
De teus electos e amados.

E sejam nosos pecados
Vencidos por tua clemencia,
Pois non abasta penitencia,
Tanto somos celerados.

Salva o teu poboo, Senhor,
E benze tua herdade,
Rege-os com piedade,
Exalça-os com amor.

Pai eterno ho teu valor,
Eterna seja tua graça,
Que o bem breve nunca farta,
Nem o fijndo favor.

Todos dias bendizemos
Teu nome, e o louvamos,
Todo aquel tempo perdemos,
Que em esto non empregamos.

Soomente aquel ganhamos,
Que louvamos a tua gloria,
E a ti rrey de victoria
Nossas culpas confessamos.

Dá, Senhor, este dia
De pecados nos guardar,
Prazendo-te de contar
Huũ dia por toda via.

Pois continua sua perfia
O diabo e sua maldade,
Tu, Senhor, por tua bondade
Sey nosa continua via.

Tua misericordia sancta,
Seja, Senhor, sobre nós,
Qua en ti, muy sancto Deos,
He nossa esperança tanta.

Toda a Egreja canta,
E te suplica humilmente
Por a pobre humana gente,
A quem tua justiça spanta.

17

Cantiga de D. Filippa de Lencastre, filha do infante D. Pedro, Duque de Coimbra:

Não vos sirvo, nem vos amo,
Mas desejo-vos amar
De sempre, vossa me chamo
Sem quem non he repousar.

Oh vida, lume e luz
Infindo bem, e inteiro,
Meu Jesus, Deus verdadeiro
Por mim morto em a Cruz.

Se mim mesma não desamo,
Non vos posso bem amar;
A me ajudar vos chamo,
Para saber repousar.

18

Cantiga do povo de Santarem e Lisboa na morte do Cardeal-Rei:

Viva El-rei Dom Henrique
No inferno muitos annos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos Castelhanos.

II — SYLVA DE CANTIGAS SOLTAS

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar
Uma dor que me atormenta.

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci;
Já que os gostos d'esta vida
Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar
Cuidará e tem rasão,
Cuidará, que estou alegre,
Sabe Deos meu coração.

Quem a mim ouvir cantar
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas de amante;
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Sabes cantar e não cantas,
Deos te queira castigar;
Sabes cantigas tão lindas,
Não m'as queres ensinar.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para aliviar
Penas que trago commigo.

Não canto por bem cantar,
Nem por boas falas ter;
Canto para cegar olhos
A quem me não pode ver.

Foi minha vida cantar,
As cantigas esqueci;
Cantigas de amor não digo,
Meu amor, tudo perdi.

A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.

Diabos levem os ratos,
Tambem levem as formigas,
Que me roêram os livros
Onde estudava as cantigas..

Quem me ouvir a mim cantar,
Quem souber as minhas penas,
Dirá—Oh triste coitado,
Que ainda o cantar te alembra!

Coração, coraçãosinho
Como vives magoado;
Vas para cantar e choras,
Lembra-te o tempo passado.

Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Sempre estás a dar, a dar
Pancadinhas na viola;
Sempre me estás a lembrar
O meu amor toda a hora.

Você diz que não conhece
Uma viola afinada;
Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Tanto limão, tanta lima,
Tanta silva, tanta amora;
Tanta cachópa bonita,
Meu pai sem ter uma nóra!

Tenho uma maçã doirada
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deos que sejas tu.

Dá-me da pêra parda,
Da maçã um boccadinho;
D'esses braços um abraço,
D'essa bocca um beijinho.

Trago dentro do meu peito
Cidra, laranja, limão;
Para trazer toda a fructa
Falta-me o teu coração.

Nem toda a arvore dá fructo,
Nem toda a erva dá flor;
Nem toda a mulher bonita
Pode dar constante amor.

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido
Se me queres ver morrer.

Oh figueira dá-me um figo,
Oh figo dá-me um agraço;
Oh menina, dê-me um beijo,
Que eu lhe darei um abraço.

Silva verde não me prendas,
Olha que não me seguras;
Olha que tenho quebrado
Outras algemas mais duras.

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina;
Não ha cousa que mais prenda
Que os olhos de uma menina.

A silva que me prendeu
Arrebentou no vallado;
Nunca a silva me prendeu
Com tão forte cadeado.

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não as dão;
Ha amores que são firmes,
Ha outros que o não são.

Silva verde picósinha,
Ao acipreste se enleia;
Meu amor se me prenderes
Deixa-me larga a cadeia.

Cheguei á borda do rio
Silva verde é meu encosto;
Que importa que o mundo fale
Se o amor é do meu gosto.

Salsa verde combatida
Ao pé do majaricão;
Bem podemos ser amantes,
Mas sempre dizer que não.

A salsa do meu quintal
Arrebenta pelo pé;
Assim arrebente a bocca
A quem diz o que não é.

Entre pedras e pedrinhas
Nascem raminhos de salsa;
Pega-te á feia que é firme,
Deixa a bonita que é falsa.

A salsa que está no rio
De verde se está revendo;
Eu como firme te adoro,
Tu falsa me estás vendendo.

A salsa subiu ao muro,
A ortelã foi descendo;
Se pensas que por ti morro,
Eu de ti nada pertendo.

Debaixo da oliveira
Menina é que é o amar;
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

Se a oliveira falasse
Ella diria o que viu;
Debaixo da sua sombra,
Dois amantes encobriu.

D'aquella janella alta
Me atiraram um limão;
A casca deu-me no peito,
O summo no coração.

Deitei um limão correndo,
Á tua porta parou;
Quando um limão tem amores,
Que fará quem o deitou?

Alecrim á borda de agua
De longe faz apparencia;
Muitos amores se perdem
Pela pouca diligencia.

Toda a menina bonita
Não devia de nascer;
É como a pêra madura,
Todos a querem comer.

Oh meu majaricão verde,
Já meu peito foi teu vaso;
Já la tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Flores do campo são ais,
Quantos dou por ti meu bem;
Penso que o vento te leva,
Não me fales a ninguem.

Quem ama duas a par
Deve ter grande talento,
Para poder arranjar
Tanta mentira a um tempo.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas eguaes,
Se quizer dizer bem posso
De qual d'ellas gosto mais.

Oh Anna, tres vezes Anna,
Oh Anna feita de cêra;
Quem fôra braza de lume,
Anna, que te derretera.

Therezinha cacho de uvas,
Oh quem te depinicára;
De baguinho em baguinho,
Nenhum bago te deixara.

Andas a baixo e a cima,
Feito namoras paredes,
Não me guardas lealdade
Senão em quanto me vêdes.

Venho aqui de tantas legoas,
Por estradas tão medonhas;
Sempre sonhando comtigo,
Só tu commigo não sonhas.

Anoiteceu-me na serra,
Das estrellas fiz abrigo;
Abracei-me a uma penha,
Pensando que era comtigo.

Lá vem o meu amorsinho
Que eu pelo andar o conheço;
Traz o chapeu á marota,
O capote do avesso.

Não me atires com pedrinhas
Que podes quebrar a loiça;
Atira-me ao coração
De vagar, que ninguem ouça.

O sol posto quer encosto,
Eu morro por me encostar;
Tu morres só por me vêr,
Eu morro por te falar.

Aqui estou á tua porta
Como um feixinho de lenha,
Á espera da resposta
Que das tuas mãos me venha.

Á entrada d'esta rua,
Está aqui mesmo á entrada,
Uma pereirinha nova
Que ainda não foi abanada.

Á entrada d'esta rua
Dei um ai que nunca dera;
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

Quem vae pela tua rua
E te não vê, meu amor,
É como quem vae ao céo
E não vê nosso Senhor.

Suspirando, dando ais,
Passa o amor pela rua;
Suspira quanto quizeres
Que eu sou d'outro, não sou tua.

Á tua porta, menina,
Está um degrau de veludo,
Onde eu choro toda a noite
Lagrimas de sangue puro.

Passei pela tua porta,
Toquei-te na fechadura:
Pedi-te agua, não m'a déste,
Coração de pedra dura.

Quem quer bem, dorme na rua,
Á porta do seu amor;
Faz das pedras cabeceira,
Das estrellas cobertor.

Quem tem amores não dorme,
Nem de noite, nem de dia;
Dá tantas voltas na cama,
Como o peixe na agua fria.

Quem tem amores não dorme,
Quem os tem não adormece;
Quem os tem ao longe chora,
Quem os tem ao pé padece.

Fui-me deitar a dormir
A som da agua que corre;
A agua me foi dizendo:
Quem tem amores não dorme.

Lindos olhos de matar,
Sobrancêlhas de sorrir;
Tendes a côr demudada,
Isso é do não dormir.

Se passares pela rua
Escarra e cospe no chão,
Que estou cozendo á candea,
Não sei se passas ou não.

Alegria não a tenho,
Tristeza commigo móra;
Em chegando á tua rua
Logo a tristeza vae fóra.

Esta rua é muito escura,
Não vejo nada por ella;
Bem puderas, meu amor,
Pôr candeas á janella.

Nem a candea dá luz,
Nem para mim amanhece;
Nem a agua mata a sêde,
Nem o teu amor me esquece.

Não sei que rua é a tua,
Que nem um retiro tem;
Quero falar-te e não posso,
Por causa de tua mãe.

Oh luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
Estou á porta de quem amo,
E não posso entrar comtigo.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

Não me *atrevo* disse o *trevo*,
A nascer por entre o trigo;
Eu sem ser *trevo* me *atrevo*
A trazer amores comtigo.

Eu heide amar, heide amar,
Heide amar bem sei a quem;
Eu heide amar ao meu gosto,
Nemja ao gosto de ninguem.

Eu gósto de vêr dansar,
Fazendo sapateado;
Eu gósto de conversar
Com quem é do meu agrado.

Viva quem anda no baile,
Mais quem de fóra está vendo;
Vivam tambem meus amores,
Que d'elles não me arrependo.

Cantigas são estudadas,
Cantigas leva-as o vento;
Muito enganado anda
Quem commigo passa o tempo.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,
Oh mal empregado tiro!
Oh mal empregado tempo
Que eu andei d'amores comtigo.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas ao sol;
Namorei-me da mais moça
Com licença da maior.

Amar e escolher amantes
Ensinou-me quem podia:
A amar foi a natureza,
A escolher a sympathia.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei!
Dar-te-hei a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Oh minha bella menina,
Hoje sim, ámanhã não;
Hoje me tiram a vida,
Ámanhã o coração.

Oh tocador da viola
Repenica-me esses dedos;
Se te faltarem as cordas
Aqui tens os meus cabellos.

O tocador da viola
Ha mister de um encosto;
Um travesseiro de linho,
Uma menina a seu gosto.

Inda agora aqui cheguei,
Mais cedo não pude vir;
Ainda cheguei a tempo
Das tuas falas ouvir.

Juro que ainda não tive
Um amor firme a ninguem;
Para ti logo se abriram
As portas do querer bem.

Tendes coração de assucar,
Que na agua se derrete;
Dai-me uma gotinha d'elle
Para que o meu se não seque.

Oh coração de tres azas,
Dá-me uma, quero voar;
Eu quero subir ao céo,
Em vindo tórno-t'a dar.

Quem me dera vêr meu bem
Trinta dias cada mez;
Sete dias na semana,
A cada instante uma vez.

Muito brilha o branco branco,
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Quando eu era pequenina
E minha mãe me embalava,
Já uma voz me dizia
Que eu para ti me criava.

A laranja quando nasce
Nasce logo redondinha;
Tambem tu quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

Oh menina, diga, diga,
Por sua bocca confesse,
Se já teve em sua vida
Amor que mais lhe quizesse.

Se fôres domingo á missa
Põe-te em parte que eu te vêja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja.

Coitado de quem é tolo,
Que lhe falta o entender;
Cuida do riso da bocca,
Crê que tudo é bem querer.

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar;
Não te peço a direita
Que já tens a quem a dar.

Muito custa uma ausencia
A quem a sabe sentir,
Mais custa uma presença
De vêr e não possuir.

Menina, se quer saber
Como agora se namora,
Meta o lencinho no bolso
Com a pontinha de fóra.

Nem tanto estar á janella,
Nem tanto olhar para o chão;
Nem tanto tirar o lenço
Da algibeira para a mão.

Se te quizera dar penas,
Penas te podia dar;
Ia-te vêr ao ribeiro
Onde te vás a lavar.

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor-da murta;
Fui só por ver os teus olhos,
Que a sêde não era muita.

Andais abaixo e acima,
Nem ataes, nem desataes;
Quem caçára a pombinha
No laço que vós lhe armaes.

Andas abaixo e acima,
Como o ouro na balança;
Em quanto não fôres minha
Meu coração não descança.

Debaixo da malva roxa
Tenho um amor encoberto;
Que importa que o mundo fale,
Mas não o sabem ao certo.

Adeos, alto lyrio roxo,
Cobre-me com tua sombra;
Que furtei uma menina,
Não tenho aonde a esconda.

Estou rouca, estou rouquinha,
Não é catarro, nem tosse;
É o ladrão do amor,
Que de mim quer tomar posse.

A oliveira pequena
Tambem dá pequena sombra;
Ainda que eu seja pequena,
Você commigo não zomba.

Eu subi ao limoeiro
Para apanhar dois limões;
É tempo de se juntarem
Nossos ternos corações.

Maria, minha Maria,
Grandes penas te heide dar;
Nem heide casar comtigo,
Nem te heide deixar casar.

Maria, minha Maria,
Meu pucarinho de tenda;
Pois se alguem te procurar
Diz'-lhe que estás de encommenda.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria,
A dama para ser dama
Deve chamar-se Maria.

É dos nomes que mais gósto
É do nome de Maria;
Quem te pôz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Maria tem pé de neve,
Pé de neve tem Maria;
Quando o pé era de neve,
O corpo de que seria?

Esta noite á meia noite,
Á meia noite seria,
Ouvi cantarem os anjos
No coração de Maria.

Por teu respeito, Maria,
Perdi toda a liberdade;
Acho-me prezo em teus braços
Por minha livre vontade.

Oh amor, namora a graça,
Não namores formosura,
Que a formosura sem graça
É viver em noite escura.

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada;
Porque é brio dos amores
Pagar e não dever nada.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Acenos de amor fazer;
Eu sim quero, mas não posso
Meus olhos p'ra lá erguer.

Eu adoro a Deos no céo,
Os santos em seu altar,
E o meu amor na terra,
Não tenho mais que adorar.

Quero ter-te sobre o peito
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros por que são.

Eu heide amar o meu bem,
Diga o mundo o que quizer;
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo o que amor quer.

Quem me dera ser retrós,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto a teu peito,
Servindo de atacador.

Quem se embarca, quem se embarca,
Quem vem commigo, quem vem?
Quem se embarca nos meus olhos,
Que linda maré não tem!

Coitadinho de quem tem
Seu amor alem do rio;
Quer-lhe falar e não póde,
Do coração faz navio.

Se o bem querer se pagasse
Muito me estavas devendo;
Nem com quanto tens me pagas
O bem que te estou querendo.

Anda cá, perola fina,
Que o meu peito desejava;
No ventre de tua mãe
Já meu coração te amava.

Perguntae ao sol se viu,
Á lua se conheceu,
Ás estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

Menina, se quer ser minha,
Ponha o pé na segurança;
Pois hade andar tão direita
Como o ouro na balança.

Amar por vicio é delirio,
Por interesse é villeza;
Por correspondencia é dívida,
Por affecto é firmeza.

Lari-lo-lé,
Como vae airosa,
Com a mão na trança,
Não lhe caia a rosa.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria;
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

O mar pediu a Deos peixes,
Os peixes a Deos altura;
Os homens a liberdade,
As mulheres a formosura.

O mar pediu a Deos peixes
Para dar aos pescadores;
E eu peço a Deos saude
Para lograr meus amores.

Não sei que sinto no peito,
Não sei se é magoa se é dor;
A não ser o que presumo,
Não sei o que seja amor.

Esta noite sonhei eu,
A outra sonhado tinha;
Sonhei me tinhas amor,
Acordei, vi-me sósinha.

Quando passares por mim
Botae os olhos no chão;
Bem podemos querer bem,
O mundo dizer que não.

Encostei-me ao pecegueiro
Todo me enchi de flores;
Menina tão pequenina,
Tão perseguida de amores!

Oh rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merece;
A terra é quem nos cria,
Deos do céo que nos conhece.

Eu heide-te amar, oh rosa,
Que és tão mal agradecida;
Por bem fazer mal haver,
São as pagas d'esta vida.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Quando digo que te adoro
Dizes, rosa, que te minto;
As magoas que por ti soffro
Deos as sabe e eu as sinto.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha;
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

D'aqui para a minha terra
É tudo caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Póstos pela minha mão.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Tu me verás ao domingo
Como a rosa na roseira.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei.

Tu me chamas pêra parda,
Pêra parda quero ser;
Lá virá o mez de agosto
Em que mé queiras comer.

Rosa branca toma côr,
Não sejas tão desmaiada;
Que dizem as outras rosas
Rosa branca não vale nada.

O meu amor me disse hontem
Que eu andava córadinha;
Os anjos do céo me levem
Se esta côr não era a minha.

Nas veias o sangue frio,
No peito uma ardente chamma,
A côr do rosto perdida...
É doença de quem ama.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem,
Assim fresca e regalada
Á sombra de tua mãe.

O meu amor é um cravo,
Só eu o soube escolher;
Para o craveiro dar outro
Hade tornar a nascer.

Dize que mal te fiz eu,
Oh meu cravo de mil folhas?
Sempre p'ra ti tenho olhado,
Só tu para mim não olhas.

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte uma,
Mas o cravo anda em demanda
Por a rosa ter mais uma.

Eu fui ao jardim ás flores,
Apanhei de umas e d'outras;
Encontrei o meu amor,
D'estas venturas ha poucas.

Fui ao jardim ás flores,
Apanhei quantas eu quiz;
Encontrei os meus amores,
Oh que momento feliz!

Fui ao jardim ás flores
Apanhei quantas havia;
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,
Não achei o meu amor;
Achei o retrato d'elle
Na mais delicada flor.

Fui ao jardim ás flores,
Achei o jardim fechado;
Até as flores se fecham
Ao mesquinho desgraçado.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito;
Só uma flor bem bonita
Que se chama amor perfeito.

Já não tenho coração,
Que m'o tiraram do peito;
No logar onde elle estava,
Nasceu um amor perfeito.

Ai-la-ri-lo-lé,
Bem te vi estar
Á borda do rio
A ensaboar.

Meu coração abre e fecha,
Sem ser arca, nem bahu,
Está fechado para todos,
Aberto só para um.

Cravos da minha janella
Não dou a rapaz nenhum;
Falinhas dou-as a poucos,
Liberdade só a um.

De uma rosa até duas,
Até tres te posso dar,
Um ramilhete isso não,
Que faz falta no rosal.

As flores do meu jardim,
De incarnadas aborrecem,
Não se dão a quem as pede,
Só sim a quem as merece.

Toma lá este raminho
Que no mato apanhei;
Vem ainda orvalhado
Das lagrimas que eu chorei.

Toma lá este raminho
Com quatro castas de flores;
Todas quatro significam
Parte dos nossos amores.

Toma lá este raminho
Com ponta de silva dentro;
Tambem leva lirio roxo,
Significa apartamento.

O branco que elle levava
Significa virgindade;
Quando me falam no ramo
Meu coração se me abre.

O azul que elle levava
Significa os ciumes;
Se tu de mim queixas levas,
Eu de ti levo queixumes.

O roxo que elle levava
Significa sentimento;
Eu já trago no meu peito
Teu amor ha tanto tempo.

Não cuidei que o lirio roxo
Á beira d'agua secasse;
Não cuidei que o meu amor
Tão depressa me deixasse.

O verde que elle levava
Quer dizer firme esperança;
Já tenho ouvido affirmar,
Quem espera, sempre alcança.

Toma lá este raminho,
Leva amoras, que é luto;
Quem tem seu amor ao longe,
Por certo que soffre muito.

O cravo depois de seco
Significa amor perdido;
Antes que queira, não posso
Tirar de ti o sentido.

De encarnado veste a rosa,
De verde o manjaricão;
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Entre as mãos frias de neve
Um raminho me puzeste;
Levaste as rosas e os cravos,
Deixaste a murta e o cypreste.

Adeos oh flor da açucena,
Adeos tambem flor da murta;
Quem me dera agora estar
Nos braços de quem me escuta.

Dá-me uma pinguinha d'agua,
Quero molhar a garganta;
Que eu sou como o rouxinol,
Quando bebe, logo canta.

Rouxinol da penna verde,
Não vindes ao meu jardim;
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim.

O rouxinol do loureiro
Faz o ninho aonde quer;
É como o rapaz solteiro
Em quanto não tem mulher.

O rouxinol do loureiro
Tem o cantar solitario;
Como pode ser sisudo
Quem toda a vida foi vario?

Inda que o loureiro cresça
Ao céo não hade chegar;
Duzentos amores que tenha
A ti não heide deixar.

O rouxinol quando canta
Bota o pé no alecrim;
Os olhos á manjerona,
Dá combate ao jardim.

O rouxinol quando canta
Tambem dá seu assobio;
As moças quando namoram
Não podem falar com brio.

A oliveira é a paz
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

A folha da oliveira
Deitada no lume estala;
Assim é meu coração
Quando comtigo não fala.

Ha um anno que te amo,
Ha dois que te quero bem;
Ha tres te trago no peito
Sem o dizer a ninguem.

Á uma hora nascí,
Ás duas fui baptizado;
Ás tres andava de amores,
Ás quatro estava casado.

Se eu te não quero bem,
Deos do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Menina, se sabe ler,
Lêa no meu coração;
Dentro d'elle hade encontrar
Se lhe quero bem ou não.

Se eu soubera ler no mar,
Lêra no teu interior;
Via no teu coração
Se ainda me tens amor.

Se eu entrára no teu peito
Sabía o teu interior;
Mas eu como lá não entro
Não sei se me tens amor.

Se eu quizera bem podéra
Amar-te e querer-te bem;
Mas eu bem quero e não posso
Não sou de enganar ninguem.

Eu não quero, eu não quero,
Eu não quero, tenho dito,
Eu não quero o teu amor,
Tenho outro mais bonito.

Oh Antonio, oh Antoninho,
Retroz verde de cozer;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer?

Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto me vi;
Decahi da tua graça,
Outro subiu, eu desci.

Oh cidra consid'ra, oh cidra,
Oh cidra consid'ra bem;
Depois da cidra partida
Cidra, que remedio tem?

Ter amor é muito bom
Quando ha correspondencia;
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Eu heide deixar de amar-te
Como a agua deixa a fonte;
Heide-te deixar andar
Ao desamparo no monte.

O meu amor não é este,
O meu amor traz divisa;
Traz collete de setim,
Botão de ouro na camisa.

O amor quando se encontra,
Causando susto dá gosto;
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

Eu defronte e vós á vista,
Eu falo, vós não falaes;
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não pode ser mais.

Se tivesse que dar, dava,
Tivesse que dar, daria;
Dava-te o meu coração,
Comtigo nada perdia.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promette á lua,
Que fará quem tem amores?

Tudo no mundo varía,
Nada ha que não se mude;
Só não varía a amizade,
Que se funda na virtude.

Eu heide morrer donzella
Segundo a minha tenção,
Espero levar palmito
Para debaixo do chão.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como o sol a buscar-te,
Tu como a sombra a fugir-me.

Eu a amar-te e a querer-te,
Tu a fugires de mim;
É certo que mais te quero
Do que tu me queres a mim.

Janella de páu de pinho
Com pregadura amarella;
Quem te tirára, menina,
D'esse trajo de donzella.

Toma lá colchete de oiro,
Aperta teu colletinho;
Coração que é de nós ambos
Deve andar conchegadinho.

Toma lá colchete de ouro,
Aperta teu coração;
O teu corpo delicado
Inda me hade vir á mão.

Tu dizes que não, que não,
Inda has de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amollecer.

Onze horas, meio dia,
Quem não come desfallece;
Assim é meu coração
Quando te não vê padece.

Tudo que é verde se séca,
Na maior *zina* do verão;
Tudo que séca renova,
Só a mocidade não.

Vivo triste e pensativo,
Não tem fim a minha dor;
Mas quem me manda chorar
Por quem me não tem amor.

No secco mirrado tronco
Escrevi o nome teu:
Escrevi, mas não perdi,
Que o tronco reverdeceu.

Fui lastimar minha sorte
Em cima de dois penedos;
Um se levantou e disse
Não descubras teus segredos.

Não cortes o cacho verde
Da videira cerceal;
Não contes os teus amores
A quem te não fôr leal.

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que seja a dor;
Quem o seu peito descobre
É de si mesmo traidor.

Ninguem descubra o seu peito
A nenhuma amiga sua;
Quem o seu amor descobre
Seu segredo põe na rua.

Oh, meu amor, não descubras
Tuas penas a ninguem;
Se o dizes a uma amiga,
Essa amiga outra tem.

Ninguem descubra seu peito
Com tenção de aliviar;
Ha corações tão ingratos
Que ouvem para contar.

Oh meu amor não estranhes
De eu para ti não olhar;
Isto são disfarces meus,
Para o mundo não falar.

A cobra vae pelo monte,
Cuida que ninguem a vê;
Assim são os namorados,
Não digo isto por você...

Que te importa a ti que eu siga
Uma paixão que me arrasta?
Se eu a sigo é o meu gosto,
Para mim é quanto basta.

Toda a vida fui doidinha
Por ter amor na cidade;
Agora já o lá tenho,
Já Deos me fez a vontade.

Oh menina tenha assento
Como as arêas do mar;
Que estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

Oh meu amor de algum dia,
Queres-me tu ainda bem?
—Essa pergunta está boa,
Isso duvída-o alguem.

Aqui n'este canto canto,
Aqui n'este recantinho,
Aqui bate a pomba as azas,
Aqui faz a pomba o ninho.

Tenho dentro do meu peito,
Bem chegado ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

Tenho dentro do meu peito
O que não quero dizer,
Um bocadinho de amor
Que me faz endoudecer.

Assim como n'este lenço
Os fios unidos estão,
Assim minha alma estivesse
Unida ao teu coração.

O meu amor quer que eu tenha
Juizo e capacidade;
Tenha elle que é mais velho,
Que eu sou de menor edade.

Andas morto por saber
Onde tenho a minha cama;
Tenho-a á borda do riö,
Á sombra da espadana.

Não me fales á esquina,
Que eu não sou mulher do mundo;
Vem-me falar ao postigo,
Bem sabes aonde eu durmo.

Meu coração é relogio,
Minha alma ouve as badaladas;
O dia em que te não vejo
Trago as horas contadas.

Oh relogio de Valverde,
Peço-te por caridade
Que dês o meio dia cedo,
A meia noite mais tarde.

Menina que está á janella
Com seu rologio á cinta,
Diga quantas horas são,
Fale verdade, não minta.

O rosto ás vezes descóra,
A flor se murcha ao tufão;
Cae a folha, foge a aurora,
Só não muda o coração,

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol;
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor.

Falei-te de amor, sorriste,
Mal te pudeste conter;
Mais tarde, que então amavas,
Fiz-te chorar sem querer.

Dá-me uma pinguinha d'agua,
Lá da fonte do outeiro,
E que me não saiba ao lodo,
Nem á raiz do pinheiro.

A cantar e a bailar
Ganhei uma saia nova;
Tambem lhe ganhei a fita
Para lhe deitar em roda.

Não quero saia de chita,
Que me hão de chamar senhora;
Quero saia de estamanha,
Que é trajo de lavradora.

Oh moleira, oh moleirinha,
A tua pedra anda em vão;
Anda d'ahi, oh moleira,
Vamos chegar-lhe o grão.

Oh rapazes e cachopas
Vede lá por onde andaes;
Que a honra é como o vidro,
Se quebra, não pega mais.

Quem diz que o amor que custa
E certo que nunca amou;
Eu amei e fui amada,
Nunca o amor me custou.

Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaços?
Com biquinho pede beijos,
Co'as azitas pede abraços.

Que passarinho é aquelle
Que está na flor do marmello?
Com a bocca pede beijos,
Com as azas quero, quero.

Que passarinho é aquelle
Que alem deu um assobio?
É o filho do senhor padre
Que chamou ao pae seu tio.

Oh meu amor, quem me dera,
Quem me dera sempre dar-te
Beijinhos até morrer,
Abraços até matar-te.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado;
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

Os meus cordeiros nos montes
Não comem, ficam pasmados;
São brutos, tambem lamentam
Os meus dias desgraçados.

Se eu quizera amores,
Tinha mais que um moio;
Mas quero só um,
Que é trigo sem joio.

Quem nos vir sempre juntinhos
Nossa sorte hade invejar,
Ou inveje ou não inveje,
Eu sem ti não posso estar.

Minha mãe logo á noite:
« Maria, vae-te deitar! »
Ella pensa que eu que durmo,
E eu estou a namorar.

As estrellas do céo correm
Todas n'uma carreirinha;
Assim os amores correm
Da tua mão para a minha.

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não dá na minha rua;
Heide vestir-me de preto,
Que de branco anda a lua.

Ando por aqui de noite,
As folhinhas me põe medo;
Bem puderas tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.

Oh minha estrella do norte,
Agulha de marear,
Vê lá por onde me guias,
Quando te quero falar.

Oh estrellinha da guia,
Vós guiaes meu coração,
Retirae-me, retirae-me
Da cegueira da paixão.

Já no céo não ha estrellas,
Senão uma ao pé da lua;
Tenho corrido e não acho
Cara mais linda que a tua.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Eu comtigo a comparei.

As estrellas pequeninas
Fazem o céo bem composto;
Assim são os signaes pretos,
Menina, n'esse teu rosto.

Pequenina e bem feita
Assim se quer a mulher;
Delgadinha da cintura,
Que caiba por um anel.

Quando eu te vi, logo disse:
Lindos olhos para amar,
Linda bocca para os beijos
Se a menina os quizer dar.

Quando eu vou para a missa,
No adro faço parada;
Vejo tanta cara linda,
Só o meu amor me agrada.

Quando meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Na cadeia de teus braços
Minha alma preza ficou.

Quem pintou o amor cego
Não no soube bem pintar;
O amor nasce da vista,
Quem não vê não pode amar.

Não se canse a natureza
Em criar cousas em vão;
Se não é para te amar,
De que serve o coração?

Coração mais infeliz
Do que o meu não pode haver;
Ter a dita de te amar
Para agora padecer.

Volve a mim teus lindos olhos,
Que olhar só não é defeito;
D'este modo vae nascendo
Terno amor dentro do peito.

Entrei no templo do amor
Para dar um juramento,
Apenas vi o teu rosto
Não jurei, mudei de intento.

Tinha feito juramento
De não tornar mais a amar;
Teus olhos logo fizeram
Meu juramento quebrar.

Jurei não amar e amo,
Confesso minha fraqueza;
Esta culpa não é minha,
É crime da natureza.

O teu peito é um altar,
Com vellas e castiçaes;
Os santos que lhe eu adoro
São teus olhos, nada mais.

Dois olhos que tens no rosto
Parecem-me dois ladrões;
Elles póstos n'uma estrada
Podem roubar corações.

Os meus olhos são dois pretos
Que me chegaram de fóra;
De lá me vieram livres,
Captivei-os eu agora.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus.

Os teus olhos negros, negros,
São gentios de Guiné;
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.

Olhos pretos vão á fonte,
Não sei que lá vão buscar;
Não sei se vão buscar agua,
Se penas para nos dar.

Os olhos dos meus amores
São pretos, não tem maldade;
Heide mandar fazer d'elles
Um painel de Piedade.

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiras,
Cadeias com que me prendem.

Eu não sei que sympathia
Meus olhos comtigo tem?
Quando estou ao pé de ti
Não me lembra mais ninguem.

Olhos pretos são bonitos,
Gósto d'elles, mas... porem
Tenho medo dos amores,
São crueis, não pagam bem.

Olhos pretos são falsarios,
Os azues são lisongeiros;
Antes quero olhos castanhos,
São os leaes, verdadeiros.

Heide deitar os meus olhos
Áquelle poço sem fundo;
Olhos que não tem ventura
De que me servem no mundo?

Domingos e dias santos
Aqui offendo a meu Deos;
Vou á missa e não a ouço,
Tudo pelos olhos teus.

Quem diz ser de gala o preto
Entende pouco de côres;
Eu amei dois olhos negros,
Ambos me foram traidores.

Eu não sei a côr que tinham
Os lindos olhos que eu vi;
O que eu sei é que eram negros,
E que por elles morrí.

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos de alegria;
Amal-os inda não pude,
Deixal-os inda não queria.

Menina do lenço preto,
Os olhos da mesma côr,
Diga a seu pae que a caze,
Que eu serei o seu amor.

Os olhos pretos são falsos,
Os castanhos matadores;
Os azues da côr do céo
É que são os meus amores.

Oh olhos azues, tão claros,
Cercados de bem querer,
Eu em ti fitei os meus,
Melhor me fôra morrer.

Os olhos azues são lindos,
São custosos de encontrar,
Quem tiver olhos azues
Bem os pode arrecadar.

Por um teu mais terno olhar
Déra da vida a metade,
'Num sorriso dera a vida,
Por um beijo a eternidade.

. .

Se os teus olhos são brilhantes
Que prendem meu coração,
Se os teus braços são cadeias
Amor me entrego á prisão.

Esses teus olhos brilhantes,
Esse teu corpo formoso,
Já me fazem andar triste
Sem socego, nem repouso.

Os olhos requerem olhos,
Os corações corações,
Tambem as boas palavras
Requerem boas razões.

Defronte de mim estão olhos
Que as luzes me estão tirando;
Lá darás contas a Deos
Das penas que me estás dando.

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem penas
Logo os olhos dão signaes.

Os meus olhos de chorar
Fizeram cóva no chão,
Cousa que os teus não fizeram,
Não fizeram, nem farão.

Os meus olhos de chorar
Fizeram covas no rosto;
Todos dizem que te deixe,
Não quero, não é meu gosto.

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça têm;
Já os tenho reprehendido,
Que não chorem por ninguem.

O coração pede, pede
Terra para um pomar,
Que meus olhos já se obrigam
A dar agua p'r'o regar.

Os meus olhos são dois peixes,
Navegam n'uma alagôa;
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

Chorae olhos, chorae olhos,
Que o chorar não é desprezo;
A Virgem tambem chorava
Quando viu seu filho prezo.

Anda cá se queres agua,
Que os meus olhos t'a darão;
Ella é pouca, mas é clara,
Nascida do coração.

Oh amor! cabellos louros
Com penteado tão certo;
Sobrancêlhas de ouro fino,
Olhinhos por quem me pérco.

Sobrancêlhas como as vossas
É impossivel havel-as;
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Os vossos beiços, menina,
Ambos elles tem virtude;
Em beijando a um doente
Logo lhe dão a saude.

Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram;
Teus lindos pés me fugiram,
Quando morto me deixaram.

Lindos cabellos que tendes,
Que vos dão pela cintura,
De noite servem de cama,
De dia de formosura.

Vosso cabello dobado
Dá mais de trinta novellos;
Os teus olhos ramalhudos
Quem os hade amar sem zellos?

Cabellinho entrançado
Pelas costas ao comprido,
N'esse nó que vós lhe daes
Trazes o amor escondido.

Tendes o cabello louro,
Pelas costas ao comprido:
Parecem meadas de ouro
A martello rebatido.

Menina ate o cabello,
Que elle atado está-lhe bem;
Se não tem fita para elle,
O salgueiro verga tem.

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello...
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Essa tua mão de neve
Quando na minha pegou,
Devéras tinha feitiços,
Que logo me infeitiçou.

Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flores;
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

Oh meu amor, se tu fôres
Ao tribunal das formosas,
Escolhe-me as trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas.

Tendes o pé pequenino
Do tamanho de um vintem;
Podia calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

Tendes cara de papel,
Nariz de penna aparada,
Olhos de letra miuda,
Bocca de carta fechada.

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada;
Em certas occasiões
Mais vale a bocca calada.

O sangue das tuas veias
Gira no meu coração;
Os teus braços são cadeias,
Amor me entrego á prizão.

Tive hontem de noite um sonho,
Que sonho tão divertido!
Sonhei que tinha na cama
A forma do teu vestido.

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do céo fui criado;
Perdi-me na noite escura,
Em teus braços fui achado.

Esta noite sonhei eu
Comtigo, minha belleza;
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza.

Dormindo estava sonhando
Que te estava a dar abraços,
Acordei, achei-me só,
Mal hajam os sonhos falsos.

Esta noite estive, estive
Á conversa com o amor,
Com a minha bocca na tua
Como o orvalho na flor.

Menina, déste-me a morte,
Dae-me agora a sepultura
Mais acima dos joelhos,
Mais abaixo da cintura.

Lembranças do tempo alegre
Me fazem entristecer;
Quem ama não considera
O que póde acontecer.

Ninguem se fie nos homens,
Nem no seu doce falar;
Tem as palavrinhas doces,
Coração de rosalgar.

Namorei-me, namorei-me,
Não me soube namorar,
Namorei-me de um vadio
Que me não sabe estimar.

Se eu soubera quem tu eras,
Quem era teu coração,
Duas falas que te eu dei
Ou eu as daria ou não.

Se eu soubera quem tu eras
Ou eu te amaria ou não;
Agora que já o sei
Padeça meu coração.

Fui encontrar a desgraça
Onde as mais acham prazer;
Amor que dá vida a tantos,
Só a mim me faz morrer.

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe;
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem.

Não sei que quer a desgraça
Que atrás de mim corre tanto?
Heide parar e mostrar-lhe
Que de vel-a não me espanto.

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura,
Que bem cedo me deixou.

Alma, vida e coração
Tudo, tudo já te dei;
Se tendes tudo que anima,
Como sem ti viverei?

Quem tira da prata a liga
Fica a prata desligada;
Quem por ti arrisca a vida
Não póde arriscar mais nada.

Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir;
Dar-te-hei meu coração
E a chave para o abrir.

Já la vae, já se acabou
A nossa felicidade;
Só me resta d'esta vida
Uma terna saudade.

Não me importa que eu não logre
Tua mão mimosa e bella;
Apezar do meu tormento
Gósto de penar por ella.

Eu morro por ti, se morro!
Tu me deves animar;
Anima-me, que eu prometto
Viver só para te amar.

Um impossivel me mata,
Por um impossivel choro;
É impossivel que vença
Um impossivel que adoro.

Oh amor, que te fiz eu,
Para por ti ser deixado?
Se o bem querer é um crime,
Só n'isso serei culpado.

Justos céus por que me déstes
Uma alma capaz de amar?
Se alma sem amor não pode
Livremente respirar?

Não julgues um só instante
Que te posso ser ingrata;
Bem sabes que por ti sinto
Uma paixão que me mata.

Quem pudéra acreditar
Se o teu sentido assim é;
Mas eu sempre atraiçoada
Em nada posso ter fé.

Tenho feito juramento
Não amar quem me amofina;
Mas não posso, que é mais forte
A paixão que me domina.

Faz não ver a falsidade
A paixão com que te adoro;
Quando me lembra deixar-te
Da mesma lembrança choro.

Tenho o meu peito ralado
Á força de padecer;
Esta pena é um segredo
Que ninguem hade saber.

Tenho dentro do meu peito
Duas pennas a bulir;
Uma diz que quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

Façamos, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma... duas, até tres.

Não quero fazer as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma, quanto mais tres.

Se eu tivera não pedira
Cousa nenhuma a ninguem;
Eu por não ter é que peço
Lealdade a quem a tem.

Não me peza de te amar,
Pois não gósto d'esta vida;
Só me peza ser leal
E tão mal correspondida.

Se me não sabes amar,
Vem cá que eu te ensinarei;
O meu mestre foi Cupido,
Vê lá se não saberei.

O meu amor de ciumes
Não quer que fale a ninguem;
Falo para que me falem,
Não sou de enganar ninguem.

O vir á fonte de noite
Nunca fez mal a ninguem;
Isto de quem tem má lingua
Tira a honra a quem a tem.

Oh falsa, mil vezes falsa,
Oh falsa, que me vendeste;
Quanto te deram por mim,
Que dinheiro recebeste?

Salta-me o sangue das veas,
Oh que sem causa me feres;
Se alguma cousa precisas,
Dize, amor, isso que queres.

Choro lagrimas de sangue
Para teu divertimento;
Quero que vivas alegre
A custa do meu tormento.

Oh falso, permitta o céu
Já que me pagas tão mal,
Que o primeiro amor que tenhas
Que te não seja leal.

Oh quantas vezes, oh quantas,
Falso, por mim chorarás:
Quando remedio não tenhas
Então te arrependerás.

Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia;
Triste sou, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais;
Para que heide qu'rer amores
Se elles me não são leaes?

O amor que eu em ti puz
Antes o puzera n'agua;
A agua vae e não volta,
Não deixa penas, nem magua.

Amor, não venhas irado,
Suspende a tua vingança;
Bem me basta o meu martyrio
De te amar sem esperança.

Antoninha, cara linda,
Rosto cheio de signaes;
Palavras que dás a outro
São facadas que me daes.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece;
Desgraçada creatura,
Que até o sol me aborrece!

Meu amor, eu sou sincera,
Não pretendo enganar-te;
Mil vezes protesto e juro
Antes morrer que deixar-te.

Se os campos todos falassem,
Que diriam os rochedos?
Então se descobririam
Nossos primeiros segredos.

Quem de mim te poz tão longe
Não teve boa eleição,
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Pelo cantar da sereia
Se perdem os navegantes,
Perdem-se as mães pelos filhos,
As damas pelos amantes.

Quem me déra já lograr
D'esses teus olhos as luzes;
Mais de quatro ficariam
Na bocca fazendo cruzes.

Mal de amores não tem cura,
Mal de amores cura tem;
Ajuntem-se dois amores
Mal de amor cura-se bem.

O sol é a caixa de ouro,
A lua é fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Acredita que eu já tenho
A minha tenção formada;
Tanto bem que me quizeste
Nunca me serviu de nada.

Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho;
Estes que eu agora tenho
Vão pelo mesmo caminho.

Impossivel, sem ser Deos,
Haver quem de ti me aparte;
Se houver quem se opponha a isso
Haja logo quem me mate.

Amar, morrer, padecer
Não pode ser tudo junto;
Quem morreu acaba a vida,
Quem ama padece muito.

És espelho onde me vejo
Cada vez que te visito;
És egual ao meu desejo,
Não ha nada mais bonito.

Triste quem d'amores morre,
Mais triste quem d'amor vive;
Que eu morro pelos que tenho,
E pelos amores que tive.

Quando te não conhecia
Nada de ti se me dava;
Sem pensamento dormia,
Sem cuidados acordava.

Mil cadeias são teus braços,
Mil grilhões os teus carinhos,
Que prenderam meus afagos
Nos mais agudos espinhos.

As saudades te persigam,
Que te não possas valer;
Para que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem querer.

Meu amor, se te arrependes
De algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei
Pelos que tu já me déste.

De que me servem sem ti
Os bens que a fortuna dá?
Sem os bens tambem eu passo,
Mas sem ti quem viverá?

Quando eu nasci chorava,
Chorava de ter nascido;
Parece que adivinhava
Que estava o mundo perdido.

Já o mar anda de luto,
Navios e embarcações;
Já se não pagam finezas
Senão com ingratidões.

Eu amei a um ingrato,
Que me arrastou pelo chão;
Mesmo assim eu gósto d'elle,
Vejam a minha paixão.

A paixão domina a gente,
Eu d'ella estou dominada;
D'aqui para a sepultura
É pouco, não custa nada.

Quem quizer ser bem querida
Não se mostre apaixonada;
Uma paixão conhecida
Então é que é desgraçada.

Alem vae a presumida,
Rua cheia, sem ninguem;
Ella cuida que é bonita,
Nada d'isso ella tem.

Menina, não seja vária,
Reprehenda o pensamento;
Olhe que o amor dos homens,
Dura muito pouco tempo.

Ingrata desconhecida
Que te custava dizer:
Amor busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?

Oh estrellinha do norte,
Vae andando que eu já vou;
Deitando claras luzes
Já que o amor me deixou.

Trocastes a mim por outra,
Trocastes amor, trocaste;
Tu me dirás a seu tempo
Quanto na troca ganhaste.

D'aqui d'onde estou bem vejo
Estarem-me offendendo;
Porem, faço que não ouço,
É mundo! vamos vivendo.

Das ingratas que ha no mundo
Tu és a de maior fama;
Que tratas com tyrannia
A quem devéras te ama.

Quem quer ver um infeliz
Que no triste mundo nasceu?
Para penas está vivo,
Para gloria já morreu.

Quem quer ver um infeliz
Que nasceu ao pé da faya?
Não ha desgraça nenhuma
Que n'este infeliz não caia.

Eu heide amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não se muda,
Tu mudas-te sem razão.

Se os meus olhos te offendem
Eu mesmo tiral-os-hei;
Não quero ter no meu rosto
Cousa que offenda ninguem.

Tudo o que é triste no mundo
Tomára que fosse meu,
Para vêr se tudo junto
Era mais triste do que eu.

Já la vae, já se acabou
O tempo que eu te amava;
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Já o sol, minha menina,
Não nasce aonde nascia;
Já não morre por amores
Quem por amores morria.

A menina chóra, chóra,
Chóra por que eu a enganei;
Chóra, mas é n'este mundo,
Que no outro penarei.

Alevanta esses olhos
Debaixo d'essas pestanas,
Que eu quero conhecer
As luzes com que me enganas.

Tenho mandado fazer,
Que não posso fazer tudo,
Um cofre de paciencia,
Para viver n'este mundo.

Oh coração retrahido,
Oh cara cheia de enganos,
Que é da paga que me déste
De te eu amar tantos annos?

Coração, meu coração,
Com uma faca te heide abrir,
Que te deixaste prender
De quem podias fugir.

Coração não andes triste,
Anda alegre se puderes;
Algum dia será teu
O que tu agora queres.

O meu coração é teu,
Bem o podes entender;
Antes que a morte me leve
Nos teus braços me heide vêr.

Os corações não se vendem,
São cousas de alto valor;
Não se vendem por dinheiro,
Rendem-se á força do amor.

Não ha dor que tanto custe,
Como a dor do coração;
Todos os males tem cura,
Só este mal é que não.

Oh penas não venhaês juntas,
Que não quer meu coração;
Vinde de duas a duas,
Dae logar ás que cá estão.

Se mil corações tivesse
Com elles eu te amaria;
Mil vidas que Deos me désse
Em ti as empregaria.

Não se me dá que outrem logre
Amores que já logrei;
Faço de conta que foi
Vinha que já vindimei.

Qualquer pessoa que chegue
A possuir-te ou gozar-te,
Será mais feliz do que eu,
Mas não mais capaz de amar-te.

Se pensas que por ti morro,
Ou por ti tenho paixão,
Nunca fui apaixonada
Da fructa que cáe no chão.

Quando o sovreiro dér baga,
E o loureiro dér cortiça,
Então te amarei meu bem,
Se não me dér a preguiça.

Meu amor em braços d'outro
Como estava divertido!
Deixal-o ter essa gloria,
Que a paixão fica commigo.

Á minha porta está lama,
Á tua fica lameiro;
Quando falares dos outros
Olha para ti primeiro.

Passei pela tua porta
Pela cantada do gallo;
Ouvi-te dar um suspiro,
Quantos terias já dado!

Se te enfastia eu querer-te
É força por fim deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Ai Jesus, eu vivo triste,
Que já não tenho amor;
Eu sou como o cypreste
Que de triste não dá flor.

Oh acypreste dos valles,
Retiro dos passarinhos,
A quem déstes os abraços
Dá-lhe tambem os beijinhos.

Se o passarinho vendesse
As pennas que Deos lhe deu,
Tambem eu vendia as minhas,
Ninguem as tem mais do que eu.

Passarinho que cantaes
Nesse raminho de flores,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

Amor impossivel vence,
Amor tudo facilita;
Quem quer bem a nada attende,
Quem ama a tudo se arrisca.

Vai depressa oh creatura,
Vai depressa, que eu não vou;
Já me parece loucura
Amar a quem me deixou.

Eu gosto de te encontrar
E tremo quando te vejo;
Que te não posso falar
A medida do desejo.

Coração porque palpitas
De um modo tão desuzado?
Sentes-te de amor ferido,
Que assim estás maltratado.

Vae-te embora, amor ingrato,
Que eu não quero nada teu;
Foste repartir com outro
Um amor que era só meu.

Quem tiver dois corações
Dê-me um, que bem o emprega;
Que aquelle que eu tinha dei-o
A quem agora m'o nega.

Lindos olhos tem amor,
Inda agora reparei,
Se reparára mais cedo
Não amára a quem amei.

Se te adorei foi um sonho,
Se te quiz foi falsidade;
Foi em quanto não achei
Amor á minha vontade.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo;
Não ha um poço tão alto
Que se lhe não chegue ao fundo.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo;
A minha pouca assistencia
Dar-te-ha o desengano.

Já passei o mar a nado,
A nado como uma enguia;
Mais vale não ter amores,
Do que passar agua fria.

Algum dia, meu brinquinho,
O meu regalo era ver-te;
Agora tanto me vale
Ganhar-te como perder-te.

Menina, não traje branco,
Que o branco logo se suja;
Trago amarello, côr de ouro,
Que é o que agora se uza.

O amor em quanto novo
Ama com todo o cuidado;
Depois de venda na mão
Mostra papel de enfadado.

Eu tenho quatro amores
Dois de manhã, dois de tarde;
Com todos me rio e brinco,
Só a um falo verdade.

Se ouvires assobiar
Não digas que é caçador:
Anda agora uma moda
De assobiar ao amor.

Se você me não queria
Para que me acarinhou?
Para agora me deixar
No estado em que estou.

Oh José, pinheiro alto,
Sombrinha de todo o verão;
Todo o amor se me rende,
Só o teu, oh José, não.

Quando comecei a amar-te
Deitei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

Quando eu te queria bem
Mandava parar o vento,
Agora que te não quero
Nem me vens ao pensamento.

O melro canta na faya,
Escutai o que elle diz:
Quem fez o mal que o pague
Menos eu que o não fiz.

Ai quem me déra ter mãe,
Inda que fosse uma silva;
Inda que ella me arranhasse
Sempre eu era sua filha.

Dizes que eu não tenho mãe,
Tenho uma como o sol;
Quando fôres á egreja
Olha para o altar mór.

O tempo em que eu já te amei
Melhor estivera doente;
Tempo tão mal empregado,
Dado de tão bôamente.

Eu amei a uma ingrata
Que tão mau pago me deu;
Ninguem me fale mais n'ella,
Que ella para mim morreu.

Coração que a dois adora
Que firmeza pode ter?
Só se for coração de homem,
De mulher não pode ser.

Oh alta serra de neve
D'onde o penedo cahiu;
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

Oh meu amor não embarques,
Olha o mar que não tem fundo;
Olha o mar é como os homens,
Que enganam a todo o mundo.

Já não quero mais amar,
Que eu do amor tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

Assentado n'uma pedra
Ouvi dar a meia noite;
Coitado de quem espera
O que ha de vir da mão d'outrem.

As estrellas se admiram
D'este meu andar de noite;
As passadas serão minhas,
O proveito será d'outrem.

Oh pedras d'esta calçada
Levantai-vos e dizei
Quem vos passeia de dia,
Que de noite bem eu sei.

'Num só momento que eu tenha
A dita de te encontrar,
Em segredo te diria
O motivo de eu penar.

Lá no céo vae uma nuvem,
Todos dizem — bem a vi;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Encostei-me á cana verde
Cuidando que não quebrava;
A cana verde era ôca,
Cousa que me não lembrava.

Não fui eu o que te amei,
Nem eu nunca te amaria;
Entre tantos que te adoram
Qual de nós feliz seria?

Á tua porta está louro,
Á minha está o loureiro;
Quando falares em mim
Olha para ti primeiro.

Loureiro, verde loureiro,
Quem te poz n'este caminho?
Quantos passam e não passam
Todos tiram seu raminho.

O amor e o ciume
Fizeram paz e união;
Quem tem amor tem ciumes,
Quem tem zelos tem paixão.

Vae, amor, por esse mundo
Procura melhor riqueza,
Se a não encontrares volta
Aos restos d'esta pobreza.

Oh minha menina bella
Ponha o seu amor só n'um;
Não traga tanto á trella,
Pode ficar sem nenhum.

No alto d'aquella serra
Andam dois coelhos bravos;
É tempo de se juntarem
Aquelles dois namorados.

Heide escrever a Cupido
Mandando-lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

Amar e saber amar
Isso faz qualquer amante;
Amar depois de offendida
Só eu porque sou constante.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não têem conta,
Os que sabem são contados.

Amar e saber amar
Qualquer amante faz isso;
Mas amar com lealdade
Só eu nasci para isso.

Eu heide amar uma rocha
E não te heide amar a ti;
Que uma rocha é sempre firme
E tu és falsa para mim.

Quando eu quiz tu não quizestes,
Tivestes uma opinião ;
Agora queres, não quero,
Tenho minha pretenção.

Heide ir para aquella serra,
Com meus ais quebrar penedos;
Para fazer uma torre
Para fechar meus segredos.

Se te não amo falleço,
E se te amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Heide-te amar é meu gosto
Corra o perigo que correr;
Uma vida só que tenho
Quero por ti padecer.

Corri todo o mar á roda
C'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

Se eu soubesse que voando
Alcançava o que desejo,
Depressa formava azas,
Que as penas são de sobejo.

Por te amar perdi a Deos,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só
Sem Deos, sem amor, sem ti.

Tenho um vestido de penas.
A fazer n'um alfaiate;
Eu as fiz eu as causei,
É bem que as penas me matem.

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me d'esta prisão;
Que eu não vivo muito tempo
Na tua separação.

Meu amor por algum tempo
Me hade vir a desprezar;
Antes que tal chegue a vêr,
Oh morte, vem-me buscar.

Ferros de el-rei são prizões,
Mas o amor ainda é mais forte;
Para os ferros inda ha lima,
Para o amor nem a morte.

Quem hade passar os dias,
Sem gosar tua amisade?
A vida já não desejo,
A morte é felicidade.

Uma só palavra tua
Decide da minha sorte;
Dar-me o sim é dar-me a vida;
Dar-me o não é dar-me a morte.

Das lagrimas faço contas
Com que reso ás escuras;
Oh morte que tanto tardas!
Oh vida que tanto duras!

Ámanhã por estas horas
Onde estará o meu corpo?
Estará n'esses teus braços,
Ou na sepultura já morto.

Eu heide morrer, morrer,
Não sei a hora, nem quando;
Terra que me hasde comer,
Podes-te ir apparelhando.

Abre-te oh penha constante
Serás minha sepultura,
Se te não abres, oh penha,
Digo-te penha, que és dura.

Anda, oh morte, vem aqui,
Que te quero perguntar,
Quem morre de mal de amores
Se vae para bom logar?

Oh morte para que levas
Desejosos de viver?
Oh morte leva-me a mim,
Que desejo bem morrer.

Se ouvires dizer que eu morro,
Não tenhas pena, meu bem;
Que a morte de um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

Quando vou por meu caminho
A chamar pela ventura,
Não acho melhor descanço
Do que a paz da sepultura.

Apezar da triste morte,
Eu sempre te heide adorar;
Custe o sangue, ou custe a vida,
Custe, amor, o que custar.

Oh rosa, quando morreres,
Quem te hade dar a mortalha?
Co' as folhas da mesma rosa,
Vae a rosa amortalhada.

Põe na minha sepultura
Aonde enterrado fôr,
A cada canto uma letra:
A — M — O — R, amor.

Heide mandar escrever
Sobre a minha sepultura:
— Aqui jaz quem sempre teve
Muito amor, pouca ventura.

Sobre a minha sepultura
Um epitaphio heide pôr:
— Aqui jaz quem viveu sempre
Em desgosto, pranto e dor.

Ainda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Hasde o teu nome encontrar
Dentro do meu coração.

Quem me levar para a cova
Deixe-me á porta da egreja;
Não ha mulher venturosa,
Nem homem que leal seja.

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Diz á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

Se passares pelo adro,
Tira o chapéu, resa á cruz;
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Heide deixar que me enterrem
Onde tu fores á missa;
Que inda depois de enterrado
Quero estar á tua vista.

Pelo amor de Deos te peço,
Move de vagar teus passos;
Debaixo d'esses teus pés
Anda meu corpo em pedaços.

Meus males, minhas desditas
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando acabar de viver.

Noite escura, noite escura,
Cobre-me com o fato teu;
Vim achar tudo de luto,
O meu amor já morreu.

Puz um pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
—Tira o pé, que estás pisando
Um amor que já foi teu.

Puz um pé na sepultura
Onde estava corpo humano;
Ouvi uma voz dizer-me:
Não me pises, oh tyranno.

Anda cá, meu amor morto,
Dize lá quem te matou;
Se te matou minha ausencia,
Ressuscita, aqui estou.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

Ai, quem me déra morrer,
Depois de morto ter vida,
Para vêr quem te lograva
Prenda tão d'alma querida.

Tu chamas-me tua vida,
Mas tua alma eu quero ser;
Que a vida morre com o corpo,
E a alma eterna hade ser.

..

Se amor dura alem da morte,
Constante sempre heide ser;
Se amor dura só na vida
Heide amar-te até morrer.

De cada vez que te vejo
Devo-me ir confessar:
Eu não pécco em te vêr,
Pécco em te desejar.

Aqui tens meu coração,
Vinga n'elle meus delictos;
Crava-lhe um punhal agudo,
Não te dôas de seus gritos.

Aqui tens meu coração,
Retalha-o como um marmello,
Que dentro d'elle hasde achar
O bem e o mal que te quero.

Aqui tens meu coração,
Se o queres matar bem podes;
Olha que estás dentro d'elle,
E se o matas tambem morres.

Não te inclines a meu peito,
Olha que te hasde ferir;
Que as setas em mim são tantas
Que passam de mais de mil.

Se as saudades matassem,
Muita gente morreria;
Mas as saudades não matam
Senão no primeiro dia.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé do verde jasmim;
Uma flor me respondeu:
Cala-te, tudo tem fim.

Toda a vez que me eu alembro
Que de ti me heide apartar,
Enchem-se-me os olhos de agua
Com vontade de chorar.

Eu heide ir áquelle mar,
Se elle me quizer ouvir,
Que abrande as suas ondas,
Quer o meu amor partir.

Quero dar as despedidas,
Quero dal-as e não posso;
Tenho o meu coração prezo
Por um fio de ouro ao vosso.

Oh amor, hoje é o dia
Que se apartam corações;
Não se hão de apartar os nossos,
Que estão prezos com grilhões.

Oh triste segunda feira
Da semana que hade vir,
Quaes serão os tristes olhos
Que te hão de vêr partir.

Meu amor na despedida
Nem um só ai pôde dar;
Pôz a mão sobre meu peito,
Não fez mais que suspirar.

Meu amor na despedida
Nem uma fala me deu;
Fôz os seus olhos no chão,
Ficou a chorar mais eu.

Quizera não conhecer-te,
Quizera não adorar-te,
Para não morrer de pena
No momento de deixar-te.

Quem vive ausente não pode
Dizer que logra ventura;
Porque uma saudade é morte,
Uma ausencia sepultura.

Amores ao pé da porta,
É que eu gostava de ter;
Inda que eu lhe não falasse,
Os olhos gostam de vêr.

Anda cá, se queres vêr
Uma cruel despedida;
Dois amantes que se apartam,
Um sem alma, outro sem vida.

Se algum dia aqui voltares
Falar-te de mim quem hade!
Se em nenhures me encontrares
Busca por mim na saudade.

Dizem que o chorar consola,
Eu chorar não chorarei;
Que assim perdia a saudade
A que já me acostumei.

O meu amor foi-se, foi-se,
Sem se despedir de mim;
Do mar se lhe façam rosas,
Do navio um jardim,
Das velas uma açucena
Para se lembrar de mim.

.....

.....

Se fôres ao mar lá fóra
Não me leves no cuidado;
Senta-te á sombra da vela,
Dorme o somno descançado.

Andaes vestido de azul,
O azul é que eu venero;
O azul é navegante,
Eu tambem navegar quero.

Dizei-me quanto é que custa
O azul com que brilhaes,
Que me quero vestir d'elle
Antes que encareça mais.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora;
Mais padece quem não vê
O seu amor toda a hora.

Ausente de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança;
Quanto mais ausente vivo,
Mais o trago na lembrança.

Ausente do meu amor,
Nada me pode agradar;
Eu não vivo para o mundo
Vivo só para o amar.

Toda a vez que tu me alembras,
Vou á janella e digo:
Onde estarás tu agora,
Disvello do meu sentido!

Porque o mar é triste e alegre
Faz o passado lembrar!
Faz lembrar tempos felizes,
Faz tristesas despertar.

Lagrimas me põem á meza,
Suspiros são meu comer;
Saudades são meu sustento,
Até te tornar a vêr.

Suspiros me dão combates
Por não 'star á tua vista;
Deos me chege ainda a tempo
Que de continuo te assista.

Suspiros me dão combates,
Commigo batalhadores,
Desgraçado é quem toma
Por pouco tempo amores.

Suspiro que nasce d'alma,
Que á flor dos labios morreu,
Coração que o não entende
Não o quero para meu.

Dei um ai, e não ouviste,
Suspirei, não déste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Suspiro por ti, meu bem,
Mas què vale suspirar?
Quanto mais por ti suspiro,
Menos te posso lograr.

Do céo caiu um suspiro
Que no ar se desfolhou;
Quem n'este mundo não ama,
No outro não se salvou.

Suspiros, ais, e tormentos,
Imaginações, cuidados,
São o manjar dos amores
Quando vivem separados.

Suspirar continuado
Tambem serve de alimento;
Ai! quantos ha que suspiram
A má hora e a mau tempo!

Suspirava por te vêr,
Já matei esta saudade;
Muitò custa uma ausencia
A quem ama na verdade.

Suspirar é meu destino.
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve de alivio,
Só comtigo estou contente.

Oh meu amor, quem te disse
Que eu dormindo suspirava?
Quem te disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Foram tantos meus suspiros
Ao vêr que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Não ha flor como o suspiro,
Na minha opinião;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

Uma saudade me mata,
Um suspiro me detem;
Uma esperança me anima
De tornar a vêr meu bem.

A saudade é uma flor,
E dispõe-se em qualquer vaso;
Mas uma saudade firme
Só se encontra por acaso.

A saudade é um mal
Que nem respirar permitte,
É uma ancia, é um tormento,
É uma dor sem limite.

A paixão tem uma filha
Que se chama saudade;
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Se por minha desventura
Longe de ti vou viver;
Não esperes me vêr mais,
Que eu de certo vou morrer.

É tão triste o meu viver,
Que até de mim tenho dó;
Ausentou-se o meu amor,
Paciencia, vivo só.

Meu amor na despedida
Nem uma só fala me deu;
Quiz falar, não pôde, afflicto,
Quiz falar, emmudeceu.

Eu dei um ai sobre os montes,
Accudiram-me as montanhas;
Ai de mim que já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Desgraça minha foi vêr-te,
A primeira vez falar-te;
Ventura foi conhecer-te,
Mas que destino...deixar-te!

Nem o tempo, nem a morte,
Nem a desgraça tambem,
Fará que de ti me esqueça,
Lindo amor, querido bem.

Não ha cousa que mais cheire
Do que a larangeira em flor;
Não ha cousa que mais custe
Do que a ausencia do amor.

Oh terra dos meus amores,
As costas te vou virando;
Minha bocca se vae rindo,
Os meus olhos vão chorando.

Junto a ti sinto ternura,
Ausente de ti saudade;
Não sei em qual d'estes lances
Tenho menos liberdade.

Não te posso acompanhar,
Seguir-te não posso, não;
Lá irão onde tu fores
Os ais do meu coração.

Eu ausente do meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim?

Lá no céo está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo,
A estrella é o meu alivio.

Sempre estás: adeos, adeos,
Com esse adeos me mataes;
Queira Deos não digas tu
Adeos para nunca mais.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios;
Que esse foi o causador
De meus olhos serem rios.

Quanto se sente na morte,
Quanto na ausencia se sente!
A morte é ausencia eterna,
A ausencia morte apparente.

Amores ao longe, ao longe,
Mais vale ao longe que ao perto;
Inda que o mundo murmure,
Ninguem o sabe de certo.

Oh meu amor, se te fôres
Leva-me na tua alminha;
Eu sou como a borboleta,
Onde quer vae metidinha.

Vae quasi a fazer um anno
Que por estas margens ando
Solitario, n'estes bosques
Minhas lagrimas chorando.

Fecharam-me a minha terra
Com montanhas ao redor;
Ai de mim, ficou lá dentro
Fechadinho o meu amor.

Se os meus tristes ais voassem,
Daria mil cada hora;
Iriam bater no peito
De quem me lembrou agora.

Debaixo da fria campa,
Os ossos mirrados 'stão;
Elles mesmo 'stão sentindo
A nossa separação.

Debaixo do frio chão,
Onde o sol não tem entrada,
Abre-se uma sepultura,
Mete-se uma desgraçada.

Meu amor, que estás tão longe,
Ausenta-te e vem-me ver;
Olha que as vidas são curtas,
Pode algum de nós morrer.

Olhos que andaes ausentes,
Que na villa não entraes,
Tirae carta de seguro
Em quanto vos não livraes.

Da minha janella vejo
A Senhora das Areias,
Que me guarda o meu amor
Que anda por terras alheias.

Quem me dera agora vêr
Quem me agora aqui lembrou;
O meu amor que é tão lindo,
Que tão longe de ti estou.

Rio que vas para baixo,
Passas por um bem que adoro;
Se te faltarem as aguas,
Leva as lagrimas que choro.

Tenho de ti muita pena,
Pena de te vêr penar;
Pena de te vêr ausente,
De te não poder lograr.

Vejo mar e vejo terra,
Vejo espadas a luzir;
Tenho o meu amor na guerra,
Não lhe posso acudir.

Oh sette-estrello, que andaes
De noite n'essas alturas;
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

Quem me dera saber ler,
Prenda que tanto gostava,
Para saber lêr as novas
Que o meu amor me mandava.

Desgraçado foi o pae
Que deu a uma filha o lêr;
Porque namora por carta
Sem a mãesinha saber.

Quem perdeu o que eu achei
Á porta d'uma donzella?
Foi uma carta de amores,
Alguem chorará por ella.

Tenho no meu coração
Letras que se podem lêr,
Que dizem claramente
Heide amar-te até morrer.

Se eu tivera papel d'ouro,
Comprára pena de prata;
Apurára os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta.

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A tinta sae-me dos olhos,
A *penna* do coração.

Com a penna escrevo penas;
Com penas soletro dores;
Com que penas não escrevo
Uma carta aos meus amores!

Esta carta vae sem porte
Remettida a quem quer bem;
Tem crime de mão cortada
Se n'ella bulir alguem.

Vae-te carta onde te eu mando
Ás mãos do meu bem parar;
Pede-lhe que com piedade
De mim se queira lembrar.

Carta vae onde te eu mando,
Que uns lindos olhos vás ver;
Carta põe-te de joelhos
Quando te quizerem ler.

Carta, se te perguntarem
Quem foi o teu escrivão,
Dize que foi uma pena
Nascida do coração.

Manda-me de lá dizer
O preço que o roxo tem,
Que me quero vestir d'elle
Por ausencia do meu bem.

O roxo é sentimento,
Eu sou a que estou sentida;
Sinto mais a tua ausencia
Do que a minha propria vida.

O roxo é sentimento,
Trago-o na minha almofada;
Com o sentido no amor
Não côso, nem faço nada.

Com pena pégo na penna,
Com pena quero escrever;
Caiu-me a penna no chão
Com pena de te não vêr.

Atirei a penna ao ar,
Caiu no chão, fez um S;
Ande lá por onde andar,
Nunca o meu amor se esquece.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Procurei a um letrado:
Qual era pena mais viva,
Se uma ausencia dilatada,
Se uma cruel despedida?

Oh rola, que vas rolando
A fugir do gavião,
Ella vae na vêa d'agua,
Barqueiro tende-lhe a mão.

Lá vem o barco á vella,
Lá vem a sardinha bôa,
Lá vem o meu amorsinho
Assentadinho á prôa.

Se estas arvores falassem,
Qualquer d'ellas te diria,
Que á cantar por ti chamava,
Que a chorar por ti vivia.

Fui vêr-te, estavas doente,
Encostei-me no teu leito:
Levanta-te e vem commigo,
Roubador d'este meu peito.

Abre-te, janella d'ouro,
Apparece resplendor;
Veste-te e anda commigo,
Meu delicado amor.

Oh minha bella menina,
Oh bella, se ella quizer,
Heide ir pedil-a a seu pae,
Para ser minha mulher.

Menina lá da janella,
Dê-me a mão, quero subir,
Que eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não sei ir.

Eu heide-te amar, amar,
Heide-te querer, querer;
Heide-te tirar de casa
Sem a tua mãe saber.

Cravo roxo á janella
É signal de casamento;
Menina recolha o cravo,
Que o casar tem muito tempo.

O anel que tu me déste
N'aquella dansa da aldea,
Era o élo que faltava
P'ra cerrar nossa cadêa.

O anel que tu me déste
Trago-o no dedo mendinho;
Cada vez que tu me lembras
No anel dou um beijinho.

O anel que tu me déste
Era de vidro e quebrou;
O amor que tu me tinhas
Era pouco e acabou.

Adeos casa de meus pais,
Adeos minha alta janella;
Adeos fatia de brôa,
Que se via o sol por ella.

Eu casei-me, e cativei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo comtigo,
Menos posso estar sem ti.

Eu casei-me hontem á noite,
Nem por isso estou contente;
O rapaz por si é bom,
Mas não tem que dar ao dente.

Minha mãe, case-me cêdo
Em quanto sou rapariga;
Que o milho sachado tarde
Não dá palha, nem espiga.

Minha mãe, para casar
Prometteu-me quanto tinha;
E depois de estar casada,
Filha que já não és minha.

Eu cuidava que o casar
Era só o dar a mão;
Sustentar mulher e filhos
É uma grande pensão.

Se a liberdade dos prezos
Estivesse em minha mão,
Já te agora tinha solto
Amor do meu coração.

Se o casar fosse tão doce
No fim como é no começo,
Eu pedira a minha mãe,
Que me casasse do berço.

Solteirinha não te cases,
Logra-te da boa vida,
Que eu bem sei de uma casada
Que chora de arrependida.

Casadinha de ha tres dias
Que fazes ao teu marido?
Elle vae a minha casa,
Chora que nem um perdido!

Casadinha de ha tres dias,
Eil-a lá vae a chorar
Pela vida de solteira
Que a não torna a lograr.

Solteirinha côr de cravo,
Tira-te ao pé da casada,
Casadinha de ha tres dias
Já tem a côr demudada.

Dei um nó que nunca dera,
Dado pela mão do cura;
É nó que se não desata
Senão para a sepultura.

Eu casei-me e cativei-me,
Troquei a prata por cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

Maria já te casaste,
Já o laço te enganou;
Queira Deos que sempre digas
Se bem estava, melhor estou.

Quem é pobre, sempre é pobre,
Quem é pobre nada tem;
Quem é rico, sempre é nobre,
E ás vezes não é ninguem.

Na torre do meu sentido
Tenho um leite de ouro armado,
Para descançar meu bem
Quando vem afadigado.

Quem tiver filhos pequenos
Por força hade cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar.

Uma mãe que um filho embala,
Todo o seu fim é chorar;
Só por não saber a sorte
Que Deos tem para lhe dar.

Quem tiver filhas no mundo
Não fale das malfadadas;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão;
São mulheres como as mais,
Filhas de Eva e de Adão.

III — FADOS E CANÇÕES DA RUA

Estudantina

(Cantigas de Coimbra)

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores,
Aqui tambem se formaram
Os meus primeiros amores.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
Vem de casa uns santinhos,
Vão de cá feitos tratantes.

O amor do estudante
Não dura mais do que uma hora,
Toca o sino vae p'r'a aula,
Vem as ferias vae-se embora.

A capa do estudante
É como um jardim de flores,
Toda feita de remendos,
Cada um de varias de côres.

Oh minha mãe não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vem os estudantes:
Padeirinha de feição.

Adeos ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego?

Nunca eu fôra a Coimbra,
Nem passara por Sansão,
Nunca vira esses teus olhos,
Que tanta pena me dão.

Não me fales em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Oh ribeira de Cozelhas,
Quando eu te passeava,
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Egreja de Santa Cruz,
Feita de pedra morena,
Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

Quem me déra agora estar
Onde tenho o pensamento,
D'esta terra para fóra
De Coimbra para dentro.

Coimbra, nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de alem da ponte.

Estudantes de Coimbra
Têm dois peccados mortaes:
Não fazem caso dos livros
E gastam dinheiro aos paes.

Se houver de tomar amores
Hade ser com um estudante;
Ainda que não tenha dinheiro,
Tem o passear galante.

Locaes

Minha mãe casou-me em Braga
C'um gaiato de Lisboa;
Não tinha calsa, nem véstia,
Camisa nem má, nem bôa.

Fui ao Porto, fui a Braga,
Tambem fui ao Limoeiro;
Não achei melhor amigo
Que a bolsa do meu dinheiro.

Oh Villa-Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes,
Nos dias que te vejo
Meus olhos são duas fontes.

Nunca me lembrou Bragança,
Nem que tal cidade havia;
Agora já não me esquece
Nem de noite, nem de dia.

Já fui soldado em Braga,
Alferes em Pena-Macôr,
Agora sou general,
Capitão do teu amor.

Adeos ó caes das Ameias,
Com teu lindo arvoredo;
De dia gósto de ti,
De noite tenho-te medo.

As meninas da Figueira
O seu dote é uma cêsta;
Andam de porta em porta:
Quem compra sardinha fresca?

Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é;
Figueira que não dá figos,
Oh quem lhe cortasse o pé.

Tudo o que no mar embarca
Á Figueira chega bem;
Tudo vae e torna a vir,
Só o meu amor não vem.

Se o mar tivera varandas,
Fôra te vêr ao Brazil;
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor por onde heide ir?

D'aqui ao Porto é longe,
Não chegam lá meus sentidos;
Quando elles lá chegarem
Já vão mais mortos que vivos.

Traz o chapeo á paralta,
Á moda de cidadôa;
Põe-lhe uma fita verde,
Que é a moda de Lisboa.

Ditosa a villa de Silves,
Que tem S. Marcos defronte;
Tambem Santiago tem
Nossa Senhora do Monte.

Lisboa com ser Lisboa
Tem o seu braço de mar;
Não ha terra como Moura
No reino de Portugal.

As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei;
Tres de ferro, tres de bronze,
Uma d'ouro, que é d'el-rei.

Tenho uma prima na terra
Que por ella morro tanto;
Heide pôr os pés em Roma
A pedil-a ao padre santo.

Pobre preto só é gente
Quando vem a noite escura;
Todos dizem lá vem homem
Sómente pela figura.

Fadistas

Tudo quanto o fado inspira
É o que só me entretem;
Pois quem do fado se tira
Não sabe o que é viver bem.

Eu heide morrer no fado,
Seguir os destinos seus;
O chinfrim será meu brado,
A banza será meu Deos.

Se o padre santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viera de Roma aqui
Bater o fado tambem.

Fado da Severa

(Versão de Coimbra)

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu;
Hoje mesmo faz um anno,
Que a Severa falleceu.

O Conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu,
Quando lhe foram dizer
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura,
O seu corpo ainda vê:
« Adeos, oh minha Severa,
« Bôa sorte Deos te dê!

« Lá n'esse reino celeste,
« Com tua banza na mão,
« Farás dos Anjos fadistas,
« Porás tudo em confusão.

« Até o proprio Sam Pedro
« Á porta do céo sentado,
« Ao ver entrar a Severa,
« Bateu e cantou o fado.

« Ponde no braço da banza
« Um signal de negro fumo,
« Que diga por toda a parte
« O fado perdeu seu rumo. »

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa se finou;
O gosto que tinha o fado
Tudo com ella acabou.

Fado do marujo

(Versão de Coimbra)

Triste vida a do marujo,
Qual d'ellas a mais cansada;
Por uma triste soldada
Passa tormentos! *Bis.*

Andar á chuva e aos ventos
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inferno
As tempestades!

As nossas necessidades
Obrigam a navegar,
E a passar tempos no mar,
E aguaceiros.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar;
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida!

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canseira!
Sem a nossa bebedeira
Nós não passamos!

Quando socegado estamos
No rancho a descansar,
Então é que ouço gritar:
Oh leva arriba!

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
« Moços, ferra a cevadeira
E o joanete. »

Tambem dá o seu falsete
Não podendo mais gritar:
« Cada qual ao seu logar
Até ver isto! »

Mais me valera ser visto
Á porta de um botequim,
Do que vêr agora o fim
Da minha vida!

Quando parece comprida
A noite p'ra descançar,
Então é que ouço tocar
Certa matraca.

O semno logo se atraca,
Meu coração logo treme,
Em cuidar que heide ir ao leme
Estar duas horas.

Lembram-me certas senhoras
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
Ao meu dinheiro.

Foi um velho marinheiro,
Que inventou esta cantiga;
Embarcado toda a vida
Sem ter dinheiro.

Canção do marinheiro

(Versão de Coimbra)

Perdido lá no mar alto
Um pobre navio andava;
Já sem bolaxa e sem rumo
A fome a todos matava.

Deitaram as negras sortes
A vêr qual d'elles havia
Ser pelos outros matado
P'r'o jantar d'aquelle dia.

Caiu a sorte maldita
No melhor moço que havia;
Ai como o triste chorava,
Resando á Virgem Maria.

Mas de repente o gageiro,
Vendo terra pela prôa,
Grita alegre lá da gávea:
Terras, terras de Lisboa.

A Vida do marinheiro

(Versão de Coimbra)

A vida do marinheiro
É vida de mil diabos,
Passa o dia, passa a noite
Sempre mettido entre cabos.

Para o almoço feijão,
Ao jantar bolaxa dura;
Nem uma só vez sequer
Pode beber agua pura!

Se está doente, p'ra tolda
Ao tempo se vae curar;
Se morre, com mil diabos,
Vae para o fundo do mar!

Cantigas de levantar ferro

(Versão de Lisboa)

VOZ: A grande nau Catherineta
Tem os seus mastros de pinho;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Marujinho bate o pé.

VOZ O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Marinheiro vira a ré.

VOZ Antes de caçar as gáveas,
Põe-se o ferro sempre a pique;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Cada qual mostra o que é

VOZ Para a nau ficar a nado,
Abrem-se as portas ao dique.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Chega tudo cá p'r'a ré.

VOZ Quando as gáveas vão aos rizes,
A maruja talha o lais;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Quem é moiro não tem fé.

VOZ Sobem dois a impunir,
A rizar sobem os mais.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Tu com tu, e cré com cré.

VOZ Quando o barco faz cabeça
Alla braços, iça a giba;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Vá de longo que é maré.

VOZ Quando elle arranca o ferro,
Vira então de leva arriba.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Vira mar e Sam José.

VOZ É de usança ao quarto d'alva,
Matar na coberta o bicho;

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Deixa a marca, põe a pé.

VOZ Antes da baldeação
Varre o moço, apanha o lixo.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Peito á barra, finca o pé.

VOZ Todo o barco que anda a côrso
Caça outro que se veja.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Muito cafre tem Guiné.

VOZ Todo o moço do convés
Caça a isca na bandeja.

CÔRO Ai lé, lé, lé,
Mazagão não é Salé.

Canção da Engeitada

(Versão do Algarve)

Não conheço pae, nem mãe,
Nem n'esta terra parentes,
Sou filha das pobres hervas,
Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,
Foram-se todos os meus;
Entre os filhos da desgraça
Só tenho a graça de Deos.

..

Caridade abriu-me os braços,
'Nelles meus olhos abri,
Nem tem o mundo outro amparo
Para me amparar a mim.

Vivo como em terra extranha,
Não conhecendo ninguem;
Vivo como peregrino
Que vê tudo e nada tem.

Em toda a terra não acho
Quem por mim conceba dó,
A não ser a caridade
Com quem vivo triste e só.

Caridade, ai caridade,
Alivio da minha dor,
Para pagar teus affectos
Só tenho prantos de amor.

O Frade

(Versão da Beira-Baixa)

Triste vida é a de um frade,
É peor que a de uma freira;
Andar de noite á carreira,
E penitencia.

É preciso paciencia
Com o nosso noviciado;
Estar um anno encerrado,
Eu não sabia.

Eu disse que não queria
Ser frade n'este convento,
Para meu maior tormento
Experimentei.

Eu á força professei,
Por meu pae assim querer;
Ser defunto sem morrer
Amortalhado!

'Num fogo vivo abrazado
Com este meu cruel vestido;
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente
Requeiro a enfermaria,
Então tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
Meu pae me vem visitar,
Com os frades vae passear
E eu tambem vou.

De noite ás portas da cella
O sino ouço tocar,
Ai de mim, que para o côro
Vou resar.

As Freiras de Santa Clara

(Versão de Coimbra)

As freiras de Santa Clara
Todas têm a fralda rota,
Só a senhora abbadeça
Tem uma feita de estopa.

As freiras de Santa Clara,
Quando não resam no côro,
Dizem umas para as outras:
Ah, se me não caso, morro.

As freiras de Santa Clara,
Quando não resam o terço,
Dizem umas para as outras:
Ah, se não caso, endoideço.

Nossa Senhora da Saude

(Versão da Figueira)

Oh Senhora da Saude,
A vossa capella cheira,
Cheira ao cravo, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

Oh Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrae os homens do mar,
Dae-lhe a vossa mão direita.

A Senhora da Saude,
Só ella póde brilhar;
Tem a sua capellinha
Levantada á beira mar.

Oh Senhora da Saude,
Eu heide ir lá para o anno,
Heide ir casada ou solteira,
Ou levada pelo mano.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Inda cá heide voltar,
Ou casada, ou solteira.

Canção do lavrador

(Versão da Beira Alta)

Na aldea de cem visinhos,
Na pobre choça senhor,
Vive alegre e satisfeito
O cansado lavrador.

Em paz se ergue, em paz se deita,
Não teme o mundo revolto:
Lavra seus campos de dia,
Dorme á noite a somno solto.

Tem mel das suas abelhas,
Tem o pão do seu cerrado;
Leite das suas ovelhas,
Veste a lã que dá seu gado.

Seu comer sempre é gostoso,
Pois o ganha a sua agencia;
E não leva misturado
Amargos da dependencia.

Cantigas politicas

O Jinó, mail o Maneta,
Diz que Portugal que é seu;
É o démo para elles,
E mais para quem l-o deu.

O Jinó diz que é bravio,
Bravio sou eu tambem;
Lá bravio por bravio
Mais bravio é o meu bem.

Ai lé! meu bem, não me fujas,
Não me deixes aqui só;
Vamos dar cabo do corpo,
Mais da alma do Jinó.

O Jinó cá n'esta terra
Dexem-no dizer que a leva;
Deixar engordar o porco,
Hemos de vêr quem o ceva.

IV — FASTOS DO ANNO E ORAÇÕES

As Janeiras

(Versão de Penafiel)

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados;
Mas nós vimol-as cantar
Por ser annos melhorados.

Gosae sim, senhores, sempre
Mil prazeres venturosos,
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numera os passos
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos
Aqui vos vimos cantar;
Se o céo cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Cantigas dos Reis

Santos Reis, santos coroados,
Vinde vêr quem vos coroôu;
Foi o menino Jesus,
Para a vossa salvação.

Os Santos Reis adoraram
A Jesus recem-nascido;
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Entrae, entrae, pastorinhos
Por esses portaes sagrados,
Vinde vêr o Deos menino
N'umas palhinhas deitado.

As palhinhas deitam lirios,
Menino sois meus alivios;
As palhinhas deitam cravos,
Menino sois meus cuidados.

Eu bem vi Nossa Senhora
Nos alpendres de Belem;
Com o seu menino no collo
Como lhe parece bem.

Sam José e mais Maria
Foram ambos a Belem,
Se elles vão cantar os Reis
Cantemol-os nós tambem.

*

Viva a senhora....
Vestidinha de cambraia,
Quando se põe á janella
Allumia toda a praia.

Viva a senhora....
Raminho de salsa crua;
Quando se põe á janella
Allumia toda a rua.

Viva a senhora....
Raminho de salva branca;
O seu corpinho é neve,
A sua alminha é santa.

Viva a senhora....
Raminho de perfeição;
Se hade pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora....
Os annos que ella deseja;
Depois d'elles acabados
Na gloria do céo se veja.

Viva o senhor....
Quando põe o seu chapéo;
No meio de sua sala
Parece um anjo do céo.

Viva o senhor....
Quando veste o seu collete;
No meio da sua sala
Parece um ramalhete.

Viva o senhor....
Os annos que elle deseja;
Viva tambem uma rosa
Que elle levou á egreja.

Viva o senhor....
Os annos que elle quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deos lhe deu por mulher.

Viva o senhor....
A sua cara é um sol;
Cercado de diamantes
Com aljofres ao redor.

Tambem viva p'ra que viva,
Viva a Senhora da Hora,
Vivam moças e creados
P'ra não ficarem de fóra.

Tambem viva p'ra que viva,
Viva a folha do codeço;
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

*

Ora venha, se hade vir
Não nos 'steja a dilatar;
Que sômos de muito longe,
Temos muito para andar.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papelão;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um capão.

Esta casa é bem alta,
Forrada de páu de pinho;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um quartinho.

Ora venha, se hade vir
Venha com desembaraço;
Aqui está á sua porta
O nosso moço do saco.

Esta casa cheira a breu,
Aqui mora algum judeu;
Esta casa cheira a unto,
Aqui mora algum defunto.

*

Vimos dar as boas festas
E tambem cantar os Reis;
Vimos vêr os vossos brios,
Que alguma cousa nos deis.

Vimos dar as boa festas
A estes nobres senhores;
Que já nasceu o menino,
Em Belem entre os pastores.

O Santo Antonio

(Versão do Algarve)

Oh moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

Oh moças, se querem noivos,
Vão esta noite á ribeira,
Que os moços em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

Santo Antonio, Santo Antonio,
Ás moças estende a mão,
Corram moças, vão depressa,
Façam-lhe uma petição.

Santo Antonio aviva os mortos
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Mil sadios pretendentes.

O Sam João

(Versão de Coimbra)

Oh Sam João, d'onde vindes
Pela calma, sem chapéo?
— Venho de vêr as fogueiras
Que me fizeram no céo.

Sam João por vêr as moças
Fez uma ponte de prata;
As moças não vão a ella,
Sam João todo se mata.

Oh Sam João, d'onde vindes,
Que tanto estaes orvalhado?
— Venho do rio Jordão
De fazer um baptizado.

Sam João adormeceu
Nas escadas do collegio;
A justiça deu com elle,
Sam João tem privilegio.

No altar de Sam João
Ha um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alivios ás suas penas.

Cantigas a Sam João

(Folha volante do seculo XVIII)

Sam João, as moças hoje
Vos pedem que as caseis;
Dae os noivos para todas,
Vêde vós o que fazeis.

Ay lé, ventura,
Isso de casar agora
É uma fina loucura.

Sam João, olhae que as moças
Não vos acendem fogueiras,
Porque vós não as tiraes
Do estado de solteiras.

Ay lé, victoria,
Vou buscar minha ventura,
Conseguir a minha gloria.

Sam João é festejado
Por todo o mundo em geral;
Entre todos os mais santos
Nenhum ha que seja egual.

Ay lé, victoria,
Pelo caminho da graça
Se vae ao reino da gloria.

Oh Sam João não queiraes
Que vos offertem capellas;
Não queiraes já n'este tempo
Casar as moças donzellas.

Ay lé, victoria,
Tomára que Sam João
Me levara para a gloria.

— D'onde vindes, Sam João,
Dos montes para a cidade?
« Prégar nova lei ao mundo,
Annunciar a verdade.

Ay lé, sentido,
Que grande gloria terei
Se este bem me é concedido.

— Sam João, que fazeis cá?
« Venho verdades prégando!
— Olhae que na côrte são
Fazenda de contrabando.

Ay lé, por certo
Melhor escutam verdades
Essas penhas do deserto.

Por causa de pretenções
Mulheres que não farão?
Fizeram cair Sam Pedro,
Degolaram Sam João.

Ay lé, feroz,
A voz de uma mulher
Fez calar a melhor voz.

Sam João foi voz do Verbo,
Que no deserto soou;
Propheta foi, que no rio
Christo com o dedo mostrou.

Ay lé, Senhor,
A vossa immensa grandeza
É objecto da minha dor.

— Oh Sam João, n'este dia
Quem vos hade festejar?
« Todas as moças que querem
Por certo tempo casar.

Ay lé, formosa,
O casar em este tempo
É cousa que anda em moda.

— Donde vindes, Sam João,
De noite pelo luar?
« Venho lá desde o deserto
Para a cidade prégar.

Ay lé, primores,
Como vindes do deserto,
Trazeis capellas de flores.

Sam João, não ha no mundo
Quem não queira festejar
Este dia soberano,
Esta noite singular.

Ay lé, por certo
Com vossa presença agora
Se torna em gloria o deserto.

O Baptista no deserto
Entre as flores escondido,
Annuncia a toda a terra
A gloria de Deos nascido.

Ay lé, memoria,
Já que sois poderoso,
Adquiri-nos a gloria.

Sam João, todas as feias
Vos pedem um casamento,
Que as formosas confiadas
Não procuram valimento.

Ay lé, ventura,
Toda a moça que é formosa
Tem dote na formosura.

Sam Pedro

(Folha volante do seculo XVIII)

Sam Pedro é valioso
Com seu cutello na mão,
Cortou uma orelha toda,
Olhae a valente acção.

Ay lé, queria
Vos durasse sempre, oh Pedro,
Essa vossa valentia.

Sam Pedro, que é do valor
Que mostraste n'este dia?
Uma voz de uma mulher
Vos encheu de covardia.

Ay lé, portento,
Quanto perdeis pela culpa
Ganhaes no arrependimento.

Sam Pedro, as vossas fogueiras
Estão de todo apagadas,
As moças tiveram culpa,
Hãode mister açoutadas.

Ay lé, tyranno,
Uma fortuna que tinha
Me destruiu um engano.

Sam Pedro foi pescador,
Foi da santidade espanto;
O maior milagre foi
Ser barqueiro e ser santo.

Ay lé, tiveram
Sempre no mar da fortuna
Os que no mar se meteram.

Sam Pedro, o galo vos canta,
Olhae vós o mal que obraste,
Uma culpa commetteste,
O vosso Mestre negaste.

Ay lé, tyrannia,
Amareis sempre Sam Pedro,
Agora por muitas vias.

Sam Pedro dizem que é velho,
Quem o disse não diz nada;
Velho será porem elle,
Soube puchar pela espada.

Ay lé, firmeza,
Como é columna forte
Tem mui grande fortaleza.

Sam Pedro, descei cá abaixo,
Que ha muito que vos desejo,
'Nesta noite em que os devotos
Vos fazem tanto festejo.

Ay lé, ventura,
'Nesta flor que vou buscando
Está toda a formosura.

Lôa de Presepe

(Lição manuscripta do seculo XVII)

PASTOR I

Pois todos sômos chegados
Á cidade de Belem,
P'lo Anjo de Deos guiados,
Onde todo o nosso bem
Nasceu p'ra remir peccados:
Vamos-lhe offerecer
E dar graças todos junctos,
Pois este par de presuntos
Lhe trago para comer,
Atados com esses juncos.

PASTOR II

Só este par de tassalhos
Achei lá no meu fumeiro,
E este gordo carneiro,
Com doze cabeças de alhos,
Vos manda meu companheiro.

Não vos pude mais trazer
Por ser longe o caminho,
E mais este barril de vinho
É para o velho beber,
Que está muito fraquinho;
Que hade-vos despertar
E fazer falar francez,
Porem olhar não tombar,
Nem jogar *Martim Cortez.*

PASTOR III

Trago-vos este cabaz
De ovos crus e mais cosidos,
Os crus em caldo mexidos
Dareis a este rapaz
Para que esperte os sentidos.
São mui bons para a memoria,
Mandal-o-heis ensinar,
E assim pode escapar
Da ira da palmatoria
Quando lhe quizerem dar.

PASTOR IV

A vós, Senhora Rainha,
Mãe d'este lindo donzel,
Esta infusa de mel,
Para lhe fazer papinha,
Vos trago no meu fardel;
É mui bom, de enxame novo,
Não dou outro que faz fio,
E n'estas manhãs de frio
Misturado com um ovo,
Não ha quem tenha fastio.

PASTOR V

Vós, santo velho bemdito,
Parece que estaes cansado,
Aqui vos trago atado
Ás costas um bom cabrito
Para comerdes assado.
E logo na mesma hora
O mandareis esfolar
E depois todo assar;
Comereis com a Senhora
E préste-vos o jantar.

PASTORA

Eu esta pobre camiza
Vos offereço, Senhora,
Supposto que venha agora
Tringua forte, mala guiza,
Obra de mão de pastora;
Mas inda que seja grossa
E feita de pano crú,
Pois o menino está nú
Vesti-a por vida nossa,
Com o nome de Jesu.

PASTOR PRETO

Já que vós Senhora saa
Mai d'este lindo donzelle,
Em que non saa de meu pelle
Eu se dezer que forgá
Mum bem tambem com elle.
Martim de Crasto de Rio
Não tem nada que hos dá,

Se vosso filho chorá
Soprar vós este sobio,
Por que elle logo callá.

OUTRO PASTOR

A mim come-me o pescoço
Com o pêzo dos meus çurrões;
Esta jaqueta e calções
Vestireis a este moço
De galhetas e gerrões;
Tomae esta carapuça,
Meu Deos, antes que me esqueça,
E ponde-a na cabeça,
Guardae-a com esta chuça
Que é muito boa peça,
Que nos himos descançar
E prover nossos barris
Para a Jesus louvar.

DESPEDIDA

Senhor, ficae-vos embora,
Querido, amado de nós,
Sim, estâmos satisfeitos
Em que morrendo por nós,
Pois sendo vós nosso bem,
O que tudo confessamos,
Querendo-vos como firmes
Em que sempre vos amamos.

A Senhora da Conceição

(Versão do Minho)

Senhora da Conceição,
Ouvi minha devoção,
Lembrae-vos da minha alma,
Ponde-me da vossa mão;
Que até aqui andei errada,
Sem nunca atinar caminho,
Em tamanho desatino
Me perdia!

Peço-vos, Virgem Maria,
Que me ouçaes meu coração,
Em vós ponho a afflicção,
E sempre por vós chamo,
Quando me vir attentado
Na tentação do peccado
E do inimigo!

Espertae o meu sentido,
Que minha alma se não perca,
Pois vós sois a Arca aberta,
A porta da misericordia.
Virgem, olhae que ando em guerra
No mundo attentador;
Pois não dá bom galardão
Nem menos consolação,
Mas antes guerra!

Virgem, não queiraes que eu perca
Gloria para que eu nasci;

Virgem, lambrae-vos de mim,
Sêde minha advogada.
Dae-me até á morte fala,
E coração forte
Contra os maus pensamentos,
P'ra guardar os mandamentos
Até á hora da morte!

(Versão do Minho)

Ergui-me de madrugada
Em faixinhas e mantéo,
Fui correr a via-sacra
Pelo caminho do céo.
Encontrei nossa Senhora
Com ramo d'ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não;
E tornei-lh'o a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.
Oh meu padre Sam Francisco,
Aqui está este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Domingo da ressurreição;
Que me désse sete voltas
Ao redor do coração,
Que me désse outras sete
Que chegasse até ao chão!
De um lado está Sam Pedro
D'outro lado Sam João,
No meio está o retrato
Da Virgem da Conceição.

A Virgem da Conceição
Tem um menino Jesus,
Que foi pela barra fora
Domingo de Santa Cruz.
Vinde vêr a barca nova
Que se vae deitar ao mar;
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar,
Sam José vae por piloto,
Nosso Senhor por general;
Arreiaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal.

(Versão da Beira-Baixa)

Salve Rainha,
Rosa divina,
Cravo de amor,
Mãe do Senhor!
Subi ao Calvario,
Vi lá uma cruz,
Encostei-me a ella
A considerar,
Qual hade ser a hora
Em que Deos me hade salvar.
Disse o Espirito Santo
Na septima guia,
Que fosse devoto
Da Virgem Maria.

(Versão da Beira-Baixa)

Padre Nosso pequenino,
Quando Deos era menino
Tinha as chaves do p'raiso,
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
Sam Pedro e Santa Maria.
Cruz em monte, cruz em ponte,
Nunca o démo te encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem á hora do meio dia!
Já os gallos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o senhor sóbe á Cruz,
Para sempre amen, Jesus.

Infancia de Jesus

(Cantiga do berço)

Estando Maria
Á borda do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho:

Maria lavava,
José estendia,
Chorava o menino
Com frio que tinha.

Não choreis, menino,
Não choreis, amor,
Isso são peccados,
Que cortam sem dor.

Os filhos dos homens
Em berços dourados,
Só vós, meu menino,
Em palhinhas deitado!

Oração da Amargura

(Versão do Porto)

'Stando Nossa Senhora
Em a sua cella,
Fazendo oração,
Chegou Madanella
E mais Sam João:

— Senhora, Senhora,
Que fazeis aqui?
Vosso filho vae preso,
Vae preso por mim!
De porta em porta,
De rua em rua,
Meu Deos da minha alma,
Sem culpa nenhuma.

Chegou á janella
E já o não viu;
Vossa santa virgindade
Correrá toda a cidade.
Com o grande pezo da Cruz

No caminho caíu Jesus.
Esse homem que vós buscaes
Elle se chama Jesus,
E Jesus está pregado
Com tres cravos na cruz.
As pedras a quebrantar,
O sol a escurecer!
O filho de Deos morrer,
Morrer para nos salvar!
Chorae, olhinhos, chorae,
Se vos disserem por quem?
Foi por Christo, nosso bem,
Que morreu crucificado
Entre Jerusalem.
Quinta feira de Endoenças,
Sexta da morte e paixão,
Sabbado de Alleluia,
Domingo da Ressurreição:
Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carnal,
Das penas do purgatorio
Quatro almas tirará:
A primeira será sua,
A segunda a de seu pae,
A terceira de sua mãe,
A quarta do seu parente
Mais chegadinho. Amen.

V — PROPHECIAS NACIONAES

Propecias do Senhor Rey Dom Manuel, feitas no anno de 1520 em pergaminho, e seladas com o seu sello.

Quem depois de mim reinar
Será brando e humano,
Trará as portas de Jano,
Por todo o mundo o temer.
Vir-lhe-ha a obedecer
O nosso novo oriente,
Com os filhos differentes
Outro Alexandre hade ser.
Meu descendente verá
Os dez lustros tamsómente,
A sua propria semente
Em sua vida acabará.
Mas o garfo ficará
Escondido no mais certo;
E por ficar encoberto
Este *Encoberto* será.
Duas vezes trinta e meio
Haverá signaes na terra,
A escriptura não erra,
Aqui faz o conto cheio.

No cabo de tres, receio,
Haverá grande alvoroço;
Haverá morte e destroço
Em gente que não nomeio.
O que n'elle sobejar
De real propagação
No filho e será são
E sem falta de faltar. *(Sic.)*
Um garfo hade ficar
Sem a raiz e sem fructo,
E posto assim esteja, muito
A seu tempo hade prestar.
Do alvoroço sairá
O que o alvoroço causou,
E o caminho que deixou
Outrem o hade occupar.
N'este quieto estará
Elle e seus descendentes,
Posto que o bastardo sómente
Algumas voltas dará.
Será certo isto que digo,
Mas depois de vinte e um,
Villas ou logares nenhum
Fugiu de grão castigo.
Ver-se-ha em grão perigo
Esta cidade real;
Mas depois de tanto mal
Será Deos grão seu amigo.
Lá na vespera do quinto
Verá a minha geração
Certeza da remissão;
Isto será como pinto.
E entendo com empenho
Quem isto chegar a vêr,
Que desgosto hade ter,
E eu grande gosto tenho.

Portugueza geração
De Deos estaes escolhida,
Por que se forte és colhida
Já tens gram consolação.
Já se acaba a confusão
Em que até agora viveste;
Por que fome, guerra e peste
Neste tempo acabarão.
Antes do lustro cumprido
Viverás em grande aperto
Porque o teu sempre *Encoberto*
Não será de muitos crido.
E este lustro passado
D'aquelle grande destroço,
Não haverá mais remorso
Tudo será acabado.
Mas dará tão gram bramido
Que os montes atroará
E do ninho tirará
Quem nelle estiver metido.
Viverá mui descansado
Este meu grão descendente,
E pazes directamente
Com todos terá assentado.
Este então destruirá
Quem destruiu Constantino;
Será outro mais benigno
Em victorias que haverá.
Bandeiras levantará
Aonde as deixou cahidas,
E a sua fama perdida
Com grão gloria cobrará
Dos avós a natureza
Haverá direitamente,
Com os brandos, brandamente,
Com os rebeldes aspereza.

Nas victorias ligeireza,
Com amigos amisade,
Com os imigos crueldade,
Nas batalhas grão destreza.
E conhecerá o Othomano
A cruz que Helena achou,
Pela que Deos libertou
Todo o genero humano.
Oh bisneto soberano,
Que de tantos bens sois meio,
O vosso seculo cheio
Passará mais de um anno.

Prophecias do Beato Antonio da Conceição de S. Antonio de Xabregas

Os tempos mais esfaimados
Esperam grandes farturas;
Nunca tardam as venturas
Se se atropellam peccados.
Terá fim a nossa dor
Se em boa razão me fundo;
Terá melhoras o mundo
Quando estiver peior.
Isto não terá detença
Mediante alguma virtude,
Por que é mais certa a saude
Depois que passa a doença.
Virá um rei mui formoso
De outra sorte coroado;
E fará o nosso estado
De mui triste venturoso.

Arvore é transplantada,
Posto que nunca esquecida;
Esta fará nossa vida
Toda bem aventurada.
Bellos fructos traz comsigo
Enxertados n'outra terra,
Que na mais horrenda guerra
Assombram os inimigos.
Tomaremos bellos portos
Entre tão grandes extremos,
Todos ressuscitaremos
Quando estivermos mais mortos.
O Leão com passos certos
Com suas garras virá,
E mui cedo se verá
Com os colmilhos abertos.
Ficarão os luzitanos
Felices n'esta occasião,
Logo ressuscitarão
Os seus nomes soberanos.
D'aquella terra mui bella
Virá a nossa conquista,
D'aquella que não é vista
Senão dos que habitam n'ella.
Mas oh que grandes signaes
Estou antes d'isto vendo,
Oh que açoute tão tremendo
Hãode aguardar os mortaes.
É grande a dissolução
Que em todo o povo se espalha,
Mas oh que forte batalha
Tem a Serpe com o Leão.
Junto d'aquella cidade
Que tem os campos de um santo,
Se verá horror e espanto,
Sairá triumphante a verdade.

. .

Verás se attento me leres
O teu tormento succinto,
Quando em o numero quinto
Accrescentares mais dez.
Aquelle grande cometa
Antes de apparecer
E que haveis de vencer
Aquella contraria seita.
Ah Portugal, Portugal
Fiel na divina lei;
Verás o *Encoberto* rei
Com corôa imperial.
Olha que aqui te provoco,
Confia em tuas esperas,
Posto te custem sem veras
Nunca o muito custa pouco.
Se quizeres ver da terra
Os signaes mais turbulentos,
Verás que os teus proprios ventos
Te andam a fazer mais guerra.
Verás no mundo oppressões,
Apertos mui de repente;
Não verás ninguem contente
Vão grandes alterações.
Não terás a quem abrandes
E conquistas muito menos,
Verás chorar os pequenos,
E só andem a rir os grandes.
Mas a tão cruel porfia
Tudo se hade trocar
A alegria em pezar
E o pezar em alegria.
Quando correrem as aguas
Em trez dias mui turbadas,
Podes dar por acabadas
Oh Portugal tuas magoas.

Denota gram claridade
Esta escura cerração,
Depois da peturbação
Verás a serenidade.
Verás os lenhos famosos
Que dos Islenos te chegam,
E com bonança navegam
A fazer-nos venturosos.
Verás aquelle Senhor
Que com S se começa
A quem o mundo obedeça
Por absoluto Senhor.

VI — APHORISMOS POETICOS DA LAVOURA

— Agua de Sam João
Tira vinho e não dá pão.

— Dia de Sam Thiago
Vae á vinha, acharás bago.

— Dia de Sam Mathias
Começam as enxertias.

— Dia de Sam Vicente
Toda a agua é quente.

— Dia de Sam Martinho
Prova teu vinho.

— Por Sam Martinho
Nem favas, nem vinho.

— Por Sam Clemente
Alça a mão da semente.

— Dia de Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

— Dia de Santa Luzia
Mingúa a noite e cresce o dia.

— Cevada grada
Ao outro dia segada.

— Quem em terra boa semeia
Cada dia tem boa estreia.

— Quem semeia em arneiros
Semeia moios, colhe quarteiros.

— Quem ralo semeia,
Rara leva a pavêa.

— Semeia e cria
Terás alegria.

— Septembro ou séca as fontes,
Ou leva as pontes.

— O Natal ao soalhar
E a paschoa ao lar.

— Sol e boa terra fazem bom gado,
Que não pasto afamado.

— A inverno chuvoso
Verão abundoso.

— A vindima molhada
Acaba cedo aliviada.

— Vindima molhada
Pipa asinha despejada.

— Quem não póda em Março
Vindima no regaço.

— A vinha posta em bom compasso,
O primeiro anno agraço.

— Onde alhos há
Vinho haverá.

—O pão pela côr,
E o vinho pelo sabor.

— Meia vida é a candeia,
E o vinho outra meia.

— Se queres ser bem disposto
Bebe vinho e não já mosto.

— Segue a formiga,
Se queres viver sem fadiga.

— Com vento alimpa o trigo,
E os vicios com castigo.

— Vento e ventura
Pouca dura.

— Manhã ruiva,
Ou vento, ou chuva.

— Madruga e verás,
Trabalha e terás.

— Deita esterco ao pão,
Que as terras t'o pagarão.

— Melhor é o anno tardio,
Que vasio.

— Anno de ovelhas,
Anno de abelhas.

— Abril, aguas mil
Coadas por um mandil.

— Abril frio e molhado,
Enche o celleiro e farta o gado.

— No principio ou no fim
Abril vae ser ruim.

— Agua do trovão
Em parte dá, em outra não.

— Agua de fevereiro
Mata o onzeneiro.

— Agua de Agosto
Açafrão, mel e mosto.

— Coruja de verão
Agua na mão.

— Por Agosto
Frio em rosto.

— Em agosto
Sardinha e mosto.

— Quando chover em Agosto
Não metas teu dinheiro em mosto.

— Quem não debulha em Agosto
Debulha com mau rosto.

— Nem em Agosto caminhar,
Nem em Dezembro marear.

— Não é bom o mosto
Colhido em Agosto.

— Se queres ser bom alheiro
Planta os alhos em Janeiro.

— Quem ára e fia
Ouro cria.

— Quem azeite colhe antes de Janeiro
Azeite deixa no madeiro.

— Bacoro de Janeiro
Com seu pae vae ao fumeiro.

— Boi que escornou
Em boa parte me deitou.

— De pequeno verás
Que boi terás.

— Deixa ao boi mijar
E farta-o de arar.

— Não ha boi cançado,
Nem cantor bem medrado.

— O trigo e a tea
Á candeia.

— De manhã em manhã
Perde o carneiro a lã.

— Carro que canta
A seu dono avança.

— Quem seu carro unta
Seus bois ajuda.

— Mau de carro
Peor de arado.

— De trigo e de avêa
Minha casa cheia.

— Em casa do sisudo
Se faz o pão miudo.

— Nem em tua casa galgo,
Nem á tua porta fidalgo.

— Temporã é a castanha,
Que por Março arreganha.

— Quando não chove em Fevereiro
Nem ha bom prado, nem bom centeio.

— Senão chover entre Março e Abril
Venderá el-rei o carro e o carril.

— Quem quer cavallos sem tacha
Sem elles se acha.

— De flor de Janeiro
Ninguem enche o celleiro.

— Bácoro em celleiro
Não quer parceiro.

— De boa cêpa planta a vinha
E de boa mãe a filha.

— Um grão não encobre o celleiro,
Mas ajuda seu companheiro.

Farto está o carneiro
Quando marra com o companheiro.

— De grande carga, fraca besta,
Dizem os corvos: nossa é esta.

— Cutello máo
Corta o dedo e não corta o pau.

— Ao quinto dia verás
Que mez terás.

— De um dia frio, outro quente,
Logo um homem é doente.

— A quem em Maio come sardinha
Em Agosto lhe pica a espinha.

— Fevereiro couveiro
Faz a perdiz ao poleiro.

A poeira do gado
Tira o lobo de cuidado.

— Guarda prado
Criarás gado.

— Se o vilão soubesse o valor da gallinha em Janeiro
Nenhuma deixaria em poleiro.

— Onde a galinha tem os ovos
Lá se lhe vão os olhos.

— Rainha é a gallinha,
Que põe os ovos na vindima.

— O nabo e o peixe
Debaixo da geada cresce.

— O que lavra crie,
E o que guarda não fie.

— Eis me vou e venho
A um olival que tenho.

— Não ha terra brava que resista ao arado,
Nem homem tão manso, que queira ser mandado.

— Não farás horta em sombrio,
Nem edifiques ao pé do rio.

— Horta com pombal
É paraiso terreal.

— Mingoante de Janeiro
Corta o madeiro.

— Sol de Janeiro
Sempre anda detraz do outeiro.

— Vae-te embora Janeiro,
Cá fica o meu cordeiro.

— Quanto Maio acha nado
Tudo deixa espigado.

— A galgo velho
Deita-lhe lebre e não coelho.

— O que no leito se mama
Na mortalha se derrama.

— Quando minguar a lua
Não comeces cousa alguma.

— Até que a maçã amadureça
Lá virá quem a mereça.

— Quem come as duras
Coma as maduras.

— Maio couveiro
Não é vinhateiro.

— Maio hortelão
Muita palha, pouco pão.

— Maio pardo
Faz o pão grado.

— Quem em Maio relva
Não tem pão, nem erva.

Quem em Março não merenda
Aos mortos se encommenda.

Mais valem alimpaduras da minha eira,
Que o trigo da tulha alheia.

Mais quero pedir á minha peneira um pão apertado,
Do que á minha visinha um pão emprestado.

Quando troveja em Março
Aparelha os cubos e o braço.

— O melão e a mulher
São máos de conhecer.

— Melhor é pão duro
Que figo maduro.

— A mula com matadura
Nem cevada, nem ferradura.

— Por Natal ao jogo,
Pela Paschoa ao fogo.

— Nem herva no trigo,
Nem suspeita no amigo.

Nem compreis malhada,
Nem vinha desamparada

— Nem vinho em baixo,
Nem trigo em cascalho.

— Nem de cada malha peixe,
Nem de cada mata feixe.

— Por todos os Santos
A neve nos campos.

— Cada ovelha
Com sua parelha.

— Dia de Sam Bernabé
Seca a palha pelo pé.

— Trigo centeioso
Pão proveitoso.

— Trigo de cisirão
Pequena maça, grande pão.

— Vede-l-a gorda e vermelha,
Pelo papo lhe entra, que não pela orelha.

— Dois pardaes em uma espiga
Nunca ha liga.

— Passarinho que na agua se cria,
Sempre por ella pia.

— Da pelle alheia
Grande corrêa.

— Ao pobre e ao nogal
Todos lhe fazem mal.

— Toma a cabra a silva
E a porca a pocilga.

— Do grão te sei contar
Que em Abril não hade estar
Nascido, nem por semear.

— Dia de Sam Matheus
Vindimam os sisudos,
Semeam os sandeus.

— Março macegão,
Pela manhã rosto de cão.
E a tarde de bom verão.

— Verão fresco,
Inverno chuvoso,
Estio perigoso.

— Uma agua de Maio
E tres d'Abril,
Valem por mil.

— Quando o rio não faz ruido
Ou não leva agua,
Ou vae crescido.

— Faze da noite noite
E do dia dia,
Viverás com alegria.

— Cavallo alazão
Muitos o querem
E poucos o hão.

— Cavallo fouveiro
Á porta do alveitar,
Ou de um bom covalleiro.

— Cada dia tres e quatro
Chegarei ao fundo do saco.

— Sol de Março
Pega como pegamaço,
E fére como maço.

— Lenha de figueira
Rija de fumo,
Fraca de madeira.

— Em janeiro
Um pouco ao sol,
Outro ao fumeiro.

— Em janeiro
Nem galgo lebreiro,
Nem açôr perdigueiro.

— Não hei medo ao frio,
Nem á geada,
Senão á chuva porfiada.

— Em abril
Vae aonde hasde ir,
E volta para o covil.

— Janeiro molhado
Se não é bom para o pão,
Não é mau para o gado.

— Obreiro em janeiro
Pão te comerá,
Mas obra te fará.

Janeiro gioso,
Fevereiro nevoso,
Março malinhoso,
Abril chuvoso,
Maio ventoso,
Faz o anno formoso.

— Em Maio
A quem não tem
Basta-lhe o saio.

— Pão de centeio
Melhor é no ventre
Do que no seio.

— Tu ribeira alta vás,
Não te passarei,
Não me passarás.

— Quem semeia em restolho
Chora com um olho;
Eu que não semeei
Com dois chorei.

— Por santa Marinha
Vae ver tua vinha;
E qual a achares
Tal a vindima.

— Ainda que entres na vinha
E soltes o gavão,
Senão trabalhares
Não te darão pão.

Agua fria
Carne cria;
Agua roxa
Carne escoxa.

Em Janeiro
Põe-te no outeiro;
Se vires verdear
Põe-te a orar;
E se vires terrear
Põe-te a cantar.

— Dia de Sam Pedro
Vê teu olivedo;
E se vires um grão
Espera por um cento.

— Cevada sobre esterco
Espera cento,
E se o anno for molhado
Perde o cuidado.

Trinta dias tem Novembro
Abril, Junho e Septembro;
Vite e oito terá um,
E os mais trinta e um.

— Em Janeiro
Mete obreiro,
Mez meante
Que não d'ante.

— Luar de Janeiro
Não tem parceiro;
Mas lá vem o Agosto
Que dá no rosto.

— Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma canção.

— Quem muito tem muito gasta;
Quem pouco tem pouco lhe basta;
Quem nada tem
Deos o mantem;
Quem gasta menos do que tem é prudente;
Quem gasta o que tem é christão;
Quem gasta o que não tem' é ladrão.

— Quem tem mulher formosa,
Castello na fronteira,
Vinha na carreira,
Não lhe falta cancceira.

— O mez de janeiro
Como bom cavalleiro,
Assim acaba
Como á entrada.

NOTAS

RELIQUIAS DA POESIA PORTUGUEZA DOS SECULOS XII A XVI

1, 2, 3, 4 e 5—Eis o que ácerca da authenticidade d'essas quatro reliquias diz o erudito J. Pedro Ribeiro nas Diss. Chron. t. I p. 181: «comtudo não falta quem se lembre ao menos de Documentos particulares em vulgar, que supõem verdadeiros, *e eu os dou por apocryphos*, e são os seguintes:

I Os versos sobre a perda de Hespanha, que se reputam do mesmo seculo VIII. (Misc. de Leitão. p. 456).

II As trovas dos Figueiredos. (Leitão, p. 27; Monarch. Lusitana, Part. II, L. 7. cap. 9).

III As duas Cartas de Egas Moniz Coelho á sua Dama (Miscel. de Leitão, p. 498 e 460).

IV Os versos de Gonçalo Ermingez a Ouroana. (Brit. Chron. de Cister, Liv. VI, c. I).

Não duvidando do uso de uma lingua na Hespanha naquelles tempos, e em tudo diversa da latina, não posso reconhecer a genuidade d'estes documentos:

1.° Por falta de provas da sua antiguidade, sendo uns produzidos por Leitão no meio de uma novella, em que põe na boca de suas fabulosas personagens um soneto de Camões: outros são produzidos por Brito cuja fé é nenhuma.

2.° Porque as palavras que nelles se empregam todas de diversas edade da nossa lingua, formando um todo affectado, parecem ser mais obra de um artificio estudado.

3.° As cartas de Egas Moniz Coelho e a de Gonçalo Herminguez, tão visinhas em tempo a outros Documentos vulgares verdadeiros, comtudo se destinguem tanto em barbaridade, que até nisso mostram sua affectação.»

A resposta a estes unicos argumentos é facil, sem ao menos precisar de que se confronte os glossarios da lingua romance, como fez Ribeiro dos Santos: 1.° Como composições particulares e sem importancia, nenhuma chronica allude a el-

las: o facto de serem appresentadas por Leitão e Brito não as torna apocryphas, por que tambem o não são as cantigas do povo de Lisboa na sepultura do Condestavel que traz Frei José de Santa Anna, nem os hymnos de Jacopone di Todi que traz Frei Marcos de Lisboa, nem os romances que se encontram em Jorge Cardoso, nem a cantiga das mulheres no cerco de Lisboa que traz Fernão Lopes, nem o romance de Garci Ordoñes que vem em Leitão etc. 2.º As palavras das diversas edades da lingua, serão introduzidas pelos copistas emquanto andaram manuscriptas, como succedeu á maior parte dos Documentos, e isto mesmo notou o illustre diplomatico. 3.º A mesma rasão milita para as Canções de Egas Moniz e Gonçalo Herminguez, que são imitações provençaes. Viterbo no Elucidario não discute a authenticidade d'ellas e diz que estes: «despedaçados restos nos informam quanto era rude e mal pulida a nossa lingua.» Elucid. p. XII.

As proporções e indole d'este livro não nos deixam antecipar aqui os capitulos da nossa *Historia da Litteratura portugueza*, em que tractamos largamente este assumpto.

Vejâmos a traducção que fez Garrett de algumas d'estas canções, e que publicou na *Revista Universal Lisbonense*:

Canção de Gonçalo Hermingues — Pag. 4

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Já me apanhaes e já não....
D'aqui largam, e d'ali pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retouçando
Ai, ai, que vos avistei!...
Já sei por que ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle apêrto,
E o que, em troco eu vim a haver
Não ha mais para se vêr.

O Dr. Bellerman, no seu *Die allen Liederbucher der Portug.* trás uma traducção allemã que passa por excellente, e

da qual se servira Garrett. (*Revista Universal Lisbonense*, t. V, p. 417, ann. 1845).

Servindo-se das interpretações do sabio Ribeiro dos Santos, Garrett publicou uma traducção d'outras duas canções, que reproduzimos da *Revista Universal Lisbonense:* (Tomo VI, p. 100).

Canção de Egas Moniz Coelho — Pag. 5

Ficae-vos em boa hora
Tam chorada,
Que eu vou-me por ahi fora
De longada.

Vae-se o vulto do meu corpo
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

E se pensaes que eu vou,
Não no pensedes;
Que unido comvosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amor,
Que de vos nasce;
Tranças tendes de espelhar,
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam de avesso,
Que os meus males vá contar
Do começo:

Mas se eu for para Mondego
Como vou,
Carochas me façam cego
(Que já o sou!)

Se nestas penas de amor
Com que lido
Como dizeis, esfriar
O meu sentido

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão, peor me achareis
Cego de todo.

Se vós a mim me deixardes....
Deos me guarde!
Que fareis vós em queimardes?
O que já arde?

Ora não me deixeis, não,
Que sois garrida!
E se não kirieleisão
Por minha vida.

Canção de Egas Moniz Coelho — Pag. 7.

Bem satisfeita ficaes,
Corpo de oiro:
Alegraes a quem amaes
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levaes-me a alma — inda mal!
Que dor hei nella!

Deixaes-me por castelhanos...
Que negra sorte!
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte.

Vedes moiro, vedes moiro,
Violante!
Longe vá o sestro agouro
Por diante.

Vós vivei um centenario
Mui ditoso,
Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
Eu vier,
Dizei: Egas, tem folgança!
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar;

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ah! que vos quiz e requiz
Como o vêr!...
Em cousa alguma vos quiz
Desprazer!

Não vos posso mais falar
Bem me fino....
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas indo vos quero e ouço
No coração.

Vede, já vou descahindo
Nesta hora....
Vós amor ficae-vos rindo,
Muito embora.

Alem d'estas preciosas reliquias da poesia portugueza do seculo XII e XIII, Frei Fortunato de Sam Boaventura na *Historia Chronologica e critica da Real Abbadia de Alcobaça*, refere-se ás poesias de Fr. Mendo Vasques de Briteitos, que

se guardavam na riquissima livraria d'aquelle mosteiro (Pag. 74) Eis um fragmento por elle conservado, e inserto na Prova XVI:

Elegia feita por D. Mendo Vasques de Britteiros á morte de sua mulher D. Ximena, chamada a Lucrecia portugueza, porque fingindo assentir aos desejos do Capitão Mouro, que a fizera prizioneira, abraçou-se com elle e se precipitou no mar, onde ambos pereceram:

A Juso da querida mendo jases
Que nos Ceos, a tem Deos
goivos teredes la bentos Angeos
a suso em pases
A Romam me semelhas de boa semente
que per ser forçada
estrancinhou pella guoela triguozamente
A ponta da espada
Porem tu basmando ficar Luxosa
Chimpada no peguo
Co Alchoroista da ralé peguajosa
me beixaste ceguo
Eu folguoriando ripei pes da terra
a tenho capus
son freire per ti onde se nom erra
em chuz nem muz.
Não vos perlevo em nada Ximena
que sendo delguada
cambaste no laguo a chusma de penna
a sois mui honrada.

Vid. pag. 64 das citadas *Provas e Addições*. Estes monumentos da poesia portugueza não tem sido convenientemente estudados, depois que a critica inflexivel de João Pedro Ribeiro os desauthorou. Pelos estudos philologicos que sobre elles temos feito chegámos á conclusão de que *são inteiramente authenticos*. Ha uma reminiscencia d'este facto historico de *Dona Ximena* no romance da *Romeirinha* (Rom. Ger. n.º 9; notas, p. 175.)

6 — Esta cantga satyrica do tempo de Dom João I na revolta de Lisboa, encontra-se em Fernão Lopes (Chron. t. I, cap. 116, p. 205), aonde diz: «E as moças sem nenhum medo apanhavam das pedras pela cidade, e cantavam altas vozes, etc.»

7, 8, 9 e 10 — A proposito d'esta tonadilha diz a *Chronica dos Carmelitas*, t. I, p. 438: « Não se contentava (o Condestavel) em distribuir as esmolas pelo seu pagador, como no seculo fazia; mas pelas proprias mãos na Portaria d'este seu convento, remediava a cada um conforme a sua necessidade que com effeito previa, porque era feito muito antes de communicada. Uma grande caldeira de cobre, firmada sobre tres pés de ferro, que na campanha servia de cozinhar a vianda principal para a sua nomerosa familia, agora fazia o quotidiano comer dos pobres, que junto á mesma portaria o recebiam, destribuido muitas vezes pelas mãos santas do virtuoso Condestavel; nas quaes permettia Deos, que o conduto se multiplicasse, por que a todos supria com sobras; e já mais chegaram os ultimos, que não tivessem tão cheios os pratos, como os primeiros. D'aqui procedeu cantarem os mesmos pobres *certas trovas*, entre elles de grande estimação, nas quaes lhe encareciam a virtude, e expressavam o conhecimento, que d'ella tinham, dizendo e repetindo pela sua egual tonadilha as Quintilhas....»

Assim se ia formando insensivelmente o romanceiro do Condestavel, como se formou o do Cid e de Bernardo del Carpio na Hespanha; o sentimento popular que se não extinguia era o odio a Castella, que inspira quasi todas as canções que se seguem, e a maior parte das prophecias nacionaes. Na citada Chronica dos Carmelitas, t. I, P. 3. p. 466, se lê a seguidilha das mulheres de Lisboa, que celebrava os feitos do Condestavel, bem como as de Restello e a de Sacavem, á qual parece referir-se o Index Expurgatorio de 1624, quando condemna a *Oração do Conde* (Index Auctorum danatae memoriae, p. 165.)

11 — Acerca d'esta canção diz el-rei Dom Duarte no capitulo do *Leal Conselheiro*, p. 478, *Da maneira para bem tornar algua leytura em nossa lynguagem:* «E porque per vosso requerimento torney em lynguagem simprezmente rimada de seis pees de huu consoante a oraçom de Justo Juiz Ihũ Xpõ, volla fiz aquy screver, a qual por a fazer consoar non pude cumpridamente dar sua lynguagem, nem a fiz em outra mylhor forma por concordar con a maneira e teençam que era feicta em latym.» Esta oração latina, segundo a opinião dos eruditos, era um hymno ecclesiastico do tempo dos godos, que anda traduzido em hespanhol de tempos immemoriaes, e que os cegos[1] cantam. Suppomos que é esta *Judex justus imperator*

[1] Sobre a oração do *Justo Juiz* lê-se em Quebedo: «y me acuerdo

que se lê apud Du Meril, p. 150, das Poesias latinas anteriores ao seculo XII. Dom Duarte era poeta, como quasi toda a sua familia. Fez um *Cancioneiro* que vem citado Catalogo dos seus livros de uso, achado na Cartucha d'Evora. (Sousa Provas da Hist. Genealog. t. I.)

12—Esta invocação é anonyma; foi trasladada de um Codice da Livraria manuscripta do Mosteiro de Alcobaça, e pela primeira vez publicada por Frei Fortunato de Sam Boaventura na *Collecção dos Ineditos portuguezes dos seculos* XIV e XV t. I, p. 5 a 13. Publicamol-a em uma colleção popular, como um vestigio dos *Laudi Spirituali* da poesia popular da Italia no seculo XV, imitados em Portugal. As poesias de Jacopone di Todi andam traduzidas em portuguez, como se pode ver em Fr. Marcos de Lisboa: Canticos espirituaes do Beato Jacopone de Todi; — vêl-os traduzidos (I — XI) na citada *Chronica dos Frades Menores* de Frei Marcos de Lisboa, t. II, p. 273. etc.

13, 14, 15 e 16 —Estas poesias foram transcriptas do tomo I da *Collecção dos ineditos de Alcobaça*, por Fr. Fortunato de Sam Boaventura; o qual lhe dá como auctor o Doutor Frei João Claro, monge de Alcobaça, que viveu pelos annos de 1450 e 1455. Não vem citado na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, mas podem vêr-se apontamentos de sua biographia no citado volume da *Collecção de Ineditos*, p. 171 É um dos raros monumentos da poesia portugueza no seculo XV, em que ainda se pode vêr o processo da formação da lingua: *Ave* de *habeo*, *En* (do francez), *aquesto* (italiano). Algumas palavras destas poesias se encontram nas poesias do seculo XII. As tres peças *Padre Nosso*, *Ave Maria* e *Te Deum laudamus*, são traduzidas das glosas de Hernã Perez de Guzman, que se encontram no *Cancioneiro General* (Anvers, 1557. p. *xiv*, *xv*, *xxi*.

17 — Dona Philippa, filha de Dom Pedro Duque de Coimbra, não teve o appellido de Lencastre, como lhe deu Jorge Cardoso no Agiologio Luzitano t. I, p. 411, d'onde copiámos estes versos que vem no fim da tradução em portuguez que ella fez dos Evangelhos.

que hize entonces la del *Justo Juez*, grave y sonorosa, que provocava à gestos:»

Vida del Gran Tacano, cap. XXII, p. 175, edic. de 1751. Anvers.

18 — Encontra-se esta cantiga no Ms. da Universidade, n.º 155 e na Hist. de Port. do sr. Rebello da Silva, t. I, p. 539.

Estudantina, pag. 135 — Na edade media os estudantes da Allemanha cantavam pelas portas, para alcançarem o pão quotidiano; Luthero tambem passou a sua mocidade cantando. (Michelet, Mem. de Luther, p. 4, t. I) Existem muitas cantigas latinas feitas pelos estudantes de quasi todas as Universidades. De Coimbra encontrámos essa canção do seculo XVI, feita a *Dona Guiomar a da Cutilada*, que justifica o pensamento das cantigas que andam ainda hoje na tradição:

Senhora Dona Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que destes a cutilada.
Senhora Dona Guiomar
Que moraveis na Calçada;
Mereceis tença del Rei
Pois destes a cutilada.

Como commentario a estas voltas basta-nos a transcripção das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* por Francisco Leitão, a p. 509: « Duarte Nunes de Leão (no seu livro da *Descripção de Portugal*, c. 89, f. 147 v) e João Franco Barreto (na sua *Bibliotheca Lusitana Manuscripta*,) fazem menção da animosidade de uma filha do doutor Pedro Nunes, Cosmographo mor, chamada Dona Guiomar, que com o dito seu pai vivia em Coimbra, á qual se lhe poz por alcunha *A da cutilada*, pela que deu com um canivete na cara a um filho de um cidadão seu visinho, por faltar á promessa, que lhe havia feito de cazar com ella; por que tendo citado para estar a preguntas perante o Bispo da mesma cidade (era-o n'esse tempo D. Manuel de Menezes, que lhas fez na egreja de S. João) e negando elle, que tal não tinha promettido, ella de improviso tirou de um estojo o canivete, e na presença do Bispo lhe deu a cutilada, sobre o qual caso se fizeram varias poesias latinas e vulgares; e eu vi na Livraria do Conde de Vimeiro um dos exemplares impressos da *Descripção de Portugal* de Duarte Nunes, com algumas cotas marginaes, á maneira de notas manuscriptas, e no logar acima mencionado estava uma que continha estes versos: (Vid supra). E porque Duarte Nunes diz ali, que os parentes e amigos do offendido, e muita gente armada a estavam esperando na ponte do Mondego, por onde suspeitavam que ella passaria para o Mosteiro de Santa Clara, onde seu pai a queria metter Freira, e que foi levada para elle,

ás costas de um trabalhador, escondida em uma canastra grande, que servia de accarretar cêra, e outras cousas ao mesmo mosteiro, para o officio da semana santa, o anotador das cotas manuscriptas poz á margem: *Esta obra toda foi feita pelo Bispo D. Manuel de Menezes, não sei se da canastra, mas sey que foy levada á conta e cargo do Bispo, cuja irmã era Abbadeça.*

Fados, pag. 140 — A este proposito veja-se a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 89. As poesias maritimas fazem lembrar os aventureiros da antiga navegação. A poesia popular ingleza é a que mais abunda em cantigas de mar.

Fastos populares, pag. 135 — Vid. *His'oria da Poesia popular portugueza* pag. 50, 51, 67, 68, 74, 99. O Santo Antonio é tambem popular em Hespanha; no moderno *Cancioneiro*, colligido pelo sr. Dom Emilio Lafuente yAlcantara se lêem varias cantigas ao santo.

Orações, pag. 169 — 'Nesta oração popular, o final faz lembrar o romance da *Barca da Gloria*, que traz Gil Vicente (Obras, t. I, p. 246, Ediç. de Hamb.), que, talvez, como o romance de *Dom Duardos*, foi assimilado pelo povo. Comparemol-o:

« Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho de Deos se dizia,
Anjos eram os remeiros
Que remavam a porfia;
Estandarte de esperança
Oh que bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como crystal reluzia;
A vela com fé cozida
Todo o mundo esclarecia:
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia. »

Muitas d'estas orações, lendas e romances devo ao gosto e memoria da Senhora Theresinha, um romanceiro vivo, mas já truncadas as folhas por sessenta e mais invernos; boa alma, com a infancia da velhice, franca, sem a consciencia d'estas riquezas que possue herdadas das tradições antigas. Reza muito a todos os santos da corte do céo e pelos do inferno

resára se lhe dessem esperança de que elles se salvavam. E natural da Foz e representa nos seus sessenta a expressão d'aquellas pinturas flamengas. Eu mereci-lhe a honra de vencer a sua repugnancia em deixar-me escrever alguns d'estes fragmentos da rhapsodia popular, devida aos bons creditos do poeta que junto d'ella goso. Estes retratos pertencem tambem ao *Cancioneiro*, e é por isso que a exigencia da arte faz cumprir aqui um dever de gratidão.

Sobre as Orações populares vid. a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 107.

PROPHECIAS NACIONAES

A prophecia é um instincto das raças celticas. Quem mais do que nós se tem consolado com ella no desalento dos grandes desastres! Andam quasi todas colligidas em um manuscripto intitulado « *Jardim Ameno, Monarquia Lusitana, Imperio de Christo. — Prophecias, Revelações Vaticinios, Prognosticos e Revelações de muitos Santos e Santas Religiosas e Servas de Deos, Varões illustres e Astrologos eminentissimos, que alumiados pelo Divino Espirito escreveram sobre a duração do Reino de Portugal a Deo dato, com sublimação á dignidade Imperial no Encuberto das Hespanhas, e Monarchia Universal a ultima do mundo. etc.* » Conserva-se na Torre do Tombo. José de Seabra da Silva, nas Provas da Parte I da *Deducção Chronologica* (Prov. Nun. XLIV) enumera cento e vinte nove prophecias que se encontram n'esse manuscripto. As que parecem ter um caracter popular são:

Fol. 29 — Vaticinio de um Eremitão de Santa vida.
Fol. 55 — Prophecias de Gonsalianes Bandarra.
Fol. 79 — Vaticinio de um mouro.
Fol. 85 — Vaticinio cantado por um romeiro a Dom Sebastião, vindo de Guadelupe.
Fol. 94 — Sonho do Ourives do Sardoal.

As prophecias de Merlim andaram tambem na tradição portugueza, como se pode vêr pelos livros de uso d'el-rei Dom Duarte. Assim é facil determinar as

Origens celticas da lenda de D. Sebastião,

Com a perda de Alcacer-Kibir a cavalleria portugueza expirava nos plainos de Africa. Tem o sacerdocio um caracter feminino; e o sceptro empunhado com energia durante as anteriores dynastias, ao passar para as mãos do cardeal-

rei, deixára o nosso povo no desalento, que na edade-media os governados sentiam ao verem o poder passar da *espada* para a *roca*, segundo a expressão energica do velho symbolismo nobiliarchico. A *roca* representava o quietismo da inacção e da fraqueza. E cugula sacerdotal? Eram as pequenas intrigas, os tramas palacianos succedendo-se aos feitos audaciosos de um passado grande; as abjecções servis, os temores diante das pretenções estrangeiras em vez da acção, que é o caracter do heroe. Com D. Sebastião acabamra os sentimentos da cavalleria; elle parte, levado pelo ideal da conquista, sonha as victorias, e faz-se acompanhar em suas expedições por poetas; mais tarde a revolução que supplanta o jugo de Castella é já democratica, irrompe da burguezia. E depois da perda de D. Sebastião, que se começa a contar a edade humana da nossa historia.

Na desolação do captiveiro é a poesia que vem alentar o povo em suas esperanças; a poesia, a alma dos que soffrem, é a chama latente que lavra, até erguer a labareda da revolução. Israel, em guerra com as outras nações que o cercavam, levanta-se á voz dos seus prophetas; toda a nação escrava fórma sempre um ideal messianico. A aspiração incessante da liberdade torna-se um sentimento intimo, que as mães transmittem mysteriosamente ao féto, e que vae formando a raça gigante para a grande lucta do futuro. Não existe um Messias sem um Precursor, que é a predisposição dos animos, que hão de reagir pela altiveza do caracter contra a força bruta. É uma lei eterna da historia.

Tambem na Grecia, Callino e Tyrteo ganham as batalhas pela magia dos carmes guerreiros; nas nações modernas, Kerner e Pœtefi são como a alma de um povo que resurge. O que seria d'esta desgraçada Polonia, que a Russia fere como o cego centurião, mas que não quer abrir os olhos á luz para vêr o milagre de uma resistencia inaudita, se não fossem os seus poetas, que vibram nos cantos o grito de agonia d'esta martyr sublime da indifferença das nações?

Mickiewich e o conde Sigismundo, o poeta Anoymo, são a alma de uma revolução. Os bardos entre os celtas annunciavam tambem a aurora em que haviam de raiar as esperanças alimentadas longo tempo: a voz harmoniosa de Merlin resôa do extremo de Cornouailles até ao golpho de Solway, repetida pelas florestas da Armorica, para fazer repellir os Saxões. [1] Nos annos do captiveiro ouvem-se as prophecias de Merlin annunciando o dia da liberdade.

[1] Villemarqué, *Merlin l'Enchanteur*, p. 326.

« Predisse a sua irmã os nomes de todos os reis que devem reinar sobre nós; trinta e quatro se hão já succedido, na ordem indicada pelo propheta, a vinda do trigesimo-quinto aproxima-se; é Rhys, filho de Theodoro, filho de Honel o Bom, filho do grande Rodri, filho do Bardo-rei, Lywarch Hen, e de outros chefes famosos; vêl-o-has regressar da Armorica e subir ao throno. Merlin o designou sob o nome de Kadwalader (o ordenador da batalha), elle indicou ha cinco seculos o logar em que o principe deve desembarcar. Escutae o que elle responde a sua irmã, quando lhe pergunta em que sitio do paiz terá logar o desembarque.

« Quando Kadwalader saltar em terra, hade ser sobre as bordas da ribeira de Towy; as aguas estarão coalhadas de navios; as ondas dos bretões bellicosos inundarão a praia com estridor.»

« E quando ella lhe pergunta:

« Quanto tempo reinará Kadwalader?

« Elle torna:

« Reinará tres mezes e tres annos e tres seculos inteiros na justiça e na luz.

« E accrescenta:

« Reunirá toda a ilha de Bretanha sob seu sceptro; nunca a raça kymrica terá um filho mais valente.» [1]

Os bardos interpretavam os vaticinios de Merlin, nos momentos em que a patria necessitava de uma esperança para redobrar o esforço. Cada bravo que se ergue, possue-se da missão que o propheta lhe impozera; quando não chega a realisal-a completamente, succedem-lhe os filhos n'esta herança sublime.

Os sonhos da liberdade, embalados pelos cantos dos bardos gaëlicos, dão realidade aos prodigios de heroismo; depois da derrota elles vêm consolar nas extorsões e revéses. Os menestreis ambulantes de Cornouailles, de Devonshire, e das fronteiras da Escossia generalisam o typo de Merlin, o propheta de uma raça inteira.[2] A sua voz annuncia a alliança d'ella, quando um velho mais branco do que a neve apparecer montado em um cavallo branco, quando Arthur, depois de um somno de seis seculos, vier da ilha encantada de Avalon.[3]

O genio celtico, nos seus presentimentos e aspirações, no devaneio das harpas bardicas, torna-se sensivel nas creações

[1] Villemarqué, id. p 215; Myvyrian, t. 1, p. 146, 140.
[2] Villemarqué, Op. cit. p. 266.
[3] Alan de insulis, *De prophetia Merlini*, p. 101; d'après Villemarqué, p 273.

da imaginação do povo portuguez; oppresso por um jugo extranho, fez tambem do rei, que só se lhe deu a conhecer pelas suas esperanças, o ideal da nacionalidade.

D. Sebastião tem uma lenda perfeitamente similhante á lenda de el-rei Arthur; elle hade vir um dia da sua *Ilha Encoberta*, em uma noite de S. João, montado em um cavallo branco, coberto com a alvura da cerração e egualmente immortal, como o ferido de Camblann. A imitação de Arthur encontramos outros heroes na ilha encantada de Avalon; é lá que a fada Morgane educa o seu dilecto Ogier le Danois, e Laoval é levado para ali por outra fada sua amante,

Avecques Roland,
Avec Gauvin, avecques Ivant,

e Renuart e Auberon e Mallabron [1]. Na vida de Merlin se encontra a descripção da ilha, « terra verdejante e fecunda, que tem duas sementeiras por anno, duas primaveras, dois, estios, duas colheitas de fructos; esta terra, em que se encontram perolas, em que as flores renascem logo que se colhem, esta ilha dos Pomares é chamada ilha afortunada. Ali não ha cultura, nem ferro para lavrar a terra; dá trigo e uvas espontaneamente. Ali vive-se cem annos, e mais tempo ainda. Ali, nove irmãs, cuja alegria é a unica lei, reinam sobre aquelles que abordam ao nosso paiz. A mais velha de todas é muito experimentada na arte de medicina e excede em bellesa ás outras: chama-se Morgane e conhece a virtude de todas as ervas dos prados; conhece as molestias em que cada uma deve de ser applicada; possue a arte de se transfigurar, e de voar como um passarinho. Quando ella quer, está ora em Brest, em Chartres ou em Pavia. Quando quer, baixa das alturas sobre nossas ribas. Suas irmãs conhecem, devido a ella, a sciencia dos numeros.

«Uma, Thiten, é celebrada pela sua pericia na harpa. Conduzimos-lhe Arthur. Morgane nos recebeu com honras; depôl-o em sua propria camara, em seu leito de ouro. Depois, descobrindo com mão delicada a ferida do heroe, contemplou-a longo tempo. Por fim disse que o poderia curar, se permanecesse ao pé d'ella, tanto quanto fosse necessario, e se quizesse sujeitar ao seu tratamento.» [2] Quando virá o monarcha suspender os triumphos dos Saxões? Deos quer provar os Bretões primeiro.

[1] Alfred Maury, *Fées*, p. 44.
[2] Vita Merlini, p. 36.

Elle hade vir em companhia de Konan e Kadwalader, tornar estavel a alliança dos Bretões da Escossia, da Armorica, de Cornouailles.[1]

Nos desalentos do captiveiro, o povo portugueuz formou tambem um ideal messianico, o typo de um Arthur. Não pôde acreditar que D. Sebastião morresse em uma batalha. O povo nunca viu morrer as suas esperanças. D. Sebastião, segundo a crença, está tambem guardado em uma ilha encantada, para vir um dia realisar essas esperanças, extirpar as heresias de Mafoma, e fundar o Quinto Imperio do mundo, depois de Babylonia, Assyria, Grecia e Roma. É o ultimo esforço da aspiração de uma alma oppressa. Como não haviamos nós guardal-o em uma bemaventurança, nós, que proseguindo as expedições e aventuras maritimas dos argonautas do archipelago, haviamos atado o sonho de Platão da grande Athlantida, e, possuidos do maravilhoso da geographia da edade media, andámos errantes pelos mares á busca das Hesperides, descobrindo e povoando as ilhas dos Açores, no seculo xv.

O nome de Avalon, *ilha dos pomos*, tem a significação no nome de Hesperides, que leva á identidade da origem.[2]

Como os monges bretões, que viajavam pelas regiões polares em busca das ilhas Fortunatas, S. Brendan, San Kadoch, Barontus, temos tambem a relação de uma viagem feita á *Ilha Encoberta* de D. Sebastião, por dois monges, a qual se encontra vulgarmente nos manuscriptos das bibliothecas:

Relação de dois religiosos, que viram a ilha encoberta ou Antilia[3]

«Partindo nós do Maranhão em um navio por nome *Nossa Senhora da Penha de França*, mestre Antonio de Sousa Vianna, natural da dita, em 8 de junho de 1668, com bom tempo fazendo viagem, com o favor de Deos, para a côrte de Lisboa, se armou de repente tão grande tempestade, depois de quatro dias de viagem, que nos ameaçava com a morte; e não me quero deter em dizer as molestias, que pas-

[1] Idem, p. 39.
[2] Alfred Maury, *Fées*, p. 43.
[3] Encontra-se na Bibliotheca Nacional, Ms. n.º 2-B 5-39; e no Ms. n.º 169 da livraria da Universidade; appareceu pela primeira vez publicada na *Revista Açoriana*, vol. I.

sámos, por não enfadar; continuou esta tempestade seu curso 16 dias; e já quasi desconfiados da esperança da vida nos vimos livres de tão grande naufragio aos 20 dias; mas como andavamos já desgarrados, e o piloto tivesse perdido o rumo da terra, que buscavamos, e quasi desgarrados pelo mar, ao domingo pela manhã viu muito cedo o mar plano, o céo sereno, mostrando-nos bom successo; descobrimos uma terra pela parte do sul, e demonstrava ser paiz grande; cresceu em nós o desejo de a irmos devassar, imaginando ser a ilha da Madeira, e n'ella prover-nos do necessario, e fazermos nossa viagem para o reino; o piloto já com os olhos abertos, e entendimento claro, a foi demandar, e estando já perto d'ella, nos desenganou não ser a Madeira, nem nenhuma das outras ilhas, por ter ido já a todas e saber muito bem os portos d'ellas. Alevantou-se um ruído; uns diziam ser a ilha Encoberta; outros a Madeira; navegámos todo aquelle dia com bom vento, e de noite tomámos o panno té amanhecer, d'onde a vimos tão clara como agradavel á vista, e tambem desenganados de não ser nenhuma das ilhas habitadas. Todos receiavam saltar n'ella; e o mestre, fazendo seus protestos, não queria que ninguem fosse a ella, e que seguissemos nossa viagem; eu e mais o meu companheiro acceitámos esta empresa, e nos offerecemos a tudo o que ali podia resultar, e entregámos nas mãos de Deus, nos escolhesse o melhor; mas com seu favor haviamos de saber, que terra era, que moradores tinha, e quem os governava, tendo nós este intento, nos disse o mestre seus receios, e que até tres dias esperava por nós n'aquelle logar, e sendo caso, que nos tres dias não viessemos, e a terra se occultasse, faria sua viagem: nós com todas estas cautellas acceitámos a empresa, e a tudo nos offerecemos. Botámos barca fora á segunda-feira pela manhã com dois marinheiros, e nos botaram em um caes, e se recolheram ao navio: era este caes muito bom, e denotava grandeza: entrando por um grande arvoredo, vimos muitas aves, e passaros domesticos: e andando perto de meia legoa, já com desconfiança de voltar para o navio, démos em uns palacios, que á vista pareciam mui antigos, mas de notavel artificio, porque eram fundados sobre uns grandes arcos, e no meio d'elles, em cima, um grande jardim de varias flores e arvores, em que estava fundada uma admiravel torre com gelosias, e em cima um pharol feito de metal, que apparecia duas leguas á vista. D'estes palacios nos sairam sete homens, mas tristes em si e melancholicos, rosto e semblante macilento: em suas palavras mostravam, e parecia a lingua que se entendia ser a portugueza, mas não

muito clara; os vestidos á nazarena, barbas grandes, e corpos de estatura alta, cingidos todos com seus traçados; ali nos fizeram grandes perguntas, que gente eramos, e quem nos trouxera a logar tão occulto, e que rei era o que tinhamos, e como se chamava, reparando muito no nosso traje de capucho; d'ali nos levaram para uma cidade de grandes edificios; mas pouca gente, e tudo nos pareceu ser do outro mundo: e tanto que nos viram, concorreram a nós com grandes applausos, e termos de cortezia; fomos levados a um palacio, que parecia encantamento; e ao entrar tivemos grande medo, mas não lh'o manifestámos: passámos por varias guardas até chegarmos á casa onde estava o rei, ou governador d'esta gente, a quem nos apresentaram. Era elle homem de edade, em numero certo não affirmamos; mas á vista nos parecia de mais de 130 annos, barba veneranda, e na representação de magestade: e no que logo reparámos, nos conhecia pelo vestir, e tanto que nos viu, nos disse eramos portuguezes, e que esta era a melhor de todas as nações do mundo: entre muitas perguntas que nos fez, foi uma e muitas vezes perguntar pelo nome do nosso rei, e cujo filho era, e d'onde descendia, e com que reis tinha guerra (ainda que não eramos muito vistos n'esta materia, respondiamos o que sabiamos); e d'onde vinhamos, e quem nos trouxe ali; e lhe contámos o successo de como ali aportámos. Depois d'estas perguntas, em que nos examinou, nos levou a uma sala de grande feitura, e nos modos e aceio d'ella parecia de grande magestade, e nos pediu este magestoso velho pozessemos os olhos em um quadro de antigas pinturas, e o vissemos com toda attenção: n'elle estava pintado um grande exercito de uma parte do quadro, e no traje, e cavallos, parecia mauritano, e da outra parte do quadro outro exercito, mas como vencido, que a nosso vêr parecia portuguez; ambos elles constavam de cavallaria, mas do vencido saíam alguns cavalleiros, e á pressa se vinham embarcar em umas faluas, e iam para uns navios de alto bordo, que nas bandeiras e cascos pareciam portuguezes; d'este quadro ficámos muito admirados, e de outros de varias batalhas, que n'esta sala estavam, e estavam n'ella varias coisas e pessoas de grande preço. Fomos a outra sala, onde nos mostraram umas estatuas feitas de marmore muito finas, e pareciam ser reais pelo modo que eram feitas; e ao nosso juizo colhemos por algumas coisas d'ellas eram os progenitores d'esta personagem: vimos ali esculpidas varias historias dos reis de Portugal, de que ficámos admirados e esquecidos: dos tectos das casas nos mandaram olhassemos para cima, onde vimos a cidade e

reino de Portugal pintado ao natural, e outras coisas dignas de admiração; mas nós, com a pressa e cuidado, que tinhamos na embarcação, não punhamos muita attenção em muitas e varias coisas, que ali nos mostravam: d'aqui nos levaram a um jardim de varias arvores, e no meio d'elle estava uma ermida mui curiosa e digna de grande veneração, cuja porta guardavam dois leões, onde tinham feito um passeio, e não deixavam entrar ninguem senão indo o rei e as pessoas, que com elle entravam; tinha um altar mui aceiado, e um retabulo com a imagem de Nossa Senhora, na mão esquerda seu bento filho, e na direita uma espada columbrina, que fazia acção de dar a este velho; advertimos que em toda esta cidade não vimos clerigos, nem frades; tornámos outra vez á sala, onde entrámos quasi horas de jantar, e nos levaram a outra casa onde estava uma mesa posta, e nos hospedaram com carne de veado e carneiro muito bom, e vinho, mas não muito, e algum tanto aspero, e muita quantidade de laranjas doces e limões; entretanto que nós comiamos estava este velho tambem jantando com grande pompa, e da ermida traziam o leão, e o punham á porta da recamara onde estava a mesa real, e fazia os mesmos passeios que na ermida, e tanto que se acabou o jantar se ia para a dita ermida; mas nós com o sentido no navio não quizemos fazer muita demora, e nos levaram a ver algumas ruas principaes, onde vimos officiaes de sapateiro, alfaiates e alguns cavalleiros, mas pouca gente, e as casas de pedra, mas negra, e ellas em si antigas; todos folgavam de nos ver por esta cidade. Vimos seis ribeiras de agua mui excellente, que vem ter ao mar, e no meio de uma praça tem um chafariz de dezeseis bicas, a cousa mais grandiosa que póde haver; neste chafariz estavam umas armas muito antigas, mas que nós não pudemos divisar muito; mas chegando mais perto vimos eram as cinco quinas de Portugal, de que ficámos admirados; e ao redor d'estas armas estava uma letra -- *Rex Lisiae seb* — e o mais não pudemos lêr; vieram-nos acompanhar até ao caes, e em nossa companhia o magestoso velho acompanhado de trinta cavalleiros, homens todos muito bem vestidos, e vinte a pé; os de pé todos com seus terçados na cinta, descarapuçados; e a par do rei o leão, que o acompanhava, e diante de toda esta gente vinham uns homens tocando atabales, e tanto que chegámos ao caes, quasi quatro horas da tarde, nos amostrou o rei dois quadros, e em cada um nos tinha pintado mui bem, e mandou que cada um de nós puzesse seu nome ao pé e que nos viessemos embora, que lá ficavam os nossas retratos para lembrança. Açenámos com

o lenço aos do navio, vieram em um barco e nos levaram para bordo, onde contámos tudo o que passámos. Não quiz o mestre navegar aquella noite; á capa esteve até ao outro dia, a ver se viamos terra, mas ella logo se occultou; navegámos ao outro dia e no segundo démos com a ilha da Madeira, onde estivemos quatro dias e nos disseram esta terra se via por tempos. Isto affirmamos *in verbo sacerdotis*, e pela verdade que como religiosos somos obrigados a dizer. Lisboa, 29 de maio de 1669.—Frei André de Jesus — Frei Francisco dos Martyres. »

Apesar da época, em que nos apparece este documento, descobrir a impostura religiosa, sente-se comtudo uma reminiscencia das tradições maritimas dos claustros bretões. A bondade celtica, o amor e affeição pelos logares, a identificação das coisas, este naturalismo filho do elemento femenino e predominante da raça, absorvido, confundido com as abstrações espirituaes do christianismo, formam o genio da aventura maritima dos primeiros seculos da egreja. A lenda de Sam Brendan, é como uma visão mystica da terra promettida e longinqua, que se busca, a Athlantida, que se mostra meio escondida nas cerrações glaciaes; é um pensamento indeciso que fluctua na alma solitaria na reconcentração monótona do extásis; é como uma Odyssea monachal, cujos episodios vão sendo formados pela gratidão e fervor dos peregrinos, que pagam a hospitalidade com as narrações maravilhosas. Quasi todos os santos irlandezes divagam pelos mares do occidente, por entre o archipelago dos mares da Escossia e da Irlanda. No seu turno interminavel vão até á Islandia, ás ilhas Ferroe e Shetland das regiões polares; leva-os o sentimento da natureza, a admiração do mundo, que vão percorrendo para glorificação do Senhor; era tambem este o sentimento que se agitava na alma de Colombo, quando o allucinava a visão assombrosa da America. Quando Barontus, cansado das fadigas do mar, paga a hospitalidade no mosteiro de Cluenferl, os que o escutam regosijam-se ouvindo *as maravilhas de Deos que elle vira na vastidão dos mares*. Brendan exaltado com as pinturas da terra promettida, onde o peregrino dos mares deixára o seu discipulo Marnoc, vae com dezesete religiosos em busca d'ella, escondida entre nevoeiros, dentro em uma barca de couro, sete annos errantes, a vella desfraldada aos ventos do céo, o leme confiado aos designios imprescrutaveis da Providencia. Vão passando por ilhas deliciosissimas, onde celebram as festas christãs, e onde a suavidade da vida e esplendor da natureza fazem presentir o ideal da terra que bus-

ás costas de um trabalhador, escondida em uma canastra grande, que servia de accarretar cêra, e outras cousas ao mesmo mosteiro, para o officio da semana santa, o anotador das cotas manuscriptas poz á margem: *Esta obra toda foi feita pelo Bispo D. Manuel de Menezes, não sei se da canastra, mas sey que foy levada á conta e cargo do Bispo, cuja irmã era Abbadeça.*

Fados, pag. 140 — A este proposito veja-se a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 89. As poesias maritimas fazem lembrar os aventureiros da antiga navegação. A poesia popular ingleza é a que mais abunda em cantigas de mar.

Fastos populares, pag. 135 — Vid. *His'oria da Poesia popular portugueza* pag. 50, 51, 67, 68, 74, 99. O Santo Antonio é tambem popular em Hespanha; no moderno *Cancioneiro*, colligido pelo sr. Dom Emilio Lafuente yAlcantara se lêem varias cantigas ao santo.

Orações, pag. 169 — 'Nesta oração popular, o final faz lembrar o romance da *Barca da Gloria*, que traz Gil Vicente (Obras, t. I, p. 246, Ediç. de Hamb.), que, talvez, como o romance de *Dom Duardos*, foi assimilado pelo povo. Comparemol-o:

« Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho de Deos se dizia,
Anjos eram os remeiros
Que remavam a porfia;
Estandarte de esperança
Oh que bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como crystal reluzia;
A vela com fé cozida
Todo o mundo esclarecia:
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia. »

Muitas d'estas orações, lendas e romances devo ao gosto e memoria da Senhora Theresinha, um romanceiro vivo, mas já truncadas as folhas por sessenta e mais invernos; boa alma, com a infancia da velhice, franca, sem a consciencia d'estas riquezas que possue herdadas das tradições antigas. Resa muito a todos os santos da corte do céo e pelos do inferno

resára se lhe dessem esperança de que elles se salvavam. E natural da Foz e representa nos seus sessenta a expressão d'aquellas pinturas flamengas. Eu mereci-lhe a honra de vencer a sua repugnancia em deixar-me escrever alguns d'estes fragmentos da rhapsodia popular, devida aos bons creditos do poeta que junto d'ella goso. Estes retratos pertencem tambem ao *Cancioneiro*, e é por isso que a exigencia da arte faz cumprir aqui um dever de gratidão.

Sobre as Orações populares vid. a *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 107.

PROPHECIAS NACIONAES

A prophecia é um instincto das raças celticas. Quem mais do que nós se tem consolado com ella no desalento dos grandes desastres! Andam quasi todas colligidas em um manuscripto intitulado « *Jardim Ameno, Monarquia Lusitana, Imperio de Christo. — Prophecias, Revelações Vaticinios, Prognosticos e Revelações de muitos Santos e Santas Religiosas e Servas de Deos, Varões illustres e Astrologos eminentissimos, que alumiados pelo Divino Espirito escreveram sobre a duração do Reino de Portugal a Deo dato, com sublimação á dignidade Imperial no Encuberto das Hespanhas, e Monarchia Universal a ultima do mundo. etc.* » Conserva-se na Torre do Tombo. José de Seabra da Silva, nas Provas da Parte I da *Deducção Chronologica* (Prov. Nun. XLIV) enumera cento e vinte nove prophecias que se encontram n'esse manuscripto. As que parecem ter um caracter popular são:

Fol. 29 — Vaticinio de um Eremitão de Santa vida.

Fol. 55 — Prophecias de Gonsalianes Bandarra.

Fol. 79 — Vaticinio de um mouro.

Fol. 85 — Vaticinio cantado por um romeiro a Dom Sebastião, vindo de Guadelupe.

Fol. 94 — Sonho do Ourives do Sardoal.

As prophecias de Merlim andaram tambem na tradição portugueza, como se pode vêr pelos livros de uso d'el-rei Dom Duarte. Assim é facil determinar as

Origens celticas da lenda de D. Sebastião.

Com a perda de Alcacer-Kibir a cavalleria portugueza expirava nos plainos de Africa. Tem o sacerdocio um caracter feminino; e o sceptro empunhado com energia durante as anteriores dynastias, ao passar para as mãos do cardeal-

lin, que fôra tanto tempo as esperanças das raças celticas, veiu afinal a ser destituida de importancia pelo ridiculo de Rabelais no *Gargantua*, o ultimo vulto heroico da nossa historia, D. Sebastião e a sua desejada vinda, e os sonhos caprichosos do Quinto Imperio vão acabando tambem entre nós pela irrisão das cavalhadas de entrudo. O povo escarnece o sonho mais consolador que o alentara tantas vezes na soledade dos seus desalentos. É sempre o espirito comico que determina a edade da prosa na historia da humanidade.

Diz Miguel Leitão: « mas primeiro vos quero mostrar um *romance* que depois se cantou do infelice sucesso d'esta batalha, que muitos grozaram de muitas maneiras por uma toada tristissima, e ainda mais triste e sentida, que isto que neste papel podeis lèr de minha curiosidade:

Puestos estan frente a frente
Los dos valorosos campos,
Uno es Del Rey Maluco,
Otro de Sebastiano
El lusitano.
Moço animoso y valiente,
Robusto determinado,
Aun que de poca experiencia
Y no bien aconsejado
El lusitano.
Quando los Moros sin cuento
Su hueste la van cercando
Que pera uno de los suyos
Son mas dezyocho tantos.

Ardiendo en fuego su pecho
Rabia por ponerlos mano,
Piensa que todos son nada
Manda a pelea echar bando
El lusitano.
Brama que envistan los moros
Y el exercito contrario
Ya se van llegando cerca
A ellos (dize) Santiago!
El lusitano.
Dispara la artelharia
La muestra mal disperando,
Llueven balas, llueven muertes,
Saetas e mosquetazos.

Empuxan picas los moros,
Ya huyen rotos rodando,
Los ventureros victoria
Pregonan con grande aplauso,
Que mataran el Maluco,
Y lo ha llevado el diablo
Por que junto a su litera
Lo passaron de um balazo.
Y en la mora artilharia
Dos banderas se han ganado,
Con victoria tan pujante
Que semejon a milagro.
Pero por peccados nostros
La gozamos poco espacio
Que a socorrer retroguardia
La delantera ha parado.
Que por los lados ya todos
Es vanguardia nuestro campo.
Y con sangre de los muertos,
Está hecho un grande lago.
Todo lo anda el buen Rey,
Dando mostras muy gallardo,
La espada tinta de sangre,
Lança rota, y sin cavallo.
Que el suyo passado el pecho
Ya no puede dar un passo,
A George Dalbuquerque pide
Le de su rucio rodado.
Daselo de buena gana,
Y el Rey cavalga de un salto
Mirale el Rey como jaze,
De espaldas casi espirando.
Mas le dizen que se salve
Pues todo es roto en pedaços,
El Rey se vá a los moros
A los moros Sebastiano
El lusitano.
Busca la muerte en dar muertes,
Busca muertes Sebastiano
El lusitano!
Diziendo aora es la hora,
Que un bel morir, tuta la vita honora.[1]

[1] Divisa do Rei (Miguel Leitão, Dial. VII, pag. 228).

APHORISMOS POETICOS

A sabedoria das nações avalia-se pela frequencia dos seus anexins; ha paradoxos moraes que só uma experiencia de seculos e um senso profundo da vida podiam descobrir. Diante d'estes factos resaltam os grandes principios de Vico: *A humanidade é obra de si mesmo; a humanidade é infallivel.* Quanto á sua forma poetica, aqui extractamos estas poucas linhas de Martinez la Rosa, p. 163 das Anotações á *Poetica*, aonde fala da origem da *assonancia* na poesia popular: « el uso frecuente del *asonante* no parece haberse comunicado al pueblo por el influjo de los escritos de los poetas; sino haber nacido espontaneamente en medio de la gente vulgar. Aun no muy adelantado el siglo decimo quinto formó el marques de Santillana uma collecion de *refranes ó adagios*, que ya venian por tradicion de tiempo antiquissimo, puesto que *los decian viejas tras el huego*; y entre ellos hay muchicimos, que han llegado tambien hasta nosotros, formados con versos de varia medida y acabados en *asonante;* tales como: A pan duro, diante agudo. —Callen barbas e hablen cartas. — Mal me quieren las comadres, por que digo las verdades. — De luengas vias, luengas mentiras, etc. Vemos, pues, en estos refranes y en otros infinitos de la misma especie que el uso del *asonante*, como incentivo agradable al oido y á proposito para grabar las palabras en la memoria, era comun y vulgar en España siglos antes que imaginaran siquiera los poetas prohijarlo de buen grado en seus composiciones.» A maior parte dos adagios, anexins e rifões portuguezes acham-se quasi todos recolhidos em um grosso volume, d'onde escolhemos alguns para amostra d'esta forma rythmica da poesia do nosso povo. Nos cantos populares da Grecia moderna tambem se encontram alguns similhantes aos nossos.

FIM.

INDEX

—

CANCIONEIRO POPULAR

Do Collector ..... V—VIII

I—Reliquias da poesia portugueza dos seculos XII a XVI

1 Fragmento do poema de Cava..... 1
2 Canção do Figueiral, por Guesto Ansures..... 2
3 Canção do Gonçalo Hermingues o Traga-mouros... 4
4 Canção de Egas Moniz a Dona Violante..... 5
5 Canção de Egas Moniz á sua Dama..... 7
6 Cantiga satyrica do tempo de Dom João I..... 9
7 Tonadilha dos pobres á porta do Convento do Condestavel 9
8 Seguidilha que as mulheres de Lisboa cantavam pela Paschoa Florida na sepultura do Condestavel... 10
9 Cantigas que os moradores do Restello (Belém) cantavam na segunda oitava do Espirito Santo na sepultura do Condestavel..... 11
10 Cantigas dos moradores de Sacavem no anniversario do Condestavel, achados em um manuscripto de Azurara 13
11 Oração do Justo Juiz de El-rei Dom Duarte..... 14
12 Invocação a Nossa Senhora, sobre o Hymno *Ave Maria Stella*..... 17
13 Preparação de um peccador para o sacramento da penitencia, segundo as horas canonicas, pelo Doutor Frei João Claro..... 25
14 Paraphrase do Padre Nosso..... 31
15 Paraphrase da Ave Maria..... 33
16 Te Deum Laudamos..... 35

17 Cantigas de Dona Filippa, filha do Infante Dom Pedro Duque de Coimbra 40
18 Cantiga do povo de Santarem e Lisboa na morte do Cardeal Rei 40

II — Sylva de Cantigas soltas — pag. 41—134

III — Fados e Canções da Rua

Estudantina ..... *Coimbra* 135
Locaes 137
Fadistas 140
Fado da Severa ..... *Coimbra* 140
Fado do marujo ..... *Coimbra* 142
Canção do marinheiro ..... *Coimbra* 144
A vida do marinheiro ..... *Coimbra* 144
Cantigas de levantar ferro ..... *Lisboa* 145
Canção da Engeitada ..... *Algarve* 147
O Frade ..... *Beira-Baixa* .. 148
As Freiras de Santa Clara ..... *Coimbra* 150
Nossa Senhora da Saude ..... *Figueira* 150
Canção do Lavrador ..... *Beira-Alta* ... 151
Cantigas politicas ..... *Lição ms* 152

IV — Fastos do anno e Orações

As Janeiras ..... *Penafiel* 153
Cantigas dos Reis ..... » 154
O Santo Antonio ..... *Algarve* 158
O Sam João ..... *Coimbra* 159
Cantigas a Sam João ..... *Folha volante.* 160
Sam Pedro ..... » . 163
Lôa de Presepe ..... *Lição ms* 165
A Senhora da Conceição ..... *Minho* 169
Infancia de Jesus 172
Oração da Amargura ..... *Porto* 173

V — Prophecias nacionaes

Prophecias do Senhor Rey Dom Manuel *Lição ms* 175
Prophecias do Beato Antonio ..... *Lição ms* 178

VI — Aphorismes poeticos da lavoura ..... 182—196

Notas ..... 197—220

ERRATAS DO CANCIONEIRO

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
5	14	accarrra	accarra
13	2	manus-	manu-

ERRATAS DO ROMANCEIRO

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
62	9	Mando	Manda
93	5	*Versão*	*Lição*
164	2 e 3	prescindindo	prescindia
»	»	espalhassem	se espalhassem
174	35	Nos *Canti etc.*	Nos *Canti populari*, raccolti da Oreste Marcoaldi (pag. 16[3]) vem um romance similhante, reproduzido na collecção de Caseli (Chants populaires d'Italie, pag. 203), que o dá como do Piemonte.

ROMANCEIRO GERAL

Conclusion..

[illegible]

2.

[illegible]

3.

ROMANCEIRO GERAL

COLLIGIDO DA TRADIÇÃO

POR

THEOPHILO BRAGA

Procuré con mi sudor
Y con inmenso trabajo
Juntar diversos romances
Que andavan discarriados....
ROM. GENERAL, de 1594.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1867

TAYLOR INSTITUTION
OXFORD
LIBRARY

DO COLLECTOR

As primeiras poesias portuguezas, conservadas casualmente nos Chronicons, não são de origem popular, e o seu valor litterario acha-se destituido pela auctoridade de João Pedro Ribeiro. Depois do Concilio de Trento a musa do povo foi banida da egreja, aonde tomava parte na liturgia, participando tambem da inspiração hymnica. Os latinistas ecclesiasticos e o cultismo provençal excluiram-na das côrtes. Dom Diniz, apprendendo a fazer versos na lingua provençal, desprezou o verso octosyllabico, inteiramente popular e do genio rythmico da lingua, pelo endecasyllabo *de diez syllabas á la manera de los limosis,* como diz o Marquez de Santillana. Os nossos Cancioneiros são aristocraticos.

No tempo de Dom Fernando começa a sentir-se a influencia normanda, isto é, a implantação das tradições do norte e dos diversos povos, trazidas pelos aventureiros que divagavam então pela Europa vivendo d'este seu mister.

O cyclo da Tavola Redonda é imitado nas aventuras dos passos d'armas, na *Ala dos Namorados* e da *Madre Sylva,* nos *Doze de Inglaterra,* desenvolvendo-se a ponto de crear um typo messianico em Dom Sebastião, em tudo similhante a el-rei Arthur. No maravilhoso popular encontram-se vestigios das superstições germanicas, e o cyclo carolino toma o sentimento cavalheiresco da *fidelidade* allemã como

principio de unidade, em vez da *independencia* altiva do genio franko.

No seculo XVI a eschola italiana absorveu a attenção dos espiritos a ponto de sacrificarmos o genio nacional ás exagerações classicas. Foi Gil Vicente o unico que não desprezou o sentimento popular, decidindo-se abertamente por elle, com mais franqueza do que o douto Sá de Miranda, que tergiversa entre a seducção estrangeira e a indole do nosso povo. Emquanto o endecasyllabo novo se expraia nas eclogas enfadonhas do gosto siciliano, a redondilha popular salva-se com a facilidade chistosa de Gil Vicente. O povo ia elaborando a sua poesia maritima, inspirado pelo sentimento profundo da aventura, a que o proprio Camões, classico do fundo d'alma, não se eximiu de modo que a influencia que recebeu não fosse o caracteristico por onde é hoje admirado na Europa. A *Historia tragico-maritima* era o nucleo das narrações em prosa d'onde havia de sahir já feito o verso octosyllabico, verso por assim dizer falado, da mesma sorte que das Chronicas hespanholas saiu a maior parte e a mais celebre dos Romanceiros antigos.

A perda de Alcacer Kibir foi o termo da edade heroica de Portugal; o povo, no desalento, nas extorsões de uma dominação extranha, volveu-se ás suas esperanças imaginarias, atou as tradições do campo de Ourique aos destinos da patria, fel-a o Quinto Imperio do mundo. De facto as prophecias nacionaes são a unica poesia popular do seculo XVII. As reminiscencias do cyclo de Arthur e as esperanças do genio celtico vêm coadjuvar a mente popular na formação de um ideal messianico. Dom Sebastião tornou-se o Encoberto que hade vir soltar o sonho em que Portugal succederá na gerarchia das grandes nações. De todos os povos da Europa, nós fômos o ultimo que deu importancia á poesia popular. As dis-

cussões dos philologos allemães sobre o Niebelungen, a publicação das epopeas francezas dos seculos XII e XIII, a polemica sobre a originalidade dos poemas de Ossian e a critica homerica encetada por Vico, concorreram bastante para o esclarecimento da grande these das creações anonymas, renovando o amor pela restauração d'estes thesouros perdidos. Entre nós os que primeiro recolheram algumas poesias primitivas, por mera curiosidade erudita, foram Fr. Bernardo de Brito, Miguel Leitão e Manuel de Faria e Sousa, que mutuamente reproduziram essas quatro duvidosas reliquias dos seculos XII e XIII. Sobre todos, Garrett foi quem descubriu a poesia popular das nossas provincias. Que delicadissimo artista para perceber a alma do povo! Não lhe comprehenderam o alcance do trabalho entre nós; em um prologo se queixa elle com pesar d'esta insufficiencia. A chamada geração nova atirou-se ao verso octosyllabico, pondo-se a rimar solaos e baladas, superfetações ridiculas, sem imaginação, nem arte. Muitos dos romances que formam a presente collecção, já andavam na lição de Garrett melhor dramatisados, e com um colorido encantador. Desanimámos por vezes, quando confrontavamos as versões que recolhiamos com as d'elle, sempre mais primorosas e extensas. Por fim vimos, e as palavras de Garrett o confirmam, que elle por vezes de muitas variantes formava um só romance, supprindo versos, ou completando-os pelos manuscriptos do Cavalleiro de Oliveira. Assim apresentou um trabalho excellente sob o ponto de vista artistico, pelo gosto de Percy, mas que não merece a absoluta confiança dos que quizerem surprehender a alma do povo na elaboração da sua poesia. Esses sessenta romances, que a todo o custo alcançámos de pessoas que não sabem *dizer* sem *cantar,* e que logo que as interrompem perdem o fio da cantilena,

de outras supersticiosas e que temem de ser escarnecidas, todos estes romances foram, por assim dizer, apanhados em flagrante delicto do enthusiasmo popular. Comparámol-os com as versões de Garrett, e creio que aonde lhes são inferiores assenta a sua valia. A classificação adoptada não é a de Duran: é tirada da natureza da poesia popular, que por si mesmo se divide e aconselha as partes em que se deve agrupar. A poesia do povo não é uma habil curiosidade; como um facto profundo do espirito, não deve de ser estudada sómente pelo lado artistico; é principalmente pelo lado psychologico que a sua rudeza e ingenuidade pittoresca tem valor. A presente collecção, pode sem orgulho nacional dizer-se, é composta do que ha de mais bello e antigo na poesia popular da Peninsula; quasi todos estes sessenta romances que andam na tradição, se encontram nas velhas recopilações hespanholas, mas aqui melhor dramatisados, mais breves e simples, e talvez mais puros, porque passaram directamente da versão oral para a lição escripta. Quando a observação nos confirmou a grande verdade que ha na poesia do povo e fez vêr n'ella a sua principal belleza, para de logo um sentimento de respeito venerando obrigou a conservar sempre na sua rudeza as coplas e narrativas que iamos recolhendo. E assim, para os homens que se dedicam a este genero de trabalhos, para os psychologos que procuram surprehender as manifestações da alma na sua verdade, diante d'esses protesto, em nome da probidade de homem e da intuição de artista, que todos os romances populares que da tradição recolhi são estremes e genuinos.

ROMANCEIRO GERAL

FLOR DOS ROMANCES ANONYMOS DO CYCLO CARLINGIANO E DA TAVOLA-REDONDA

I — ROMANCES COMMUNS AOS POVOS DO MEIO DIA DA EUROPA

1

Romances da Dona Infanta

(Versão da Beira-Baixa)

Andando a Dona Infanta
No seu jardim passeava;
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma grande armada:

« Dizei-me, oh meu capitão,
Dizei-me por vossa alma,
Marido que Deos me deu
Se ahi vem na vossa armada?

— Diga-me minha senhora
Que signaes é que levava?
« Levava cavallo branco,
Cavallo branco levava,
Levava cella amarella,
Por cima sobredourada;
E adiante de si levava
A cruz de Christo pregada.
— Eu o lá vi, oh senhora,
Elle na guerra ficava,
Com tres chagas bem abertas
E todas eram mortaes.
Por uma se via o sol,
Por outra o bello luar;
Por outra tambem se via
Rica bola de jogar.
« Ai triste de mim viuva,
Ai triste de mim coitada!
Ir-me-hei por esse mundo
Chamando-me desgraçada.
Ai triste da só viuva,
De mim que nemja de si.
— Quanto dereis vós senhora
A quem o trouxera aqui?
« Dera-lhe ouro e prata,
Fôra mais rico que mim.
— O vosso ouro e a vossa prata
Não me servem para mim.
Eu sou soldado de el-rei,
E não posso estar aqui;
Mas quanto davas, senhora,
A quem o trouxera aqui?
« Tres laranjaes que tenho
Todos tres os dera assim.
— Não quero os seus laranjaes
Não me servem para mim;

Que sou soldado de el-rei
E não posso estar aqui.
« Os tres moinhos que tenho
Todos tres os dera a si;
Um que móe pau de canella,
Outro móe pau do Brazil;
Outro móe rica farinha
Que el-rei me manda pedir.
— Eu não quero os seus moinhos,
Não me servem para mim;
O que dereis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?
« Essas tres filhas que tenho,
Todas tres quizera dar,
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.
— Eu não quero as vossas filhas,
Não me servem para mim.
O que dereis mais, senhora
A quem o trouxera aqui?
« Não tenho mais que lhe dar,
Nem você mais que pedir.
— Inda tem mais que me dar,
E eu tambem que lhe pedir:
Esse corpo delicado
Para commigo dormir.
« Merece ser arrastado
O maroto que tal diz
Ao rabo do meu cavallo,
Á roda do meu jardim.
— Não se amofine, senhora,
Que eu comsigo já dormi.
O anel de cinco pedras
Que eu comvosco reparti,

Que é da vossa metade,
Pois a minha eil-a aqui?
« Pois a minha ametade
Esqueceu-me no jardim.
Vão-me já chamar meus manos,
Que o venham conhecer;
Se elle o meu marido for
Eu o quero receber;
E se algum maroto fôr
Veja como se hade haver.»

2

Dona Catherina

(Variante da Beira-Baixa)

'Stando Dona Catherina
No seu jardim assentada,
Com um pente de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Deitou os olhos ao largo
Viu vir uma grande armada;
Capitão que 'nella vinha
Trazia-a mui bem guiada.

— Catherina, Catherina,
Catherina de Menezes,
Sabbado vou para França,
Catherina que quereis?
« Saúdai-me o meu marido,
Que por lá o achareis.

— Diga-me minha senhora
Que signaes levava elle?
« Levava cavallo branco,
E espada de Marquez;
Capote de camellão
Forrado de setim verde.
— Pelos signaes que me daes
Não o vi senão uma vez;
Vi-o morrer em França,
Enterral-o em Santa Inez.

Já Catherina chorava
Lagrimas de tres a tres.

— Calai-vos oh Catherina,
Casae commigo outra vez.
« Senhoras da minha laia
Não casam mais que uma vez.
— Quanto déreis vós, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
« Dera-lhe armas e cavallos,
Que cresceram de Dom Luiz.
— Suas armas, seus cavallos
Não me servem para mim;
Que eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
« Dera ouro, dera prata,
Fôra mais rico que mim.
— O seu ouro e sua prata
Não me servem para mim;
Eu sou capitão da armada
Já me vou para o Brazil.
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?

« As tres azenhas que tenho
Todas tres te dera a ti;
Uma móe cravo e canella,
A outra móe serzelim,
Outra móe rica farinha
Para el-rei, mais para mim.
— Vossas azenhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas,
Já me vou para o Brazil.
Quanto dereis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
« Uma pereira que eu tenho
No meio do meu jardim,
Pois quando ella dá pêras
O rei m'as manda pedir.
— Eu sou capitão da armada,
Já me vou para o Brazil;
Quanto déreis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
« Essas tres filhas que eu tenho
Todas tres te dera a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comtigo dormir.
— As suas filhas, senhora,
Não me servem para mim,
Sou capitão das armadas
Já me vou para o Brazil.
Quanto dereis mais, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
« Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
— Ainda não me offereceu
Esse seu corpo gentil.

« Cavalleiro que tal fala,
Cavalleiro que tal diz,
Merece a lingua arrancada,
Cortada pelo nariz.
Levantai-vos meus criados,
Vinde-lh'o fazer assim,
Ao rabo do meu cavallo,
Ao redor do meu jardim.
— Os criados que a servem
Já me serviram a mim,
As suas filhas, senhora,
Tambem são filhas de mim.
Suas azenhas, senhora,
Tambem pertencem a mim;
Sua pereira, senhora,
Tambem me pertence a mim.
Suas armas e cavallos
Tambem pertencem a mim;
Seu ouro e a sua prata
Tambem pertencem a mim.
O anel que vos eu dei
Quando eu d'aqui sahi,
Mostrai-me a vossa metade,
Pois a minha eil-a aqui!
O anel que vos eu dei
Que se nos partiu no chão,
Mostrai-me a vossa metade,
Aqui está o meu quinhão.

3

Romances de D. Martinho de Avizado

(Versão da Beira-Baixa)

— Grandes guerras 'stão armadas
Entre França e Aragão!
Mal o hajas tu mulher,
Mais a tua criação;
Sete filhas que tiveste
Sem nenhuma ser varão!

Respondeu logo a mais velha
Com todo o seu coração:

« Dê-me armas e cavallo
Que eu irei por capitão.
— Tendes o cabello louro,
Filha, conhecer-vos-hão!
« Dê-me cá uma thezoura,
Verei-o cahir no chão.
— Tendes os olhos fagueiros,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Quando passar pelos hombres
Eu os ferrarei no chão.
— Tendes os peitos crescidos,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Mande fazer um justilho
Que me aperte o coração.

— Tendes as mãos mui mimosas,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Lá virá vento e chuva,
Que ellas se callejarão.
— Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Dê-me cá as suas botas
Encherei-as de algodão.
— Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Quando passar pelos hombres
Farei passo de ganhão.
— Filha, se fores á guerra
Como te lá chamarão?
« Dom Martinho de Avizado,
Filho do Rei Dom João.»

= Ai minha mãi que me morro,
Morro-me do coração;
Os olhos de Dom Martinho,
Mi madre, matar-me-hão,
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.
— « Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco jantar,
Se então elle fôr mulher
Em baixo se hade assentar.

Dom Martinho de Avizado
Cadeira mandou chegar,
Com o seu capote em cima
Para mais alto ficar.

= Ai minha mãi que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,

Madre minha, matar-me-hão.
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.
— « Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco enfeirar,
Elle então se for mulher
Ás fitas se hade pegar.
« Oh que espadas finas estas
Para hombre guerrear!
Oh que fitas para damas,
Quem lh'as pudera mandar.
= Ai minha mãi, que me morro,
Morro-me do coração,
Os olhos de Dom Martinho,
Madre minha, matar-me-hão!
O corpo tenia de hombre,
Os olhos de mulher são.

— « Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco dormir,
Que se elle for mulher
Não se hade querer despir.
« Tenho feito juramento,
Espero de o cumprir,
De emquanto eu andar na guerra
As ceroulas não despir.
— « Convidai-o vós, meu filho,
Que vá comvosco nadar;
Que se elle for mulher
Certo, se hade acovardar.

Dom Martinho de Avizado
Primeiro o mandou entrar:

« Ide vós mais adiante
Para me ires ensinar!

Cartas me vêm da terra,
Cartas de muito pezar;
Meu pai que já é morto,
Minha mãi está a acabar.
Tenho seis irmãs mais novas,
Quero-as ir amparar;
Venha a casa de meu pai
Se commigo quer casar.
Sete annos andei na guerra,
Sete annos por capitão,
Sem ninguem me conhecer
Se eu era mulher ou não.

4

Dom Martinho

(*Variante da Beira-Baixa*)

—Oh que guerras vão armadas
Entre França e Aragão!
Ai de mim, que já estou velho,
Não as posso vencer, não.
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!

Respondeu-lhe uma mais nova,
Respondeu-lhe com rasão:

« Venha uma espada e cavallo,
Eu serei já capitão.

—Tendes os olhos grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Quando passar pelos homens,
Abatel-os-hei ao chão.
—Tendes o cabello longo,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Venha uma thezoura d'oiro,
Vel-o-heis cahir ao chão.
—Tendes as mãos muito brancas,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Virão calmas e geadas,
Que ellas negras se farão.
—Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Venham uns sapatos grandes,
Que os pés n'elles crescerão.
—Tendes o passo miudo,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Quando passar pelos homens
Darei passo de malhão. »

=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãi, matar-me-hão.
Elle o corpo será de homem,
Os olhos de mulher são.
—« Convida-o tu, meu filho,
Um dia para o pomar,
Que se elle mulher fôr
Ao agro se hade apegar.

Dom Martinho de avisado
Ao doce se foi lançar.

=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãi, me hãode matar!

—« Convida-o tu, meu filho,
Um dia para o jantar,
Que se elle mulher for
Aos bancos se hade assentar.

Dom Martinho de avisado
Cadeira mandou chegar:

« Oh que cadeira tam baixa
Para um homem se assentar.
—« Convida-o tu, meu filho,
Um dia para feirar,
Que se elle mulher for
Ás fitas se hade apegar.

Dom Martinho de avisado
Ás espadas se foi lançar:

« Oh que espadas tam pezadas
Para um homem guerrear;
Oh que fitas para damas,
Quem lh'as pudera levar.
=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mãi, me hão de matar.
—« Convida-o tu, meu filho,
Um dia para dormir,
Que se elle mulher for
Não se hade querer despir.

Dom Martinho de avisado
Se foi logo descalçar:

«Tenho feito juramento,
Espero de o não quebrar,
Em quanto eu andar na guerra
As ceroulas não tirar.

Tenho feito juramento
Protesto de o cumprir,
Em quanto eu andar na guerra
A camisa não despir;
E a espada de meu pae
Entre nós hade dormir.

=Os olhos de Dom Martinho,
Minha mâi, me hãode matar!
—« Convida-o, tu, meu filho,
Um dia para nadar,
Que se elle mulher for
Logo se hade acovardar.

Dom Martinho de avisado
Se foi logo descalçar:

«Entre, entre o cavalleiro,
Já o vou acompanhar;
Os sinos da minha terra
Aqui os ouço tocar!
A minha mâi já morreu,
Meu pai se está a finar;
De sete manas que tenho
Aqui as ouço gritar.

« Abra-me as portas, meu pai,
De todo o seu coração;
Sete annos andei na guerra
Sem me conhecer varão;
Mas só no fim dos sete annos
Conheceu-me o capitão,
Conheceu-me pelo riso,
Que por outra cousa não.»

5

Dom Barão

(Variante da Foz)

Já se começam as guerras
No campo de Dom Barão:

—Triste de mim que sou velho
As guerras me acabarão!
« Dê-me armas e cavallo
Serei seu filho varão.
—Tendes o cabello loiro,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Dae-me cá uma thesoura,
Que eu já o deito ao chão.
—Tendes as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-hão.
« Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.
—Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas sairão.
Dae-me armas e cavallo,
Serei seu filho varão.
—Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.

« Incolherei os meus peitos
Dentro do meu coração. »

O capitão dos soldados
Um grande amor lhe tomou;
Dom Barão como discreto
De nada se receiou.

= Oh mi padre, oh mi madre,
Grande dor do coração,
Os olhos do soldadinho
São de mulher, de homem não.
— « Convida-o tu, meu filho,
Que comtigo vá cear,
Porque no partir do pão
Se virá a delatar,
Que se elle o partir ao peito
Por mulher se hade mostrar.

Dom Barão como discreto
De nada se receiou;
Pegou na faca de ponta,
Pão e queijo estransinhou.

— « Bota-lhe cadeiras altas,
Cadeiras baixas a par;
Porque elle se mulher for
Nas baixas se hade assentar.

A donzella por discreta
Na mais alta quiz estar.

= Minha mãi, minha mãesinha,
Eu morro do coração;
Os olhos do soldadinho
São de mulher, de homem não.

— « Convidae-o vós, meu filho,
Que comvosco vá feirar,
Que se elle mulher fôr,
As fitas se hade apegar.

Dom Barão como discreto
Foi uma espada apreçar:

« Oh que bellas fitas estas
Para damas adornar.
— « Convida-o tu meu filho
Que comtigo vá dormir;
Que se elle mulher fôr
Então se hade descobrir.

Dom Barão como discreto
De nada se receiou;
Vestiu camisa e ceroulas
E com elle se deitou.

= Oh mi padre, oh mi madre,
Grande dor do coração;
Os olhos de Dom Barão
São de mulher, de homem não.
— « Convida-o tu, oh meu filho,
Que comtigo vá nadar;
Que se elle mulher fôr
Desculpa vos hade dar.

Dom Barão como discreto
De nada se receiou;
Chamou pelo seu creado
Uma carta lhe entregou:

« Novas me chegam agora,
Novas de negro pezar;

E os sinos da minha terra
Já ouço repinicar,
Ou meu pae que já é morto,
Ou está para enterrar.
= Montae-vos oh Dom Barão,
Que eu vos vou acompanhar.

Lá chegando á sua terra
Viu seu pae a passear.

— Que foi isso Dom Barão,
Quem vos vem acompanhar?
« Um genro de vocemecê
Se o quizer acceitar.

6

Romance de Gerinaldo

(Versão de Traz-os-Montes)

« Gerinaldo, Gerinaldo,
Pagem de el-rei mais querido,
Queres tu oh Gerinaldo
Tomar amores commigo?
— Vós como sois ama minha
Senhora zombais commigo?
« Eu não mango Gerinaldo,
Que eu bem deveras t'o digo.
— Diga-me minha senhora
Quando heide ir no promettido?
« Lá da uma para as duas,
Que meu pae esteja dormindo.

Inda bem não era a uma
Gerinaldo ao postigo,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.

« Oh quem bate á minha porta,
Oh quem é o atrevido?
— É Gerinaldo, senhora,
Que aqui vem ao promettido,
Descalço de pé e perna
Para não fazer trupido.
« Pousa ahi as tuas armas,
E deita-te aqui commigo.

El-rei sonhava um sonho
Que bem certo lhe sahia:
Ou deshonram a Infanta,
Ou me roubam o castillo.
Levantou-se el-rei da cama
Com desgraçado sentido,
Pegou em a sua espada
E foi dar volta ao castillo;
Achou-os ambos na cama
Como mulher e marido:

— « Eu se mato a Gerinaldo
Criei-o de pequechinho!
Eu se mato a dona Infanta
Fica o reinado perdido.
Meto-lhe a espada no meio
Para que sirva de aviso.

Acordou o Gerinaldo,
Ficou mais morto que vivo.

« Não te assustes Gerinaldo
..

Que meu pai o tem sabido,
Se nos quizera matar
Poder estava comsigo.
Não te assustes Gerinaldo
Vem ter com o rei ao castillo.

— « D'onde vens oh Gerinaldo,
D'onde vens espulverido?
— Venho de matar caça,
Senhor, da borda do rio.
— « Não me mintas Gerinaldo,
Que nunca me tens mentido.
— Venho de regar as flores
Que ellas o estavam pedindo!
— « Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido.

7

Romance da Noiva roubada

(Versão de Almeida)

— Deos vos salve minha tia,
Na vossa roca a fiar!
« Venha embora o cavalleiro
Tam cortez no seu falar.
— Má hora se elle foi, tia,
Ma hora torna a voltar!
Que já ninguem o conhece
De mudado que hade estar.
Por lá o matassem mouros,
Se assim tinha de tornar.

« Ai sobrinho de minha alma,
Que és tu, pelo teu falar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?
—E meu pai e minha mãi,
Tia que os quero abraçar?
« Teu pai é morto, sobrinho,
Tua mãi foi a enterrar.
—Que é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?
« A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.
—Que é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?
« O teu cavallo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar!
—Que é da minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?
« Tua dama faz hoje a boda,
Amanhã se vae casar.
—Dizei-me onde é minha tia,
Que me quero lá chegar.
« Sobrinho não digo, não,
Que te podem lá matar.
—Não me matam, minha tia,
Cortezia eu sei uzar.
E onde faltar cortezia
Esta espada hade chegar.

—Salve Deos, oh la da boda,
Em bem seja o seu folgar!
— « Venha embora o cavalleiro,
E que se chegue ao jantar.
—Eu não pertendo da boda,
Nem tam pouco do jantar;
Pretendo falar á noiva,

Que é minha prima carnal.
Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.
— Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.
« — Pagar devia com a vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
Nessas terras d'alem-mar.
Mas que fiquem com a boda,
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade quitar.

— Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não ha justiça
Co' esta espada a heide tomar.

8

Romance do Alferes matador

(Versão da Covilhã)

— Indo eu por quelha abaixo,
Topando por quelha acima,
Olhei para uma janella,
Onde vi 'star trez donzillas.

Aquella de azul claro
É linda em demasia,
Tenho de a ir buscar
Inda que me custe a vida.

As dez horas eram dadas
E elle á porta batia.

« Quem bate á minha porta
Deshoras á porta minha?
— É um grande cavalleiro
Que vem buscar sua filha.
« Minha filha não 'stá em casa,
Foi para a de sua tia,
Que a mandou cá buscar
Para uma função que havia.

Deitou os hombros á porta,
Não uzou mais cortezia;
Entrou pela casa dentro
Com toda a sua ousadia,
E foi direito a um quarto
Aonde a filha dormia.

« Oh filha faz, pela honra
Antes que te custe a vida;
Honra as barbas a teu pae,
Que brancas na cara as tinha.

Pegou-lhe pelos cabellos
Foi-a arrastar pela villa,
E depois de a ver morta
A sua mãi a trazia.

— Aqui tendes oh D. Anna,
Oh Dona Anna vossa filha,

Honrada e virtuosa,
Mas porem custou-lhe a vida.
« Antes a quero ver morta
Que a sua honra perdida,
Justiça venha do céo
Que na terra não a havia,
E caia sobre um Alferes,
Matador da minha filha.

9

Romance da Romeirinha

(Versão de Traz-os-Montes)

Por aquelles montes verdes
Uma romeira descia;
Tão honesta e formosinha
Não vae outra á romaria.
Sua saia leva baixa,
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapellinho cahido
Que os lindos olhos cobria.
Cavalleiro vae traz d'ella,
Alcançal-a não podia;
Alcançou-a descançando
Debaixo da verde oliva,
Á sombra da arvore benta
Que está no adro da ermida:

« Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deos e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.

Cavalleiro de malvado
De amores a accomettia;
Pegaram de braço a braço,
Qual de baixo, qual de cima.
A romeira por mais fraca
Logo debaixo cahia.
No cahir lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia,
Com toda a força o arranca,
No coração lh'o mettia.

— Da vingança que tomaste
Eu te peço romeirinha,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha.
« Heide dizel-o em tua terra,
Heide-me ir gabar á minha
Da vingança que tomei
Da affronta que me fazias;
Que matei um vil cobarde
Com as armas que elle trazia.

Tocou a campa da ermida
A campa que retinia:

« Eu te peço, ermitão,
Por Deos e Santa Maria,
Que enterres esse traidor
Lá na tua santa ermida.

10

Romances da Infanta de França

(Versão da Covilhã)

Dom João foi para caça,
Foi á caça á porfia,
Anoiteceu-lhe n'um bosque,
Era o que elle mais temia;
Seus cavallos por ferrar,
Era o que elle mais sentia!
Lá pela noite adiante
Um lindo cantar ouvia,
Deitou os olhos ao largo
Viu lá estar uma donzilla,
Penteando o seu cabello
Em um tanque de agua fria.

— Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui donzilla?
« Sete fadas me fadaram
No collo de madre minha,
Fadaram-me por sete annos,
Por sete annos e um dia.
Hoje se acabam os annos,
Á manhã por noute o dia;
Bem podera o cavalleiro
Levar-me na companhia.
— Desde, já minha senhora,
Eu tudo isso lhe faria;

Dizei-me, oh minha senhora,
Se ides de anca ou de silha?
«Eu vou de anca, oh cavalleiro
Que isso é da honra minha.

Lá pelo caminho adiante
Ella se pôz a sorrir.

—De que vos rides, senhora,
De que rides vós donzilla?
«Eu rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia,
Achar donzilla no campo
E guardar-lhe cortezia.
—Tornemos atraz senhora,
Tornemos atraz donzilla,
Que deixei a minha espora
No tanque da agua fria.
«Adiante, oh cavalleiro,
Eu atraz não tornaria,
Se a espóra era de prata
Meu pai de ouro lh'a daria.
—Dizei-me, oh minha senhora,
De quem é que vós sois filha?
«Sou filha do rei de França,
Neta do rei de Castilla.
—Pelos signaes que me daes
Vós sois uma mana minha!
Mal hajam todos os homens,
E quem em mulheres se fia;
Cuidando que levo esposa
Levo a uma irmã minha!
Abram-se esses palacios,
Venha toda a fidalguia,
Trago aqui uma mana
Ha sete annos que a não viram.

Venha cá, senhora mãi,
Ande vêr a sua filha,
Cuidei trazer nóra sua
E trago uma mana minha.

Levantou-se a sua mãi
Da cadeira aonde estava:

— « Se tu és a minha filha
Anda cá para os meus braços,
Se tu és a minha nóra
Ai tens os teus palacios.

11

A Encantada

(Variante da Foz)

Indo um cavalleiro á caça
Á caça de altanaria,
Lá chegando ao alvoredo
Viu estar uma donzilla.

— Que fazeis ahi senhora?
Que fazeis aqui donzilla?
« Sete fadas me fadaram
No ventre d'uma mãi minha:
De eu aqui estar sete annos,
Sete annos e mais um dia.
Sete annos são acabados
Hoje se acaba o dia;

Se quereis oh cavalleiro
Levai-me por companhia,
Não me leveis por senhora,
Não me leveis por donzilla;
Levai-me por estrangeira
Que achaes na terra perdida.
— Montai-vos aqui, senhora,
Montai-vos aqui, donzilla,
Ou nas ancas ou na sella,
Onde fôr mais honra minha.
Montou-se logo a donzella
Foi seguindo o seu caminho,
Lá chegando á estrada
De risos o accommettia:

— De que se ri oh menina?
De que se ri oh donzilla?
« Rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia,
De achar menina na serra
E lhe guardar cortezia.

— Deixai-me agora chorar
Olhae a minha mofina!
Oh quem perdeu o que eu perco
Grande pena merecia.

II — ROMANCES DE SUPPOSTA ORIGEM PORTUGUEZA

12

Romance da Sylvana

(Versão de Lisboa)

Passeava-se Sylvana
Pelo corredor acima;
Viola de ouro levava,
Oh que bem que a tangia!
E se ella bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a accommettia:

— Atreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?
« Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?
— Penal-as-hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia.

Foi-se d'ali a Sylvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se encontrar com sua madre
Lá no adro da ermida:

— « Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, oh filha minha?
« Oh, quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores
Oh minha mãi, cada dia.
— « Vae, filha, vae para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de ouro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria....
E hade valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa Maria.

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accomettia:

— Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria....
— « Esta não é a Sylvana,
É a mãe que a paria;
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor da cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infanteria,
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae a accomettia.
— Oh mal haja, que haja a filha.

Que seu padre descobria!
— «Oh mal haja, que haja o padre
Que sua filha commettia.

Manda-a metter n'uma torre
Que nem sol, nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça,
E a agua por medida.
Ao cabo de sete annos
Eis a torre que se abria...
Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,
Foi-se encontrar com su madre
Lavrando n'uma almofada:

« Estejaes emb'ora, madre,
Oh madre da minha alma;
Peço-vos por Deos do céo,
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!
—« Dera-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sette para outo annos
Que por ti sou malcasada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada.

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta;
Foi-se encontrar com os irmãos,
Que estavam jogando as cannas:

« Estejaes emb'ora irmãos,

Meus irmãos já da minha alma,
Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.
— Dera-t'a eu, irmã minha,
Se a tivera empeçonhada:
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada,
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada.

Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar com seu pae
A jogar a embocada:

« Estejaes emb'ora, padre,
Padre meu já da minha alma:
Peço-vos por Deos do céo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma....
E de hoje por diante
Serei vossa namorada.

— Alevantem-se, meus pagens,
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de ouro,
Outros com jarros de prata:
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada,
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.

Os criados que chegavam

Sylvaninha que finava,
Nos braços da Virgem santa
Dos anjos amortalhada.

— Vai-te emb'ora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma,
Tua alma vae para o céo,
A minha fica culpada.

13

Romance de Bernal-Francez

(Versão da Foz)

« Oh quem bate á minha porta,
Quem bate, oh quem está ahi?
— São cravos minha senhora,
Flores lhe trago aqui!
« Eu não abro a minha porta
A taes horas de dormir.
— Se me não abres a porta
Morto me acharás aqui.
« Ai se é Bernal-Francez
A porta lhe vou abrir.....
Ao abrir a minha porta
Se apagou o meu candil!
Ao subir a minha escada
Me cahiu o meu chapim.
Peguei n'elle nos meus braços

Levei-o pelo jardim,
Mandei lavar pés e mãos
Em aguinha de alecrim;
Vestir camiza lavada,
Deital-o ao par de mim.

Era meia noite dada:

« Não te viras para mim?
Se tu temes a meu pae
Elle longe está de ti;
Se temes os meus criados
Elles estão a dormir;
Se temes o meu marido
Más novas venham aqui.
— Eu não temo a teu pae
Que elle sogro é de mim;
Não me temo dos criados
Que mais me querem que a ti;
Não me temo da justiça
Que a justiça é por mim.
A teu marido não temo
E d'elle nunca temi...
Teme tu falsa traidora
Pois o tens ao par de ti.
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir,
Te darei saia de gala,
Roupinha de cramesi;
Gargantilha colorada,
Pois que tu o queres assi.

— «Deixa-me ir por'qui abaixo
Com minha capa cahida,
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se inda viva.

—Que fazeis oh cavalleiro
A taes horas por aqui?
—«Venho vêr a minha amada
Que ha dias que a não vi.
—A tua amada, senhor,
É morta que eu bem n'a vi!
Os sinaes que ella levava
Eu te los direi aqui:
Levava saia de gala,
Roupinha de cramesi,
Gargantilha colorada,
Pois o ella o quiz assim.

—« Monta, monta meu cavallo,
Quanto poderes montar,
Só n'aquella sepultura
É que eu posso descançar:
Abre-te oh penha constante
Que me quero lá meter,
Já que fui o causador
Da minha amada morrer.
Abre-te oh penha sagrada
Esconde-me ao par de ti!
Do fundo da sepultura
Uma triste voz ouvi:

« A mulher com quem casares
Seja Anna como a mim;
E as filhas que tu tiveres
Tem-as sempre ao pé de ti,
Para que não aconteça
O que aconteceu a mim.

14

Romance do Conde Niño

(Versão de Traz-os-Montes)

Vae o conde, conde Niño
Seu cavallo vae banhar;
Em quanto o cavallo bebe
Cantou um lindo cantar:

— Bebe, bebe, meu cavallo,
Que Deos te hade livrar
Dos trabalhos d'este mundo,
E das areias do mar.
— « Esperta, oh bella princeza,
Ouvide um lindo cantar;
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar!
« Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
É o conde, conde Niño
Que commigo quer casar.
— « Se elle quer casar comtigo
Eu o mandarei matar.
« Quando lhe deres a morte
Mandai-me a mim degollar;
Que a mim me enterrem á porta,
A elle ao pé do altar.

Morreu um, e morreu outro,
Já lá vão a enterrar;

D'um nascêra um pinheirinho,
Do outro um lindo pinheiral;
Cresceu um e cresceu outro,
As pontas foram junctar,
Que quando el-rei ia á missa
Não o deixavam passar.
Pelo que o rei maldito
Logo as mandava cortar;
D'um correra leite puro,
E do outro sangue real!
Fugira d'um uma pomba
E do outro um pombo trocal,
Sentava-se el-rei á meza
No hombro lhe iam poisar:

— «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar;
Nem na vida, nem na morte
Nunca os pude separar.

15

Romance da Promessa de noivado

(Versão da Covilhã)

— Oh menina da mantilha
Guarde-me esse lindo rosto,
Que eu vou para a minha terra,
Em vindo caso comvosco.
Lá dos quatro para os cinco,
E dos cinco para os seis,

Menina se eu não vier,
Menina casar-vos-heis.
— « Filha eu quero-te casar
Que é o teu tempo venido.
« Senhor pae estou casada
Não tenha duvida n'isso.

Agarrou no seu fatinho
Abalou por ai alem,
E ia de terra em terra,
E de logar em logar.
Já levava a bocca secca
De por elle procurar;
Os seus olhos como punhos
De por elle ir a chorar.

« Móra aqui um cavalleiro
Da minha terra natural?
= Aqui móra, sim senhora,
Anda na caça a caçar;
Se elle é de muita pressa
Eu o mando lá chamar.
« Elle a pressa não é muita
Que por elle heide esperar.

Elle á noite quando veio
Começou-se a admirar:

—Quem vos trouxe aqui, senhora,
Á minha terra natal?
« Foram as suas saudades
Que fizeram cá chegar.
—Tenho os meus filhos pequenos,
Que Deos m'os deixe criar,
Tenho a minha mulher moça
Que Deos m'a deixe gosar.

A menina que isto ouviu
Cahiu morta para traz.

— Que farei aqui, senhora,
Que farei a tanto mal?
= Pegue-lhe pelos cabellos
E mande-a deitar ao mar!
— Não farei isso, senhora,
Na mi terra natural;
Mando fazer um caixão
Com a tampa de crystal,
E na pia da agua benta
A mandarei sepultar

16

Romance de Dom Aleixo

(Versão da Foz)

Na cidade de Madrid,
Na melhor que el-rei tenia,
Havia um cavalleiro
Dom Aleixo se dizia,
O cujo tal cavalleiro
Namorava uma donzilla;
Ella lhe pediu tres cousas
Que ao seu corpo convenia:
Uma, que fosse sósinho
Sem mais outra companhia,
Outra pela meia noite
Quando a gente dormia.
Inda as dez não eram dadas

Dom Aleixo se vestia,
Seu capacete de grana,
Seu chapeu á bizarria.
Pegando na sua espada
Foi para vêr sua amiga;
Chegando a um alvoredo
Penhascos o cobririam:

—Não me atireis com pedras
Que pedras é cobardia;
Pucha pela tua espada
Que eu tambem trago a minha.
Se algum d'aí não a tem
Eu lhe emprestarei a minha.
Cessae, cessae oh villões,
Não useis de mais porfia,
Quero fazer testamento
Da fazenda que tenia:
A minha alma dou a Deos,
E á Virgem Santa Maria;
O meu corpo tão valente
Já o dou á terra fria,
Coração á minha dama
Discreta Dona Maria.

Rescordou Dona Maria
Do somno em que jazia:

« Quem te matou Dom Aleixo?
Quem te matou vida minha?
—Os ladrões de teus irmãos
Já me tiraram a vida.
Perdè quem anda de noite
Ganha quem anda de dia;
Perde quem tem seus amores
Que d'elles se não retira.

Puchou por um faquim de ouro
Que á sua cinta trazia:

« Quero sacar a minha alma,
Quero levar companhia.

17

Romance de Dom Pedro

(Versão da Beira-Baixa)

« Oh minha mãi quem me dera
Vêr-me em Castilha do mar;
Tenho desejos de ir ver
A minha mãi natural...
—« Se tens desejos de ver
A tua mãi natural;
Mas Dom Pedro foi á caça
Em vindo lhe irei contar.
Da caça que elle trouxer
Te mandará um casal:
De duas perdizes uma,
De tres coelhos um par.

Ella a sahir pela porta
Dom Pedro a entrar o quintal.

—Que é da minha rosa branca
Que me não vem abraçar?
—« Tua rosa branca, Dom Pedro,

Está em Castilha do mar?
Olha o que ella ia dizendo,
Que se não pode contar:
«Que em sua caza não tinha
Cama para se deitar!
Olha o que ella ia dizendo,
Que se não pode dizer:
«Que em sua casa não tinha
Um pão para se comer!
Bem puderas tu meu filho
Minha benção alcançar;
Como vieste da caça
Ir-m'a já lá arrastar.

— Ála, ála meus criados,
Meus cavallos vão ferrar,
Com ferraduras de bronze
Para melhor caminhar.

Deu sete voltas á cerca,
Sem n'ella poder entrar;
Viu lá entrar uma preta
Que se estava a pentear.

— Abri-me as portas oh preta,
Põe-m'as já de par em par!
Menina que lá está dentro
Já a lá vou arrastar.

« — Dae-me alviçaras Dom Pedro
Dae-m'as, bem m'as podeis dar;
Que vos nasceu um infante
Lindo como um crystal.

« — Novas vos trago, senhora,
Novas de muito pezar;

Que Dom Pedro está á porta
Jura de vos vir matar.
« Dê-me a mão, oh minha mãe,
Ajude-me a levantar,
Que Dom Pedro está á porta
Jura de me vir matar.

= Deixa-te estar oh filha
Que eu o vou assocegar!
Que Dom Pedro é attencioso
Logo me ha de querer falar.

Pegou-lhe pelos cabellos
E elle a foi arrastar;
Andára mais de tres leguas
E sem lhe querer falar.

« Olha para traz Dom Pedro,
Olha se queres olhar,
O teu cavallo é branco
Veio já do meu signal.
Leva-me áquella ermida
Que me quero confessar,
Se não, confesso-me a ti
Por eu já não ter logar.

— Mal o haja a tua mãe
Que te deixou levantar.
« Mal haja a tua, Dom Pedro,
Que taes conselhos quiz dar.
Cá te fica um infante
Cá o darás a criar,
Não o dês a tua mãe
Que jura de m'o matar;
Da-o cá antes á minha
Que ella o dará a criar.

— Fica-te aqui rosa branca
'Neste campo de alegria!

Com a ponta da espada
A cova ali lhe fazia;
Com as lagrimas dos olhos
A terra lhe amollecia.

18

Romances da Filha do Imperador de Roma

(Versão de Traz-os-Montes)

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda,
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada,
Pedem-lh'a Duques e Condes
Homens de capa e de espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhe punha taxa:
A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas;
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada,
Dizia-lhe o pae sorrindo:
— Inda hasde ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,

Subiram a uma ventana
Uma ventana mui alta.
Viu andar trez cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava;
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
Ali estava a aia discreta
Em que toda se fiava:

« Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Condes, Duques, Cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.

— « Bom cegador vem commigo,
Que te quer falar minha ama.
— Eu não conheço a senhora,
Nem tam pouco a criada.
— « Cegador de boa estreia
Trazes a vista mui baixa;
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.
— Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.
— « Estrella ou sol, vens commigo?
— Irei pois, quem pode manda.

Entraram por um postigo
Que a porta ainda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.

— Senhora, que me quereis,
Pois venho á vossa chamada?
« Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada.
— Atrever, me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda!
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.
« Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coutada;
Cegador, é nos meus braços
Que de ti estou namorada.

Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:

« Dizei-me bom cegador
De quem eu fico pejada?
— Eu sou filho de um porqueiro,
E meu pae porcos guardava.
« Oh triste de mim, oh triste,
Oh triste de mim coitada!
Bem me dizia meu pai:
Tu hasde ser castigada.
Pediram-me Condes, Duques,
Homens de capa e d'espada,
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada.

19

O hortelão das flores

(Variante da Beira Baixa)

—Não venho por te vêr, nem por te dar valor,
Venho por erguer olhos e a vista no sol pôr.
Falar quero á princeza, o amor me traz rendido,
A ti peço conselho, velha do tempo antigo.

« Vista traje mudado, cante em seu bandolim,
Boquinha de crystal, faces de seraphim.

— Um bom conselho velha me deste para mim;
Não farão dè mim caso, se me virem assim.
Com Deos te fica velha mais a tua porfia,
Mas se eu a render, velha, tens tensa cada dia.
Eu vou bater o mato, caçar altanaria,
Mas se ella me escapar em ti me vingaria.

— Abri lá essas portas, oh hortelão das flores,
Venho em traje mudado falar aos meus amores.

—« Senhor podeis entrar, que tendes sempre acerto;
Senhor, sois Dom Duarte, que bem vos reconheço.

—Oh que varandas altas, com cem palmos de alteza,
Diz velho de bom tempo se ali vem a princeza?

« Para as varandas altas, para tomar a fresca
Costuma vir sósinha quasi sempre a princeza.

— Se ella te perguntar quem é o estrangeiro,
Dize que é um teu filho vindo lá d'outro reino.
Que varandas tão altas, que jardim bem plantado;
Soubera o que hoje sei, que o tinha passeado.

« Oh regador dos cravos venha para mais perto
Conversar a princeza com prazer discreto.
Oh regador dos cravos venha para o mirante
Olhar para a princeza com olhos de diamante.

— Mandaram-me cá vir, não sei se é verdade.
— « Tão verdade não fôra, espelho bello e claro.

—Tendes-me aqui senhora, mandae como a vassallo,
Já estive em noite escura, agora é dia claro;

Dae-me, que tenho sêde, um pucarinho de agua!
— « Aqui vos mato a sêde, espelho bello e claro.

— A mim não ha quem mate a sêde continuada...
— « Vem cá falar commigo ámanhã de madrugada.
Alluga uma burrinha, que o não saiba ninguem,
Que eu quero para sempre ir d'aqui para alem.

— Como a levarei, senhora, com quem irá d'aqui?
Filho d'um corta carne, que apregôa aqui!

— « Não se me dá que o sejas ou que apregôe aqui.
— Alluguei a burrinha, vá-se despedir.

— « Adeos oh fontes claras e poços de agua fria,
Eu já não ouço aqui rouxinóes ao meio dia.
Se meu pae perguntar quem é que me queria,
Dizei que a desgraça não é a que me guia.

— Cala-te, Magdalena, lagrimas de peregrina!
Nos reinos estrangeiros melhor agua haveria.
Tambem ha claras fontes, poços de agua fria,
E canta o rouxinol á hora do meio dia.

— « Pareces Dom Duarte! oh que fortuna a minha,
Tornemos ao palacio a dizel-o á rainha:
Rainha e mãe senhora, humildo-me ao castigo,
Aqui está Dom Duarte, que vem por meu marido.
Rainha e mãe senhora, que pena me acompanha,
De não achar meu pae senhor de toda a Hespanha.
Rainha e mãe senhora, humildo-me com dor,
Não tem a quem pôr culpa, é mui cego o amor.

20

O Duque da Lombardia

(Variante da Beira-Alta)

Por manhã de Sam João,
Manhã de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo
A Infanta se assomava.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fitta que traz no chapeo
De ouro e seda era bordada.
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.

De seu garbo e gentileza
A Infanta se namorava.
O ceifeiro vae ceifando...
Bem sabe elle o que ceifava.

« Vês, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?
Vae-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.

Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava:

« Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?
— Atrever me atrevo a tudo,
Trabalho não me acobarda.
« Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coutada;
Cegador é nos meus braços
Que de ti estou namorada.

Passou todo aquelle dia,
O mais da noite passava,
Ceifando vae o ceifeiro...
Bem sabe o que elle ceifava.

« Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada;
Vae-te que meu pae não venha
Antes de ser madrugada.

Palavras não eram ditas
El-rei á cama chegava:

— « Com quem falas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?
« Falo com esta minha aia,
Que me tem desesperada;
Uma cama tão malfeita
Que dormir me não deixava.
— « É forte essa tua aia
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-se já a donzella,
Que antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.

O cegador muito enchuto
Sua sentença escutava;
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa,
Como se não fôra nada:

— Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao Duque da Lombardia,
Verêmos quem faz a barba.

O imperador mui contente
Depressa ali os casava:
Não quiz senhores, nem condes,
Homens de capa ou de espada,
Senão só o cegador
Que andava em sua cegada.
Sahiu-lhe um Duque reinante,
Senhor d'alta nomeada,
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

21

Romance de Dona Agueda de Mexia

(Versão do Alemtejo)

Era uma menina bella,
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;
Mas o pae d'aquella moça
Por melhor conselho havia
Casal-a com um mercador
Que áquellas partes vivia.
Dom João quando isto soube
Por pouco se não morria:
Foi-se d'ali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem andava,
Cavalleiro obedecia;
Passou por terras e terras
Nenhuma não conhecia.
Á sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.

Té que veio a passear
Á rua da sua amiga;
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é coberto de preto
Mais preto que ser podia.
Mandou chamar uma dama
Por Deos e á cortezia:

— Dize me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas?
« Trago-as por minha senhora
Dona Agueda de Mexia,
Que é com Deos a sua alma,
Seu corpo na terra fria;
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.

Dom João quando isto ouviu
Por morto em terra cahia;
Os seus olhos não choravam,
Sua bocca não se abria.
Mirava a gente em redor
A vêr o que elle faria.
Foi-se direito á egreja
Onde a sua dama tinha:

— Eu te rogo, sacristão,
Por Deos e Santa Maria,
Que me ajudes a erguer
A campa da minha amiga.

Ali a viu tão formosa
Tal como d'antes a via.
Pôz os joelhos em terra,
Os braços ao céo erguia;

Jurou a Deos e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou por um punhal d'ouro
Por lhe fazer companhia.
Permittiu a virgem santa
A virgem Santa Maria,
Que se não perdesse uma alma
E um milagre fazia:
A defuncta a mão direita
Ao seu amante estendia,
Seus lindos olhos se abriram
A sua bocca sorria;
Volta á vida que se fôra
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae o foram buscar,
Já estava na agonia;
Vêm amigos, vêm parentes
Todos com grande alegria;
E a Dom João dão a esposa
Que mui bem a merecia

22

Romance do Casamento e mortalha

(Versão do Minho)

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada;
Dom João que vem doente,
Mal pesar da sua amada.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:

Que se algum lhe désse a vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim que chega o mais velho
Diz com voz desenganada:

—Tendes tres horas de vida
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento,
Deixar a alma encommendada.
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada;
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.

Estando n'estas conversas
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista já turvada:

—«Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada;
Que tanto queria ver-te
Nesta hora minguada.
«Tenho fé na Virgem Santa,
N'ella venho confiada,
Que me hade ouvir e salvar-te,
Que teu mal não será nada.
—«Oh que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com as bençãos de um Arcebispo,
E de agua benta regada,
Com a estóla da santa egreja
Ao meu coração atada.

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:

« —Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?
— « Tenho mãe que estou morrendo,
Que esta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma já meio passada.
« —Filho de minhas entranhas,
'Nesta hora minguada,
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.
— « Minha mãe, que devo, devo,
E Deos me não peça nada!
Dona Isabel, que em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.
« —A honra não se paga, filho,
Mil cruzados não é nada.
— « Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.
« —A honra não se paga, filho,
Os cruzados não são nada.
— « Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem encommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhaes bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.
« —A honra não se paga, filho,
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada.

— « Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada;
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.

23

Romance da Nau Catherineta

(Versão de Lisboa)

Ora da nau Cath'rineta
D'ella vos quero contar,
Sete annos e mais um dia
Andou nas aguas do mar.
Não tinham lá que comer,
Nem mais quê para manjar,
Deitaram sólas de môlho
Para o domingo jantar.
A sóla era tão dura
Não a puderam tragar.
Deitam sortes á ventura
A vêr quem se hade matar!
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— Sóbe, sóbe marujinho
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Ou praias de Portugal.
« Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.

— Acima, acima, gageiro
Áquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.
« Alviçaras, capitão,
Meu capitão general;
Já vejo terras de Hespanha
E praias de Portugal.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
— Todas tres são minhas filhas,
Oh quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a heide casar.
« A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.
— Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.
« Não quero o vosso dinheiro
Pois vos custou a ganhar.
— Dou-te o meu cavallo branco
Que nunca houve outro igual.
« Guardae o vosso cavallo
Que vos custou a ensinar.
— Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te heide eu dar?
« Eu quero a Nau Cath'rineta
Para n'ella navegar.
— A Nau Cath'rineta, amigo,
É de el-rei de Portugal;
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou el-rei t'a hade dar.

III — ROMANCES QUE SE ENCONTRAM NAS COLLECÇÕES HESPANHOLAS

24

Romances do Conde prêso

(Versão de Trás-os-Montes)

Prêso vae o Conde, prêso,
Prêso vae a bom recado;
Não vae prêso por ladrão,
Nem por home' haver matado.
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago.
Não bastou dormir com ella,
Se não dal-a ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado;
Por morta ali a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.
Foi á presença do rei
Onde o Conde era levado:

«Eu te requeiro, bom rei,
Pelo Apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.

Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado;
Não ha fôro ou privilegio
Onde Deos é o aggravado.

Disse ò rei aos do conselho,
Com semblante carregado:

— Sem mais detença este feito
Quero já desembargado!
— « Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado;
Ou hade casar com ella,
Ou senão... ser degollado.
— Pois que me praz, disse o rei,
O algoz seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.
« — Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Antes morrerei mil vezes,
Antes que ser deshonrado!
Não me enterrem na egreja
Nem tam pouco em sagrado:
N'aquelle prado me enterrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado;
De cabeceira me ponham
A pelle do meu cavallo,
Que digam os passageiros:
Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal de amores,
Que é um mal desesperado!

25

Dom Garfos

(Variante da Beira Baixa)

Lá abaixo vem o Conde,
Prêso vem, arreatado,
Não por furtos que haja feito,
Nem por homens que ha matado;
Foi por zombar da romeira
Que vinha de Sanctiago.
A romeira era nobre,
A el-rei se ha queixado.
Mando que case com ella,
Ou que seja enforcado!

— Não heide casar com ella,
Nem heide ser enforcado!
Quem me dera aqui meus pretos,
Ou meus velozes cavallos,
Ou meu sobrinho Dom Garfos,
Que eu me vira bem vingado.

Palavras não eram ditas
Dom Garfos era chegado:

« Quem vos trouxe aqui, meu tio,
Tão prêso e arreatado?
Não por furto que haja feito,
Nem por homens que ha matado?

— Foi por zombar com a romeira
Que vinha de Sanctiago;
A romeira era nobre
A el-rei se ha queixado.
Manda que case com ella,
Ou que seja enforcado.
Vae tu falar com el-rei,
A vêr se me ha perdoado.

Entrou por palacio dentro:

« Deos vos salve, meu bom rei!
Mandae-me soltar meu tio,
Se não eu o soltarei.
— « Vae Dom Garfos para casa,
Dorme um somno descançado;
Das onze p'r'a meia noite
Teu tio será soltado.

Lá pela noite adiante
Acordou sobresaltado!
Disse p'ra sua mulher
Que um sonho tinha sonhado:

« Lá no Terreiro do Passo
Está meu tio enforcado.
= Não digas isso zombando,
Que esta noite ouvi um brado.

Com uma mão veste a capa,
Com outra sela o cavallo;
A um pretinho que tinha
Uma lança lhe ha dado.
Foi-se ao Terreiro do Paço
E viu seu tio enforcado!

« Deos te perdôe, meu tio,
Deos te tenha perdoado.

Sete condes caminhavam
A verem o enforcado;
A um mata, outro degolla,
Só um lhe ha escapado;
E esse mesmo que escapou
Foi a unha de cavallo.

—« Oh Dom Garfos, oh Dom Garfos,
Não sejas desatinado,
Mataste-me já seis condes,
Os melhores do meu reinado.
« E a vós tambem proprio Rei,
Se cá estivesses em baixo;
Mas como estaes de ventana
Palraes nem um papagaio!
Mas n'uma filha que tendes
Eu me verei bem vingado.

Vae Dom Garfos para casa,
Quatro facadas lhe ha dado:

« Uma é á honra de tu padre,
Outra á honra de tu madre;
Outra por minha saúde
Que te as haja mui bem dado!
Outra por seres traidora,
Que me não has acordado.

26

Justiça de Deos

(Variante da Beira-Alta)

Prêso vae o conde, preso,
Prêso vae a bom recado;
Não vae prêso por ladrão,
Nem por homem ter matado,
Mas por violar a donzella
Que vinha de Sanctiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado.
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado:
Por morta ali a deixara
Sem mais dó, nem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deos sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por ali um velho,
Um pobre velho soldado,
As barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado.
Vieiras traz na esclavina,
O chapeo d'ellas cercado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:

—Não chores mais, filha minha,
Filha, de mais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro
Prêso vae a bom recado.

Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado,
Vão á presença d'el-rei
Onde o conde era levado.

—Eu te requeiro, bom rei,
Pelo Apostolo sagrado,
Que n'esta tua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguias
Onde Dèos é o aggravado.

Disse el-rei aos do conselho
Com semblante carregado:

—«Sem mais detença, este feito
Quero já desembargado.
«—Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou hade casar com ella,
Ou senão, ser degollado.
—«Pois que me praz, disse o rei,
O algoz que seja chamado;
Ou já casar com a romeira,
Ou aqui ser degollado.
«Venham algoz e cutello,
Respondeu o accusado:
Mas antes morrer mil vezes
Que viver envergonhado.

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:

—Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado;
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.

Palavras não eram ditas
A espada tinha arrojado;
Despe o gaivão de romeiro,
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um santo Bispo
Apparece transformado!
Sua mitra de pedras finas,
De ouro puro o seu cajado;
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Ali os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado.
O santo Bispo o absolvia
Contricto do seu peccado:
D'ali o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado;
Justiça de Deos foi n'elle:
Antes de uma hora é finado.

27

Romances do Conde Alberto

(Versão do Porto)

Indo Dona Silvaninha
Pelo corredor acima,
Tocando sua guitarra,
Muito bem que a tangia;
Acordou seu pae da cama
Com o estrondo que fazia.

— Que tendes, Dona Silvana,
Que tendes, oh vida minha?
« Raparigas do meu tempo
São casadas, têm familia,
Eu por ser a mais formosa
Para o canto ficaria?
— Não tenho com quem te case
Neste reino, minha filha;
Só se fôr o Conde Alberto,
É casado e tem familia.
« Mandai-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha,
Que mate sua condessa,
E case com vossa filha;
Que traga a cabeça d'ella
Nesta dourada bacia.

Eis manda chamar o Conde
Da sua parte e da filha;

Matasse a sua condessa,
Casasse com Silvaninha.
Veio o Conde mui depressa,
Mais depressa que podia:

—Quero mates a condessa,
Que cases com minha filha.
—« Como matar a condessa
Se ella a morte não merecia?
—Mata, mata, Conde Alberto;
Antes de uma Ave-maria
Me traz a sua cabeça
N'esta dourada bacia.

Foi o Conde para casa,
Muito triste que elle ia;
Mandou fechar seus palacios,
Cousa que nunca fazia.
Mandou vestir seus criados
De luto á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa
Para fazer que comia.
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corria;
Os suspiros eram tantos
Que o palacio estremecia.
Desceu a condessa abaixo
A vêr o que o Conde tinha:

»Que tens tu, oh Conde Alberto,
Que tendes, oh vida minha?
Conta-me as tuas tristezas
Como contaes alegrias.
—« Minhas tristezas são tantas
Que contar-vos não queria.
»Conta, conta, Conde Alberto,
Conta, conta, vida minha.

—« Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.
»Cala-te lá, Conde Alberto,
Que isso remedio teria:
Meter-me-has n'um convento,
Que não veja sol, nem dia;
Deras-me o pão por onça,
Agua por uma medida.
—« Ai! como pode isso ser,
Condessa da minha vida?
Diz que te leve a cabeça
Nesta maldita bacia.
»Cala-te d'ahi, oh Conde,
Que isso remedio teria:
Matarias a donzella
Que se parece commigo.
—« Cala-te d'ahi, mulher,
Que isso não é honra minha.
»Vou para casa de meu pae
Nunca mais apparecia.

Palavras não eram ditas
El-rei á porta batia:
Se a condessa era morta,
Senão elle a mataria.

— « A Condessa não é morta,
Anda n'essas agonias.
»Deixa-me dar um passeio
Da sala até á cosinha:
Adeos moças, adeos aias
Com quem eu me divertia,
Adeos espelho real
Onde me via e vestia;
Que ámanhã por estas horas
Já estarei na terra fria.

Dá-me cá esse menino
Que o quero pentear;
Dá-me cá o outro mais novo,
Quero-lhe dar de mammar:
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de paixão,
Que ámanhã por estas horas
Está tua mãe no caixão.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de pesar,
Que ámanhã por estas horas
Vae tua mãe a enterrar.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de amargura,
Ámanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura.

Tocam sinos em palacio,
Ai, Jesus, quem morreria?

— Morreu a filha do rei
Pela soberba que tinha,
Descasar os bem casados
Cousa que Deos não queria.

28

Conde Alves

(Variante da Beira Baixa)

Estando a princesa a chorar,
Filha do rei de Castilla:
Seu pae se foi ter com ella
Ao estrondo que fazia:

—O que é isso, oh Silvana,
Que é isso, oh filha minha?
«De tres manas que eu tenho
São casadas tem familia;
Eu por ser a mais formosa
Solteirinha ficaria?
—Não tenho com quem te case
Na mais alta senhoria;
Só sendo com o Conde Alves,
É casado e tem familia.
«Com esse, meu pai, com esse,
Com esse é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da' minha!
—Ála, ála, meus criados,
O Conde Alves vão chamar.
—«Ainda agora de lá venho,
Já para lá heide tornar?

Entrou pelo passo dentro
Fazendo mil cortezias:

—«Que me quer a Vossa Alteza,
Vossa Alteza Senhoria?
—Quero que mates a Condessa,
E cases com minha filha!
—«A Condessa não a mato,
Que ella a morte não merecia.
Mando-a deitar aos matos,
Que os bichos a comeria.
—Mata, mata, Conde Alves,
Não me tornes demasia;
A cabeça me ha de vir
N'esta dourada bacia.
Não m'a troques lá por outra,
Que eu bem a conhecia;

Que ao seu lado direito
Um sinal preto teria.

Foi-se d'ali o bom Conde,
Cheio de melancholia;
Mandou fechar suas portas,
Cousa que nunca fazia!
Mandou pôr a sua mesa,
Nem um, nem outro comia;
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria.

« — O que é isso, oh bom Conde,
Que é essa melancholia?
Conta-me as tuas tristezas,
Que eu te conto alegrias!
— « Se eu te contasse tristezas,
Morta para trás cahirias:
Mandou o rei que te mate,
Que case com sua filha.
« — Isso não, bom conde, não,
Que eu a morte não merecia;
Manda-me deitar aos mares,
Que os peixes me comeria.
— « Isso não, condessa, não,
Que o rei logo o sabia,
A cabeça te hade ir
N'aquella negra bacia,
Que te não troque por outra
Que elle bem te conhecia;
Que ao teu lado direito
Um sinal preto teria.
« — Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.

Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cosinha;
Deixa-me dar de mammar
Ao filho que tanto queria.
Mamma, filho, mamma, filho,
Este leite amargurado,
Ámanhã por estas horas
Já teu pai está coroado.
Mamma, filho, mamma, filho,
Este leite de amargura;
Ámanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar
A tua mãe a rainha
Como lhe haveis de chamar,
Com o joelho no chão,
O chapeosinho no ar.

Estando n'estas razões
El-rei á porta batia:
A condessa já é morta,
Senão elle o mataria.

—« A condessa não é morta,
Está n'essas agonias.

Tocam os sinos na côrte,
Ai, Jesus, quem morreria?
Morreu, foi Dona Silvana,
Por crimes que commettia;
O pae morreu ás dez horas,
E a filha ao meio dia.
Apartar os bem casados
Era o que Deos não queria.

29

Romances do Conde de Allemanha

(Versão da Beira-Baixa)

Já o sol nasce na serra,
Já lá vem o claro dia,
Inda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabia o rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o só o princesa
Juliana sua filha.

— Juliana, se o sabes,
Não o queiras descubrir;
Porque o Conde é muito rico
De ouro te hade vestir.
« Não quero seus fatos d'oiro,
Já os tenho de damasco;
Inda meu pae não é morto,
Já me querem dar padrasto!
As pregas d'esta camisa
Eu não as chegue a fazer,
Quando meu pae vier da missa
Se eu lh'o não fôr dizer.
As pregas d'esta camisa
Não as chegue eu a acabar,
Em meu pae vindo da missa
Se lh'o eu não fôr contar.

Estando n'estas rasões
O pae á porta batia:

— « Oh que razões serão essas
Entre uma mãe e a filha?
« Com bem venha, senhor pae,
Com Deos seja a sua vinda;
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha:
Estando eu no meu tear,
Tecendo cambraia fina,
Veio o Conde de Allemanha...
— « Algum fio te quebraria?
Não te zangues, minha filha,
Nem me faças tu zangar,
Porque o Conde é divertido,
Talvez fosse por brincar.
« Mal o hajam os seus brincos,
Mais o seu negro brincar;
Que me pegou por um braço
E á cama me quiz levar.
—« Accommoda-te pois, filha,
Não me faças mais zangar,
Ámanhã por estas horas
Vae o Conde a degollar.
« Levante-se, minha mãe,
Venha vêr a bizarria!
E o Conde da Allemanha
Tambem vae na companhia,
Com a cabeça n'um prato,
E o sangue n'uma bacia.
— Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste;
Sendo o Conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
« Accommode-se minha, mãe,

Não me faça mais zangar,
A morte, que o Conde leva
Não lh'a faça eu levar.
— Bem hajas, oh minha filha,
Mais o leite que mammaste;
Menina de doze annos
Da morte que me livraste.

30

O Conde de Allemanha

(Variante de Trás-os-Montes)

Já o sol dava na côrte,
E já era o claro dia,
Inda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não no saberia el-rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o a Dona Infanta
Filha da mesma rainha.

— «Infantinha, se o sabes,
Não me queiras descobrir,
Que o Conde é mui brioso,
De ouro te hade vestir.
«Não quero vestidos d'ouro,
Que os tenho de damasco,
Meu pae ainda é bem novo,
Já me querem dar padrasto.
As mangas d'esta camisa
Não as chegue eu a romper,
Se quando vier meu pae
Eu lh'o não fôra dizer.

Venha, venha, senhor, pae,
Santa seja a sua vinda,
Um conto quero contar,
Um conto á maravilha.
— Conta, conta, minha filha,
Que eu gósto de te ouvir!
« Estando eu na minha cella,
Dobando seda amarella,
Veio o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.
— Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que o Conde é rapaz novo,
É menino quer brincar.
« Mal hajam os seus brinquedos,
Mal haja do seu brincar,
Que pegou em mim nos braços,
Á cama me foi lançar.
— Dize pois, oh minha filha,
Que castigo lhe heide dar?
« Quero escadas dos seus ossos
Para o jardim passear.
— Cala-te lá, oh filha,
Vamos para a mesa jantar,
Que amanhã por estas horas
Vae o Conde a degollar.
— « Arrenego-te, Mariana,
Mais o leite que mammaste,
Oh que Conde tão bonito
E a morte que lhe causaste.
« Minha mãe, minha mãesinha,
Venha á janella do canto,
Venha ver o senhor Conde
Todo vestido de branco.
Venha vêr, oh minha mãe,
Á janellinha do poço,

Venha vêr o senhor Conde
Com uma corda ao pescoço.
Venha, venha, minha mãe,
Venha p'r'a sala do meio,
Vêr o Conde da Allemanha
Feito n'um cravo vermelho.
—« Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mammaste,
Sendo o Conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
« Cale-se ahi, minha mãe,
Ninguem a ouça falar;
Que a morte que leva o conde
Não a vá você levar.

31

Romances de Dom Carlos de Montealbar

(Versão do Porto e Beira-Alta)

Estando Dona Silvana,
Mais Dom Carlos Montealbar,
Debaixo de uma roseira,
Debaixo de um rosal,
Passou por ali um pagico,
Que nunca elle passasse:

—Pagico, do que has visto
A el-rei não vás contar,
Que eu te dou a minha chave,

Quanto puderes levar;
E da parte da senhora
O que ella te quizer dar.
« Não quero ouro, nem prata,
Se ouro e prata me heis dar;
Quero guardar lealdade
A quem a devo guardar.

Pagem, como ignorante,
A el-rei o foi contar,
A casa dos estudantes
Onde estava a estudar.

« Deos vos salve, senhor rei,
E a vossa corôa real;
Lá deixei o conde Carlos
Com a princesa a folgar.
« — Se á puridade o dissesses
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto falaste,
Alto hasde ir a enforcar.
— « Ganhas-te, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar.
« Ganhei a morte, senhora,
E a vida me podeis dar.
— « Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar;
Para outra não fazeres
Já irás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.

Aos sette para outo mezes
Seu pae que a estava a mirar;

— « Que me mira, senhor pae,

Que tanto me está a mirar?
« — Eu miro-te, minha filha,
Que me pareces pejada.·
— «Calle-se d'ahi, meu pae,
Que é das saias mal talhadas.

Mandou chamar dois obreiros
A quem elle mais amava,
Olharam um para o outro:
»Estas saias não tem nada!

« — Call'-te, call'-te, minha filha,
Ámanhã serás queimada!
— «Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;
Da-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real.
Ai quem me dera um pagico
Que me fôra bem mandado,
Que me levara uma carta
A Dom Carlos Montealbar.
« Escreva, minha senhora,
Em quanto eu vou jantar.
— «Se elle estiver a dormir
Façam-no logo acordar,
Se elle estiver a comer
Não o deixem acabar.
« Aqui lhe trago, senhor,
Novas de grande pesar,
Que a sua bella menina
Ámanhã vae a queimar.
Jornada de trinta leguas
Temol-a nós para andar.

Era meia noite em ponto
Dom Carlos a repousar;

Chamou um dos seus criados
O que lhe era mais leal,
Lhe aparelhasse um cavallo
Dos que tem melhor andar;
Doze campainhas d'ouro
Lhe puzesse ao peitoral.
Onde vás tu, oh Dom Carlos,
Sósinho por esse andar?
Vestiu-se em trajos de frade
Ao caminho foi esperar.

— Cesse, cesse, senhor conde,
Cesse se hade cessar,
Que a menina que aí vae
Inda está por confessar.
« — Confesse-a, senhor padre,
Em quanto eu vou jantar.
— Diga-me, minha menina,
Verdade me hade falar:
Se algum dia teve amor
A leigo, crelgo, ou a frade?
— « Nunca tive amor a crelgo,
Nem a leigo, nem a padre;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.
No primeiro mandamento
O padre nada lhe disse;
No meio da confissão
Um beijinho lhe pediu.
— « Cesse, cesse, senhor padre,
Cesse se hade cessar,
Onde Dom Carlos beijou
Ninguem mais hade beijar.
— Esse sou, minha senhora,
Que a venho aqui buscar.

Tomou-a logo nos braços,
Puzeram-se a caminhar;
Correm d'alem os criados
E puzeram-se a gritar:

«Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar!
—Pois vão dizer a seu pae,
Que a venha d'aqui tirar.

32

Dona Lisarda

(Variante da Beira-Baixa)

— Oh Lisarda, oh Lisarda,
Oh Lisarda meus amores,
Quem dormira uma só noite
Comvosco n'esses alvores.
« Dormirieis uma ou duas
Se não vos fôsses gabar.
— Tenho feito juramento
Na folhinha do Missal,
Menina com quem dormir
De eu a não ir diffamar.

Ainda não era manhã
Ao jogo se foi gabar:

—Dormi esta noite com uma....
Não ha na corte uma egual!

Puzeram-se uns para os outros:
Quem seria? quem será?
Aonde estava um irmão
Á mãe o veio contar;
A mãe assim que o soube
Logo a mandou fechar.
O pae perdeu confiança,
Lenha lhe mandou cortar.

«— Oh Lizarda, oh Lizarda,
O pae te manda queimar.
« Não se me dá que me queime,
Nem que me mande queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que leva sangue real.

Chegou a uma janella
Mui triste do coração:

« Haverá por'hi um pagem
O qual queira do meu pão,
Que esse levasse uma carta
Ao conde de Montalvão?

Appareceu-lhe um menino
De sete annos e mais não:

— « Eu lh'a levarei, senhora,
Escripta no coração.
« Se o achares a dormir
Deixa-o primeiro acordar;
Se o achares á janella,
Cartas lhe vás entregar.

Foi fortuna do menino
Á janella o ir achar:

— « Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar;
Menina com quem dormistes
Ámanhã a vão queimar.
Não se lhe dá que a queimem,
Nem que a levem a queimar;
Dá-se-lhe só do seu ventre
Que leva sangue real.
— Ala, ala, meus criados,
Cavallos ide ferrar,
Com ferraduras de bronze
Que não se hajam de gastar.
Jornada de outo dias
Esta noite se hade andar.

Vestiu-se em trajos de frade
Começou a caminhar;
Quando chegou ao pé d'ella
Então já a iam queimar.

— Quéde, quéde essa justiça,
Se não a farei quedar,
A menina que aí levam
Ainda vae por confessar.
= Confessae-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar;
A confissão é de um anno,
Ella hade-se demorar.
— Venha cá, minha menina,
Faça confissão geral,
No meio da confissão
Um beijinho me hade dar.
« Tenho feito juramento
Na folhinha do Missal,
Bocca que beijou o conde
Frade não hade beijar.

—Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No meio da confissão
Um abraço me hade dar.
« Não permitta Deos do céo
Nem os santos do altar,
Braços que o conde abraçaram
Frades não hão de abraçar.

Começa-se elle a sorrir
No meio da confissão:

« Pelo rir estás parecendo
O Conde de Montalvão!
— Esse sou, minha senhora,
Criado para a salvar.

Montou-a no seu cavallo,
Foi á pressa a caminhar,
Quando veio a justiça
Não a puderam alcançar.

—Digam agora a seus manos
Que a venham cá accusar;
Digam agora a sua mãe
Que a venha cá fechar;
Digam tambem a seu pae
Que a mande agora queimar!
Vae na minha companhia
Para com ella casar.

33

Dona Areria

(Variante de Coimbra)

A cidade de Coimbra
Tem uma fonte de agua clara;
As moças que bebem n'ella
Logo se vêem pejadas.
Dona Areria bebeu n'ella
Logo se viu occupada.
Estando com seu pae á mesa
Seu pae que muito a mirava:

— Dona Areria, Dona Areria,
Parece que estás pejada?
« A culpa é dos alfaiates,
Que talharam mal a saia.

Chamaram-se os alfaiates
Á sua salla fechada,
Olharam uns para os outros:
= Esta saia não tem nada.
Ao cabo de nove mezes
Ella será abaixada.

Arrecolheu-se ao seu quarto
Muito triste, desmaiada.

— Dona Areria, Dona Areria,
Ámanhã serás queimada.

«Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar;
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de mui nobre linhagem.
Oh quem me dera um criado
Que me comêra o meu pão;
Que me levara uma carta
Ao conde de Montalvão.
=Escreva, menina, escreva,
Escreva do coração,
Que eu lhe levarei a carta
Ao conde de Montalvão.
=Aqui tem, oh senhor conde,
Carta de muito pesar;
Menina com quem dormiu
Ella aí vem a queimar.
—«Se tu me dizes devéras,
Cavallos mando apromptar;
A jornada de oito dias
Ainda hoje se hade andar.
=Lá ao fim de nove legoas
Liteiras se hão de encontrar.

Vestiu-se em trajos de frade
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi falar:

—«Pára, pára, oh da liteira,
Que eu te farei parar,
A menina que vem dentro
Ella vem por confessar:
—«Diga-me, minha menina,
Verdade me hade falar,
Se teve amores com clerigos
Ou com frades, mal pesar?

« Não tive amores com clerigos,
Nem frades de mal pesar;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.
— «Lá no meio da confissão
Um beijinho me hade dar.
«Onde o conde pôz a bocca
Padre algum lhe hade tocar.
— « Pois Dom Carlos sou eu mesmo
E comtigo heide casar.

34

Romance do Passo de Roncesval

(Versão de Trás-os-Montes)

—Quêdos, quêdos cavalleiros,
Que el-rei os manda contar!

Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar;
Era esse Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio,
Nos portos de mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o ha de ir buscar.
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar,

O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem no hade ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta redeas ao cavallo,
Sem mais dizer, nem falar...
Que lh'a sorte não cahira,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se vae andando
Não cessava de chorar;
De dia vae pelas montes,
De noite vae pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram ali passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal?

« Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fóra
Ninguem não no viu passar.

Vae andando, vae andando
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade
D'onde fôra Roncesval:
Os braços já tem cansados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atrás o velho triste,
Volta por um areal,
Viu estar um perro mouro
Em um adarve a velar:

— Por Deos te peço, bom mouro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o viste por'qui passar?
Hontem á noite seria,
Horas do gallo cantar,
Se entre vós está cativo
A oiro o heide pezar.
« Esse cavalleiro, amigo,
Diz'-me tu que signaes traz?
— Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal,
Na ponta da sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh'o bordou sua dama
Bordado a ponto real.
« Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.
— Não tórno a culpa a meu filho,
Nem aos mouros de o matar:
Tórno a culpa a seu cavallo
De o não saber retirar.

Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Ali se pôz a falar:
— « Não me tornes essa culpa,

Que m'a não podes tornar;
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e rédea,
Co'a senha de pelejar.
Tres vezes me apertou silhas,
Me alargou o peitoral...
Á terceira fui a terra
D'esta ferida mortal.

VERGEL DE ROMANCES MOURISCOS, CONTOS DE CAPTIVOS, LENDAS PIEDOSAS E XACARAS

IV— ROMANCES MOURISCOS E CONTOS DE CAPTIVOS

35

Fragmento de um Romance do Cid

(Versão de Gil Vicente)

Ai Valença, guai Valença,
De fogo sejas queimada,
Primeiro foste de Mouros
Que de Christianos tomada.
Alfaleme na cabeça
En la mano uma azagaya,
Guai Valença, guai Valença,
Como estás bem assentada;
Antes que sejam tres dias
De Moiros serás cercada.
. . . . . .
. . . . . .

36

Romances de Dom Gayfeiros

(Versão de Trás-os-Montes)

Sentado está Dom Gayfeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tavolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Se não quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:

—Para isso és Gayfeiros,
Para os dados arrojar;
Tua esposa lá têm mouros,
Não és para a ir buscar.
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar.

Palavras não eram ditas
Os dados vão pelo ar,
A que não fôra o respeito
Da pessoa e do logar,
Tavolas e taboleiro
Tudo fôra espedaçar:

—« Sette annos a busquei, tio,
Sem a poder encontrar;

Os quatro por terra firme,
Os tres por cima do mar.
Andei por montes e valles
Sem dormir, nem descançar;
O comer de carne crua,
No sangue a sêde matar,
Sangue vertiam os pés,
Cansados de tanto andar;
E os sete annos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Ella estava em Salsonha
Lá em palacio real!
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quizereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queiraes emprestar.
A minha esposa entre mouros
Eu a quero ir buscar.
—Minhas armas não te empresto,
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro
Não o quero mal vezar.

Dom Gayfeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar:

— « Bem parece Dom Roldão,
Bem parece mal pesar,
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.
— Bem parece, Dom Gayfeiros,
Bem se deixa de mostrar,

Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz falar.
Aquelle que mais te quer
Esse te hade castigar:
Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal!
Porque sei que és bom, o disse,
E agora armar e sellar.
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão ao teu mandar,
E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar.
—« Só quero ir, meu tio, só
Para melhor a tirar;
Venham armas e cavallo,
Que já me quero marchar.
« Oh que lindo cavalleiro
De tão gentil cavalgar!
—« Melhor sou jogando ás damas,
Com mouros a batalhar.
« Se sois christão cavalleiro
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar;
Pois me querem fazer moira,
E de Christo renegar.
Com um rei mouro me casam
De alem das bandas do mar,
Dos sette reis da moirama
Rainha me hão de coroar.
—« Esse recado, senhora,
Eu mesmo lh'o heide dar,
Pois Dom Gayfeiros sou eu,
Que vos venho a buscar.

A fala não era dita

Puzeram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar.
Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa moirama fóra
Sem mais temor, nem pesar;
Falando de seus amores
Sem de mais nada pensar.
Em terras da christandade
Por fim vieram a entrar,
As festas que se fizeram
Não teem conto, nem par.

37

Melisendra

(Variante de Trás-os-Montes)

— Sette annos são cumpridos
Bem n'os deves de contar,
Que a Melisendra é cativa
E a vida leva a chorar.
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar!

A seu tio Dom Roldão
Tal resposta lhe foi dar:

—«Os sette annos são cumpridos
Sem a poder encontrar!
Agora a saber sou vindo

Que a Salsonha foi parar.
E eu sem armas, nem cavallo
Com que a possa ir buscar!
— Eu sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
— « As vossas armas meu tio,
Que m'as não queiraes negar;
A minha esposa cativa
Como heide eu ir buscar?
— Em Sam João de Latrão
Fiz juramento no altar
De a ninguem emprestar armas
Que m'as faça acovardar.

Saltam-lhe os olhos da cara,
De merencorio falar:

—«De covarde a mim! ninguem
Nunca me hade appellidar!
— Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal.

Dom Roldão a sua espada
Ali lhe foi entregar:

— E mais terás o meu corpo
Para te ir acompanhar.
—«Mercês, meu tio, heide ir só,
Só, tenho de a ir buscar.
—Pois se queres ir só, sobrinho,
Esta te hade acompanhar;
Meu cavallo é generoso
Não o queiras sopear;
Dá-lhe mais rédea que espora,

N'elle te podes fiar.

Andando vae Dom Gayfeiros,
Andando a bom andar;
Por essas terras de Christo
Té á moirama chegar.
Ia triste e pensativo,
Cheio de grande pesar,
Para as portas de Salsonha,
Sem saber como hade entrar;
Melisendra em mãos de mouros
Como lh'a hade sacar?
Estando n'este cuidado
As portas se abrem de par,
El-Rei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar.
Furtou-lhe as voltas Gayfeiros,
Pelas portas foi entrar;
Deu com um christão cativo
Que ali andava a trabalhar:

— « Por Deos te peço, cativo,
E elle te venha livrar,
Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christan,
Senhora de alto solar,
Que anda cativa de mouros
E a vida leva a chorar?
« — Deos te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar!
E assim me dê outra vida,
Que esta se vae a chorar.
Pelos signaes que me déste
Já bem te posso affirmar,
Que a dama que andas buscando

Em palacio deve estar.
Toma essa rua direita,
Que leva ao passo real,
Lá verás pelas janellas
Muitas christãs a folgar.

Tomou a rua direita,
Que no palacio vae dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar
Sentada áquella janella,
Tão entregue ao seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não as sentia folgar.
Rua abaixo, rua acima,
Gayfeiros a passear:

« D'onde é o cavalleiro
De tão lindo passear?
— « O cavalleiro é christão
Das bandas d'alem do mar.
« Se o cavalleiro é christão
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar,
Em quanto eu presa e cativa.
A vida levo a chorar.
— « Esse recado, senhora,
Vós mesma lh'o haveis de dar;
Dom Gayfeiros aqui o tendes,
Que vos vem a libertar.

Palavras não eram ditas
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balcão abaixo
Se deitou sem mais falar.

Maldito perro de mouro
Que ali andava a rondar
Em altos gritos o mouro
Começava de bradar:

« — Accudam á Melisendra,
Que se vae para alem-mar.
— « Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!

Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo,
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,
Que o corpo ergueu por lh'a dar.
Assenta a esposa á garupa
Para que a possa abraçar;
Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe faz saltar,
Os mouros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cerrar,
Sette vezes deu a volta
Da cerca sem a passar,
O cavallo ás outo vezes
De um salto a foi saltar.
O rei que vinha da caça
Lá deitou a desfilar.
Sentiu logo Dom Gayfeiros
Como o iam alcançar:

— « Não te assustes, Melisendra,
Que é força aqui apear;
Entre estas arvores verdes

Um pouco me hasde aguardar,
Em quanto eu volto a esses perros,
Que os heide affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.

«—Renego de ti, christão
E mais do teu pelejar!
Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar;
Só se fosse Dom Roldão,
O encantado sem par.
—«Calla-te d'aí, rei mouro,
Calla-te, não digas tal,
Sou o infante Dom Gayfeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide mor de Paris,
Minha terra natural.

Gayfeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar:

«Ai, se vens ferido, esposo,
E que ferido hasde estar?
Eram tantos esses mouros,
E tu só a batalhar!
Mangas da minha camiza
Com ellas te heide pençar:
Toucas da minha cabeça
Faxas para te apertar.
—«Calla-te d'aí, infanta,
E não queiras dizer tal,
Por mais que foram-n'os mouros
Não me haviam fazer mal:

São de meu tio Roldão
Estas armas de provar.

A Paris já são chegados,
Já sáem para os encontrar,
Sete leguas da cidade
A côrte os vae esperar;
Sahia o imperador
A sua filha a abraçar:
Grande honra a Dom Gayfeiros,
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade
Todas o estão a louvar,
Pois libertou sua esposa
Com valor tão singular.

38

Romance de Branca-Flor

(Versão da Extremadura)

—Á guerra, á guerra, mourinhos,
Quero uma christã cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-me a christã cativa,
Que é para a nossa rainha.

Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima;
Os que foram mar abaixo
Não encontraram cativa;

Os que foram terra acima
Tiveram melhor atina.
Deram com o conde Flores,
Que vinha da romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago da Galliza.
Mataram o conde Flores,
A condessa vae cativa;
Mal que o soube a rainha
Ao caminho lhe sahia:

«Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da dispensa e da cosinha;
Que me não fio de moiras,
Que me não dêem bruxaria.
» Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha!
Hontem condessa jurada,
Hoje moça da cosinha.

A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha;
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das comadres,
Para ganharem alviçaras,
Deram á rainha o filho,
E á escrava deram a filha.

»Filha minha da minha alma,
Com que te baptisaria?
As lagrimas dos meus olhos

Te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca-Flor d'Alexandria,
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha.
Captivaram-n'a os mouros
Dia da Paschoa Florída,
Quando andava a apanhar rosas
N'um rosal que meu pae tinha.

Estas lastimas choradas
Veis la rainha que ouvia,
E co'as lagrimas nos olhos
Muito depressa accudia:

« Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta cativa;
Que se eu não fôra de cama
Eu é que a regalaria.

Mal se alevanta a rainha
Vae-se ter com a cativa:

« Como estás, oh minha escrava,
Como está a tua filha?
» A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.
« Se estiveras em tua terra
Que nome lhe chamarias?
» Chamava-lhe Branca Rosa,
Branca-Flor de Alexandria;
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que eu tinha:
Cativaram-n'a os mouros
Dia de Paschoa Florida,
Quando andava a apanhar rosas

N'um rosal que meu pae tinha.
« Se vira'la tua irmã
Se tu a conhecerias?
» Assim eu a vira nua,
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um lunar preto ella tinha. »
« Ai, triste de mim coitada,
Ai triste de mim mofina!
Mandei buscar uma escrava
Trazem-me uma irmã minha.

Não são passadas tres dias
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porem mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia.
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mãe com o filho nos braços
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:

« Quem se vira em Portugal,
Terra que Deos bemdizia!

Juntaram muita riqueza
D'ouro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa Maria,
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.

39

Romance da Moira Encantada

(Versão do Algarve)

Meia noite alem ressôa
Cerca das ribas do mar,
Meia noite já é dada,
E o povo ainda a folgar.
Em meio de tal folguedo
Todos quédam sem falar,
Olhos voltam ao castello
Para ver, para avistar
A linda moira encantada,
Que era triste a suspirar.

— Quem se atreve, ai quem se atreve
Ir ao castello e trepar,
Para vencer lo encanto
Que tanto sabe encantar?

Ninguem ha que a tal se atreva,
Não ha que em moiras fiar;
Quem lá fosse a taes deshoras
Para só desencantar,
Grande risco assim corrêra
De não mais de lá voltar.

— Ai que linda formosura,
Quem a pudera salvar!
O alvor dos seus vestidos

Tem mais brilho que o luar!
Doces, tão doces suspiros,
Onde ouvil-os suspirar?

Assim um bom cavalleiro
Se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito,
Em desejos seu olhar.
Tres horas eram passadas
N'este continuo anciar,
Cavalleiro d'armas brancas
Nunca soube arreceiar,
Invoca a linda moirinha,
Mas não ouve o seu falar;
Nada importa a Dom Ramiro
Mais que a moira conquistar.
Vae subir por muro acima,
Sente os pés a resvalar!
Ai que era passada a hora
De a poder desencantar.
Já la vinha a estrella d'alva
Com seus brilhos a raiar.
No mais alto do castello
Já mal se via alvejar
A fina e branca roupagem
Da linda filha de Agar.
Ao romper do claro dia,
Para bem mais se pasmar,
Sahiu do castello uma nuvem,
Era apenas a pairar.
Jurava o povo, jurava
E teimava em affirmar,
Que dentro d'aquella nuvem
Vira a donzellinha entrar.
Dom Ramiro de enraivado
De não poder-lhe chegar,

D'ali parte e contra os mouros
Grande briga vae armar,
Por fim ganha um bom castello,
Mas sem moira para amar.

40

Romance de Nossa Senhora dos Martyres

(Versão do Algarve)

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria;
Estrella do céo fulgente
Clara luz do claro dia,
Contar todos seus milagres
Quem contal-os poderia?
De todos o mais patente
Acha-se ahi n'essa villa
De Castro-Marim chamada,
Que já foi da mouraria.
É este santo milagre
De tal poder e valia,
Que em Portugal e Castella,
E mais ainda em Barberia,
A quantos bem o conhecem
Faz espanto e maravilha:

Era um christão que passava
Negra vida que tenia
Debaixo de duros ferros.
Lá para as bandas de Arzilla
Cativeiro mais penoso

Outro christão não havia.
O perro mouro infiel,
Que o comprara em Almeria,
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria.
Sempre o maldito do perro,
Que receioso vivia,
Maltratar o pobre escravo
Com ferrenha mão sohia.
Já invenção lhe faltava
De como elle o guardaria;
Mandou fazer um caixão
Muito forte em demasia,
E n'elle sem mais detença
O triste christão mettia;
Mas por certo inda o não dava
Apesar do que fazia;
Aquella mente maldita
Em mil receios ardia.
Nova ideia de tormento
Alma lhe enche de alegria;
Com uma grossa corrente
De pés e mãos o prendia,
E ainda sobre o caixão
O indino perro dormia!
Negro pão e agua turva
Era o manjar que tenia;
Mas uma ardente esperança
Que na Virgem Santa havia,
Vida nova lhe apontava
Sobre a que já lhe fugia.
A Virgem Mãe soberana
Invocava nóite e dia
Para que lhe désse n'alma
Vigor que se lhe extinguia,
E de todo o livrasse

De tão dura escravaria.
A Santa Virgem dos Martyres,
Que todo o seu rogo ouvia,
D'aquelle espirito afflicto
Muito bem se condoía;
O caixão, que em terra estava,
Cercado d'agua se via,
E com o perro do mouro
Que em cima d'elle dormia,
Á tona d'agua boiando
Tres dias assim corria.
Já despontava a manhã,
A manhã de um claro dia;
Novas areas se mostram,
Outras céos, outra alegria!
Da torre o gallo tres vezes
Este milagre annuncia;
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia
Sem que ninguem os tangesse,
Porque tudo inda dormia.
O ladrar de muitas cães,
Em todo o mar percutia.
Quando o perro ouviu os sinos
Sobre tudo se doria,
Que junto de terra extranha,
Terra que não conhecia,
Por sua desaventura
Com seu escravo se via!
Encalhado em fina areia
O mesmo caixão se abria,
Com rosto mais que magoado
O mouro ao escravo dizia:

— Christão, que paiz é este
De tão alta senhoria?

Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães
Logo ao despontar do dia?
— Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia;
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia.

Assombrado o sarraceno
Do que do christão ouvia,
Sem mais pergunta fazer-lhe
Da corrente o desprendia.

— Ergue-te, christão, perdoa-me
Todo o mal que eu te fazia;
Até hoje eras meu escravo,
Teu escravo sou n'este dia!

Para vêr este milagre
Toda a gente ali corria:
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem,
Caminho da santa ermida;
O mouro com viva crença
O baptismo requeria.
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria,
Tão crystallina e tão pura,
Que a todos pasmar fazia.
Com esta agua bemdita,
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptisado

O mouro da Barbária.
Baptisado o agareno,
Ao pé da fresca fontinha
Se formára um lindo mar
D'aquella agua que corria.
E para maior milagre
Ao cabo de sete dias
Mesmo no meio das aguas
Um verde freixo nascia,
Que o que mais maravilhava
Era o vêr como crescia!
Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria;
De Portugal e Castella
Tudo ali corre em seu dia.

41

Romances do Cativo de Argel

(Lição manuscripta do seculo XVII)

— Mi madre era de Hamburgo,
Mi padre de l'Antequera;
No hubo perro, ni mouro
Que por mim ni blanca dera;
Si no um perro Judio
Que alcançar-me não debera.
Daba-me una vida mala,
Daba-me una vida perra,
De dia a moêr esparto,
De noche a pizar canella,
Com uma mordaça na bocca
Para lhe não comer d'ella.

Quiz Deos e Santa Maria
Dar-me uma Ama tam bella;
Quando perro ia a caçar
Cataba-me na cabeza.
Daba-me a comer pan blanco
Del que El-Rey Moro comia,
Daba-me a beber bon vino
Del que El-Rey Moro bebia.
Muitas vezes me decia:

« Christiano, vae p'ra tu tierra.
— Como me heide ir, mi señora,
Dexar una Ama tam bella!
« Mais vale tu liberdade,
Que amores em terra alheia.
— Como me heide ir, mi señora,
Se me falta la moneda?
« Mete a mão en tu faltriquera,
Docientos dobrões te dera,
Cento para teu resgate,
Cento para tua [illegible].

— « Vem ali, oh Christiano,
Quem te dió tanta moneda?
— Fue un vecino mio
Venido de minha tierra.
— « Queres tu, oh Christiano,
Seres Mouro arrenegado?
Dera-te os mais lindos olhos
Que em Argel foram criados.
— Como me tornarei Mouro,
E Mouro arrenegado,
Se eu já tenho em mi pecho
A Jesus crucificado?
— « Se eu soubera, Christiano,
Que eras assim avisado,

Em dias de tua vida
Nunca fôras resgatado.
« Oh, mi padre, oh mi padre,
Dexe ir el Christiano,
Que el no me deve nada,
Debe-me a flor de mi bocca,
Dou-lh'a por bem empregada.

42

O Cativo

(Variante de Lisboa)

— Eu vinha do mar de Hamburgo
N'uma linda Caravella;
Cativaram-nos os mouros
Entre la paz e la guerra.
Para vender me levaram
A Salé, que é sua terra,
Não houve mouro, nem moira
Que por mim nem blanca dera;
Só houve um perro judio
Que alí comprar-me quizera.
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra:
De dia pisar esparto,
De noite moêr canella,
E uma mordaça na bocca
Para lhe não comer d'ella.
Mas foi a minha fortuna
Dar com uma patrôa bella,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ella.
Dava-me do que eu queria,
..

E mais do que eu não quizera,
Que nos braços da judia
Chorava, que não por ella.

Dizia-me então: «Não chores,
Christão, vae á tua terra.
— Como me heide eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?
« Se fôra por um cavallo
Eu uma egua te dera,
Se fosse por um navio
Dar-te-hia uma galera.
— Não fôra por um cavallo,
Não fôra, senhora bella,
Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castella.
Nem por navio não fôra,
Que eu fugir não quizera,
Que era roubar a teu pae
Dinheiro que por mim dera.
« Toma esta bolsa, christão,
Feita de seda amarella;
Minha mãe quando morreu
Me deixou senhora d'ella.
Vae-te, paga o teu resgate,
E ás damas da tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto vale mais que o d'ellas.

Palavras não era ditas
O patrão que era chegado:

— Venhaes embora, patrão,
E vinde com Deos louvado,
Que agora recado tenho
De que chega o meu resgate.

—«Christão, christão, que disseste!
Olha que é muito cruzado!
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?
—Duas irmãs m'o ganharam,
Outra m'o tinha guardado;
E um anjo do céo m'o trouxe,
Um anjo por Deos mandado.'
—«Dize-me, oh christão, dize
Se queres ser renegado?
Que te heide fazer mouro,
Senhor de todo o meu estado.
—Eu não quero ser judio,
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor
De todo esse teu estado,
Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado.
—«Anda cá, oh filha Angelica,
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo christão maldicto
Que ficaste desgraçada?
«Meu pae, deixe o christão, deixe,
Que elle não me deve nada;
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.

Mandou fazer uma torre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os mouros:
A judia é deshonrada.

«Viola, minha viola,
Fica-te aqui pendurada;
Que os amores da Judia
Vão por essa agua salgada.

V — LENDAS PIEDOSAS

43

Jesus Mendigo

(Versão do Minho e Beira Baixa)

Indo um lavrador p'ra arada
Ai Jesus!
Encontrou um pobresinho,
Ai Jesus!
E o pobresinho lhe disse:
Ai Jesus!
Leva-me n'esse carrinho.
Ai Jesus!

Levantou-se o lavrador
Ai Jesus!
A pôr o pobre no carro,
Ai Jesus!
Levou-o p'ra sua casa
Ai Jesus!
Para a melhor sala que tinha;
Ai Jesus!
Mandou-lhe fazer a cêa
Ai Jesus!

Do melhor manjar que havia,
Ai Jesus!
E depois da meza posta
Ai Jesus!
O pobre nada comia.
Ai Jesus!
Mandou-lhe fazer a cama
Ai Jesus!
Da melhor roupa que tinha,
Ai Jesus!
Por baixo damasco roxo,
Ai Jesus!
Por cima cambraia fina.
Ai Jesus!

Era meia noite em ponto,
Ai Jesus!
O pobresinho gemia.
Ai Jesus!
Levantou-se o lavrador
Ai Jesus!
A vêr o que o pobre tinha;
Ai Jesus!
Achou-o crucificado
Ai Jesus!
N'uma cruz de prata fina.
Ai Jesus!

— Meu Senhor, quem tal soubera
Ai Jesus!
Que em minha casa vos tinha,
Ai Jesus!
Mandava fazer preparos
Ai Jesus!
Que a minha casa não tinha.
Ai Jesus!

« Cala-te, oh lavrador,
Ai Jesus!
Não te enchas de phantasia,
Ai Jesus!
No céo te tinha guardado
Ai Jesus!
Cadeira de prata fina:
Ai Jesus!
Outra p'ra tua mulher
Ai Jesus!
Que tambem a merecia.
Amen Jesus!

44

Romance de Santo Antonio e a Princeza

(Versão do Algarve)

Achava-se em Realmonte
Com sua côrte real,
Casada uma princeza,
Princeza de Portugal.
De Antonio, santo varão,
Do seu paiz natural,
Devota a princeza era
Por crença a mais singular;
Filha infante ella tinha
Mais formosa que o luar;
Mas a infante era um anjo,

E ao céo se foi parar.
Toda a côrte lá se ajunta
Para lhe o corpo levar;
Mas não consente a princeza
Que o levem a soterrar.
Tres dias eram passados
E ainda por sepultar;
A mãe em continuo pranto,
Mas a filha a regelar;
Sómente ella não chorava,
Que estava a bom resar
Ao santo varão Antonio
Que tanto soubera amar;
Á infante encommendava
Para lhe a resuscitar;
Com grande fé verdadeira
Assim começa a orar:

—« Santo que sois de mi terra
Onde não ha outro igual,
Que por todo o mundo andavas
Noite e dia a milagrar!
A esta vossa devota
Vinde por Deos escutar;
Aquella que vêdes morta
Mandae-a resuscitar,
Mais sete dias de vida
Depois fazei-a expirar:
Afugentai-me esta ausencia,
Que a não posso supportar:

Inda a oração era em meio
Já no céo ia a entrar:

— Sete dias tens de vida
Podes á terra voltar.—

Disse Deos e santo padre,
A vida lhe foi a dar.
Do atahude se erguera
A infante de Portugal,
E com divinal semblante
Á princeza foi falar:

» Senhora mãe que choraes,
Onde me quereis guardar?
Aqui me tendes na terra
Onde já não sei estar.
D'entre as virgens me arrancastes,
Sem saber, por meu pesar;
Deixae-me, senhora mãe,
Que eu no céo tenho um altar;
Eu apenas vim ao mundo
Para vos vir consolar.
Prometteis, senhora mãe,
De não mais por mim chorar?
—« Assim o prometto, oh filha,
Podes para Deos voltar:
Ora por mim tu que és anjo,
E que no céo tens altar.

Os sete dias findavam
Ao nascer de o luar,
A alma da bella infante
Para o céo se viu voar;
O corpo que era de terra,
Á terra o foram levar.
Toda a côrte se espantava
De não vêr a mãe chorar.

45

Romances de Iria a Fidalga

(Versão de Santarem)

«Estando eu á janella co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada:
Meu pae lh'a negou: quanto me custava!

Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.

Roguei e pedi, muito lhe pezava!
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

Ás mãos lhe dei agua, elle se lavava;
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me falava,
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus olhos lindos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cêa, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava;
Tam má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite, que me eu suffocava,
Sinto que me levam com a bocca tapada....

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfillada.

Sem abrir os olhos vi quem me roubava;
Calei-me e chorei, elle não falava.

D'ali muito longe, que me perguntava:
Eu na minha terra como me chamava.

Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria a cansada.

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava....

Horas esquecidas que por mim luctava;
Nem força, nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange... ali me matava,
Abriu uma cova onde me enterrava.

No fim de sette annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

— Minha santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares serei teu romeiro.

« Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.

46

Santa Iria

(Variante da Covilhã)

« Estando eu a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,

Veio o cavalleiro pedindo pousada,
Se lh'a meu pae dera, estava bem dada.

Deu-lh'a minha mãe, que mui me custava,
Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia noite, a casa roubada,
De tres que nós éramos só a mim levava.

Eram sete leguas, nem fala me dava,
Lá para as oito é que me perguntava:

— Lá na tua terra como te chamavam?
« Lá na minha terra era eu morgada,

Cá n'estas montanhas serei desgraçada.
— Por essa palavra serás degollada.

Ao pé de um penedo serás enterrada,
Coberta de rama bem enramalhada.

No fim de sette annos por ali passava,
E a todos que via lhe perguntava:

— Dizei-me, pastores que guardaes o gado,
Que ermida é aquella que alem branquejava?

= É de Santa Iria bemaventurada,
Que ao pé de um penedo morreu degollada.

— Oh minha santa Iria, meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte, serei teu romeiro.

« Não te perdôo, ladrão carniceiro,
Que me degollaste, que nem um carneiro.

Veste-te de azul, que é a côr do céo,
Se elle te perdoar, perdoar-te quero.

47

Santa Helena

(Variante do Minho)

'Stando santa Helena
Á porta assentada,
Cosendo mui linda
Na sua almofada,
Sua agulha de ouro,
Seu dedal de prata,
Veio um cavalleiro
Pediu-lhe pousada.

« Se meu pae lh'a dera
Está mui bem dada.

Entrou para dentro,
Logo se assentou;

Fizeram-lhe a ceia,
Elle não ceiou;
Fizeram-lhe a cama,
Então se deitou.
Lá por meia noite
Se alevantou;
De tres irmãs que eram
Só n'ella pegou.
Levou-a p'r'o monte
E lhe perguntou:
Como lhe chamavam
E como a tratavam
.....

«Em caz' do meu pae
Helena fidalga,
Agora na tua
Serei desgraçada.

Puchou pelo alfange
E logo a matou,
Cobriu-a de ramos,
Ali a deixou.
Findos sette annos
Por ali tornou:

— Pastorinhos novos,
Que guardaes o gado,
Que ermida é aquella
Que está n'aquelle adro?
=É de Santa Helena,
Morreu degollada.
— Minha santa Helena,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte,
Serei teu romeiro.

48

Romance da Devota da Ermida

(Versão de Trás-os-Montes)

No alto d'aquella serra
Está uma bella ermida;
Uma devota está 'nella,
Serva da Virgem Maria.
Uma visinha da porta
Mau testimunho lhe erguia:
Ella que andava d'amores
Com um sacerdote de missa!
Sacerdote se agastava,
E ella pena não tinha.
Veio o marido de fóra:

« Boa seja a vossa vinda,
Que vos quero perguntar
Que vae lá por essa villa.
— Que te confesses, traidora,
Que te vou tirar a vida.
« Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Eu confessar-me queria.
Marido, se me matares,
Enterra-me na Ermida
Aos pés de Nossa Senhora,
Aos pés da Virgem Maria.

Prenhadinha de oito mezes
Para os nove corria;
No cabo dos nove mezes

Um lindo cantar se ouvia.
Abriram a sepultura
Onde a encontraram parida,
Com uma menina nos braços,
Que se chamava Maria.

— Perdoa-me, oh Mariquinhas!
Perdoa-me, oh mulher minha!
« Como te heide eu perdoar
Se a' tua alma está perdida?
A minha está na gloria
Dos anjos bem assistida.

49

Oração do Dia de Juizo

(Versão do Minho)

Por aquella noite escura
Morreu uma criatura,
Com grande arrependimento,
Sem receber sacramento!
Suas culpas e peccados
Foram á face de Christo.

— Oh meu senhor Jesus Christo,
Aqui visitar-vos venho;
Sou a alma mais perdida
Que tem o vosso rebanho.

« Escuta, oh alma zellosa,
Que primeiro te escutei;
Ensinei-te a benzer,
Não quizestes aprender.
Lá te deixei meus jejuns,
Sempre passaste comendo.
Lá te deixei meu Calvario,
Sempre passaste correndo.
— « Oh meu filho tão amado,
Oh meu filho tão querido!
Filho, salva-me aquella alma,
Pois que se me vae perdendo.
« Pois a minha Mãe o manda
Faço o seu mando correndo:
Sam Miguel pesae as almas,
Ponde pesos na balança.

Os peccados eram tantos,
Foram com elles ao chão!
Pôz Nossa Senhora o manto,
Ficaram pesos suspensos:
Com a graça de Maria
Ficou a alminha contente!
Quem esta oração disser
Um anno continuamente,
Terá pòr certo viver
Lá no céo eternamente.
Quem a sabe e não a diz,
Quem a ouve e não a aprende,
Lá no Dia do Juizo
Saberá o bem que perde.

50

Romance do Terremoto de Villa Franca do Campo

(Lição de Gaspar Fructuoso)

Em villa Franca do Campo,
Que de nobre precedia
Na Ilha de Sam Miguel
A quantas villas havia,
Era de mil e quinhentos
E vinte e dois que corria;
Vinte e dois dias d'outubro,
Quarto da lua seria;
Correu a terra de um monte
Que da alta serra pendia,
E com ímpeto furioso
Sobre a villa se estendia.
Alí começa a dar gritos
A gente que se affligia;
D'elles chamavam por Deos,
D'elles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum d'elles perecia;
Todos cobertos de terra,
E de grande penedia,
Que correu d'aquella serra,
Que sobre a villa jazia.
Essa gente que escapara,
Como pasmada morria.
Outra que viva ficava,
Vivendo assi, não vivia.
Aqui chega Frei Affonso,
E com a tocha que trazia

Da Ordem de Sam Domingos
De Toledo reluzia,
Esse Padre glorioso
Que da gloria parecia.
Para consolar o povo,
Assi falava e dizia:
—Confessae-vos, irmãos meus,
Em quanto vos tem o dia.
Resae todos o rosario
Da Virgem Santa Maria,
Edificae-lhe uma Casa,
Indo a ella em romaria.
Tomae-a por valedora,
Que ella por vós rogaria,
Tende n'ella confiança,
Que certo vos valeria.

Não acaba de falar,
Quando a casa se fazia,
Uns acarretando pedra,
Outros madeira á porfia.
Trabalham moços e velhos,
Pessoas de grão valia;
Até as nobres mulheres
Serviam sem fantazia.
Trazem telhas e telhados,
Que no arrabalde havia,
Como formigas ligeiras
Andam a quem mais faria.
Tanto que em poucos dias
A Ermida já servia,
Já celebram missa n'ella,
Já lá vão em romaria.

VI— XACARAS E COPLAS DE BURLAS

51

Xacara da Linda Pastorinha

(Versão da Beira-Baixa)

— Deos te salve, Rosa,
Lindo seraphim!
Linda pastorinha
Que fazeis aqui?

Que fazeis pastora
Por essa ribeira?
Tirae-vos do sol,
Do sol que vos queima.

« O sol não me queima,
Que estou calejada
Do rigor da chuva,
Do rigor da calma.

— Tão gentil senhora
A guardar o gado,
Ao longo do rio
Tão bem repastado.

« Criado tão nobre
Com meias de seda!
Olhe não as rompa
Por essa resteva.

— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Pela pastorinha
Tudo eu farei.

« Por altas montanhas
Ouço gritar gado;
São as ovelhinhas
Que me tem faltado.

— Dê-me cá a cesta,
Tambem o cajado,
Que eu lh'as vou buscar
Com todo o cuidado.

« Vá-se embora, homem,
Não me dê tormento;
Não o posso vêr
Nem por pensamento.

— O que está de ingrata,
Tão impertinente!
Homens não são lobos
Que comam a gente.

« Eu se sou ingrata
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Assim me convem.

— O teu gado, Rosa,
Eu aqui t'o trago:
Um formoso moço
Para teu criado.

Não tenha esse medo
Que o gado se perca,
Por aqui passarmos
Uma hora de sésta.

« Vá-se d'aí, negro,
Não me dê mais pena;
Que aí vem meus amos
Trazer-me a merenda.

— Isso é que eu quero
Que venham seus amos;
Quero que elles saibam
Que falamos ambos.

« Tal razão como essa
Não a ouvirei;
Já dirão meus amos
Que de mais tardei.

— Diga-lhe, menina,
Que se demorou
Com esta nuvem d'agua
Que tudo molhou.

« Va-se d'aí, homem,
Não me dê tormento;
Não o quero vêr
Nem por pensamento.

— Que tem a menina
Que está agastada?
No meu coração
Trago-a retratada.

Uma vez que quer
Que me vá embora,
Lá verá o gado
Que vae serra fóra

« Se vae serra fóra
Pois deixal-o ir;
Se o não matarem
Tornará a vir.

— Por altas montanhas
Corre grande p'rigo;
Oh linda pastora
Queira vir commigo.

« Não é de homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer que se perca
O gado alheio.

— O gado alheio
Não quero se perca;
Quero que tenhamos
Uma hora de sésta.

« Guardemos a sésta
Lá para depois;
Eu quero saber
Quem é que vós sois.

— Sou filho da côrte,
Assisto em palacio;
Linda pastorinha
Dae-me um abraço.

Já me vou embora
Pela serra acima,
Linda pastorida
Dae-me a despedida.

« Venha cá, oh homem,
Venha aqui correndo;
O amor é cego,
Já me vae rendendo.

— Se você me chama
Eu me vou andando,
Que a aposta que fiz
Já a vou ganhando.

« Bem sei o que queres,
Queres um abraço;
O abraço se o deres
Dá bem apertado.

O abraço se o deres
Dá-m'o apertado,
Para apagar penas
Que commigo trago.

— O abraço que der
Não tem má tenção,
Cala-te lá, Rosa,
Que sou teu irmão.

Quer ella a menina
Que demos um brado
A gente do povo
Que accudam ao gado?

« Oh gente do povo
Accudi ao gado,
Que foge a pastora
Com o seu namorado!

Eu quero fugir,
Que é ventura minha;
Depois de pastora
Irei ser rainha.

— Se a pastora foge,
Deixal-a fugir,
Nem cravos, nem rosas
Lhe hão de accudir.

Digo-te a verdade,
Do meu coração:
Não sou teu esposo,
Mas sou teu irmão.

—

Digo-te a verdade,
Oh meu camarada;
A aposta que fiz
Já cá vae ganhada.

52

Xacaras dos Conversados

(Versão de Coimbra)

Fui indo áquella casa
Com pequena confiança,
Com o sentido apurado,
Já com a minha lembrança.

Fui indo ali aos domingos
E dias santos do anno;
Procurando a certeza,
Ou então o desengano.

Já n'isso lhe ia tocando
Com boa sinceridade;
Para vêr se ella me tinha
Parte de alguma amisade:

— Oh que estado tão bonito
De solteiro bem logrado;
Mas pretendo a menina
Se quizer mudar de estado.

« A resposta ao seu recado
Eu lh'a darei quando fôr,
Eu não lhe dou a certeza
Sem sabêr seu interior.

— P'ra saber meu interior
Quinze dias lhe heide dar;
Bem pode tirar inculcas
Para se certificar.

«Vá indo e vá voltando,
A resposta eu lh'a darei;
Se você me fôr leal,
Eu sempre firme serei.

— Que palavrinhas tão doces,
Com ellas me consolou;
Se você jura ser firme,
Eu tambem leal lhe sou.

«Sou a mesma que aqui estou,
E lhe torno a affirmar,
Se você de mim pretende
Trate de a meu pae falar.

— Se essa é a sua duvida
Eu já d'ella a vou tirar,
Falando eu a seu pae
Quero com você casar.

«Commigo pode contar,
A certeza eu lh'a darei;
Se meu pae lhe der o sim,
Eu sempre firme serei.

— Eu já com seu pae falei,
Elle me disse prudente:
Se você quizer ser minha,
Da sua parte é contente.

« Não o diga a muita gente
Por murmuração não dar;
Que isto anda em segredo
Em quanto se não falar.

— Quero recommendar
Algumas recommendações,
Temos tratado de tudo
Faltam agora os pregões.

« São boas recommendações
Com que se deve importar,
Tratemos de os fazer
E na egreja os ir prantar.

— Já os banhos são corridos,
Estamos apregoados;
Vamos agora tratar
Do dia d'este noivado.

« E bem dado esse recado,
Commigo pode contar,
Espere mais algum tempo
P'ra me poder arranjar.

— Ora vâmos lá com isso,
Deos lhe a saude conserve,
Eu tenho casa e vida,
Não tenho quem m'a governe.

« Se não tem quem lh'a governe
Já não é por muito tempo;
É emquanto não arranjo
O fato do casamento.

Eu com isso fui contando,
Ella ficou descansada;
Estando na fonte um dia
Pedi-lhe um pucaro de agua:

— Que pucaro tão formoso,
Que agua tão saborosa!
Tomára ser seu esposo
P'ra você ser minha rosa.

« Se essa agua é gostosa
E gosto que Deos lhe deu;
Sendo você meu esposo
Já sua rosa sou eu.

53

A Conversada da Fonte

(Versão de Penafiel e Coimbra)

— Entre canas e canaes
Agua deve de nascer;
Menina que estaes na fonte
Dê-me agua, quero beber.

« Por um pucarinho novo
E rodeado de flores,
Quem me fôra tão ditosa
Que désse agua aos meus amores.

Que désse agua aos meus amores
Mais á Senhora da Guia;
Diga-me, senhor manata,
Se vem por alguma via.

— A via por que aqui venho
Eu lhe digo na verdade,
Venho por passar o tempo
Que é cousa da mocidade.

« Essa sua mocidade
Já me vieram dizer,
Que a sua sabedoria
Se occupava em saber ler.

— Não sei ler, nem escrever,
Nem tambem tocar viola;
Eu desejava aprender
Na sua real eschola.

« Na minha real eschola
Você não hade aprender,
Andam mestres mais bonitos
Desejosos de saber.

— Oh minha gaia menina,
Que tão forte me falaes,
Se até aqui mui vos queria,
Agora vos quero mais.

« Ainda mais vos quero eu
Da raiz do coração;
Mas tambem comtudo isso
Não haveis de pôr a mão.

— Oh que lindas, oh que lindas,
Pois ellas assim serão?
Dá-me licença, menina,
Para vêr como ellas são?

« A licença vós a tendes,
Mas por ora ainda não;
Não haveis de ser o gabo
Que lhe haveis de pôr a mão.

— Eu a mão não vol-a ponho,
Nem menos bulo comvosco;
Só de estar ao pé de ti
D'isso faço muito gosto.

« Tendes gosto desgostae,
Que não é por via vossa;
Esta rosa que aqui vêdes
Já é d'outro, não é vossa.

— Se ella é d'outro e não é minha,
Inda o póde vir a ser;
Menina, diga a seu pae
Que nos mande arreceber.

« Isso não lhe digo eu,
São palavras escusadas,
Que eu sou rapariga nova
Para ir governar casas.

— Outras de menor edade
São casadas, tem marido,
Assim serás tu, oh Rosa,
Quando casares commigo.

Casarei, não casarei
Quando vier outra vez;
Diga, menina, a seu pae
Que elle tambem assim fez.

« O recado está dado,
Vós, magano, vós o déstes;
Se já sabeis o caminho
Tornae por onde viestes.

— O caminho bem o sei,
Por elle heide de tornar,
Se vós me deres a prenda
Que eu aqui venho buscar.

« Eu a prenda não a dou,
Que a tenho na janella,
Para dar ao meu amor,
Que faz grande gosto d'ella. »

54

Os estudos de Coimbra

(Versão de Penafiel)

— Os estudos de Coimbra
Para te amar aprendi;
Com penas e saudades
Uma carta te escrevi.

« Com penas e saudades
O meu coração chorou;
A carta que me escreveste
Ainda cá não chegou.

— Antoninha, cara linda,
Eu queriate falar;
A vergonha me retira,
O amor me faz chegar.

« Eu falar-te, falaria
De todo o meu coração;
Quem me dera adivinhar
Qual era a tua tenção.

— A minha tenção é boa,
Mas é só para comtigo;
Se eu saír d'esta terra
Heide-te levar commigo.

« Eu comtigo não iria,
Que diria a minha gente?
Que ficava d'esta terra
Desterrada para sempre.

— Oh menina não se assuste,
Não é caso de assustar;
Se eu em fama te meter,
Da fama te heide livrar.

« Eu a fama não a tenho,
Mas ella me póde vir;
Fale baixo, não acorde
Meu pae, que está a dormir.

— Teu pae, que está a dormir,
Está em somno socegado;
Dize-me, oh minha menina,
Se eu serei do teu agrado?

« Oh do meu agrado é,
Que mais o não pode ser;
Ausente da tua vista
Melhor me fôra morrer.

55

Xacara do Cego andante

(Versão da Beira-Baixa)

— Abre a porta, Anna,
Abre o teu postigo;
Dá-me um lenço, amor,
Que venho ferido.

« Se vindes ferido,
Vinde muito embora;
Porque a minha porta
Não se abre agora.

— Abrí-me vós a porta,
Ao menos o postigo;
Venham dar esmola
Ao pobre ceguinho.

«Acorde, minha mãe,
Acorde de dormir;
Ande ouvir o cego
Cantar e pedir.

— «Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho;
E o pobre do cego
Que vá a seu caminho.

— Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho,
Só quero que a menina
Me ensine o caminho.

— «Péga, minha filha,
Na tua roca e linho,
Vae ao triste cego
Ensinar o caminho.

«Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho,
Agora adiante, cego,
Lá vae o caminho.

— Ande a menina
Mais até alem,
Que eu ainda sou cego
E não vejo bem.

Ande a menina
Mais um boccadinho;
Ande mais até
Áquelle verde espinho.

Ande a menina
Por este carreiro;
Ande até áquelle
Verde centeio.

Ai, arreda, arreda
Para este altinho;
Que aí vem cavalleiros
Por esse caminho.

« Adeos, minhas casas,
Adeos minhas terras,
Adeos minha mãe,
Que tão falsa me eras;

De Condes e Duques
Me vi pretendida;
Agora de um cego
Me vejo vencida.

Que gente é aquella
De cavalleria?...
— Ai, arreda, arreda
Para este altinho.

Se vem cavalleiros,
Vem devagarinho,
Que ha muito me tardam
Por este caminho;

É a minha mãe
Mais sua madrinha,
Que a vem buscar
Para a terra minha.

56

Xacara da Moreninha

(Versão do Porto)

Frei João se levantou
N'uma bella madrugada,
Chega á porta da Morena,
Da Morena engraçada:

—Abre-me a porta, Morena,
Morena da minha alma.
« Comote beide abrir a porta,
Frei João da minha alma?
Tenho o menino nos braços
O meu marido á ilharga.
—« Com quem falas, mulher minha,
A quem dás as tuas falas?
« Falo com a padeirinha,
Se cozia ou se amassava;
Se cozia pão de trigo
Que lhe não botasse agua;
Se cozia pão de ló
Uma pinguinha bondava;
Levantae-vos, meu marido,
Levantae a vossa casa,
Mandae as moças á lenha,
E os criados buscar agua;
Que o melhor coelhinho
E o que sae de madrugada. »

Seu marido que saía,
Ella muito se aceiava;

Seu sapato de setim,
Que de polido estalava;
Sua mantinha de seda,
Que o ventinho levantava.
Chega á porta do Convento
Por Frei João perguntava;
Frei João que tal ouvia
Por vir a correr saltava,
Pegou-lhe pela mãosinha
E para a cella a levava;
Deu-lhe muito de comer,
Deu-lhe muita marmelada,
Deu-lhe um copinho de vinho
Do melhor que a Ordem dava:

— Fica-te embora, Morena,
Morena da minha alma,
Vou á Egreja de Sam Pedro
Dizer a missa cantada.

No meio do Evangelho
O calix cahiu da mão;
Acodiu o Provincial
E toda a Religião:

= O que é isto, meus peccados!
O que é isto, Frei João?
— São amores da Morena
Que trago no coração.

Moreninha que tal viu,
Saíu muito apaixonada,
Já no meio do caminho
Seu marido encontrava:
— «D'onde vindes, mulher minha?
Que vindes tão arreiada?

« Venho de fazer visitas
A quem veio á nossa casa.
— « D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão insentada?
Ou tu me temes a morte,
Ou tu não és bem fadada!
« Eu a morte não a temo,
Pois d'ella heide morrer;
Temo só os meus meninos,
D'outra mãe podiam ser.
— « Confessa-te, mulher minha,
Faz acto de contrição,
Que te não tornas a vêr
Nos braços de Frei João.

57

Xacara do Soldado

(*Versão de Trás-os-Montes*)

Lá se vae o capitão
C'os seus soldados á guerra;
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva.
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa traz a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
— Porque vás triste, soldado,
Essa paixão por quem era?

« Não é por pae, nem por mãe,
Nem por irmão que eu tivera,
É pela esposa que deixo,
Lá tam só na minha terra.
Este cordão de ouro fino,
Que sete arrateis bem péza,
Mais me pesa a mim leval-o,
Que ao partir lh'o não dera.
—Soldado, tens sette dias
Para que voltes a vel-a.
Se a encontrares chorando,
Fica sete annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.

Quem saltava de contente
O meu soldadito era;
Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettera.
Inda não é meia noite
Á sua porta batera.

—«Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?
«É um soldado, senhora,
Que vos traz novas da guerra.
—«Mal haja as novas que traz
E mais quem veio trazel-as!
Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado,
Que a tam má hora aqui chega.
=Amigo, vindes errado
Co' as vossas novas da guerra;
Deixae-nos dormir em paz,
Que bem precisamos d'ella.

Foi-se d'ali o soldado
Mais prompto do que viera:

« Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sette dias de aguardo....
Nem sette horas carecêra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomae lá, meu capitão,
Os mimos da minha terra,
Este cordão de ouro fino,
Que agora inda mais me pésa;
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantel-a.
— Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó d'ella?

58

Xacara do Toureiro namorado

(Versão da Beira-Baixa)

Lá acima em Catalunha,
Junto ao pé de Sevilha,
Correm os moços um touro
Que admirar-se podia.
O touro era tam bravo,
Ninguem esperal-o queria!
Nomearam capitão
Um moço da mesma villa;
Calçava meia de seda,

Seu sapato de palmilha,
Com seu chapeo aprumado
Com tres plumas que tinha.
Volta pela rua abaixo,
Volta pela rua acima,
Ergueu os olhos ao céo
A vêr a hora que seria.
Vae da uma para as duas,
Já passava do meio dia.

— Alerta, álerta soldados,
Álerta, nobre companhia;
Deitem o touro cá fóra,
Que já passa do meio dia.

O touro era tam bravo,
Ninguem esperal-o queria!
Esperava-o aquelle moço
Para mostrar valentia.
Sette voltas deu ao curro,
Outras sette á mesma villa;
Metteu-lhe a chave direita
Entre a sóla e a palmilha.
Não lhe accudiu pae, nem mãe,
Nem irmã, que a não tinha;
Accudiu-lhe uma esposa
Pelo amor que lhe tinha,
Accudiu-lhe toda a gente
Pela lastima que via.

— Se eu morrer d'esta morte,
Como d'ella estou esperado,
Não me toquem a campana,
Nem me enterrem em sagrado,
Enterrem-me áquella quina
Aonde foi o namorado.

59

Xacara da Tecedeira

(Versão da Beira-Alta)

— Quero fazer uma aposta,
Ou eu não sei apostar:
De dormir com Mariana
Antes do gallo cantar.
« Tal cousa não faças, filho,
Que não a hasde ganhar;
Mariana é mui sisuda,
E não se deixa enganar.

Não quiz ali dizer nada,
Não quiz ali mais falar;
Vestiu traje de donzella,
Ao jardim foi passear.

« Quem é aquella donzella,
Que alem anda a passear?
— « É a tecedeira, senhora,
Que vem das praias do mar;
Tem a sua têa urdida
E a falta vem-na buscar.
« Essa falta eu a tenho,
Mas não a posso dobar.
— Dobe-a já, minha senhora,
Trate de a mandar dobar;
De noite pelo caminho
Donzellas não hãode andar.
« Para a honra da donzella

Aqui hade hoje poisar.
—Tendes criados tão moços,
Mui atrevidos no olhar!
« Para a honra da donzella
No meu quarto hade ficar.

A donzella de contente
Á noite não quiz cear,
Estava a cahir com somno
Que se quiz logo deitar.
Lá por essa noite adiante
Mariana de gritar!

— Cala-te, oh Mariana,
Não te queiras desgraçar;
Tinha a têa já urdida
A falta vim a buscar.
Aos sete para outo mezes,
Sem o teu pae reparar,
Quando te vires pejada
Eu comtigo heide casar.

60

Despedida de Lisboa

(Versão de Coimbra)

Dom João, que Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.
O Conde se aparelhou,
De uma maneira tão bella!

Era meia noite em ponto,
Deitou o tiro de leva.
Deitaram a lancha a terra
Para a maruja embarcar,
Uns abordo, outros na praia,
Outros na lancha a chorar.
Deitaram novos apitos
Encastoados em ouro;
Oh que bello commandante
Que leva o real thesouro!
Deitaram novos apitos
Encastoados em prata;
Oh que bello commandante
Que leva a real fragata!
Deitaram novos apitos
Encastoados em latão;
Oh que mestre e contra-mestre,
Tão malvado guardião.

Adeos oh Beato Antonio,
Melhor cousa de Lisboa!
Deos nos leve a salvamento
A esta coverta bôa.
Adeos oh Caes do Tojo,
Aonde está o cativo;
Eu me encommendo ao santo
Que me livre d'este perigo!
Adeos Fundição de cima
Do armamento d'el-rei;
Eu cá vou n'esta viagem,
Não sei quando tornarei.
Adeos oh venda do pezo,
Onde se vende o azeite;
Adeos Praça da Figueira,
Adeos saloias do leite.
Adeos oh caza da India,

Despacho do algodão;
Adeos oh caixões do assucar,
E os faiantes do torrão.
Adeos Terreiro do Paço,
Adeos do Paço terreiro;
Adeos memoria real
Que és de Dom José Primeiro.
Adeos tambem Arsenal
Onde se fazem navios,
Adeos escalér real,
És fama dos algarvios.
Adeos, adeos Corpo Santo,
Armazem dos pucarinhos,
Adeos oh moças bonitas,
Adeos quartilhos de vinho.
Adeos castellos e torres
Da cidade de Lisbôa;
Que eu cá vou n'esta viagem
Na Corveta Nova Gôa.

61

A' Freira arrependida

(Versão da Beira-Baixa)

Não sei para que nasci
De tão bello parecer;
Formosa e gentil mulher,
E tão bonita.

Metteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro
Meus peccados.

Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
Ao meio dia.

Nunca terei alegria,
Nem no mundo a pode haver,
Em cuidar que heide comer
Em refeitorio.

Lá juncto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós.

Em vêr que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
Já me alevanto.

Agora faço o meu pranto,
Já me desvaneço em choro,
Em cuidar que heide ir ao côro
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas,
Lá por esses corredores
Me lembram os meus amores,
Por quem morro.

Toda a minha cella corro,
Indo-me ver ao espelho;
Meu rosto já vejo velho,
Sem que eu queira.

E a abbadeça ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a Nôa
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que estás mettida entre redes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.

A meu pae tórno a culpa
E a meus irmãos tambem,
Podendo casar-me bem,
Me desterraram.

A meu pae aconselharam
Que me não désse o meu dote;
Porque era melhor sorte
O ser freira.

Avisaram a porteira,
Tambem a madre abbadeça,
Que me mettesse em cabeça
Que casaria.

Eu como menina cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.

Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio;
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.

Agora que estou cá dentro,
Qùe ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.

Mais valêra ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.

Quando tudo é solitario
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Mágoa tamanha.

Minha mãe, que Deos a tenha,
Deos lhe dê contentamento;
Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem não me esposassem,
Que me botem d'aqui fóra;
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

NOTAS

Muitos trovadores provençaes, vendo inutil a galanteria de suas canções, sem esperança de abrandarem o coração ou pelo menos de alcançarem um sorriso das castellãs, precipitaram-se na empreza das Cruzadas; era a resolução extrema a que se entregavam, ao acaso das peregrinações e dos combates, em vez da vida ociosa dos castellos e das côrtes do amor, que mais satisfazia a sua natureza meridional. Quando a Europa se alevantava levada pelo sentimento religioso, com a idêa no sancto Sepulchro, o trovador ía acompanhado pelo desalento para esquecer o sepulchro dos seus amores — a Provença. Assim se espalharam as grandes tradições cavalheirescas, repetidas na Italia, em Portugal, Hespanha e na Grecia moderna; tradições que se não prendiam a algum facto historico, que versavam quasi sempre sobre peripecias e situações então produzidas pelo estado social: ora se vê um peregrino que pede, tocando na theorba, hospedagem em seu castello para reconhecer a fidelidade de sua dama; ora um mancebo volta da guerra ainda a tempo para salvar a noiva de um casamento forçado; umas vezes uma donzella disfarça-se em trajos de guerreiro; outras vezes é a historia de uma romeira accommettida por algum conde em altas serras, aonde ninguem lhe pode valer. Não se prendendo as versões a facto particular da historia, eram mais promptamente acceitadas na tradição oral, que as accommodava ao gosto da phantasia popular, e á prosodia dos differentes dialectos do Meio Dia da Europa. O povo guardava na memoria o romance ligeiro, com que o trovador peregrino, na sua passagem, pagava a hospitalidade; ía-o repetindo, e o recordar-se era como crear novamente sobre as impressões que tinham ficado: assim

dramatisava mais aquellas partes em que o trovador fôra conciso, era mais plangente onde lhe falara á paixão, e prescindindo completamente das transições que não comprehendia. Pons de Capduelh, enamorado trovador da dama Mercoeur, vae morrer na Palestina, inconsolavel pela morte d'aquella que nunca lhe acceitou os galanteios; Gancecem Faidit, depois de amar sete annos a esquiva Maria de Vantadour, alista-se na Cruzada para se tornar mais digno d'ella; Pierre Vidal, na sua doudice, parte levando na alma a imagem de Adelaide de Roquemartine, e na imaginação a conquista do Oriente. D'este poeta encontram-se documentos da sua passagem em Portugal.

A vinda dos Cruzados pelo Mediterraneo á Terra Santa, e o auxilio que prestaram na conquista de Lisboa, fazem crer que pelas narrações das viagens e dos arraiaes espalhassem entre nós essas grandes tradições cavalheirescas do cyclo carolino, que então percorriam a Europa. Os factos levam-nos a estas inducções. Existem na poesia popular da Grecia moderna alguns romances cavalheirescos communs ao Meio Dia da Europa; espalharam-se ali na tradição pela passagem dos Cruzados. Falando do romance piemontez, A *Guerreira*, o cavalheiro Nigra determina as similhanças que se dão entre elle e um canto slavo publicado por Tommaseo nos seus *Canti Greci, illirici*, e com outro canto grego que traz o conde de Marcellus nos *Cantos da Grecia moderna;* por este facto assigna-lhe a Provença por origem, passando para ali no tempo das Cruzadas. Este romance é em tudo similhante á versão portugueza da *Donzella que vae á guerra*, e accresce a circumstancia de ser uma tradição do littoral, porque é omissa nas collecções hespanholas. Um facto analogo se dá com o romance portuguez da *Noiva roubada*, e com o romance da *Dona Infanta*, cujos paradigmas se podem ver na citada collecção do conde de Marcellus. Se estes cantos foram levados para a Grecia pelos Cruzados, e se encontram tambem entre nós, não é destituida de fundamento a inducção, posto que não pizemos o campo da historia.

1 e 2—Romances da Dona Infante.—São estes romances os mais repetidos na tradição oral; um allude ao tempo das Cruzadas; no outro, mais moderno, o Brazil substitue na imaginação do povo o ponto para onde converge a aventura cavalheiresca. A origem d'estes romances é litteraria; na *Esposa Fiel* de Juan Ribera se determina ella visivelmente. (Duran, Romancero general, n.º 318) Encontram-se paradigmas nos *Cantos populares da Grecia moderna* (pag. 152, 162 e 163)

no romance catalão de *Brancaflor*, na collecção ingleza de Percy (Liv. I, p. 261) na Ballada allemã de *Liebesprobe* (Deutsches Balladenbuch, S. 14) nos cantos da França e da Italia (Du Puymaigre, *Vieux auteurs castillans*, p. 389). Pode com certeza affirmar-se que é um dos principaes romances communs aos povos do Meio Dia da Europa.

3, 4 e 5 — Romances de Dom Martinho de Avisado. — Quasi todos os romances portuguezes são de origem castelhana e ainda se encontram nos Romanceiros hespanhoes. *A donzella que vai á guerra* não apparece n'essa collecção; apesar d'isso Garrett não o julga originalmente portuguez. Fala d'este romance Jorge Ferreira de Vasconcellos (Scena I, acto III, fol. 84 da Aulegraphia) conhecido no seculo XVI pelo *Rapaz do Conde Daros*. Versões d'elle se encontram no Alemtejo, Extremadura, Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Açores e Lisboa; a donzella que vae á guerra, segundo cada provincia, ora se chama Dom Martinho de Avisado, Dona Leonor, Dom Carlos, Dom João e Dom Barão. Foi pela primeira vez publicado por José Maria da Costa e Silva nas notas ao seu poema *Isabel ou a heroina de Aragão*, em 1832. M. Nigra, em seus interessantissimos estudos da poesia popular do Piemonte (Revista Contemporanea de Turin, novembro de 1858) publica um romance piemontez, intitulado a *Guerreira*, que é como uma variante da versão portugueza:

«Porque choraes, meu pae, porque choraes? Se tendes de ir á guerra, eu irei por vós; apromptai-me um cavallo que possa levar-me bem, e um bom pagem em quem me possa fiar. Tomae meus vestidos cinzentos, dae-me umas calças e um *gonel*, e com a minha pequena fita fazei-me um laço sobre o chapéo.» Quando chegou a Nice, eis que sobe aos bastiões: «Oh! vêde-a! que linda pequena vestida de rapaz!» O filho do rei estava á janella a miral-a: «Oh! que pequena tão bella: se ella quizesse ser minha! Oh minha mãe, minha mãe, ella é uma rapariga! Oh que pequena tão bella: se ella quizesse ser minha!» —Se queres saber quem é, leva-a a casa de um negociante; se fôr uma donzella, só ha de comprar luvas. — Olhae, meus soldados, olhae para estes guantes! — Soldados que vão á guerra não têm frio nas mãos. — Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella! Oh que pequena tão linda: se ella quizesse ser minha! — Se queres saber quem é, leva-a a casa de um ourives; se fôr uma rapariga, ha de comprar um annel. — Olhae, meus soldados, vêde que anneis tão bellos. — Soldados que vão á

guerra só precisam de espadas e punhaes. — Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella. Oh que rapariga linda! Se ella quizesse ser minha! — Se queres saber quem ella é, leva-a para dormir comtigo. « Ella apagou o candil e mandou para lá o seu creado. « Oh minha mãe, minha mãe, é certamente uma donzella! Que rapariga linda! se ella quizesse ser minha! — Se queres saber quem é, fal-a passar na agua; se for uma donzella, não se ha de querer descalçar. Ella despiu uma perna, quando chegou uma carta; a carta diz que lhe dêem a sua baixa. A pequena a meio caminho se poz a cantar: « Donzella estive na guerra, donzella voltei de lá ».

No romance portuguez tambem se encontra esta prova do banho, e da carta que o pagem lhe traz, mas continúa, porque o capitão acompanha-a na volta á patria e vem a casar com ella. Na licção dos Açores, que traz Garrett, (t. III, pag. 65) termina egualmente o romance com um conceito engraçado:

Sette annos andei na guerra
E fiz de filho barão,
Ninguem me conheceu nunca,
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.

M. Nigra encontrou tambem na Servia vestigios d'este romance. Posto que se não ache nos Romanceiros hespanhoes, Jorge Ferreira na Comedia da *Aulegraphia* traz uns fragmentos em castelhano:

Pregonadas son las guerras
Da Francia contra Aragone...
Como los haria triste
Viejo, cano e peccador?...

que fazem suppor ter elle existido primitivamente n'esta lingua, attendendo á grande importancia que o castelhano tinha na corte portugueza. Tommaseo recolheu nos seus *Canti greci, illirici*, etc., um canto slavo, cuja similhança com o canto piemontez e portuguez faz suppor uma origem commum. Tommaseo publicou tambem um canto grego moderno. Qual será essa origem commum? M. Nigra diz que « os cantos romanescos communs á poesia romanesca das raças latinas devem, sem se hesitar, ser considerados como vindos e muitas vezes originarios da Provença, etc. » M. Nigra julga

este romance do tempo das Cruzadas, passando da Provença para os paizes Slavos e para a Grecia. É o unico modo como se pode explicar o seu apparecimento na poesia popular das duas Peninsulas. (Du Puymaigre, *Vieux Auteurs Castillans*, Append. p. 462 e 465.)

6—Romance de Gerinaldo—São muitas as influencias das tradições do norte sobre a poesia do nosso povo. *O Conde Niño* tem um final como o romance de Tristão e Yseult; a *Imperatriz Porcina*, de Balthazar Dias, encontra-se na lenda de *Hildegarda*, recolhida por Jacob Grimm. O romance de *Reginaldo* pertence ao cyclo carlingiano; não nos veiu através da Hespanha, como a maior parte dos romances carolinos; os dois romances recolhidos das folhas volantes publicados no *Romancero general* de Duran (1849—51, tomo I, p. 175 e 176,) differem muito do nosso; o primeiro é incompleto, e o segundo tem uma côr mourisca da fronteira. Em cada provincia dão ao pagem feliz diversos nomes; no Alemtejo *Generaldo*, no Minho e Porto *Girinaldo o atrevido*, e na Beira, segundo descobriu primeiro Garrett, chamam-lhe *Eginaldo*, que é a traducção mais proxima de *Eginhart*. Quasi todos os nomes dos personagens carolinos foram aportuguezados pelo nosso povo, como Valdovinos, Reinaldos de Montalvão, Roldão, Oliveiros, Beltrão, Dones Ogeiro, transformados de Bauduin, Reynaud de Monteauban, Roland, Olivier, Bertrand, Ogier le Danois. O romance portuguez de *Reginaldo*, tal como corre no Alemtejo, Extremadura, Beira Alta, Beira Baixa, Minho, apesar de todas as differenças de acção nas variantes, aproxima-se o mais possivel da tradição, que Jacob Grimm recolheu do *Chronicon Laurishamense*, (ed. Manheur, 1768, in 4.°, I, f. 40, 46) e que Vicente de Bauvais refere ao tempo de Henrique III: «Eginhart, primeiro camarista e secretario de Carlos Magno, alcançou, pelos bons e leaes serviços na corte, a estima de todos, e sobretudo o amor de Emma, filha do Imperador. Estava promettida em esponsaes ao rei da Grecia; e quanto mais o tempo do casamento se aproximava, mais a intima inclinação d'Eginhart e de Emma se fortificava em seus corações. Detinha-os o medo de que o rei não viesse a descobrir esta paixão e se enfurecesse. Por fim o mancebo não pode dominar os seus transportes; revestiu-se de coragem, e, não podendo communicar com a joven princeza por algum confidente, veiu protegido pelo silencio da noite ao quarto d'ella. Bateu levemente á porta do aposento, como se viera mandado pelo rei, e entrou. Ali protestaram o mu-

tuo amor, e regosijaram-se nos abraços tão ardentemente desejados. Eis que, ao romper da alvorada, o mancebo ao retirar-se viu que havia cahido durante a noite muita neve, e não se atrevia a dar passo da soleira da porta, porque as pegadas de homem o teriam logo trahido. N'esta perplexidade, os dois amantes resolveram o que haviam de fazer, e a menina concebeu um plano atrevido: quiz a toda a força pegar em Eginhart aos hombros, e antes do rasgar da manhã levou-o até á porta do seu quarto, e voltou cuidadosamente sobre as mesmas pegadas. Logo n'esta noite não tinha o imperador pregado olhos; levantou-se, e mal raiavam os primeiros alvores, se poz a olhar para os jardins do palacio. Então viu passar por debaixo das janellas a filha, que vergava sob o doce, mas carregado pezo, e que, depois de o haver deposto, correu rapidamente sobre os primeiros passos. O imperador firmou-se bem, para se não enganar, e ao mesmo tempo se sentiu tocado de dor e admiração; comtudo calou-se. Eginhart, que sabia muito bem que mais hoje ou ámanhã chegaria o caso aos ouvidos do rei, resolveu-se, e veiu ter com seu amo, deitou-se-lhe aos pés, pedindo que o despedisse, a pretexto de que seus fieis serviços não eram sufficientemente recompensados. O rei ficou silencioso por longo tempo, e refreiou seus sentimentos; alfim prometteu ao joven de lhe dar uma prompta resposta. No entanto formou um tribunal, reuniu os primeiros e mais intimos conselheiros, e descobriu-lhes que a magestade real fôra ultrajada pelo commercio amoroso de Emma com o secretario; e em quanto ficaram todos surprehendidos com a nova de um crime tão inaudito e grave, explicou-lhes como se haviam passado as cousas, e como observara tudo com os proprios olhos; depois, quando acabou, pediu-lhes parecer sobre o facto. A maior parte dos conselheiros, homens prudentes e inclinados á doçura, foram de voto que o rei pronunciasse de motu proprio sobre esta circumstancia. Carlos, depois de haver considerado o caso em todas as suas faces, reconheceu n'este acontecimento o dedo da Providencia, resolveu usar de clemencia, e casar os dois amantes. Applaudiram todos com alegria a moderação do rei, que mandou chamar o secretario e lhe falou assim: «Ha mais tempo devera ter compensado melhor os teus serviços, se me tivesses já manifestado o teu pezar; agora quero, em recompensa, dar-te em casamento minha filha Emma, pois que ella propria, levantando sua cintura, te quiz levar aos hombros.» Immediatamente deu ordem para que chamassem a filha, que appareceu muito córada, e em presença da as-

sembleia foi casada com o enamorado. Deu-lhes um rico dote em bens immoveis, em ouro e em prata; e depois da morte do imperador, Luiz-le-Debonaire fez-lhes presente, por um acto particular de doação, de Michlinsadt, no Maingan. Os dois amantes, depois de mortos, foram enterrados n'esta referida cidade. A tradição oral do paiz conserva ainda a sua memoria, e a floresta vizinha, se se der credito a esta tradição, se chamou *Odenwald*, porque uma vez Emma se dirigiu a ella exclamando « O *duwald!* « Oh tu, floresta.» *(Tradições allemãs* de Jacob Grimm, ed. franceza de 1838, t. II, p. 149, 152.) O nosso romance popular apenas differe d'esta tradição em lhe faltar a pequenissima circumstancia da neve e das pégadas. Em nada altera a acção; os trovistas do Meio Dia só tiraram da tradição os episodios que conheciam; descreveram a paixão como a sentiam; pintaram a natureza como estavam costumados a vel-a. É assim que se transplantam e naturalisam as tradições e as formas poeticas. Garrett, no engraçado estudo com que precede a sua versão de Reginaldo, quer achar na ballada ingleza de *Little Musgrave and Lady Barnard* uns longes de semilhança com o nosso romance: (Percy's *Reliquis*, XI, secç. III, book the first), o que o leva a julgar a tradição de todos os paizes; no romance de *Blancefleur* ha o mesmo episodio do somno dos dois amantes (v. 2363). Este assumpto era da predilecção dos menestreis populares; representa a acção que, segundo Edgar Quinet (Revoluções de Italia) exerceu a poesia provençal, isto é — a fusão do elemento aristocratico e feudal com o povo, pelo sentimento; a nossa lenda dos amores de Bernardim Ribeiro e da infanta Dona Beatriz, promettida ao duque de Saboya, tambem se parece bastante com a de Eginhart, accommodada ao gosto de uma civilisação mais conveniente. No romance de Reginaldo se encontram costumes dos povos do norte; o imperador, quando encontra o pagem dormindo com sua filha,

Tira el-rei seu punhal d'oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Foi-se a virar o pagem,
Sentiu-se cortar no fio:
—« Accorda já, bella infanta,
Triste somno tens dormido!
Olha o punhal do teu pae,
Que entre nós está mettido.»

Tambem no thalamo de Brunhilde e Sigurd, e na pyra, se collocou entre ambos uma espada (Ampère, *Litterature du Nord;* Michelet, *Origines*, p. 32). Já nos romances de cavalleria, quando o esposo encontra Yzeult dormindo com o amante entre a relva, retira-se tranquillo, porque ha entre ambos uma espada (Michelet, *Histoire de France*, t. II, c. 1, prope finem). A significação d'este symbolo cavalheiresco era o respeito, como ainda no seculo XV se usava, quando o procurador do archiduque Maximiliano desposou Maria de Bourgonha, e dormiu com ella separado por uma espada núa. (Grimm, *Antiguidades do Direito Allemão*, p. 170.) No romance popular o cabo voltado para a princeza e o fio para o pagem, denota aquelle symbolo juridico da Lei Ripuaria: «que uma mulher livre que desposasse um escravo contra a vontade da familia devia escolher entre a espada e a roca, que o rei ou o conde lhe apresentassem. Se pegava na espada, era preciso que ella matasse com suas mãos o escravo; se escolhesse a roca, devia permanecer tambem na escravidão.» (Lex Rip. 58, 18, d'après Michelet, *Origines*, p. 31.) Na Hespanha havia tambem um costume em que a mulher renegava o marido de inferior condição depois de morto, e tornava a alcançar os seus fóros.

Uma das verdades da poesia popular é o seu apparecimento logico; o romance de *Gerinaldo* encontra-se em Hespanha e Portugal, justamente até onde se estendeu a acção da poesia provençal; o genio hespanhol, impulsionado pelo sentimento cavalheiresco da *honra*, e o caracter portuguez, dominado pela integridade do *dever*, acceitam esta creação dos trovadores da Provença, em que a dama do solar, a filha do hidalgo se deixa amar por um homem de condição inferior. Cumpre citar aqui a auctoridade de Edgar Quinet no seu brilhante livro das *Revoluções de Italia*: «A feição caracteristica dos trovadores é que quasi todos são filhos de servos que, pelo acaso do genio, pela elevação do coração, se acham por instantes em uma relação de egualdade ficticia com a aristocracia feudal. Entrando no solar o filho do povo, o trovador, todo emoção, ingenuidade, alma, poesia, paixão, é immediatamente deslumbrado pelo encanto da dama sua soberana; ousa apenas levantar os olhos para ella. D'onde resulta, que pela sua propria origem, o amor dos trovadores nasceu de relações inteiramente novas, que repugnavam á antiguidade, em que a mulher se torna o forte, e o homem fica o ente fraco. As relações dos sexos estão invertidas: é a mulher que protege, e o homem que necessita do apoio. Do lado d'ella está a auctoridade, o mando, o pleno poder; para elle

ha só timidez, a submissão do servo. O trovador dedica-se a uma pessoa, que dás alturas sociaes em que está collocada o domina, o opprime com a superioridade; é sempre para elle um ser inaccessivel.» (p. 80). Em outro logar o profundo pensador dá ainda mais relevo a esta idea: «O começo da sociedade moderna é a alliança da castellã e do filho do povo sobre os confins da barbaria; n'este laço chimerico, n'este momento de extasis que aproxima as duas extremidades da humanidade e casa duas condições que no decurso dos seculos estiveram sempre desunidas, está verdeiradamente encerrado o nascimento civil do mundo moderno. Emancipação real do escravo pelo amor d'aquella a quem elle pretence, instincto manifesto de fraternidade social, egualdade das almas, tudo está contido nestes esponsaes invisiveis da dama nobre com o humilde servo» (p. 85). Todos estes sentimentos nos são despertados ao lêr o romance de *Gerinaldo;* é incontestavelmente de origem provençal, e tanto que até pode servir como prova do pensamento luminoso de Quinet. Cada vez nos convencemos mais do que uma vez disse Jacob Grimm: que não ha uma só mentira na poesia popular.

Este romance canta-se em Freixo de Espada á Cinta; é mais breve do que na lição de Garrett; differe em pequenas circumstanciàs, e no desenlace principalmente. El-rei vae dar com o pagem dormindo com a infanta por causa de um sonho, um pezadello sinistro, *que bem certo lhe sahia;* no *Reginaldo* de Garrett, é já dia e não apparece o pagem para trazer os vestidos a el-rei, caso que o leva a serias desconfianças. Na versão do Alemtejo remata com um epigramma: el-rei castiga o pagem dando-lhe a filha por mulher. O final do romance, como traz o Romanceiro de Garrett (t. II, p. 161), parece não pertencer-lhe, como ampliação que afrouxa as situações; antes parece mais uma addição do romance hespanhol de *Virgilios.* Nas collecções hespanholas o romance de Gerinaldo termina sem a ampliação da versão de Garrett.

O romance de *Gerinaldo* encontra-se no Romanceiro de Duran; a primeira versão (n.° 320) é a das Asturias, aonde se encontram tambem vestigios da Náu Catherineta, e uma versão da *Rainha e Captiva.* A segunda versão (n.° 321), tambem anonyma, é um romance que os cegos vendem em folha volante, aonde se não encontra a segunda parte do Reginaldo de Garrett, que é visivelmente uma interpollação. Na Andaluzia ha um *Corrio* ou romance tradicional de Gerinaldo:

Carrerilla de Gerineldo

« D'onde vienes, Gerineldo,
Tan triste y tan affligido?
— Vengo del jardin, señora,
De regar flores y lirios.
« Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero es Pulio
El que te pondrá esta noche
Tres horas á mi servicio.
— Como suy vuestro criado,
Señora, os burlais comigo.
« No me burlo, Gerineldo,
Que de veras te lo digo:
A la una de la noche
Has de venir al castillo,
Con zapatitos de seda,
Para que no seas sentido.»
Esto le digo la Infanta,
Y al punto se ha despedido,
Diciendole Gerineldo:
— Señora, será cumplido.

DURAN, t. I. p. 177.

7 — Romance da Noiva roubada — Na bella collecção dos *Cantos populares da Grecia moderna*, feita pelo conde de Marcellus, na quinta parte, que encerra as legendas, se encontra uma intitulada o *Rapto*, em tudo semelhante ao romance portuguez. Eil-a:

« Em quanto estava assentado e comia a uma mesa de marmore, meu cavallo nitriu e o meu sabre estrepitou. Disse então para mim: Casam a minha bella; abendiçoam-na com outro; para outro a corôam, desposam-na, e dão-lhe outro marido. Levanto-me e vou direito aos cavallos, que são ao todo setenta e cinco: qual é dos meus setenta e cinco cavallos, o que pode faiscar no Levante e dar comsigo no Poente? Todos os cavallos que me ouvem gotejam sangue; todas as eguas que me escutam abortam. Mas um velho, um velho corcel, com quarenta feridas: « — Eu sou velho e feio, não me dou com as viagens; mas pelo amor da minha bella senhora emprehenderei a corrida, porque ella me trazia de comer no avental arregaçado, e de beber na cova da sua mão.» Sella immediatamente o cavallo, e immediatamente o monta. « Cinge a cabeça com uma toalha de nove alnas, não pu-

ches a redea, nem craves as esporas, porque isso me lembraria a minha mocidade, e eu seria como um pôtro e semearia os teus miollos em um campo de nove covados.» D'uma chicotada no cavallo adianta quarenta milhas; redobra e faz quarenta e cinco; e caminhando roga a Deos:— Meu Deos, fazei com que encontre meu pae entrançando sua vinha. Pediu como christão, como sancto foi ouvido, e encontrou seu pae podando a vinha.—Bem andaes, meu velho; mas de quem é essa vinha?—Para lucto e desgraça é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella. Com outro a abendiçoam, para outro a corôam.—Oh dize-me, dize-me, bom velho, ainda os encontrarei á mesa?— A mesa os encontrarás, se tiveres um bom cavallo; se tens só um rocim, encontral-os-has na benção.—D'uma chicotada no cavallo avança quarenta milhas; redobra, e faz quarenta e cinco, e caminhando, vae orando a Deos. — Meu Deos, fazei com que eu encontre minha mãe regando no seu jardim! Como christão o pediu, como sancto foi ouvido, e encontrou sua mãe regando o jardim. Bem andaes, minha velhinha; de quem é este jardim?—Para desgraça e luto é do meu filho Janaki. Hoje dão um outro marido á sua bella; com outro a abendiçoam, coroam-na para outro. — Oh! dize-me, dize-me minha velha, encontral-os-hei ainda á mesa?— A mesa tu os encontrarás, se tiveres um bom cavallo; se tiveres só um rocim, tu os encontrarás na benção. — D'uma chicotada no cavallo galga quarenta milhas, redobra e faz quarenta e cinco. O cavallo começa a relinchar e a donzella o reconhece. « Minha filha, quem conversa comtigo? quem te fala?»— É meu irmão mais velho, que traz o meu dote. — «Se é teu irmão mais velho, sae para ir dar-lhe de beber. Se é teu amante, sáio eu, e mato-o.» É meu irmão mais velho, que me traz o dote.—Ella pega em um copo d'ouro, para sair e dar-lhe de beber. — Põe-te á minha direita, ó encantadora, e dá-me de beber pela esquerda.— O cavallo ajoelhou e a donzella se achou sobre elle. Então desfillou como o vento. Os turcos pegam em seus mosquetes, mas já não alcançam nem o cavallo, nem a poeira d'elle. Aquelle que tinha um bom ginete viu a sua poeira; os que só tinham um rocim, nem sequer a avistaram». *(Chants populaires de la Grèce Moderne*, p. 140.)

Uma outra conclusão, que se tira da ubiquidade d'estes romances, é que o povo adopta sempre aquelles que não dizem respeito a facto algum particular ou historico; os romances communs aos povos do Meio Dia da Europa, são apenas acções cavalheirescas de imaginação, aventuras inspiradas por um certo ideal; isto se confirma pela grande vulga-

risação dos romances do cyclo da Tavola Redonda, e pelo pequeno numero dos romances carolinos na Italia, na Hespanha e nullo quasi em Portugal. Na forma portugueza e grega d'este romance se encontra a côr local de cada povo; comtudo o nosso parece mais antigo; as *terras d'alem mar* lembram-nos o modo como o povo designa as expedições á Terra sancta.

8—**Romance do Alferes matador** — Este romance ainda não tinha sido recolhido da tradição oral; veiu da Covilhã, a mina mais rica d'estas preciosidades, e aonde se encontram as versões mais puras. Pela confrontação com os romances francezes e italianos está incompleto, porque a donzella apenas se finge morta para salvar a sua honra: circumstancia que não seria omittida, se o nosso rhapsodo popular completasse a historia. Gerard Nerval (Bohème galante, pag. 71) traz uma canção bourbonesa, *La jolie Fille de la Garde*, tambem conhecida na Picardia. No Pays Messin foi recolhida uma outra versão por M. du Puymaigre *(Vieux Auteurs*, t. II, p. 478):

Au chateau de Boufort y avait trois belles filles
Elles sont belles, belles comme le jour;
Trois de nos capitaines leur vont faire l'amour.
.....
Le plus jeune des trois, celui qui la courtise,
A mis la bell'sur son cheval grison,
Puis ils l'ont emmenée droit á la garnison.

Deux ou trois jours après, la belle est tombée morte,
Sonnez, trompette, et le tambour joli:
Voilá la belle morte sans en avoir joui.

Il faut enterrer dans l'jardin de son père;
Au dessus de sa tombe on mettra par écrit:
« Voilà la belle morte sans en avoir joui. »

Deux, ou trois jours après, le père qui se promène
A vu le tombeau frais... « Mon pèr'si vous m'aimez,
Faites ouvrir la tombe:
J'ai fait trois jours la morte pour mon honneur garder.

Nos *Canti populari*, raccolti da Oreste Marcoaldi (pag. 163) vem um romance similhante, na colleção de Caselli rChans populair es d'Italie, pag. 203), que o dá como de (eproduzido Piemonte.

9 — Romance da Romeirinha—O grande uso das peregrinações e romagens como pena ecclesiastica e civil na edade media, produziu uma tal perturbação na familia, que muitas vezes os maridos vieram encontrar as mulheres já casadas; tudo isto originava muitas tradições. A promessa de romaria era tambem hereditaria como o castigo na penalidade heroica; Josselin fica herdeiro da peregrinação á Terra santa, que seu pae promettera. No testamento de el-rei D. Diniz se lê: «Item, mando que um Cavaleiro, que seja homem de boa vida, e de verguença, que vá por mi á Terra Santa dultramar, e que estêe hi por dous annos compridos se a cruzada for servindo a Deos por minha alma etc.» (Provas da Historia Genealogica, por Antonio Caetano de Sousa, t. I, pag. 101.) As mulheres tambem faziam romarias, e, expostas aos perigos da estrada e da pirataria, não poucos romances tiveram origem das situações difficeis por que passaram. Nos nossos romances do *Conde Pr so*, se vê o fundamento d'aquella carta que escreveu San Bonifacio a Guthbert, bispo de Cantorbery, ácerca das romarias das mulheres: «A maior parte d'ellas succumbem e muito poucas voltam com a sua castidade.»[1] As leis protegiam os peregrinos, coadjuvadas pelas excommunhões dos canones dos Concilios. A lei bávara diz: «Que ninguem faça mal ao estrangeiro, porque uns viajam por Deos, outros por necessidade, e todos precisam de paz.» O concilio de Latrão em 1123 excommunga os que vexarem os peregrinos que vão a Roma ou a outro qualquer logar de devoção. No romance portuguez de *Dom Garfos*, o conde é enforcado por ter violado a romeira de Sanct'Iago. Este romance da *Romeirinha*, que anda na tradição oral de Trás-os-Montes e Minho, encontra-se tambem, na parte essencial da acção, com alguns romances populares da Italia. Pode-se apresentar como o typo dos romances communs ao Meio Dia da Europa; o cavalleiro Nigra e Du Puymaigre determinaram os paradigmas.

M. Amador de los Rios, nos romances asturianos, que publicou em 1861 no *Jahrbuch*, traz um em tudo similhante ao nosso; refiro-me ao essencial da acção. (Vid. Du Puymaigre, t. II, p. 465.)

O *Rico Franco* do Romanceiro hespanhol (Du Puymaigre, 406) a *Montferrina* (Caselli, pag. 190), O *Corsario* (Du Puymaigre, t. II. p. 406), *Le beau Marinier* colligido de Beaurepière, e o *Barzas Breiz*, apresentam bastantes situações identicas.

[1] Epist. 105 Labbe, Coll. dos Concil., t. VI, col. 1559.

10 e 11 — Romances da Infanta de França — A versão da Beira-Baixa é notavel por apresentar uma fusão natural de dois romances o *Caçador* e a *Infeitiçada*, que traz Garrett, (Romanceiro t. II, p. 21 e 32). O final, que não apparece em nenhuma das lições de Garrett, encontrei-o tambem em um fragmento que recebi de Penafiel. A versão da Foz tem os dois romances confundidos, e nella se nota o processo de abreviação que se dá continuamente nos romances populares. Estes mesmos dois romances vêm nos Romanceiros hespanhoes com o nome de *Infantina* e *Romance de la Infanta de Francia*. (Duran, t. I, p. 152). O espirito d'este conto meio decameronico é manifestamente de origem franceza; as nossas versões vieram-nos da tradição de Hespanha, como se vê pela perfeição d'ellas, quasi sempre mais bem acabadas do que as castelhanas. Saem da ultima demão. « A versão portugueza, segundo Fernando Wolf, está mais proxima do original francez do que da versão hespanhola. Ambas tratam o mesmo assumpto, o logar da scena em ambas é perto de Paris; a lubricidade dos *Fabliaux*, um tom desenvolto e a crença nas fadas, acham-se notadas no primeiro d'estes romances.» (Proben, S. 54). As duas versões que apresentamos, assignalam a influencia normanda na poesia popular portugueza. Gil Vicente no *Auto dos Quatro Tempos*, traz uma cantiga franceza:

Ay de la noble
Villa de Paris, etc.

que nos comprova esta asserção; basta-nos porem esse paradigma, para fundamental-a melhor:

Nons étions trois filles,
Bonnes à marier;
Nous nous en allâmes
Dans un pré danser.
Nous fîmes rencontres
D'un joli berger.
Il prit la plus jeune,
Voulut l'embrasser.
Nous nous mîmes toutes
A l'en empêcher.
Le berger timide
La laissa aller;
Nous nous en criâmes:
« Ah! le sot berger!
Quant on tient l'anguille

Il faut la manger.
Quant on tient les filles,
F'aut les embraser.»

Charles de S. Malo traz esta canção a pag. 379 das *Chansons d'autrefois*, referida ao anno 1660 como anonyma. Gerard Nerval recolheu na Normandia um romance popular, que é o pensamento das nossas versões, mas com aquella graça facil que caracterisa o genio francez. Du Puymaigre, d'onde o reproduzimos (Vieux auteurs Castillans, p. 251, t. II), tambem o ouviu cantar na Borgonha e no Pays-Messin:

Après ma journée faite
Je m'en fut promener,
En mon chemin rencontre
Une fille à mon gré;
Je la prit par sa main blanche,
Dans les bois je l'ai menée.

Quant elle fut dans les bois,
Elle se mit à pleurer:
— Ah! qu'avez-vous, ma belle,
Qu'avez-vous à pleurer?
— Je pleure mon innocence,
Que vous me l'allez ôter.

— Ne pleurez pas tant la belle
Je vous le lesserai.
Je la pris par sa main blanche
Dans les champs je l'ai menée;
Quant elle fut dans les champs
Elle se mit à chanter.

— Ah, qu'avez-vous la belle,
Qu'avez vous à chanter?
— Je chante votre bêtise
De me laisser aller,
Qand on tenait la pule
Il fallait la plumer.

Já o sr. Duran tinha dito d'este romance: «Todo indica que este romance es de origen frances, é imitacion de alguna trova caballeresca. De todas maneras é bellisimo por su natural sencillez, y por la festiva e punzante expresion de sus

ideas, tan propria de las crónicas bretonas e de los cantos de los Troberos.» (Rom. Gener. p. 152, t. I).

Ha na *Infeitiçada*, que Almeida Garrett colligiu, e na versão da Foz, um lance dramatico de quasi todos os romances populares: é o cavalleiro que se encontra com sua propria irmã:

«Deixai-me agora chorar,
Olhai a minha mofina;
Caido que levo mulher
E levo a uma irmã minha!

Este mesmo desenlace se encontra no romance de *Branca-Flor:*

Ai triste de mim coitada,
Ai triste de mim mofina,
Mandei buscar uma escrava,
Trazem-me uma irmã minha.
(Pag. 103, n.° 38.)

No romance catalão *Las dos Germanas*, publicado por M. Milà y Fontanals (Observationes sobre la Poesia popular, p. 117) a cativa dá-se a conhecer por uma cantiga de berço. Na *Bella Infanta* ha tambem um reconhecimento. No romance de *Dom Bueso*, recolhido por Amador de los Rios, o cavalleiro encontrou uma donzella que estava lavando em uma fonte fresca. Leva-a comsigo; já proximo de casa, ella recorda-se d'aquelles sitios, e é quando Dom Bueso reconhece sua irmã Rosalinda. Na poesia grega, onde o amor não é conhecido com a simplicidade ingenua dos povos modernos, a mulher é quasi sempre a que se apaixona de um modo irresistivel, a que se sente arder em um fogo ignoto; veja-se Sapho, Phedra, Pasiphae; o heroe não comprehende essa hallucinação. Na poesia hespanhola o cavalleiro é quasi sempre tambem incitado pelas graças das donzellas. A rudeza das armas fazia-lhe esquecer os devaneios ferventes. No romance da *Encantada* e da *Infeitiçada*, a donzella é que se dirige ao cavalleiro, e que ri da sua ingenuidade.

Uma ballada allemã intitulada a *Filha do rei encontrada*, que Du Puymaigre traduziu (Vieux auteurs Castillans, t. II, p. 365) versa sobre a mesma peripecia, mas illuminada pela melancholia vaga do norte: «Um rei tinha uma filha

pequenina; chamava-se Annellein. Sentou-se ás abas de um bosque sobre uma pedra. Veio um vendilhão estrangeiro por ali; atirou-lhe uma fita de seda: « Agora é preciso que tu me sigas. » Levou-a para casa de uma mulher, que tinha uma estallagem, e deixou-a para servir. «Estallajadeira, minha estallajadeira, tomae para vos servir essa minha filhinha.» — Oh sim, sim, é o que eu quero; heide tratal-a bem, heide ser como uma mãe para ella. «Passado certo tempo, já se contavam annos, eis que passa um senhor a cavallo, indo em busca de uma mulher. Passou pela casa da estallajadeira; a rapariga lhe trouxe vinho. « Estallajadeira, minha cara estallajadeira, é vossa filha? ou é mulher de vosso filho? como é tão bella? — Não é minha filha, nem tão pouco mulher de meu filho: é a pobre Gudeli; ella ensina os quartos aos hospedes. — Estallajadeira, minha cara estallajadeira, deixai-me ficar uma noite ou tres, tantas quantas me fizer conta. — Oh sim, sim, isso é o que eu quero. Eu vos hospedarei tanto tempo quanto quizerdes. « O cavalleiro tomou a bella Annelein pela mão, e a conduziu para o quarto de dormir; levou-a para uma bella cama e perguntou-lhe se quereria dormir junto d'elle. O Duque tirou a sua espada d'ouro e pol-a entre os dois corações. A espada não hade ferir nem cortar, mas Annelein hade ficar como uma virgem criança. « Ah Annelein, olha agora para mim. Conta-me a tua sorte, dize-me tudo o que sabes, tudo o que te lembra. Dize-me quem é a tua mãe? — O senhor rei é meu pae, a rainha é minha mãe; eu tenho um irmão que se chama Mannigfalt: Deos sabe por onde elle agora anda. — Já que teu pae é o rei, e tua mãe a rainha, e que tens um irmão chamado Mannigfalt, eu apérto a mão de minha irmã.» E quando rompeu a madrugada, a estallajadeira veio á porta do quarto: « Levanta-te, priguiçosa, levanta-te, vem dar de almoçar aos hospedes.» — Oh não, deixa dormir a bella Annelein; serve tu os viajantes; minha irmã Annelein já não é criada.» Monta-se a cavallo, e leva sua irmã á garupa; toma galhardamente sua irmã pela cintura e leva-a atrás de si. E quando chegou á corte, veiu sua mãe ao encontro: Bem vindo sejas, meu filho mais essa terna mulhersinha. — Não é uma mulhersinha, é vossa filha, que tinhamos perdida ha tanto tempo. « Sentaram á meza a bella Annelein, deram-lhe peixe frito e cosido; meteram-lhe no dedo um annel d'ouro: « Até que fôste encontrada, minha filha real.» (*Volksliedei*, S. 186.) Uma outra ballada allemã, de uma orphan, que vae bater á porta de uma irmã casada, para a servir, tem sua analogia com a *Branca-Flor* (Deutsches Balladenbuch, S. 10).

Esta mesma peripecia se encontra em cantos suecos, dinamarquezes, em um fragmento do poema bretão *Les Breiz* (M. de Villemarqué, *Barzas Breiz*, t. I, p. 137—180), nos *Cantos populares do Norte* (Marmier, p. 175), nos *Cantos populares da Grecia moderna* (Conde de Marcellus, p. 146). O maravilhoso feérico das margens do Rheno tambem apparece n'estes romances da *Infanta de França*, e *Encantada*. M. Du Puymaigre indica a maior parte dos romances em que se encontram situações analogas de reconhecimento, cujas collisões formam ordinariamente os lances da poesia popular. (Vid. Vieux auteurs castillans, t. II, p. 357, 374).

12—**Romance da Silvana**—É dos mais populares e antigos; encontra-se em Lisboa, Ribatejo e Beira Alta. Já no seculo XVII D. Francisco Manuel de Mello o cita como velho, como se deprehende d'aquelle verso do Fidalgo apprendiz: *Uma letra nova quero*, que diz Brites, recusando-se a escutar este romance que Gil lhe ia cantar á guitarra. (Pag. 247). A *Silvana* faz lembrar a Myrrha da mythologia grega. Pertencerá ella ás ficções eruditas do cyclo greco-romano? Não parece o combate de Tristão com o Morouhet de Irlanda uma imitação o combate de Theseu com o Minotauro? Arthur não é trahido por Ginebra, como Hercules por Djanira? Têm ás vezes origens caprichosas estas tradições do povo. O principio da *Sylvana* anda quasi sempre confundido com o romance do *Conde Alarcos*. Foi pela primeira vez publicado por Almeida Garrett, que o dá como originario portuguez. (Rom. t. II, p. 98). Encontra-se porem nas Asturias, e o sr. Amador de los Rios o publicou no *Jahrbuch für romanische und englische Literatur, t. III, p.* 284, com o titulo de *Delgadina*: « O rei tinha tres filhas, cada qual como uma flor, e a mais nova d'ellas todas chamava-se Delgadina. Estando um dia á mesa, estando um dia a comer, seu pae que a estava a mirar, seu pae que tanto a mirava. — Porque é que me olhaes, meu pae? Porque é que me estaes a olhar? — Olho, filha, porque quero sejas minha namorada. — Isso é o que Deos não quer, nem a Virgem soberana. Deos do céo não quer que eu seja tua namorada. O pae quando isto ouviu a levou para uma torre; não lhe dava para comer, mais que sardinhas salgadas; não lhe dava de beber mais que summo de laranja. Delgadina, morta á sêde, foi pôr-se a uma janella, e vendo os irmãos que estavam a par dos grandes de Hespanha: Oh meus irmãos, meu irmãos, se me daes um pingo de agua, que o meu coração se quebra, e a minha alma se parte. — Não t'a darei, Delgadina, poiss e o soubesse meu pae a vida me tiraria com a ponta da sua

espada. Delgadina morta á sêde, foi pôr-se a outra janella, viu suas irmãs estarem bordando tea de Hollanda: Oh manas, manas queridas, mandae dar-me uma pouca de agua.—Não t'a darei Delgadina, Delgadina não darei, porque perderia a vida se é que meu pae o soubesse. Delgadina morta á sêde, foi pôr-se a outra janella, e vendo seu pae já prestes a partir para a caçada: Meu pae, vós que sois meu pae, dae-me vós uma gota de agua?—Eu te darei Delgadina, se tu commigo falares.—Ouvirei as vossas falas, bem contra minha vontade. Os criados que elle tinha, todos foram buscar agua, uns a trazem em jarros de ouro, outros n'um gomil de prata. Ao primeiro que chegou, mandou sua corôa dar, ao que chegou derradeiro, manda a cabeça cortar. O leito de Delgadina estava de anjos cercado, e a cama de seu pae toda cheia de diabos.»

A lição portugueza é mais extensa e mais primitiva, nada perde da sua originalidade; porque os romances asturianos, segundo Amador de los Rios, são de origem extranha, accommodados ás toadas antigas:

Faustina

(Variante de Coimbra)

O Conde da Villa-Flor,
Por ser o Conde maior,
De tres filhas que elle tinha
Clarinhas como o sol;
Uma se chama amada,
Outra se chama querida.
Outra se chama Faustina
Por ser a mais fidalgada.

—Queres tu, filha Faustina
Ser a minha namorada?
«Não permitta Deos do céo,
Nem a Virgem consagrada,
Que eu, sendo sua filha,
Seja sua namorada.
—Deixa vir a mãe da missa,
Que eu lh'o saberei dizer:
Ora vinde mulher minha,
Ver o que acconteceu:
A nossa filha Faustina
De amores me prometteu.
Dizei lá, oh mulher minha,

O que Faustina mereceu?
— « Torre de pedra lavrada
P'ara meteres Faustina!
Deras-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida.

Ali tiveram Faustina
Por sete annos encerrada:
Davam-lhe agua por onça,
E da carne mais salgada.
Ao cabo de sete annos
Faustina sem ser findada;
Foi-se d'ali a Faustina,
Tristinha e desconsolada,
Assobindo uma ventana
Outra ventana mais alta,
D'ahi viu estar suas manas
Cosendo em uma almofada:

« Deos vos guarde, manas minhas,
Manas minhas da minha alma;
Peço-vos pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua!
« — Deos te guarde, oh Faustina,
Oh mana da minha alma,
O nosso pae nos jurou,
P'los cópos da sua espada,
Que quem désse agua á Faustina
Sua cabeça é cortada.

Foi-se d'ali a Faustina,
Tristinha e desconsolada,
Assobiu a uma ventana,
Outra ventana mais alta,
D'onde via estar sua mãe
Lavrando a ouro e prata:
« Deos vos guarde, oh minha mãe,
Mãe minha da minha alma!
Peço pelo amor de Deos
Que me dê uma pinga d'agua.
— « Deos te guarde, oh Faustina,
Oh filha da minha alma;
Ha sete annos que eu vivo
Com o teu pae mal casada.

Foi-se d'ali a Faustina,
Tristinha, desconsolada,
Assobiu a uma ventana.
Outra ventana mais alta,
D'onde viu andar seu pae
Passeando n'uma sala:

«Deos vos guarde, oh meu pae,
Oh pae meu da minha alma;
Peço pelo amor de Deos
Que me deis uma pinga de agua.
— Deos vos guarde, oh Faustina
Minha filha mal fadada.
Eu pedi-te a mão direita
Tu não m'a quizeste dar.
« Aqui tem a mão direita,
A esquerda se a quizer!
— Venham as jarras de prata
De ouro se as houver;
Quero dar agua á Faustina,
Que já é minha mulher.
Corram, corram, cavalleiros,
A dar agua á Faustininha;
O que primeiro chegar
Hade ter uma prenda minha.

A agua era chegada,
Era findada Faustina!
No meio d'aquelle largo
Um tanque d'agua apparecia.
Vieram sete senhoras
Domingo de madrugada
Para levarem Faustina
Para o céo em corpo e alma.
Nossa Senhora do Pranto
É que a pranteava,
Tu morreste, Faustininha,
P'la honra de seres honrada.
Nossa Senhora do Pranto
Era quem a pranteava;
No seu pranto, que dizia:
Domingo de madrugada
Vieram sete demonios,
Dormiram em tua casa
Para levarem teu pae
P'r'o inferno em corpo e alma.

Aqui está completa a versão apontada por Garrett, de que apenas deixou alguns versos (Rom. t. II.) É um facto curioso vêr como o povo vae confundindo os romances, produzindo inconscientemente situações novas. O nó da acção é imitado pelo povo dos romances do *Conde de Allemanha*. Nossa Senhora do Pranto, que vem prantear a desgraçada, dá ao romance uma côr de alta antiguidade; era um velho uso de Portugal, já prohibido no tempo de D. João I.

13 — **Romance de Bernal Francez** — Anda na tradição oral da Beira Baixa e Extremadura, e já Garrett o tinha encontrado nos manuscriptos do cavalleiro de Oliveira, por onde *aperfeiçoou* a lição mais circumstanciada e extensa que vem no Romanceiro, t. II, pag. 129. A versão da Foz é egualmente dramatica, e superior por se ter respeitado n'ella a sua rudeza nativa. Tenho para mim que o romance é formado de duas partes distinctas que a tradição confundiu, e que o povo não sabe discriminar; o pensamento da primeira parte, isto é a difficuldade que sente a esposa diante de seu marido, encontra-se no *Romancero General* (Duran, n.º 298) na *Adultera castigada;* a segunda, parece formar-se do romance *El Palmero* (Duran, n.º 292) em que o cavalleiro vem ver se vê a sua amada e lhe dizem que é morta por amor d'elle.

Circumstancias do dialogo, desfecho, é o caracter principal da acção, revelam-nos manifestamente a fusão dos dois romances, que pelo andar do tempo e pela desmemoria do vulgo se uniram. Porem de todos os romances hespanhoes que mais se parecem com este é o da *Bella mal maridada* (Ochoa, Tesoro, p. 490) que já vem citado na Comedia de *Rubena* por Gil Vicente:

Cantará o Demo um grito
Das las mas lindas que yo vi.

O romance hespanhol principia assim:

La bella mal maridada
Das las lindas que yo vi.

Este romance foi muito imitado em Portugal pelos poetas cultos dos principios do seculo XVII.

14 — **Romance do Conde Ninho** — Pertence pelo seu caracter maravilhoso ao cyclo da Tavola Redonda. Encontra-se na tradição oral dos Açores, e em Trás-os-Montes foi novamente recolhido. Na lição de Garrett (Rom. t. III, p. 7)

não se encontra o *cantar* que o conde armou. 'Nesta versão o rei manda cortar as arvores que rebentam das sepulturas dos amantes, porque o não deixam ir á missa; correm d'ellas leite e sangue, que symbolisam os sexos; situação que faz lembrar, se não é directamente imitada, o mais popular de todos os romances da Europa na edade media *Tristan e Yseult*. Eis como essa deliciosa imagem se encontra na seguinte passagem do *Tristan*: «Et de la tombe de monseigneur Tristan, yssoit une ronce belle et verte et bien feuilleue qui alloit par dessus la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tombe de la royne Yseult et entroit dedans. La virent les gens du pays et le comptèrent au roy Marc. Le roy la fist couper par troys foys et, quant il l'avoit le jour fait couper le lendemain estoit aussi belle comme avoit aultre fois esté, etc.» (*Tristan, Chevalier de la Table ronde*, fol. CXXIV). Este mesmo maravilhoso se encontra no *Lord Thomas and fair Annet*, (Percy, Reliques of ancient english poetry, t. III, p. 296); no *Prince Robert*, e no *The Douglas Tragedy* (Walter Scott, Minestrelsy of the Scottish Border, t. III, pag. 59, t. II, pag. 224). O romance de Tristão era conhecido já em Portugal no tempo de D. Diniz, como se vê do seu Cancioneiro:

> Qual mayor poss'e o mui *namorado*
> *Triste*, sey ben que non amou o seu,
> Quant'eu vos amo.....(Pag. 53.)

Tambem no Catalogo dos *livros de uso* de el-rei D. Duarte, (Sousa, Provas da Hist. Genealogica, t. I, p. 544) se encontra citado o livro de *Tristam*. As almas dos amantes voam na forma de pombas; nas lendas ecclesiasticas, e no hymno latino de Santa Eulalia, a alma do justo ascendia para o céo na apparencia de uma pomba. Portanto não é nem provençal, nem francez, ou normando, como pretende Garrett. O nome do conde Niño é talvez a forma hespanhola de conde *menino*. Garrett chama-lhe Nillo, e diz que não é nome portuguez; com tudo Bernardes, na *Floresta*, traz um nome de santo similhante, o que bastava para o povo o adoptar.

Quanto á realidade historica d'este romance, alguma se lhe pode assignar:

Na *Chronica do conde D. Pedro Niño*, narração meio historica meio fabulosa de Gutierre Diez de Games, se encontram vestigios do romance, porque ahi se fala em varias aventuras de amores. Como d'ali veio a tradição para Portugal, é facil de comprehender, porque o conde Niño foi casado com D.

Beatriz, infanta portugueza. Quanto á origem do nome de *Niño*, diz a chronica: «Segund que de antigüa edad quedó en memoria, dicen que vino en Castilla un Duque de Francia, é vivió é moró en ella grand tiempo, fasta que morió: é dejó dos fijos pequeñeruelos, é tomólos el Rey, é diólos á un Caballero que los criasse en su casa del Rey.

El Rey llamabalos siempre los *Niños:* é el su Ayo, cada que alguna cosa delibrar con el Rey para los Niños, siempre eram mentados Niños. D'esta guisa los llamaban las otras gentes: assi que á cada uno decian su nembre apertadamente, é decian encima el *Niño.*» (Cap. I, 10, 15, pag. 13). O romance fala de um cantar do conde Niño: na Chronica se lê: «Avia graciosa voz, é alta: era muy denoso en sus *decires*» (Cap. X, p. 44). O casamento de Pedro Niño com D. Beatriz de Portugal, filha do infante D. João, causou-lhe immensos trabalhos, porque a elle se oppunha el-rei Regente de Castella: «E despues de la respuesta del Infante andubo Pero Niño mas de medio año por la corte é cerca d'ella, é viósa en assaz peligros muchas veces por ver á su esposa.» (Cap. III, Part. III, p. 185). No testamento do conde Pero Niño dispõe que elle e sua mulher sejam sepultados no côro da egreja de S. Thiago da Villa de Cigales. Crêmos ter apresentado os principaes traços historicos, para se vêr a formação do romance popular. Os amores do conde Niño foram cantados em verso por Villasandino, poeta do tempo de Henrique III e João II, como se pode ver pelo *Cancioneiro* de Baena.

15 — Romance da Promessa de Noivado — Veio-nos esta versão da Beira Baixa; é uma variante do romance a *Peregrina*, (Romanc. de Garrett, t. III, pag. 22). Apresenta collisões novas, taes como a de estar o cavalleiro já casado e com filhos. A versão de Garrett é artificial, porque a formou dos fragmentos que obteve do Minho, Extremadura e Trás-os-Montes, fundidos na lição do Porto: «Comtudo aproveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexo e clareza á narrativa.» (Pag. 20). Assim fundiu aquella situação de romance de Tristão e Yseult, que apparece no *Conde Niño* e na *Rosalinda*, de nascerem duas arvores na sepultura dos amantes, e que elle teve de explicar como logar commum dos romances populares. Na versão da Beira Baixa é só a amante que morre de tristeza. Garrett diz que nos Romanceiros Castelhanos nada se encontra parecido com esta singela historia. No *Romancero General* de Duran, o *Conde Sol* (n.º 327) tem muitos pontos de similhança com o nosso, e

tanto que pela extensão d'elle deduzimos ser o nosso uma abreviação posterior. Foi Walter Scott o que primeiro descobriu a tendencia que têm os romances populares de *se abreviarem*.

16 — Romance de Dom Aleixo — Se não é de origem hespanhola, o primeiro verso com que o romance principia faz nascer tal suspeita, posto que nas collecções castelhanas se não descubra. Sabe-o o povo de Lisboa e da Beira Alta. Nos manuscriptos do curioso Cavalleiro de Oliveira o encontrou Garrett, por onde restituiu os fragmentos das versões provinciaes. (Rom. t. II, p. 91). Assim a lição que appresenta é bella, mas não é puramente popular, como elle proprio confessa: «Ainda assim, algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas.» Ha ali um mysterio que faz estremecer a quem lê: parecem palavras de um encantamento. A versão da Foz que recolhemos é estreme e revela-nos o lavor da imaginação popular sobre um thema commum. A dama pediu ao cavalleiro uma confidencia nocturna, em que elle morre por traição dos seus cunhados; Dona Maria mata-se ao pé do cavalleiro moribundo. Na lição de Garrett é ella que se toma de medo e mata o namorado. Uma é mais bella, a outra simplesmente verdadeira; mas na poesia do povo, segundo Grimm, á principal belleza é a sua grande verdade.

17 — Romance de Dom Pedro — Apparece este romance com o nome de *Helena* no Romanceiro de Garrett, t. III, p. 40; anda na tradição oral da Beira Alta, Extremadura e Lisboa. Da Beira Baixa recebemos uma variante de uma belleza profunda e inexcedivel; é ali aonde a poesia popular portugueza se conserva mais primitiva e completa. O romance de *D. Pedro* é mais simples e menos artificioso do que a versão de Lisboa. Aqui o *cavallo branco*, signal de lucto, demonstra a sua antiguidade. O final, sobre tudo, é a parte mais delicada; não são as penitencias do esposo, mas é elle que enterra *a sua rosa branca*, como quem planta uma flor, e lhe amollece a terra com as lagrimas dos olhos.

18, 19 e 20 — Romances da Filha do Imperador de Roma. — Estes tres romances, colhidos em differentes provincias, completam a tradição. Já Garrett os tinha publicado, unindo-os e cortando aquellas partes em que a variante destruia a unidade da acção. A primeira parte foi colhida em Trás-os-Montes, terra fertil de tradições locaes, e aonde, logo

depois da Beira Baixa, se encontram mais thesouros de poesia popular.

O *Hortelão das flores* é mais antigo.

Este metro, chamado *rimance em endechas*, é pouco frequente na poesia popular; é ordinariamente de uma incorrecção pittoresca. Recebi o romance recolhido na tradição oral da Beira Baixa em uma letra tão falta de forma legivel, de pontuação e escripto á maneira de prosa, que não sabemos se o trabalho de interpretal-o destruiria em parte a ingenuidade simples da creação anonyma!

É um facto curioso comparar este romance, de uma elaboração differente, com o romance do *Cegador*, versão da Beira Alta e Trás-os-Montes, que traz Garrett, (Romanceiro, t. III, 98). Ha a mesma peripecia da princeza se entregar a uns amores desconhecidos, ao filho de um corta carne, que lhe sae um Duque, como na lição alludida. Este verso podia cortar-se em redondilha; Jacob Grimm na *Silva de romances viejos* adoptou a forma monorrima de dezeseis syllabas. Um facto notavel se descobre n'este romance: O celebre romance de Gil Vicente intitulado *D. Duardos*, que os Romanceiros, principalmente o de Anvers, adoptaram, que o povo assimilou e fez quasi de novo, como se pode ver na lição conservada pelo cavalleiro de Oliveira, apparece-nos aqui agora novamente assimilado, mas deixando ainda ver alguns restos primitivos. A despedida da donzella e as falas de *D. Duarte*, foi o que o povo conservou na versão da Beira Baixa. São sempre as partes dramaticas que se perpetuam. Eis o romance de Gil Vicente:

Dom Duardos

En el mes era de Abril,
De Mayo antes um dia,
Cuando lyrios y rosas
Muestran mas su alegria,
En la noche mas serena
Que el cielo hacer podia,
Cuando la hermosa Infanta
Flerida ya se partia:
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
—Quedáos á Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solia;

Voyme á tierras estrangeras
Pues ventura allá me guia.
Si mi padre me buscare,
Que grande bien me queria,
Digan que amor me lleva,
Que no fue la culpa mia:
Tal tema tomó conmigo,
Que me venció su porfia:
Triste no sé a dó vó,
Ni nadie me lo decia.—
Alli habla Don Duardos:
«No lloreis mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas havia
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.
Terneis trecientas donzellas
De alta genealogia;
De plata son los palacios
Para vuestra señoria,
De esmeraldas y jacintos
De oro fino de Turquia,
Con letreros esmaltados
Que mentan la vida mia.
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando con Primalion
Fuertemente combatia.
Señora, vos me matastes,
Que yo a el no lo temia.»
Sus lagrimas consolaba
Flerida que esto oia;
Fuéronse a las galeras
Que Don Duardos tenia.
Cincoenta eran por cuenta,
Todas van en compañia:
Al son de sus dulces remos
La Princesa se adormia
En brazos de Don Duardos,
Que bien le pertencia.
Sepan quantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

Obras, t. II, p. 249.

21 — Romance de Dona Agueda de Mexia — Nos *Cantos populares da Italia*, de Caselli, pag. 204 e 207, encontram-se dois romances, que tem grande analogia com este, excepto no final, cujo desenlace não é pelo milagre. Creio mesmo que na tradição portugueza é juxtaposição de algum troveiro, como succedeu com o final do romance *A Nau Catherineta* da versão do Algarve. N'esta versão alemtejana falta a descripção da manhã de Maio que traz a lição de Garrett (Rom. t. III, p. 116). Nem ella tem caracter popular, antes parece um descuido de artista, que teve Garrett quando recompoz as duas versões da Estremadura e Alemtejo para formar o romance de *Guiomar*. Eis como um d'esses romances se canta no Piemonte:

« Nesta terra ha um mancebo, que pretendia casar; foi pedir a conversada, e não lh'a quizeram dar. Ficou com esta recusa tão afflicto e amargurado, que disse adeos aos amigos, e foi-se fazer soldado. Recebeu carta depois de pouco tempo passado. Uma carta bem fechada, em que lhe era declarado: « A tua querida amante está de cama a morrer.» Foi-se ter com o capitão. Aos pés d'elle se foi ter: « Capitão, por vossa alma, a baixa me concedei.» O capitão lhe pergunta: «O que queres tu fazer?— Quero ir vêr a minha amante, que está de cama a morrer.— Já vinha perto da terra, ouviu os sinos tocar. Tocam sinos n'um enterro, o defunto quem será? Ao entrar na sua terra, foi quando ouviu resar; era o esquife da amante, que levavam a enterrar. Mete esporas ao cavallo; tornou outra vez para trás; morreu-me o meu coração, vou ser outra vez soldado: « Adeos pae e adeos mãe, e tambem d'ella os parentes; se me dessem vossa filha, estariam mais contentes.»

Quasi que parece a forma primitiva da versão portugueza que reune um outro romance piemontez da *Giordanina*.

22 — Romance do Casamento e mortalha — Foi pela primeira vez publicado por Garrett (Rom. t. III, p. 32). Não o encontrámos na tradição oral; extrahimol-o d'aquella artistica collecção para completar este simples monumento da poesia popular portugueza. De facto não apparece nos Romanceiros hespanhoes. Em um romance francez *Le Roi Renaud*. ha alguns longes de similhança; o rei volta da guerra, moribundo quasi; sua mãe vem ao encontro, e no meio da alegria o filho pede-lhe que faça uma cama ás escondidas de sua mulher, por que está para expirar. No restante diversifica a tradição (Du Puymaigre, t. II, p. 480). Nos cantos italianos existe tambem o romance do *Conde Angilioni*, que volta

quasi moribundo da guerra; é até onde a situação é commum á França, Italia e Portugal (Tommaseo, Canti popolari, t. I, p. 35).

23 — **Romance da Náu Catherineta** — Nas antigas relações de naufragio temos a nossa poesia maritima com toda a profundidade do sentimento; que importa lhe não déssem fórma poetica? Sente-se uma alma em cada palavra do marinheiro, que faz a narração do que passou, com aquella resignação e serenidade de quem ha soffrido muito e tem uns alveres de esperança que o alentam, — o amor da patria, o culto das tradições gloriosas que procura conservar integerrimas. Com que uncção crente e piedosa não desenha elle os maiores transes! Os horrores do desastre fazem-lhe reconhecer um poder immenso, que adora com uma vehemencia e ardor capazes de fazer prodigios. Vêem a nau quasi a afundar-se: «Pelo que, como homens que esperavam antes de poucas horas dar contas a Nosso Senhor de nossas bem ou mal gastadas vidas, cada um começou a ter com sua consciencia, confessando-se summariamente a alguns clerigos, que ahi iam. A este tempo andavam com um retabulo e crucifixo nas mãos, consolando a nossa augustia com a lembrança d'aquella, que ali nos apresentavam. Isto acabado pediamos perdão uns aos outros despedindo-se cada um de seus parentes e amigos, com tanta lastima, como quem esperava serem aquellas as derradeiras palavras que teriam n'este mundo. N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarellidão e trespassamento de manifesta dor e sobejo receio, que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em quando algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança que ainda n'aquelle derradeiro ponto não faltava dos orphãos e pequenas filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes, que cá deixavam; e acabando cada um de satisfazer ao humano com este pequeno mas devido comprimento, todo o mais certo do tempo se gastava em pedir a Nosso Senhor remedio espiritual (que do corporal ninguem fazia conta).» [1] A lembrança viva representa a cada instante as passadas angustias. A côr da narração é a verdade. O genio aventureiro maritimo do povo portuguez está dentro d'aquellas paginas; cada palavra é um sentimento surprehendido na sua ingenuidade. O marinheiro ama a sua nau e confessa-o irreflectida-

[1] Relação do naufragio da nau *S. Bento*, pag. 55.

mente: «levando a phantasia occupada n'esta angustia, e os olhos arrasados de agua, não podia dar passo, que muitas vezes não tornasse a trás, para ver a ossada d'aquella tão formosa e mal afortunada nau, porque posto que já n'ella não houvesse pau pegado, e tudo fosse desfeito n'aquellas rochas, todavia emquanto a viamos, nos parecia que tinhamos ali umas reliquias, e certa parte d'esta nossa desejada terra, de cujo abrigo e companhia, (por ser aquella a derradeira coisa que d'ella esperavamos) nos não podiamos apartar sem muito sentimento, etc.» [1]

Isto que o capitão da nau *S. Bento* sentia era o mesmo que se passava na alma dos velhos mareantes, que davam aos navios nomes domesticos, de paixão, com que esqueciam os que lhes tinham imposto no baptismo; o galeão *S. João*, que naufragou na carreira da India em 1551, tinha por *alcunha* o *Biscainho;* [2] a nau *Aguia* chamava-se vulgarmente *Patifa*.[3] Este nome da nau *Catherineta*, nome popular que Garrett julga um diminutivo de affeição dado por graça a algum navio favorito, parece ter a sua origem do galeão *Santa Catherina do Monte Synai*, que levou a infante D. Beatriz para Saboya. As memorias do tempo descrevem-n'o como digno da affeição popular, capaz de deslumbrar a imaginação do vulgo e de fazer nascer uma paixão ao mostrar-se á vista penetrante do marinheiro, que sabe tão bem ayaliar o bello das curvas, dos pontaes, e a mastreação elegante. O galeão de *Santa Catherina* começou a ter a sua popularidade nos versos de Gil Vicente, na tragi-comedia das *Côrtes de Jupiter*:

Leva gente muito fina,
Poderosa artilheria,
E a nau *Santa Catherina*
Que vae por graça divina
Co'a a prôa n'Alexandria. [4]

Em uma memoria contemporanea se lê: «e a infante duqueza embarcou esse dia, que eram 5 de agosto, na nau *Santa Catherina do Monte Synai*, nau de 700 toneis, *muito formosa*, e de dentro todalas camaras da infante pintadas de oiro e forradas de bordados.» [5] Não é hypothese gratuita,

[1] Idem, pag. 78.
[2] Idem, pag. 109.
[3] Relação da viagem e successo das naus *Aguia* e *Garça*, pag. 222.
[4] Obras de Gil Vicente, t. II, pag. 414.
[5] Codic. da B. Real publicado pelo senhor A. H. no vol. III do *Panorama*, pag. 277.

ter a imaginação popular motivo sobre que idealisasse uma nau typica, como centro de acção para todos os seus romances maritimos. O genio do povo só exprime os seus sentimentos personalisando e localisando; d'aqui a multiplicidade das lendas, e ao mesmo tempo um fundo de verdade em todas ellas.

A lenda da *Nau Catherineta* não tem uma determinada origem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios. Garrett inclina-se a achal-a no naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1556, em que a fome e a ancia de se devorarem e a resistencia do capitão reflectem muito as cores sinistras da lenda. [1] Tambem na relação, que por vezes havemos citado, do naufragio da nau *S. Bento*, se encontram ameaços do horror da antropophagia: « E porque havia tantos dias que não fizeramos resgate, nem metteramos nas boccas cousa que nome tivesse, constrangeu a necessidade a muitos serem de parecer que comessemos este cafre; e segundo se já soava, não era esta a primeira vez que a desventura d'aquella jornada obrigara a alguns a gostarem carne humana; [2] mas o capitão não quiz consentir em tal, dizendo que se cobrassemos fama que comiamos gente, d'alli até ao cabo do mundo fugiriam de nós, e trabalhariam de hos perseguir com muito mais odio.» [3] O facto de deitarem muitas vezes sola de molho, apertados pela fome, como conta ligeiramente a lenda popular, é frequente nas relações dos naufragios: «mas fizemos a ceia de umas alparcas que eu levava calçadas, a quem tambem a nossa não fhenor mingua fez que não menos gostosas as achassemos.» [4] O gageiro, que era o diabo que na lenda da *Nau Catherineta* levantava o temporal, tem alguma reminiscencia, ou melhor, parece ser fundado no grumete que no naufragio do galeão *S. Bento* se benze e chama pelo nome

[1] Tomo III do Romanceiro, pag. 87.

[2] Creio que esta passagem se refere á seguinte: «Estes cafres não deram novas como os quatro homens que mandaramos adiante com recado a Lourenço Marques, eram mortos ou mátaram d'alli perto, porque elles constrangidos pela fome tomaram um cafre que toparam ao largo do mar, e metendo-se com elle em um mato, o espostejaram e assaram para fornecer os alforges; mas como os visinhos d'este o achassem menos, e a terra seja de areia, vieram pelo trilho a dar com o negocio; e então levando os nossos á praia, e não se havendo por bem o que d'elles não tomasse vingança, fizeramnos coitados como crua carniceria.» — Idem, pag. 123.

[3] Idem, pag. 135.

[4] Idem, pag. 119.

de Jesus ao ver erguerem-se uns enormes vagalhões a que elle não hade chamar senão diabos, que vêm em tropelia.

Em todas as narrações de naufragios ha mais ou menos uma sombra do quadro horrivel da *Nau Catherineta;* fomos apontando alguns factos, não para determinar origens, mas para reconhecer a generalidade da lenda.

Na poesia das Asturias encontra-se um pequeno romance chamado o *Marinheiro;* tem o mesmo colorido, similhante ao final da *Nau Catherineta* da versão do Algarve:

El marinero

Mañanita de San Juan
Cayó un marinero al agua,
— Que me dás marinerito,
Porque te saque del agua?
« Doyte todos mis navios
Cargados de ouro y de plata.
— Yo no quiero tus navios
Ni tu oro, ni tu plata,
Quiero que quando tu mueras
A mi me entregues el alma.
« El alma entrego á Dios
Y el cuerpo à la mar salado.

Os naufragios frequentes dos galeões da India acharam uma forma livre, espontanea, para revelar a extensão do sentimento nos cantos do genio popular. A *Nau Catherineta* é uma epopea moderna e por isso incompleta, porque o tempo não deu logar a accumularem-se os episodios, nem dependerem mutuamente as *Variantes.* A sua formação descobre-se na diversidade de versões que ella tem. A Estremadura, o Minho, o Algarve, Lisboa, Beira-Baixa e Ribatejo, trabalham sobre a mesma lenda. Mais tarde a variante tornava-se episodio, prendia-se á unidade do poema. A imagem do diabo, que mostra as menhas debaixo do laranjal, é de origem puramente christã. O *gageiro* que sobe ao mando do capitão, sobre quem cahiu a sorte para ser devorado, e que promette o grão de cavalleiro, sua filha, o seu navio, se lhe avistar terras de Portugal, é uma das mil personificações do diabo. Elle produz a cerração que esconde a praia. O mar, segundo as crenças christãs vindas do paganismo, era a mansão do diabo. Typhon, o principio do mal, a quem o mar fora consagrado, [1] transforma-se

[1] Plutarch. *De Io et Osir.* 356.

depois no diabo da mythologia christã.[1] O espirito supersticioso, a ignorancia das leis naturaes ainda não vulgarisadas na edade media, estão representadas no gageiro que suscita a tormenta. Era a crença da egreja. Na vida de Guibert de Nogent, na *Summa* de S. Thomaz e no livro de Alberto Magno *De potentia Daemonum* apparece este pensamento que vêmos determinado na poesia popular portugueza. Na *Divina Comedia* e na *Jerusalem Libertada*, os ventos são tambem attribuidos ao diabo.

Garrett nas poucas linhas com que precede este monumento da nossa poesia popular maritima, admira-se de que um povo de argonautas não exercesse o seu genio creador no romance maritimo.

O seculo XVI foi a edade da prosa; comtudo o povo é sempre infante, sempre creador e poeta; mas as imitações classicas infatuadas de sciencia absorveram as attenções a ponto de excluirem a poesia popular. O poema cyclo do mar tivemol-o nós. Basta ler as relações das viagens, dos naufragios, das fomes, das tormentas. Antes de se fixarem na forma prosaica da *Historia Tragico-maritima*, essas dores foram primeiro soffridas e communicadas. A *Nau Catherineta* não tem uma certa origem historica, como suppõe Garrett, é o germen de uma Odyssea, aonde a multiplicidade das scenas de naufragio estão reduzidas á generalidade mais tetrica. Entre os folhetos de cordel do seculo XVIII encontramos a narração do naufragio da nau *Gloria*, feito em verso por um marinheiro.

24, 25 e 26 — Romances do Conde Prêso — Um facto notavel se dá n'estes romances: como tres provincias, Trás-os-Montes, Beira-Baixa e Beira-Alta se apoderaram de uma mesma tradição, e dos diversos modos como a bordaram. A versão de Trás-os-Montes é simples, não admitte a intervenção do maravilhoso, que repugna ao genio dos romances carolinos; a versão da Beira-Alta foi tomando uma côr religiosa, traz o milagre do romeiro, que era Sanctiago vindo proteger a sua devota. Sem duvida esta é a mais moderna, por isso que o sentido do romance antigo, e o instincto da independencia cavalheiresca já não é comprehendido, nem basta para sustentar o romance. Garrett confundiu as duas versões (Rom. t. II, 289). « Poucas cousas mais bonitas, diz elle, tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. » A versão da

[1] Alfred Maury, *Legendes pieuses*, p. 144.

Beira-Baixa mostra-nos a sua origem hespanhola; chama-lhe *Dom Garfos*, corrupção do nome *Conde Grifos* do Romanceiro hespanhol (Duran n.º 324). Não ha aqui maravilhoso, mas sim uma audacia cavalleirosa, a independencia altiva que distingue os romances carolinos da França dos romances carolinos da Allemanha. Sente-se nesta versão a herança do crime do primitivo direito symbolico, e um tanto da *irmandade heroica* na presteza com que Dom Garfos acode a seu tio, indo falar ao rei, desafiando-o, vingando-se a final na filha d'elle, que é sua propria mulher. Vejamos a lição hespanhola:

El Conde Grifos Lombardo

En aquellas peñas pardas,
En las sierras de Moncayo
Fue do el Rey mandó prender
Al conde Grifos Lombardo,
Porque forzó uma doncella
Camino de Santiago,
La cual era hija de un duque,
Sobrina del Padre Santo.
Quejábase ella del fuerzo;
Quejase el Conde del grado:
Allá van á tener pleito
Delante de Carlo Magno,
Y mientras qu'el pleito dura
Al conde han encarcelado
Con grillones á los piés,
Sus esposas en las manos,
Una gran cadena al cuello
Con eslabones doblados:
La cadena era muy larga,
Rodea todo el palacio;
Allá se abre y se sierra
En la sala del rey Carlos.
Siete Condes le guardaban,
Todos han juramentado
Que si el conde se revuelve
Todos seran á matalo.
Ellos estando en aquesto,
Cartas habiam llegado
Para que cazen la Infanta
Con el Conde encarcelado.

Muito se aproxima da versão da Beira-Baixa; ha aqui tambem os sete condes que o sobrinho mata. A versão portugueza, descubrindo uma continuação da peripecia, levanos a crer que fosse talvez de origem portugueza, se é que todos os romances cavalheirescos do nosso povo nos não vieram da Hespanha.

27 e 28 — Romances do Conde Alberto — Qual será a rasão por que este romance é o mais vulgar na tradição portugueza? Será porque tem alguma similhança com o assassinato de Dona Maria Telles pelo Infante Dom João, para casar com a filha da rainha Dona Leonor? Duran, (Romanc. General, t. II, pag. 219) quando apresenta o romance do Duque de Bragança compara-o com o do *Conde Alarcos*, e crê que o da tradição oral se refere á historia. O romance do *Conde Alarcos* (Duran, n.º 365), foi tirado dos Romanceiros hespanhoes por Balthazar Dias, e por elle glosado, como se vê pelo *Index Expurgatorio* de 1624, que prohibe: «a sua Glosa, com o Romance, que começa: *Retrahida está a Infante.*» (Pag. 98). Na collecção hespanhola é elle mais extenso, d'onde se vê que a versão popular foi d'ali abreviada. É um dos retratos mais completos dos costumes feudaes, e o facto do *emprasamento*, fez suppor a Duran, que será da epoca de Fernando IV, o *Emprasado*. Garrett queria á força dar-lhe origem portugueza: «eu me inclino a que o trovador castelhano alargasse a lyra do menestrel portuguez, do que vice-versa.» (Rom. t. II, p. 41). Hypothese inadmissivel á vista dos factos apontados e diante da rasão, porque em todas as versões portuguezas se encontram somente os traços geraes da lição hespanhola, resultado das abreviações que vão soffrendo na tradição. O Conde Alberto tem varios nomes nas diversas provincias: no Minho chamam-lhe Conde Albano, no Porto Conde Alberto, na Beira-Baixa Conde Anardos, Dom Duarte, Conde Yano, como colligiu Garrett, e *Conde Alves*, como o obtivemos d'aquella mesma provincia. Na poesia popular da Catalunha é conhecido pelo nome de *Conde Floris*. (Milà y Fontanals, Observationes sobre la Poesia popular, p. 20). Ticknor (Hist. da litteratura hesp. t. I, p. 131, not. 32) considera esta composição jogralesca de Pedro de Riano, «como a composição mais pathetica e bella que se tem escripto.» Guillen de Castro, Mira de Amescua, José Milanes, e Lope de Vega na *Fuerza lastimosa*, aproveitaram-se dos lances profundamente dramaticos d'esta creação.

Na versão de Garrett ha o *maravilhoso* de uma criança que fala ao peito da mãe; na versão da Beira-Baixa ha uma

quasi similhança do emprazamento da lição hespanhola, o que a torna mais antiga e mais proxima da sua origem.

Suppõe-se, e Duran no *Romanceiro hespanhol* o aventa, que este romance allude á morte dada pelo Infante Dom João a sua esposa Dona Maria Telles, por intrigas da Rainha Leonor Telles, para casar com a Infanta Dona Beatriz.

29 e 30 — Romances do Conde da Allemanha — Estas duas variantes são egualmente bellas e genuinas da tradição oral; são n'este ponto superiores á lição de Garrett (Rom. t. II, p. 79) refundida e apurada no *que lhe pareceu mais legitimo e verosimil*, segundo as lições castelhanas de Depping e Duran.

Os romances que apresentamos, colhidos immediatamente da tradição oral, e cheios de repetições que destroem a eurythmia do quadro, são o que ha de mais pittoresco na inspiração popular. O povo tem em cada romance uma parte dythirambica, que borda a capricho, em que se liberta da *assonancia* forçada; facto já lucidamente determinado por Garrett. É a parte movel por onde a *variante* vae de geração em geração modernisando o romance.

Do Conde de Allemanha diz Garrett: «Facto conhecido da historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance;» Duran, falando da versão hespanhola (n.º 305 do Romancero general) diz: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del conde Garci Fernandez; pero un y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.»

Derivado do *Cancionero de Romances* de 1581, impresso em Lisboa, podemos sem errar, assignar-lhe uma origem litteraria.

31, 32 e 33 — Romances de Dom Carlos de Montealbar — Eis um d'aquelles romances de que o povo tanto se apossou, que o inverte e borda a capricho, tomando a acção como typo de novas situações. Ha aqui visivelmente a confusão da *Claralinda* da versão do Porto e Beira Alta. No *Romanceiro hespanhol* encontram-se as versões d'onde os nossos troveiros abreviaram a lição portugueza. O romance *del Conde Claros* (n.º 364) é a que parece mais ter contribuido para a versão portugueza. Depping julga pertencer aquelle romance ás aventuras de Eginart e da filha de Carlos Magno. A variante

de *Dona Lisarda* (Duran, romance de Dona Aliarda, n.º 329) parece-se muito com a *Albaninha* da lição de Garrett, (t. III, p. 15) principalmente nos gabos do cavalleiro. A variante de *Dona Areria* é uma confusão do romance de *Dona Ausenda*. (Vid. *Hist. da Poesia popular portugueza*, p. 152 e 162).

34 — Romance do Passo de Roncesval — Depois da Beira-Baixa é a provincia de Trás-os-Montes a mais rica de tradições populares. Veio de lá este romance; é como um ecco da energia da velha *Chanson de Roland*. O cavallo levanta-se do meio do destroço para defender-se de que não faltou á irmandade heroica do cavalleiro.

São assim os cavallos do cyclo carolino, como o cavallo Bayard, que ao escarvar em terra parecia que tocava lyra! Como veio esta strophe do poema de Roncesvalles fluctuar na tradição portugueza? Como se conservou no romance a memoria local, sendo a que primeiro se oblitera na tradição? Viria directamente da Hespanha no principio do seculo XVI, ou já cá existiria, desde que os Cruzados ao passarem pelo Mediterraneo espalharam entre nós as grandes legendas dos cyclos cavalheirescos da Europa? Questões estas que se devem propôr, mas não resolver, sem risco de temeridade. Sabemos que este romance era conhecido em Portugal no principio do seculo XVI, por isso que o encontramos citado em Gil Vicente na Comedia de *Rubena;* vem lá o conhecidissimo verso dos romances de Roncesvalles: *Em Paris esta Dona Alda,* que, podemos asseveral-o com certeza se derivou para a tradição pelo celebre *Cancionero de Romances* de Anvers, reimpresso em Lisboa em 1581. Foi Garrett o primeiro que recolheu este romance, e por felicidade o não aformoseou, porque não pode alcançar variante alguma (Rom. t. II, p. 234). Encontram-se versões mais extensas no *Romancero General* de Duran, (n.os 395, 396 e 397) d'onde com certeza foi abreviada a nossa.

35 — Fragmento de um romance do Cid — Muitos romances populares portuguezes se encontram citados na obras de Gil Vicente. (Vid. a Historia da Poesia popular, p. 23, e 138). Este fragmento do Romanceiro do Cid encontra-se no Auto da Luzitania, (t. III, pag. 270,) e lê-se por extenso no *Tesoro de los Romanceros* de Ochoa, p. 185, que o aponta como um dos mais antigos e mais populares:

Helo, helo por do viene
El moro por la calzada,
Caballero à la gineta
Encima una yegua baya,
Borceguies marroquies
Y espuela de oro calzada,
Una adarga ante los pechos
Y en su mano una azagaya,
Mira y dice á essa Valencia:
— De mal fuego seas quemada,
Primero fuiste de moros
Que de christianos ganada,
Si la lanza no me miente
A moros serás tornada, etc.

Pode confrontar-se a variante portugueza; é no pequeno fragmento mais bonita, por causa da segunda elaboração que lhe deram cá. Este mesmo romance foi imitado em Hespanha, como se vê na *Primavera y flor de Romances*, t. II, p. 36.

36 e 37 — Romances de Dom Gayfeiros — Pertencem estes dois romances ao cyclo carolino, caracterisado pela altivez do cavalleiro, e por brilhantes feitos de armas. O gosto mourisco do seculo XVI vae modificando os heroes da tradição carlingiana, até os substituir completamente pelos contos de cativos. A lição de Garrett (Rom. t. II, p. 250) traz as duas variantes em uma só versão formada pelas differentes copias que obteve de Trás-os-Montes, e pelo manuscripto do Cavalleiro de Oliveira, traduzindo nas situações duvidosas a lição castelhana de Duran (Rom. general n.os 374 a 381). Na tradição oral nunca os romances são tão extensos; nem o povo sabe o nome dos Doze Pares, nem do Arcebispo Turpin, para os nomear no sequito que veio receber os dois amantes. Os romances populares são sempre dramaticos, raras vezes narrativos, e nunca descriptivos. A lição de Garrett abunda em descripções, justamente nos pontos em que elle segue a versão hespanhola, a qual por ser antiquissima, isto é, mais proxima da sua composição jogralesca, devia de ser assim descriptiva. Duran julga ser o romance de Dom Gayfeiros o que mais quadra com a memoria que d'elle deixou Cervantes no Don Quijote (Part. 2, cap. 26). As versões portuguezas *todas mais curtas do que as lições castelhanas dos romanceiros*, como Garrett o confessa, denunciam a sua origem, e o processo da abreviação, que a antiguidade lhes vae dando, reduzindo-as aos traços mais profundos. Veio-nos o romance directamente

da Hespanha para a tradição portugueza, e no seculo XVI correu elle na sua linguagem nativa, por isso que Gil Vicente, na *Comedia de Rubena* o cita no dialogo da Ama (Tom. II, scena II, p. 27): *Vámonos, dijo mi tio*, que é o primeiro verso do segundo romance de Gayfeiros que traz Ochoa no *Tesoro de los Romanceros*, p. 44. Veio do *Cancionero de Romances* de Anvers, reimpresso em Lisboa em 1581; collecção celeberrima, por ser a primeira em que se recolheram os romances directamente da tradição oral, até então desprezada. Quasi todos os romances de origem hespanhola, communs aos povos do Meio Dia da Europa, d'ali se derivaram para a tradição portugueza. Tambem o romance do *Mouro Calainos*, aonde se fala de uma cativa que está em Sansueña, a qual muitas vezes requerida de amores, só os escuta com a condição de lhe trazerem de Paris tres cabeças dos melhores Pares, pentence ás aventuras de *Gayfeiros*. É certo que esse mesmo andou na tradição portugueza, porque no *Index Expurgatorio* de 1624 se prohibe: «O Romance do Moro Calaynos y de la Infanta Sybilla.» (Index, Lisboa, 1624, por Pedro Craesbeck, pag. 174).

Uma tradição quasi similhante é a de Mira-Gaia, que se lê no *Nobiliario*, e que foi romanceada por João Vaz, no seculo XVI.

38 — Romance de Flor e Brancaflor — Outra vez a peripecia de reconhecimento, como na *Dona Infanta, e Infanta de França*, tão usada em quasi todos os romances populares da Europa. Corre esta versão pela Beira Baixa, Minho, Extremadura, Ribatejo, Beira-Alta e Trás-os-Montes. Publicou-a Garrett, (Romanceiro, t. 2, pag. 183) dizendo: «Nem os romanceiros castelhanos, nem escriptor algum faz menção do bello romance da *Rainha e Cativa.*» É porem certo que se encontra com o titulo *Las dos Hermanas* na *Primavera y flor de Romances*, t. II, pag. 38, d'onde é manifesta a origem do romance portuguez cujas pequenas circumstancias segue. É verdadeira a opinião de Garrett, quando o faz pertencer ao seculo XII. M. Milá y Fontanals recolheu um romance similhante *Las dos Germanas* da poesia popular da Catalunha, no qual predomina uma completa originalidade; pode ler-se nas suas *Observationes sobre la Poesia popular*, pag. 117. O romance portuguez é superior ás lições castelhanas. Du Puymaigre tira a este proposito uma judiciosa conclusão: «Que os portuguezes muitas vezes romanceam com mais talento assumptos que se acham nas collecções dos dois povos; porem esta perfeição denota a sua pouca antiguidade.

De ordinario os romances portuguezes são mais claros, mais bem desenvolvidos, para que se tomem por primitivos.» (Vieux auteurs Castilhans, t. II, p. 370). Será este romance um vestigio remoto e já completamente alterado pela tradição do romance de *Flor e Blanchefleur*? Os nomes dos personagens são o *Conde Flores* e *Brancaflor* a quem os mouros cativaram:

Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas
N'um rosal que meu pae tinha.

O nome de Blanchefleur, nas versões francezas é explicado pelo dia do nascimento do heroe:

Li doi enfant, quant furent né,
De la feste fure nomé:
La crestiène, por l'honor
De la feste, ot nom Blancefleur
v. — 169 — 172.

Na versão italiana de Brancaflor as duas mães têm os seus filhos no mesmo dia:

Partorirno in una medesma sera
Di maggio, ch'era la rosa in su la spina...
Lo fresco giorno di *Pasqua rosata*.

É mui frequente esta data nos poemas da edade media, principalmente nos de origem oriental. Podemos com certeza asseverar que a versão portugueza, recolhida da tradição oral, se encontra exactamente quanto á essencia no romance de *Blancefleur*, desde o verso 55 até ao verso 190 (Ediç. Elsevириana.) As alterações podem-se explicar do mesmo modo que Du-Méril descubriu pela analyse das versões hespanholas: «l'esprit espagnol ne paraît pas l'avoir jamais comprise.» (Introd, pag. LXXIX). Desde quando andará na tradição portugueza este fragmento do romance de *Blancefleur*? Que elle era conhecido na Hespanha sabemol-o por Affonso o Sabio, pelo Arcipreste de Hita e por Francisco Imperial; em Portugal encontramol-o citado no *Cancioneiro* de Dom Dinis;

Qual mayor poss' e o mays encuberto
Que eu poss' e sey de *brancaflor*
Que lhe non ouv' eu *flores* tal amor
Qual vos eu ey, etc. » Pag. 52.

O romance de *Banchefleur* encontra-se na tradição de todos os povos da Europa; andou por certo na tradição jogralesca, como se vê por este verso:

Mais a un clerc dire l'oït
Qui l'avoit léu en escrit.
V. 51—52.

E assim veio até Portugal pelo tempo dos Cruzados; apoia-se esta conjectura no facto de se encontrar tambem na tradição da Grecia moderna em um poema (publicado por Bekher nas *Memorias da Academia das sciencias de Berlim* em 1845) o qual fala da antiguidade da tradição.

39 — Romance da Moira Encantada — Esta lenda foi recolhida no Algarve pelo sr. Stacio da Veiga e publicada no n.º 12 da *Estrella de Alva*. O maravilhoso feérico das mouras encantadas é do genio popular d'aquella provincia; tambem ali o romance da *Nau Catherineta* acaba phantasticamente; segundo o citado collector, este romance é dos mais populares do Algarve, e exprime a crença commum e antiga de que na cidadella mourisca de Tavira, á meia noite, na vespera de Sam João, apparecia a formosa encantada pedindo que algum cavalleiro viesse romper-lhe o encanto. Colloca tambem a sua formação nos fins do seculo XVI, principios do seculo XVII, quando o gosto mourisco foi imitado entre nós por Dom Francisco Manuel de Mello nas *Tres Musas de Melodino*, e por Francisco Rodrigues Lobo no seu pequeno Romanceiro. O final parece imitado do romance da *Moriana* e do mouro Galvan, que jogava no jardim com a sua amante, e de cada vez que perdia, ia-se-lhe uma villa ou cidade. No romance do Algarve Dom Ramiro ganha um castello, mas sem moira para amar. Isto revela um tanto a sua origem artistica.

40 — Romance de Nossa Senhora dos Martyres — O sentimento do maravilhoso e a inspiração piedosa tornam este

romance de aventuras mais do genio celtico, do que do gosto mourisco. Nos Açores são vulgares as tradições dos piratas da costa; e na legislação portugueza se encontram varias multas applicadas para a *Arca da Piedade*, d'onde sahia o dinheiro para a redempção dos cativos pelos trinitarios. Foi colligido este romance no Algarve, pelo sr. Stacio da Veiga; repete-o o povo na romaria de Castro-Marim no meado de Agosto. A tradição é antiquissima, a sua forma poetica é porem mais moderna. Frei Luiz de Sousa no livro IV da *Historia de Sam Domingos*, refere o milagre do seguinte modo:

« Reinando em Portugal el-rei Dom Affonso III, que foi Conde de Bolonha, succedeu cair em poder de mouros um homem natural de Penamacor. Escureceu o tempo as particularidades do nome e calidades da pessoa, e da occasião e logar do cativeiro. Era o tratamento do amo mais de inimigo e tyranno, que de amo e senhor. Porque sendo o pobre cativo seu e fazenda sua, assim se deleitava em lhe fazer cruezas, como se fora christão livre, ou cuidara que com os tormentos lhe acrescentára a vida. Não tinha o atribulado outra consolação no meio dos trabalhos, senão era soccorrer-se ao Santo da sua terra, Sam Domingos da Sovereira. E quando a força d'elles lhe arrancava algum gemido (que até o suspirar era culpa diante do barbaro), sempre saía envolto com o nome de Sam Domingos. Era isto tão ordinario que o mouro (devia ser algemiado, e d'aqui collijo que o cativeiro seria em Granada, ou em outra terra de Hespanha, das muitas que então e muitos annos depois senhoreavam os mouros nella) veio a notar-lhe a linguagem. E porque não ficasse cousa em que deixasse de o martyrisar, perguntou-lhe um dia que arenga era aquella que trazia na bocca, contínua, quando devia chamar por Alá, nomear Domingos, Domingos (é Alá o nome por que os mouros conhecem a Deos.) Alegremente confessou elle que trazia na bocca, e tinha na alma tendo por obra de fé e animo catholico pronunciar claramente e com a lingua o que sentia o coração: e foi proseguindo que era um santo subido, pouco tempo havia, da terra ao céo, e conhecido na sua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha esperança que o havia de livrar das suas mãos. Caro lhe custou ao pobre a alegria e liberdade da confissão, pagou-a com rigoroso castigo presente e com outro mais duro que não tardou. O primeiro não estranhou tanto, como era seu pão quotidiano, offerecendo-o a Deos por honra da fé. Mas com o segundo se viu reduzido a termos de desesperação. Julgou o barbaro que as esperanças do cativo se deviam fundar em alguma determinação e traça de fugida: quiz acautelar-se:

Vindo uma noite cansado de servir e trabalhar o dia inteiro, encerrou-o sobre má cêa em um novo genero de masmorra, que era um arcaz grande e forte, que depois de fechado com mais de uma chave, lhe ficou para inteira segurança servindo de leito. Mas parecendo-lhe, que ainda assim o não tinha bastantemente arrecadado, ia cada dia accrescentando novas cautellas a sua desconfiança. Já lhe lançava algemas nas mãos, já adobes nos pés, depois de encarcérado na arca. E tendo-o assim, perguntava-lhe de cima com escarneo, se esperava ainda no santo da sua terra.....

.....

« Uma noite, depois que o mouro o meteu na triste masmorra, na forma que temos dito, sobre algemas nas mãos e outros ferros nos pés, lançou-lhe no pescoço um grosso collar, das argollas do qual sahia uma forte cadeia de trinta palmos, com que lhe foi dando voltas, e enrolando o corpo todo. E para dormir mais a somno solto, lançou sobre o alquifer que vestia um alfange a tiracollo, e prendeu um lebreo que tinha ás argolas da arca. Feita esta diligencia estendeu-se sobre ella, e contente com o que tinha de novo acrescentado, bateu-lhe de cima dizendo que se não esquecesse de fazer oração ao seu Domingos da Sovereira, que o viesse livrar de suas mãos..... Assim se lançaram a dormir á noite ambos em terra de mouros: assim amanheceram amo e escravo em terra de christãos com grande distancia de leguas, em meio, e á porta de Sam Domingos da Sovereira em Penamacor..... Abriu o mouro os olhos, viu-se entre montes e cercado de gente, que pelo trajo e espanto que fazia de sua vista conhecia ser christã. Espantava-se o enterrado na arca ouvindo linguagem da sua terra e muitas vozes juntas. Mas nem amo, nem cativo se atreviam a dar credito um aos olhos, outro aos ouvidos: ambos haviam que era tudo sonho. Em fim, como não é facil de enganar o sentido da vista, e o mouro viu que tudo o desenganava, e que estava entre christãos, não por sonhos, senão com effeito, que via a egreja, e ouvia som de sinos que a infidelidade sobre tudo aborrece, acabou de caír que não eram palavras mal fundadas as do seu cativo quando tanta confiança fazia do seu santo. Lembrava-se de tudo com estranha confusão, e só desejava saber por ultimo desengano se estava em Portugal. Como tinha conhecimento das linguagens de Hespanha, perguntou a um de muitos que o rodeavam espantados de tal invenção de romeiro e tal alfaias de romaria, como chamavam a terra, e o sitio em que estavam. Quando soube que tinha diante dos olhos Sam Domingos da Sovereira ficou como fóra de si de pasmado e attonito: e, conformando-se

com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as sortes havia de ser seu senhor..... Foi o mouro logo revolvendo um molho de chaves que lhe pendiam da cinta e abrindo cadeados e fechaduras da sua arca. Chegaram os circunstantes a ver que peças trazia para offerecer em tam grande arca o romeiro estranho: senão quando dão com os olhos em um Lazaro sepultado, e em rosto e cores defunto; mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalhas, mortalhas de ferro: e tão carregado d'ellas, que de nenhum membro era senhor, senão só da lingua, com a qual, voz em grita chamava por Sam Domingos, como quem tinha já sentido onde estava..... Solto em fim sem outra palavra na bocca mais que Sam Domingos, deixa-se cahir em terra, abraça-se com ella, beija-a, e vae-se prostrar diante do altar do Santo..... O cativo cumpriu sua promessa, viveu e morreu ermitão do Santo. O mouro penetrado da grandeza do milagre pediu o santo baptismo (divina força da predestinação) e ficou em cativeiro livre e ditoso servindo a ermida e acompanhando o seu cativo. E por morte foram enterrados juntos á porta d'ella, onde os cobre ambos uma só campa com um letreiro que o declara.» Hist. de S. Domingos, Liv. IV, C. V, f. 211, v. Resumimos o facto deixando de parte os consectarios moraes e piedosos do chronista. Todas as lendas da edade media tendiam a *localisar-se;* eis porque apparecem reproduzidas. As tradições dos cativeiros, e as esmolas na Arca da piedade iam formando estas creações da mente popular. O milagre é tambem uma das formas do maravilhoso do povo.

41 e 42 — Romances do Cativo de Argel — Este romance foi-me offerecido no Porto, escripto em uma letra que denuncia o seculo XVII. Guardo este documento, que prova mais uma vez a grande intuição artistica de Garrett, quando disse: « O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fóra; — não deve de ser mais antigo que o meado do seculo XVII, se a copla em que allude a Ceuta e Mazagão não é *rifacimento* moderno, como tambem pode ser e me inclino a crer que é, porque no resto o sabor e o estylo é mais velho.» A lição de Garrett, (Romanceiro, t. III, p. 77) é mais extensa, mais dramatica, mas não tem o mimo, a rudeza primitiva d'esta versão meio portugueza, meio hespanhola do dialecto popular usado n'este genero de composições. Diz mais Garrett, que se não acha nas collecções hespanholas. Eis como ella anda n'aquelles romances tradicionaes de cativos, de um modo que parece d'onde sahiram as versões portuguezas:

El Cativo

Preguntando esta Flerida
A su esposo placentera
En un vergel asentada
Junto á una verde ribera:
—Digasme tu, esposo amado,
De dónde eres? de que tierra?
Y a dónde te captivaron?
Y liberdade quien te diera?
« Yo os lo diré, dulce esposa,
Estando atenta siquiera:
Mi padre era de Ronda,[1]
Y mi madre de Antequera;
Captiváronme los moros
Entre la paz y la guerra,
Y llevaronme á vender
A Velez de la Gomera.
Siete dias com sus noches
Anduve en el almoneda:
No hubo moro ni mora
Que por mi una blanca dera,
Si no fuera um perro moro
Que cien doblas offreciera,
Y llevárame á su casa,
Echáraime una cadena;
Dábame la vida mala,
Dábame la vida negra;
De dia majaba esparto,
De noche molia cibera,
Echóme un freno á la boca,
Por que no comiese d'ella.
Pero plugo á Dios del cielo
Que tenia el ama buena:
Cuando el moro se iba á caza
Quitabame la cadena;
Echabame en el regazo,
Mil regalos me hiciera,
Espulgabame y limpiaba
Mejor que yo mereciera;

[1] D'aqui em diante, com pequenas variantes, é similhante ao romance *Mi padre era de Ronda*, do Cancionero de Romances.

Por un placer que le hice
Otro mayor me ofreciera,
Dierame casi cien doblas,
En libertad me pusiera,
Por temor que el moro perro
Quiza la muerte nos diera.
Asi plugo a Dios del cielo
De quien mercedes se espera,
Que me ha vuelto á vuestros brazos
Como de primero era.

Timoneda na *Rosa de Amores*, Fernando Wolf na *Rosa de Romances*, e Duran no *Romancero General*, n.° 258, trazem este romance typo de todos os romances de cativos. Agora pode-se confrontar a nossa lição manuscripta, aonde falta o principio e fim que justifiquem as narrações do cativo. Do *Cancionero de Romances*, de 1581, creio ter-se elle derivado para a tradição portugueza.

Os piratas do mar, os cativeiros de Argel, a tomada de Constantinopla pelos turcos, absorvem o sentimento e a imaginação da alma populara o seculo XVI. Ha o terror e a incerteza da aventura, quer no espirito da empreza maritima, quer nas descubertas scientificas; os sabios, os artistas e o povo andam na inquietação de uma genese prodigiosa — a Renascença. Espalham-se grandes lendas dos trabalhos e dos amores dos prizioneiros. Cervantes foi heroe; Lope de Vega, em uma das scenas mais lindas das suas comedias, appresenta a anciedade e a grandeza da abnegação na hora do resgate. Os trinitarios levam as esmolas, obtidas por meio de contos dolorosos, e pela recordação dos amigos e parentes que gemem nos ferros.

Como é possivel tanta delicadeza de sentir na alma popular? Sobre tudo este final:

Ó mi padre, oh mi padre,
Deixe ir el Christiano,
Què el no me debe nada,
Debe-me a flor de mi bocca,
Dou-lh'a por bem empregada

é de um mimo capaz de fazer desesperar o mais gracioso artista. Que mysterios de amor apenas esboçados, deixados adivinhar n'estas palavras — Debe-me a flor de mi bocca? E que saudade e resignação da princeza na despedida do

cativo, em que dá por bem empregada essa flor, por ser elle que a leva!

43—Jesus Mendigo — É uma d'aquellas verdades moraes revestida das formas de uma parabola, e tão simples como Christo as ideava, quando queria fazer-se entender pelo povo. Pertence propriamente aos povos do Meio Dia da Europa, quer se busque a sua origem na *Legenda Aurea*, ou nos Cancioneiros. Falámos especialmente d'ella na *Historia da Poesia popular*, pag. 123 a 128. Corre no Minho e na Beira-Baixa, d'onde nos veio mais completa. Vejâmos os paradigmas:

La ballade de Jésus Christ

Jesus Christ s'habille en pauvre: } *bis*
« Faites moi la charité,
Des miettes de votre table
Je ferai bien mon diner.»

— Les miettes de notre table, } *bis*
Les chiens les mangeront bien;
Ils nous rapportent des lièvres,
Et toi ne rapporte rien.

« Madame, qu'et's en fenêtre, } *bis*
Faites-moi la charité.
— Ah! montez, montez bon pauvre,
Un bon souper trouverez.

Après qu'ils eurent soupé, } *bis*
Il demande à se coucher.
— Ah! montez, montez bon pauvre,
Un bon lit frais trouverez.

Comme ils montaient les degrés } *bis*
Trois beaux anges les éclairaient.
« Ah! ne craignez rien, Madame,
C'est la lune qui parait.

Dans trois jours vous mourerez, } *bis*
En paradis vous i ez;
Et votre mari, Madame,
En enfer irá brûler.»

Esta ballada é popular na Picardia, e Champfleury a recolheu nas *Chansons populaires des Provinces de France*, p. 5. A nossa lenda piedosa é mais primitiva, não tem o sêlo ecclesiastico da maldição: o marido e a mulher, como Philemon e Baucis da antiguidade classica, gosam ambos a bemaventurança.

44 — Romance de Santo Antonio e a Princeza — Esta lenda de Santo Antonio e a Princeza devemol-a ao cuidado do sr. S. P. M. Estacio da Veiga, que a recolheu no Algarve, e appareceu no n.º 11 da *Estrella d'Alva*, Lisboa 1861.

A lenda piedosa, recolhida da tradição oral, é um dos muitos milagres do santo mais popular de Portugal. Eis como ella se encontra na *Chronica dos Frades Menores* de Frei Marcos de Lisboa: « Uma Rainha de Leão de Hespanha, a qual era natural de Portugal, e devotissima de Santo Antonio, teve uma filha de onze annos morta tres dias, contra vontade de el-rei seu marido, e dos principes do seu reino, e fazia oração ao Santo, dizendo — Bemaventurado Santo Antonio, eu sou vossa natural, e vim de vossa patria, dai-me minha filha viva. » A cujos devotos clamores resurgiu a filha e reprehendeu a mãe, dizendo: « Oh, senhora mãe, nosso Senhor vos perdoe, porque eu estando entre as virgens na gloria, o bemaventurado Santo Antonio, com tanta instancia, por amor de vós rogou a Deos, que me restituiu a vida, e me mandou que viesse a vós; mas senhora mãe, sabereis que o Senhor me não deu licença para estar comvosco mais que quinze dias. » Os quaes quinze dias acabados, a Infante se tornou á gloria. — Chr. Tom. I, Liv. V, c. 33, fl. 157, etc.

45, 46 e 47 — Romances de Santa Iria — A lenda appareceu pela primeira vez colligida e publicada por Garrett no tomo II, pag. 35 das *Viagens na minha terra*. Com aquelle grande senso artistico, discute elle as origens monasticas da tradição da padroeira de Santarem; a differença que ha na versão popular não é um resultado de duas formações diversas; o povo quando recebe uma tradição simplifica-a, redul-a aos traços mais geraes, e é justamente a parte mais bella e inmorredoura da creação individual que elle perpetúa. Tambem se encontra no Porto esta lenda piedosa, aonde ouvimos alguns fragmentos com o titulo de *Iria a Fidalga;* o sentimento popular não podia deixar de perdoar: é, sobre tudo, isto o que torna a variante da Beira-Baixa superior á lição de Garrett.

A variante do Minho, ainda que appresentada por um auctor que fez de lavra sua varias composições-rifacimentos do gosto popular, pertence ao genio anonymo, e por isso a incluimos. Lê-se na *Revista Universal Lisbonense*, t. III, p. 329. Esta versão distingue-se das precedentes por que é narrada impessoalmente. O nome de Helena é uma confusão de Irene ou Iria. O final estava assim truncado, mas o leitor pode completal-o por qualquer das versões da Beira-Baixa ou Santarem.

48—Romance da Devota da Ermida—Foi aqui pela primeira vez recolhido da tradição oral. O cantar da criança que nasce na sepultura faz lembrar aquella ballada bretã dos *Tres monges vermelhos*, feita pelo povo contra os Templarios.

49—Oração do Dia de Juizo—A poesia do christianismo é inteiramente popular, como se vê pelas palavras de Sam Jeronymo: « Eccelesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est. » Que são os Evangelhos apocryphos senão os cantos dos primeiros neophytos? O Livro dos peccados, que hade apparecer no dia do juizo, é uma tradição rabbinica e mussulmana tornada popular nos primeiros seculos da egreja, como se vê pelo *Evangelho de José o Carpinteiro*. Os rabbinos admittiam que era S. Miguel quem appresentava as almas a Deos. No *Ensaio sobre as lendas piedosas da Edade Media*, por Alfred Maury, vem um eruditissimo estudo sobre a psychostasia e o uso das balanças no Juizo final (pag. 17 a 84), que trataremos de resumir, para mostrar como a lenda portugueza é formada de tradições primitivas. Nos monumentos egypcios e etruscos se encontra este symbolismo da alma pezada em uma balança, a que alludem tambem Homero e Virgilio. Dherma na religião dos Indous, pesa as boas e más acções. Na Biblia e nos Santos Padres encontra-se esta mesma allusão metaphorica, bem como nos hymnos de Prudencio e Fortunato. Principalmente nas obras de arte da edade media, baixos relevos, pinturas e miniaturas dos manuscriptos, se encontram differentes representações de Sam Miguel pesando as almas.

Quando o diabo fazia pender a balança para o lado das más acções, era a Virgem quem fazia prevalecer o pequeno numero das acções boas, como se vê em Herm. Com. Chr. apud Eccard. Cf. Michelet, *Hist. de França*, p. 310. D'este mesmo sentimento se inspira o drama de Bartolo: L'Homme pardevant Jesus, le diable demandeur et la Vierge defendeur. (Vid. Maury, loc. cit.)

50 — Romance do Terromoto de Villa Franca do Campo — Foi este romance extraído do celebre manuscripto intitulado *Saudades da terra* por Gaspar Fructuoso, primeiro historiador insulano. Do cap. V, o copiou Jorge Cardoso para o *Agiologio Lusitano*, t. 3, p. 415.

51 — Xacara da linda Pastorinha — Com titulo quasi identico publicou Garrett (*Romanceiro*, t. III, p. 187) uma variante dos arredores de Lisboa, em que o guapo galanteador não é irmão, nem vem preoccupado por alguma aposta. É ali incompleta, e está mal classificada; muitas outras cantilenas d'este genero temos encontrado na tradição oral, em forma de descante ou desafio. O povo só conhece na sua poesia a redondilha maior e menor; e de todas as lições que recebemos do Porto, Trás-os-Montes e Beira Baixa nenhuma trazia os versos dispostos em forma alexandrina. De todas as variantes a mais verdadeira é aquella que vem precedida de um preambulo em prosa, contando como um irmão chegado do Brazil á sua terra, antes de se dar a conhecer a sua irmã, começou a falar-lhe de amores, por aposta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiva de todas as raparigas do logar.

52, 53 — Xacaras dos Conversados — Aqui está um quadro dos amores do povo, entre dois conversados, como é estylo de campo; a scena é biblica; a Samaritana do poço percebe todas as allusões e responde com não menos frescura. Na versão de Penafiel, o moço pede de beber por um pucarinho novo, e *tocadinho de amor*. É uma expressão pittoresca, tirada do usual da vida, por que é *tocando* que se vê se a louça está sã. As fórmas, que o apaixonado furtivamente observa, a rosa com que symbolisa o seu desejo, e que a cantareira guarda para deixar apanhar a quem for do seu gosto, dão a este idyllio um colorido tão delicado, que a mesma naturalidade quasi que faz passar desappercebido.

54 — Os Estudos de Coimbra — Este canto foi recolhido em Penafiel; pertence a genero de despique de *conversados*. Nas aldeas os rapazes e raparigas namoram-se por cantigas. As quadras improvisadas, lançadas ao vento, e que os viandantes escutam, são as que ficam na tradição oral, formando assim naturalmente um pequeno conto de amor.

55 — Xacara do Cego andante — Garrett determina os paradigmas da presente xacara em duas balladas escossezas de el-rei James V, intituladas *The Gaberlunzieman*, e *The*

Jolly Beggar (Percy's, *Reliques of ancient english poetry*, Series II, book I, 10).

56 — Xacara da Moreninha — Esta xacara anda na tradição popular da Extremadura e Beira; de Castello Branco foi a versão publicada por Garrett (Rom. t. III, p. 54) «mas aproveitou-se de outras lições provinciaes o que foi necessario para lhe dar complemento.» A *Moreninha* tem a vantagem de ser recolhida da genuina tradição oral do Porto. O tal Frei João é tão antigo na lenda portugueza, como o Frei Jean des Entommeures do *Gargantua* de Rabalais; se não proveiu d'esta creação comica, foi por certo tirado das aventuras da vida claustral, que em ocio santo e beatifica estupidez era consummida. O retrato do frade da versão popular é similhante ao esboçado em Rabelais: «En l'abbaye estoit pour lors un moine claustrier nommé frère Jean des Entommeures, jeune, galant, frisque, dehait, bien à dextre, hardi, adventureux, delibéré, hault, maigre, bien fendu de gueule, bien advantagé en nez, beau despecheur d'heures, beau debrideur de messes, beau descroteur de vigiles: pour tout dire sommairement, vrai moine si onques en fut depuis que le monde moinant moina de moinerie; au reste, clerc jusque ès dents en matière de breviaire.» (*Gargantua*, C. 27). Em algumas versões do romance portuguez descreve-se como: Frei João se levantou 'numa fresca madrugada; Rabelais diz: «Mais le moine, ne faillit onqués à s'esveiller avant la minuit, *tant il estoit habitué à l'heure des matines claustrales.* (Id. cap. 41.) Na versão colhida por Garrett o *manteo de cochonilha*, e a circumstancia dos pretos que vão buscar agua, fazem a tradição portugueza do seculo XVI, e por isso contemporanea do romance de Rabelais. Nos *Ineditos de Alcobaça*, publicados por Frei Fortunato de Sam Boaventura, encontra-se frequentes vezes empregada a palavra *gargantuice* nos monumentos em prosa do seculo XIV e XV; o que prova existirem entre nós vislumbres da tradição a que Rabelais deu desenvolvimento. Na versão de Garrett não vem o milagre do calix.

57 — Xacara do Soldado — Foi pela primeira vez recolhida por Almeida Garrett da tradição oral de Trás-os-Montes, aonde achou tres copias, sendo uma mais completa do que as outras. Não se encontra nas collecções castelhanas. Garrett assigna-lhe a data «pelos tempos da guerra da acclamação, isto é, por meado do seculo XVII.» (Rom. t. III, p. 167). Nos modernos contos de Don Antonio de Trueba respira-se este mesmo sentimento popular.

58 — Xacara do Toureiro namorado — Foi pela primeira vez aqui recolhida da tradição oral; tem o merecimento de ser um resultado dos costumes dos dois povos da Peninsula, que se fazem notar pela paixão dos divertimentos tauromachicos. Não se encontra nada similhante nos Romanceiros hespanhoes.

59 — Xacara da Tecedeira — Tem toda a desenvoltura e licença de um *fabliaux* francez. A influencia dos troveiros do norte da França não chegou até nós sómente pelo Arcipreste de Hita, guardado na Livraria de Dom Duarte, ou traduzido em portuguez; na alma popular apparecem de longe em longe estas reminiscencias tambem. A xacara é da Beira-Alta; Garrett porem fundiu-a dentro do romance de *Dom Claros d'alem-mar* (Rom. t. II, p. 192) por mera diversão artistica, porque nas lições castelhanas, d'onde as versões portuguezas se derivaram, não apparece tal situação.

60 — Despedida de Lisboa — Com dois tostões venci a repugnancia de um rhapsodo popular para me dictar estas coplas. Assim ficou salva do esquecimanto uma reliquia pura do sentimento das aventuras maritimas da alma portugueza. A primeira parte faz lembrar as velhas narrações dos mareantes, como se lêem na *Historia Tragico-maritima*. Será talvez a abertura de algum romance maritimo já obliterado na tradição? A despedida do marinheiro não é de saudade, é de sêde do goso de que se sente privado pela viagem demorada e tormentosa. Esta xacara é como um truncado florão de architectura manuelina.

61 — A Freira arrependida — Estas coplas foram recebidas da Beira-Baixa em duas lições fragmentadas, que mal deixavam perceber o sentimento profundo que encerram. No Manuscripto n.º 338 da Bibliotheca da Universidade existe uma outra lição em letra do seculo XVII, intitulada *Queixas de uma Freira*, pela qual podémos coordenar as lições da Beira-Baixa. Eis um grito doloroso do povo contra a direção monachal, que a egreja queria dar á sociedade; é um grito inspirado pelo sentimento da natureza que a Renascença veiu acordar na alma humana. Sempre uma verdade immensa na poesia do povo.

FIM.

INDEX

ROMANCEIRO GERAL

FLOR DOS ROMANCES ANONYMOS DO CYCLO CARLINGIANO E DA TAVOLA REDONDA

I — Romances communs aos povos do Meio Dia da Europa

N.º de ord.			Pag.
1	Romances da Dona Infanta.....	*Beira-Baixa* .	1
2	Dona Catherina	*Beira-Baixa* .	4
3	Romances de D. Martinho d'Avisado	*Beira-Baixa* .	8
4	Dom Martinho	*Beira-Baixa*..	11
5	Dom Barão.....	*Douro*	15
6	Romance de Gerinaldo.....	*Trás-os-Montes*	18
7	Romance da Noiva roubada.....	*Almeida*.....	20
8	Romance do Alferes matador.....	*Beira-Baixa*..	22
9	Romance da Romeirinha.....	*Trás-os-Montes*	24
10	Romances da Infanta de França...	*Beira-Baixa*..	26
11	A Encantada.....	*Foz*	28

II — Romances de supposta origem portugueza

12	Romances da Sylvana.....	*Lisboa*.....	30
	Faustina (Vid. notas).....	*Coimbra*	181
13	Romance de Bernal-Francez	*Foz*.....	34
14	Romance do Conde Niño	*Trás-os-Montes*	37
15	Romance da Promessa do Noivado.	*Beira Baixa*..	38
16	Romance de Dom Aleixo.....	*Foz*.....	40
17	Romance de Dom Pedro.....	*Beira-Baixa*..	42
18	Romanc. da Filha do Imper. de Roma	*Trás-os-Montes*	45
19	O Hortelão das flores.....	*Beira-Baixa*..	48
20	O Duque da Lombardia.....	*Beira-Alta* ...	50
21	Romance de Dona Agueda de Mexia	*Alemtejo*.....	53
22	Romance do casamento e mortalha.	*Minho*	55
23	Romance da Nau Catherineta	*Lisboa*.....	58

III — Romances que se encontram nas Collecções hesp.

24	Romances do Conde Prêso.....	*Trás-os-Montes*	60
25	Dom Garfos	*Beira-Baixa*..	62

26	Justiça de Deos	*Beira-Alta*	65
27	Romances do Conde Alberto	*Porto*	68
28	Conde Alves	*Beira-Baixa*	71
29	Romances do Conde d'Allemanha	*Beira-Baixa*	75
30	Conde de Allemanha	*Trás-os-Montes*	77
31	Romanc. de Dom Carlos Montealbar	*Porto e B. Alta*	79
32	Dona Lisarda	*Beira-Baixa*	83
33	Dona Areria	*Coimbra*	87
34	Romance do Passo de Roncesval	*Trás-os-Montes*	89

VERGEL DE ROMANCES MOURISCOS, CONTOS DE CATIVOS, LENDAS PIEDOSAS E XACARAS :

IV — Romances mouriscos e Contos de Cativos

35	Fragmento de um romance do Cid	*Liç. de Gil Vic.*	93
36	Romances de Dom Gayfeiros	*Trás-os-Montes*	94
37	Melisendra	*Trás-os-Montes*	97
38	Romance de Branca-Flor	*Extremadura*	103
39	Romance da Moura Encantada	*Algarve*	107
40	Romanc. de N. Senhora dos Martyres	*Algarve*	109
41	Romances do Cativo de Argel	*Lição ms.*	113
42	O Cativo	*Lisboa*	115

V — Lendas piedosas

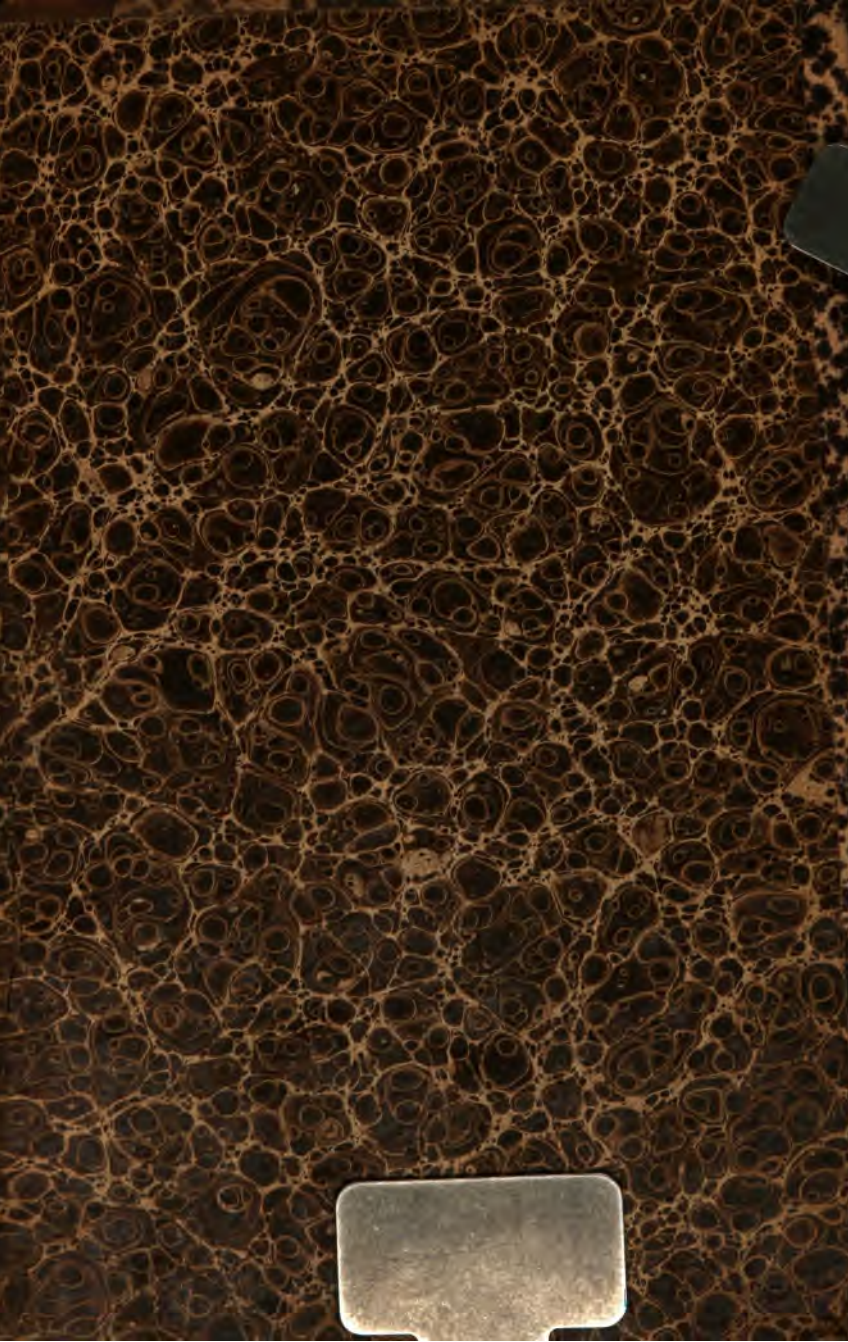
43	Jesus Mendigo	*Minho e B. B.*	118
44	Romance de S. Antonio e a Princeza	*Algarve*	201
45	Romances de Iria a Fidalga	*Santarem*	123
46	Santa Iria	*Covilhã*	125
47	Santa Helena	*Minho*	126
48	Romance da Devota da Ermida	*Trás-os-Montes*	128
49	Oração do Dia de Juizo	*Minho*	129
50	Rom. do Terr. de Villa Fr. do Camp.	*Lição ms.*	131

VI — Xacaras e Coplas de burlas

51	Xacara da linda Pastorinha	*Beira Baixa*	133
52	Xacaras dos Conversados	*Coimbra*	139
53	A Conversada da Fonte	*Penaf. e Coimb.*	142
54	Os Estudos de Coimbra	*Penafiel*	145
55	Xacara do Cego Andante	*Beira Baixa*	147
56	Xacara da Moreninha	*Porto*	150
57	Xacara do Soldado	*Trás-os-Montes*	152
58	Xacara do Toureiro namorado	*Beira Baixa*	154
59	Xacara da Tecedeira	*Beira Alta*	156
60	Despedida de Lisboa	*Coimbra*	157
61	A Freira arrependida	*Beira Baixa*	159

65
68
71
75
77
78
83
87
89

93
94
97
98
7
3
3
5

18
21
23
25
26
28
29
1

3
7